



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Bruno Silva Lopes

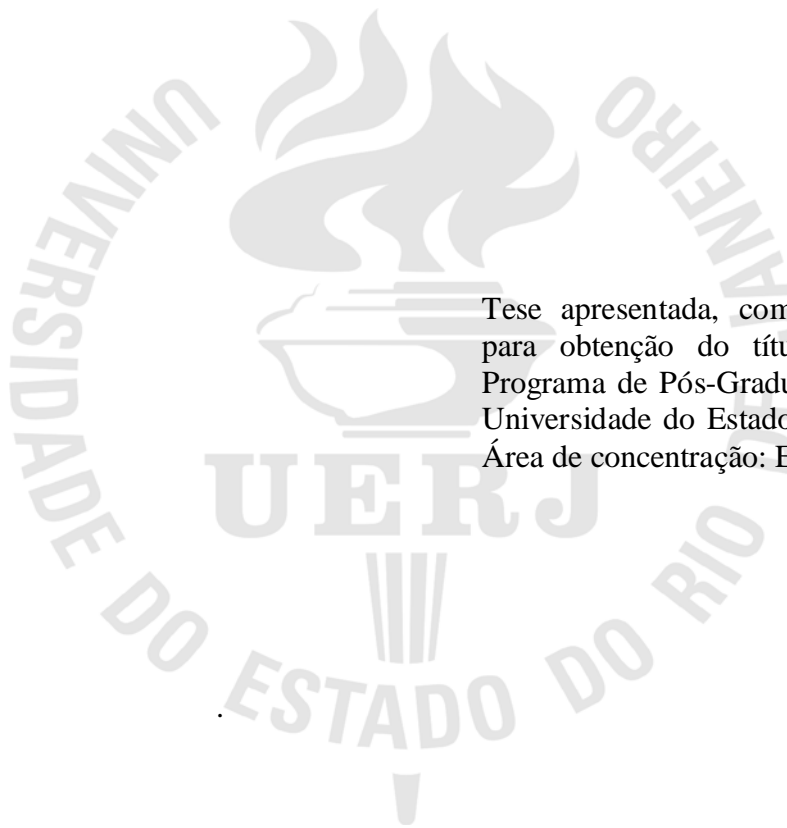
A nota jornalística no ensino de Língua Portuguesa: propostas práticas e aplicações

Rio de Janeiro

2018

Bruno Silva Lopes

A nota jornalística no ensino de Língua Portuguesa: propostas práticas e aplicações



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tania Maria Nunes de Lima Camara

Rio de janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

L864 Lopes, Bruno Silva.
A nota jornalística no ensino de Língua Portuguesa: propostas práticas e aplicações / Bruno Silva Lopes. - 2018.
298 f. : il.

Orientadora: Tania Maria Nunes de Lima Camara.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 2. Língua portuguesa - Análise do discurso – Estudo e ensino – Teses. 3. Redação de textos jornalísticos – Teses. 4. Comunicação escrita – Teses. 5. Leitura – Teses. I. Camara, Tania Maria N. L. (Tania Maria Nunes de Lima). II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 806.90(07):070

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Bruno Silva Lopes

A nota jornalística no ensino de Língua Portuguesa: propostas práticas e aplicações

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 13 de dezembro de 2018.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra. Tania Maria Nunes de Lima Camara (Orientadora)
Instituto de Letras - UERJ

Prof^ª. Dra. Maria Teresa Gonçalves Pereira
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. André Crim Valente
Instituto de Letras - UERJ

Prof^ª. Dra. Ana Lúcia Monteiro Ramalho Poltronieri Martins
Instituto Federal Fluminense

Prof^ª. Dra. Carmen Pimentel
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2018

DEDICATÓRIA

A Laura, com todo amor que houver nesta vida.

A minha mãe, Suely, e ao meu pai, Luca, com toda gratidão, admiração e amor que não cabem em mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu interlocutor primeiro.

Ao CEFET-RJ, que me concedeu o afastamento para a formação. Por certo, deixou meus dias mais tranquilos na confecção deste trabalho.

Aos meus alunos do projeto de Extensão *Cefet em Folha*, que gentilmente aceitaram participar da pesquisa e que muito me ensinaram neste tempo de convívio.

À professora Tania Camara pela orientação competente, compreensão irrestrita e apoio inestimável nestes quatro anos.

Ao professor André Valente e à professora Maria Teresa Gonçalves Pereira pelas valiosas contribuições na qualificação. Agradeço-lhes, igualmente, por aceitarem compor a banca de avaliação deste trabalho.

Às professoras Ana Poltronieri e Carmen Pimentel, que gentilmente aceitaram participar da banca de avaliação desta tese.

Ao amigo Alvaro, pela ajuda com o *Abstract*.

Aos amigos do CEFET-RJ (*campus Valença*) que ficaram na torcida pelo sucesso desta empreitada.

À UERJ que, a despeito das muitas intempéries, mantém-se de pé buscando sempre ofertar um ensino público de alta qualidade aos discentes.

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma realizamos de modo mais acabado nosso livre projeto de discurso.

Mikhail Bakhtin

[...] aprendeu-se que não há ponte entre a teoria e a prática. A práxis exige construção permanente, sem cristalizações de caminhos.

Wanderley Geraldi

RESUMO

LOPES, Bruno Silva. *A nota jornalística no ensino de língua portuguesa: propostas práticas e aplicações*. 2018. 298 f. Tese (Doutorado em Estudos de Língua) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Esta tese propõe uma abordagem teórico-didática do gênero discursivo *nota jornalística*, tendo em vista as relações dialógicas calcadas na argumentatividade. De início, adotando uma perspectiva que privilegia a dimensão interacional e dialógica da linguagem, busca-se fazer uma abordagem descritivo-interpretativa do gênero, com base, sobretudo, nos ensinamentos do Círculo de Bakhtin. Para tal, exploram-se, a partir de um *corpus* formado por aproximadamente 2745 notas extraídas da coluna de Ancelmo Gois (jornal *O Globo*), os aspectos sócio-históricos e ideológicos das notas, sua dinâmica interativa, seus elementos estruturantes e sua vocação argumentativa. Neste ponto, promove-se uma abordagem interdisciplinar, de modo a trazer as contribuições da grande área da Comunicação Social para melhor compreendermos o funcionamento da esfera jornalística e, por corolário, do gênero dentro desse espaço. Além disso, tenciona-se promover um produtivo diálogo entre os postulados do Círculo e os dos teóricos da argumentação, como Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), de sorte a compreender como se manifesta, no gênero, a argumentatividade. Relativamente à exploração didática das notas jornalísticas, foco da segunda parte deste estudo, tenciona-se propor, conforme orientações do Grupo de Genebra (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004), uma sequência didática que concorra, em especial, com o aperfeiçoamento de habilidades de leitura e de escrita necessárias ao domínio do gênero. Essa sequência foi aplicada aos nossos alunos do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet-RJ/*campus* Valença), os quais participaram, durante o ano de 2017, de um projeto de Extensão intitulado *Cefet em Folha*, cuja proposta consistiu em criar um jornal discente *on line* chamado *Deu na Telha*. Nesta parte da tese, seguindo o paradigma interpretativista (BORTONI-RICARDO, 2008), relatamos, sucintamente, uma experiência com a escrita das notas que tivemos com nossos alunos no projeto de Extensão. O estudo que ora trazemos a público aponta para um gênero que, a despeito de receber pouca atenção dos estudiosos da linguagem brasileiros, se apresenta não só como um espaço fecundo para o estudo das relações dialógicas de base argumentativa, servindo, não raras vezes, ao convencimento e à persuasão do auditório, mas também como um instrumento didático que pode efetivamente contribuir para o aperfeiçoamento de habilidades e competências atinentes ao saber argumentativo dos educandos.

Palavras-chave: Ensino. Leitura. Escrita. Gênero do discurso. Nota jornalística.

ABSTRACT

LOPES, Bruno Silva. *The genre newspaper note in the teaching of portuguese: practices, proposals and applications*. 2018. 298 f. Tese (Doutorado em Estudos de Língua) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

This dissertation proposes both a theoretical and a didactic approach to the speech genre *newspaper note*, taking into account the dialogical relations based on argumentativity. Initially, by adopting an interactional and dialogical perspective on language, it is intended to make a descriptive-interpretative approach of such genre, based, above all, on the teachings of the Bakhtin Circle. To this end, a corpus of approximately 2745 notes extracted from the column of Ancelmo Gois (Brazilian newspaper *O Globo*) is focused. Also, the socio-historical and ideological aspects, the interactive dynamics, the structuring elements and the argumentative vocation of the *newspaper notes* are explored. At this point, an interdisciplinary approach is promoted, so as to bring the contributions of the larger area of Social Communication to better understand how the journalistic sphere functions and, consequentially, the genres within such sphere. In addition, it is intended to promote a productive dialogue between the Circle's postulates and theorists of argumentation such as Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), in order to understand how argumentativity is manifested in the genre under study. Regarding the didactic exploration of the newspaper notes, the second part of this study proposes, according to the Geneva Group (DOLZ, SCHNEUWLY, 2004), a didactic sequence that contributes in particular to the improvement of reading and writing skills needed to master the genre. This sequence was carried out with our students at the Federal Center of Technological Education Celso Suckow da Fonseca (Cefet-RJ/campus Valença), who participated over the year of 2017 in the Extension project entitled *Cefet em Folha*, whose proposal consisted of creating an online newspaper called *Deu na Telha*. In this part of the dissertation, following the interpretative paradigm (BORTONIRICARDO, 2008), we briefly report an experience with our students, who wrote newspaper notes during the Extension project. The research presented here points to a genre that, despite receiving little attention from language scholars, can be understood not only as a fertile space for the study of dialogical relations of argumentative basis, serving to the persuasion of the audience too often, but also as a didactic tool that can effectively contribute to the improvement of skills and competences related to students' argumentative knowledge.

Keywords: The teaching of Portuguese. Reading. Writing. Genre. *Newspaper note*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 –	Esquema das categorias analíticas	55
Figura 02 –	Esquema de sequência didática	63
Figura 03 –	Etapas de produção textual	211
Figura 04 –	Perspectiva dialógica e interacional das atividades de leitura e de escrita	213
Figura 05 –	Sequência didática reformulada	216

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Organização do módulo 01	223
Tabela 02 – Organização do módulo 02	243
Tabela 03 – Organização do módulo 03	256

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Cf.	Confira
Círculo	Círculo de Bakhtin
OCEM	Orientações Curriculares para o Ensino Médio
ODAA	Orientação Dialógica de Apoio
ODAC	Orientação Dialógica de Contestação
ODAM	Orientação Dialógica de Mediação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PP	Primeira Página dos jornais
SEPEX	Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão do Cefet-RJ

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	14
1	ENTRE CONCEPÇÕES E CONCEITOS: A LÍNGUA(GEM) NUMA PERSPECTIVA DIALÓGICA E INTERACIONAL.....	24
1.1	A linguagem como espelho e como ferramenta.....	25
1.2	Por uma concepção dialógica e interacional da linguagem.....	28
1.2.1	<u>Uma breve reflexão.....</u>	29
1.2.2	<u>Enquadre histórico: a linguagem como forma de interação.....</u>	31
1.2.3	<u>Princípios dialógicos e interacionais.....</u>	35
1.2.3.1	Signo ideológico.....	36
1.2.3.2	Enunciado/texto.....	38
1.2.3.3	Gêneros do discurso: rotinas e práticas sociais.....	41
1.2.3.4	Tipos textuais (ou sequências textuais).....	48
1.2.3.5	Suporte.....	49
1.2.3.6	Esfera de comunicação (ou domínio discursivo).....	51
1.2.3.7	A interação verbal.....	52
2.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	57
2.1	Descrição interpretativa do gênero.....	57
2.2	Abordagem didática do gênero.....	61
3.	O GÊNERO NOTA JORNALÍSTICA: ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS E ELEMENTOS CONSTITUTIVOS.....	66
3.1	Dados históricos, estabilidade e mudança do gênero no tempo.....	66
3.2	A dimensão social do gênero.....	78
3.2.1	<u>O suporte: <i>O Globo</i>.....</u>	83

3.2.2	<u>As notas jornalísticas em sua dinâmica interativa.....</u>	85
3.2.3	<u>Conteúdo temático, estrutura composicional e estilo das notas jornalísticas...</u>	91
3.3	As notas jornalísticas e os tipos textuais.....	105
4.	A DIMENSÃO ARGUMENTATIVA DAS NOTAS JORNALÍSTICAS..	114
4.1	Grécia antiga: o início dos estudos sobre argumentação.....	114
4.2	A argumentatividade como traço inerente das atividades linguageiras....	116
4.3	As notas e o dialogismo constitutivo.....	121
4.4	A dimensão verbal das notas: um movimento argumentativo.....	130
4.4.1	<u>Marcas estilístico-composicionais: sucintas considerações.....</u>	131
4.4.2	<u>Orientação dialógica argumentativa de apoio (ODAA).....</u>	135
4.4.3	<u>Orientação dialógica argumentativa de contestação (ODAC).....</u>	148
4.4.4	<u>Orientação dialógica argumentativa de mediação (ODAM).....</u>	172
4.5	As notas e a multimodalidade.....	175
5.	GÊNEROS JORNALÍSTICOS, LEITURA E ESCRITA: IMPLICAÇÕES DIDÁTICAS.....	189
5.1	Os gêneros discursivos como unidade de ensino.....	189
5.2	Sobre a inserção dos gêneros jornalísticos em sala de aula.....	193
5.3	A leitura como atividade interacional e dialógica.....	196
5.4	A escrita como atividade interacional e dialógica.....	203
6.	UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O GÊNERO NOTA JORNALÍSTICA.....	214
6.1	Apresentação da situação e produção inicial.....	215
6.2	Módulos.....	222
6.2.1	<u>Módulo I. A leitura de jornais e revistas: conhecendo a esfera jornalística.....</u>	223
6.2.2	<u>Módulo II. As notas jornalísticas: leitura e análise de textos.....</u>	243

6.2.3	<u>Módulo III. As notas jornalísticas: estratégias de escrita</u>	256
6.2.4	A produção final e a circulação do gênero	268
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	273
	REFERÊNCIAS	277
	ANEXO A – Produção inicial da coluna.....	288
	ANEXO B – Produção final da coluna.....	289
	ANEXO C – Parecer Consubstanciado do CEP.....	290
	ANEXO D – Formulário inicial de pesquisa.....	295

INTRODUÇÃO

Este estudo resulta da nossa experiência como professor de língua materna no ensino básico. No laborioso ofício, já se somam treze anos em que temos tido a oportunidade de lecionar-aprender no ensino fundamental, no médio e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nas linhas que seguem, compartilhamos com o leitor um fragmento da nossa atuação docente no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet-RJ/*campus* Valença), espaço no qual lecionamos atualmente, no intuito de contribuir com as discussões atinentes às práticas docentes de leitura e escrita no ensino básico. Subjacente às reflexões que se encontrarão neste texto está a convicção de que é possível concorrermos – nós, professores – para que os educandos a nós confiados ampliem, de fato, suas competências no que respeita ao uso escrito da Língua Portuguesa, de sorte a desenvolverem, continuamente, uma postura crítica, reflexiva e, ao mesmo tempo, criadora ante os fenômenos linguísticos situados.

Dezenove anos separam as publicações de duas obras que exerceram decisiva influência na elaboração desta tese.

A primeira, vindo a lume em 1984, foi organizada pelo professor João Wanderley Geraldi. *O texto na sala de aula: leitura e produção*, uma coletânea de artigos escritos por variados especialistas em linguagem, já no título propunha, à época, uma significativa mudança de rota no que concerne ao eixo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa em solo nacional. Assim, afastando-se de um ensino centralizado em práticas metalinguísticas – cuja ênfase recaía na exploração didática da gramática prescritiva – até então predominante entre nós, buscava-se propor um novo paradigma tendo em conta um ensino procedimental, no qual o texto¹ em seu uso concreto passasse a ocupar não só lugar privilegiado, como basilar no ensino-aprendizagem de língua materna.

A segunda obra, em cuja leitura nos inspiramos, foi publicada no ano de 2003 pela educadora Irandé Antunes. Intitula-se *Aula de português: encontro e interação*. Quase duas décadas depois do lançamento da coletânea organizada por Geraldi, Antunes vinha reivindicar, analogamente, uma significativa mudança nas práticas dos professores de Língua Portuguesa, as quais, na visão autora, não raro ainda insistiam numa exploração nem sempre consistente e relevante do fenômeno da linguagem em classe, visto se guiarem por

¹ Os termos “texto” e “enunciado” são usados como equivalentes nesta tese (cf. capítulo 01).

procedimentos didáticos reducionistas, calcados num modelo de ensino que apostava na primazia da palavra e da frase descontextualizadas, em detrimento dos textos e dos gêneros discursivos tomados em sua função sociocomunicativa.

Separadas por um considerável lapso temporal, *O texto na sala de aula* e *Aula de português* – somem-se aqui as muitas publicações recentes, como Antunes (2009, 2010, 2014), Ferrarezi Jr. e Carvalho (2015), Guedes (2009) – desvelam ainda haver sérias lacunas e equívocos no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa no Brasil. Hoje, se por um lado reconhece-se a importância de se abrir a escola à pluralidade dos discursos, conforme sugeriram Fonseca e Fonseca (1977) já nessa década, quando se lança um olhar para as práticas efetivas dos professores de língua materna, percebe-se que esse reconhecimento não tem mudado substancialmente as práticas pedagógicas efetivas desses educadores. De fato, ainda são bastante comuns abordagens que pouco exploram gêneros discursivos e textos como práticas sociais situadas. Mais: não raras vezes, textos são usados como “pretexto” para o trabalho insistente com aspectos gramaticais, sendo destituídos de sua função comunicativa e, portanto, social. Nesse sentido, como bem notou Antunes (2010, p. 14), urge reconhecer que “[...] o olhar dos professores e dos alunos sobre a construção do texto ainda é um olhar quase exclusivamente gramatical.”

É bem verdade que a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998, 2002) proporcionou-nos um avanço considerável no tocante às políticas educacionais no país. As diretrizes constantes do documento, calcadas em princípios sociointeracionais, que concebem a linguagem como forma de (inter)ação social, mobilizaram muitos docentes a reordenar prioridades, alçando, por exemplo, gêneros discursivos e textos ao posto de objetos nucleares de ensino-aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa. Tal, sem dúvida, nos possibilitou pensar no aperfeiçoamento da competência comunicativa dos discentes por intermédio de práticas educacionais efetivamente centradas no uso da linguagem. Não obstante o esforço empreendido, ainda parece haver uma lacuna considerável quando pensamos numa articulação consistente entre as propostas delineadas pelos PCN e sua real aplicabilidade didática, que prevê, entre outros aspectos, a elaboração de currículos e de materiais que tornem viáveis o trabalho com esses conteúdos curriculares em sala de aula (ROJO, 2000).

Com efeito, constata-se nos documentos oficiais do ensino fundamental e do médio a urgência de se adotarem gêneros e textos como unidades basilares no que tange ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998, 2002, 2006). Esta parece ser uma preocupação das escolas e dos educadores, notadamente nas duas últimas décadas, muito

embora as práticas efetivas de muitos deles ainda desvelarem um trabalho pouco sistemático e pouco produtivo com esses conteúdos, a considerar as ponderações de Coscarelli (2007) e Alves Filho (2011). Por vezes, como notou Lopes-Rossi (2011), o professorado mostra-se, efetivamente, interessado na pedagogia dos gêneros, mas falta-lhe fundamentação teórica e exemplos práticos que viabilizem a sua implementação. O “como-fazer” ainda é, pois, um elemento impedor da efetiva inserção dos gêneros discursivos em sala de aula.

Tendo em conta as limitações/lacunas antes mencionadas, esta tese lança-se ao desafio feito aos professores por Antunes (2003), qual seja o de contribuir significativamente para que os alunos ampliem suas competências no uso da Língua Portuguesa, de sorte a manejar gêneros e textos com destreza e competência nas variadas situações de interação das quais participam rotineiramente em suas vidas. Para tal, mais especificamente, objetiva-se propor uma abordagem teórico-didática do gênero *nota jornalística*, de modo a oferecer subsídios teóricos, práticos e aplicativos ao professor de língua materna, a fim de que se possa concorrer para o desenvolvimento significativo da competência comunicativa dos educandos, sobretudo no que se refere à leitura e à produção de textos pertencentes ao gênero em tela.

Assim definida nossa unidade de estudo e de exploração didática, qual seja, o gênero nota jornalística, cumpre esclarecer a orientação teórico-metodológica assumida por nós nesta pesquisa. No conjunto dos domínios interacionistas (MORATO, 2011), ou seja, das vertentes que consideram o fenômeno linguístico em sua estreita relação com a complexa rede de fatores externos que o influenciam, adota-se uma perspectiva teórico-prática de base dialógica e interacional, amparada, sobretudo, pelos escritos do Círculo de Bakhtin², bem como pelas proposições didáticas do Grupo de Genebra (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004). Cumpre dizer que, para fins de enriquecimento deste estudo, também trataremos outros autores que contribuam com as discussões propostas.

Dito isso, vale dizer, não consideramos a língua(gem) simplesmente como sistema autônomo e formal, apartado das situações concretas de uso. Pelo contrário, concebemo-la como um conjunto de atividades, como forma de (inter)ação. Por esse prisma, é ela dialógica porque, para nós, cada enunciado/texto construído guarda profundas relações com outros já construídos e com outros que se estão por construir. É ela dialógica, porque todo enunciado/texto tem em vista o horizonte do outro: é “[...] *sempre um enunciado de alguém*

² Trata-se de um conjunto de intelectuais que se reuniram regularmente, na antiga União Soviética, entre 1919 e 1929, formando um profícuo grupo de estudos que partilhava de um ideário sobre Arte, Literatura, Filosofia da Linguagem, etc. Usamos semelhante denominação para nos referir ao conjunto da obra (FARACO, 2009). Dentre os estudiosos do Círculo, destacam-se: Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Volochínov e Pavel N. Medvedev.

para alguém.” (MARCUSCHI, 2008, p. 20, grifo do autor). E é interacional, pois a linguagem nos serve, fundamentalmente, como mecanismo que possibilita firmarmos relações dialógicas (intersubjetivas) uns com os outros no interior da sociedade em que vivemos, de modo a estabelecermos vínculos mútuos e recíprocos com nossos semelhantes.

Nesse sentido, intrinsecamente vinculados a uma concepção dialógica e interacional da linguagem estão os gêneros discursivos, quer dizer, as formas tipicamente estáveis de comunicar, assim como as suas realizações empíricas (os enunciados/textos) que se concretizam, se moldam e circulam em uma dada esfera de comunicação humana. Dessa forma, tem-se por princípio que os gêneros e os textos medeiam nossas relações com nossos interlocutores nas variadas práticas languageiras das quais participamos no curso de nossas vidas. Disso decorre que se elegem, neste estudo, não a frase ou a palavra fora das situações de uso concreto, mas os gêneros discursivos e os enunciados/textos como unidades basilares de pesquisa e de trabalho em sala de aula. Assume-se, assim, com Dolz, Gagnon e Decândio (2010, p. 39), o pressuposto de que “[...] uma língua natural só é aprendida por meio de produções verbais efetivas, que tomam formas muito diversas em função das situações de comunicação em que se inscrevem.”

Nesse quadro, procede lembrar que, a partir dos trabalhos fundacionais do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2011; BAKHTIN/VOLOCHÍNOV³, 2009), os gêneros discursivos, como práticas social e historicamente situadas que instrumentalizam o agir humano, têm ocupado lugar de destaque nos estudos linguísticos, sendo articulados, fundamentalmente, às esferas da comunicação humana, concebidas aqui como espaços de interação em que o homem atua na produção e circulação de discursos. Para o Círculo, as esferas – entre as quais a jornalística, a publicitária, a acadêmica e a familiar – de certa forma, organizam as práticas sociais e as ações humanas, levadas a cabo por meio de formas relativamente estáveis de enunciar (os gêneros), manifestas, concretamente, por enunciados/textos.

Tal nos conduz à ideia de que as ações humanas com a linguagem não se dão independentemente da interação, que é o sustentáculo das relações dialógicas, isto é, das relações que firmamos uns com os outros no uso concreto da linguagem. Assim, seguindo o paradigma bakhtiniano, na interação, dentro de dada esfera de atividade humana, comunicamo-nos (agimos) por meio dos gêneros do discurso, que têm propriedades composicionais, temáticas, estilísticas e sociocomunicativas “moldadas”, digamos assim, pelas particularidades de cada esfera. Os gêneros, pois, organizam nosso dizer. A partir deles,

³ Relativamente a obras de autoria “disputada” na produção do Círculo de Bakhtin, seguimos a opção feita pelo tradutor, indicando os dois autores.

em qualquer atividade linguageira de que participemos, mobilizamos signos ideológicos com os quais formamos enunciados/textos, que permitem que realizemos nossos projetos de discurso.

No conjunto dessas proposições teóricas, está a busca por um ensino de Língua Portuguesa como prática social situada – a nosso ver mais produtivo, de fato vinculado às demandas dos educandos, considerando-se, para fins deste trabalho, as habilidades/competências de leitura e de escrita, fundamentais para o pleno exercício da cidadania, conforme asseveram os PCN (BRASIL, 1998).

Tomando, então, o gênero nota jornalística como objeto de pesquisa/ensino, importa, agora, definir as estratégias pedagógicas a serem utilizadas para viabilizar sua aplicabilidade em classe.

Alinhado com a concepção de gênero proposta pelo Círculo, o Grupo de Genebra (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004) tem se dedicado a propor mecanismos que possibilitem a inserção sistemática dos gêneros discursivos em sala de aula. Para isso, tem proposto um procedimento modular, consubstanciado no que os pesquisadores chamam de *sequência didática*, um método que prevê ações contínuas, precisas e procedimentais com vistas a favorecer o domínio de um gênero particular pelos educandos.

As sequências didáticas propostas pelo Grupo de Genebra desvelaram-se instrumentos didáticos relevantes para a pesquisa que ora desenvolvemos, já que (a) sugerem a apresentação de uma situação que motive a produção inicial de um gênero oral ou escrito a partir de esclarecimentos, leituras e explicitações de propósitos frente à atividade a ser desenvolvida; (b) geram produções de texto que possibilitam o diagnóstico inicial da compreensão e habilidade que o aluno já possui do gênero a ser trabalhado; (c) propõem módulos para sanear as dificuldades relativas à leitura e escrita do gênero a ser estudado; e (d) preparam adequadamente o aluno para a produção final do texto, permitindo-lhe refletir sobre sua própria prática e visualizar avanços quanto aos processos de leitura e produção de textos.

Feitas essas considerações teórico-metodológicas, procede dedicarmos, agora, algumas linhas ao nosso objeto de estudo, explicitando as razões pelas quais se optou por ele na presente pesquisa. Publicadas nas populares colunas de notas⁴, constantes de grandes jornais e

⁴ Jornalistas e teóricos do jornalismo têm usado nomenclatura bastante variada para se referir ao gênero: “coluna social” (RAMALHO, 1998, p. 25), “coluna de notas” (EMERICH, 2002, p. 261), “coluna jornalística de notas” (COUTINHO, 2002, p. 275). Isso pode advir da própria natureza ambígua do colunismo como gênero no jornalismo brasileiro (RABAÇA; BARBOSA, 1995). De fato, a coluna é um espaço plástico e dinâmico que apresenta dificuldades de definição para o analista, uma vez que nela se mesclam variadas formas de expressão noticiosa. Na metodologia desta pesquisa (ver capítulo 02), explicaremos nossa opção pela adoção do termo “nota jornalística” ou, simplesmente, “nota”.

revistas brasileiros, e popularizadas por nomes como Ibrahim Sued, Maneco Müller e Ancelmo Gois, as notas consistem em diminutas comunicações escritas (por vezes acompanhadas de recursos imagéticos), tendo como marcas características a liberdade de estilo, a agilidade, a brevidade, a concisão, o senso de humor, a criticidade, a subjetividade e a abrangência. É um mosaico que mescla informação e opinião (MELO, 1994), constituindo um espaço fecundo para o exercício da persuasão e do convencimento, não raro sutil, como buscaremos mostrar no correr da exposição.

Estudiosos como Coutinho (2002), Emerich (2002), Souza (2009) e Sobreira (2002) asseveram se tratar de um gênero importante na esfera jornalística, pois, além de usufruir de significativa influência no conjunto editorial da mídia jornalística impressa – e, mais modernamente, da mídia virtual –, é um espaço prestigiado pelo público leitor, que o aprecia por variadas razões, entre as quais compete referir: (a) a credibilidade e o “frescor” da informação; (b) a capacidade de síntese; (c) a exclusividade da informação; (d) o estilo livre e pessoal do sujeito colunista; (e) a manifestação da ironia crítica.

Ainda cumpre salientar que estamos diante de um gênero que costuma pautar os jornais (SOBREIRA, 2002), operando como uma espécie de roteiro do periódico. Nessa perspectiva, uma nota pode deflagrar a emergência de outros textos de gêneros distintos como reportagens, entrevistas e artigos de opinião, de sorte a concorrer relevantemente com o fluxo jornalístico. Por conseguinte, não é mera casualidade o fato de as colunas de notas firmarem presença nos grandes veículos midiáticos brasileiros, sendo comumente publicadas em espaços estratégicos dos periódicos.

Mas há outra faceta do gênero que muito nos interessa nesta tese, tanto no âmbito teórico, quanto no didático. Na observação de Melo (1994), o colunismo tem feição levemente persuasiva, orientando, à sua maneira, a opinião pública. É um gênero “despretensioso”, por assim dizer, mas que se abre com sutileza aos desígnios/impulsos da argumentatividade. E nisso reside seu encantamento: na simbiose entre o informar, o persuadir e o convencer. Diante disso, deparamo-nos com um gênero fecundo para o estudo/ensino das práticas argumentativas, saberes humanos não só importantes como fundamentais em nossas atividades languageiras, das mais prosaicas às mais elaboradas.

Aqui, parece-nos oportuno recordar uma das lições de Mikhail. M. Bakhtin (2011) acerca da natureza da linguagem. Adotando a metáfora do diálogo, o filósofo russo pondera que os enunciados/textos dialogam ininterruptamente com outros ditos antes deles, visando, ademais, a responder àqueles que ainda serão ditos no fio do discurso. Enunciar é, pois, estabelecer relações com outros ditos – ou ainda não ditos, mas passíveis de réplica – no

universo do discurso. Todo enunciado, por essa razão, está em relação dialógica com outros do complexo universo sociocultural humano. Se assim pensarmos, conceberemos as notas jornalísticas como um espaço profícuo para a manifestação das relações dialógicas que têm em sua base a argumentatividade, visto as notas estarem constantemente em tensão com outros ditos numa busca incessante pela influência sobre o público-leitor.

Nessa direção fixamos nossas hipóteses: (a) as notas são um espaço fecundo para o estudo das relações dialógicas de inclinação argumentativa, servindo à persuasão e ao convencimento do público-alvo; (b) o gênero apresenta riqueza temática, estrutural, estilística e sociocomunicativa, motivo pelo qual pode ser explorado no sentido de desenvolver a competência comunicativa dos discentes no que concerne às habilidades de leitura e de escrita, atividades aqui compreendidas pelo viés interacional e dialógico; e (c) caso seja bem explorado didaticamente, o gênero discursivo em tela pode concorrer relevantemente para o desenvolvimento da capacidade argumentativa dos discentes, aguçando, ademais, sua percepção acerca das sinalizações textuais (verbais e visuais) e estratégias argumentativas pontuais, essenciais para a construção dos sentidos.

Contudo, mesmo possuindo interessantes características que poderiam atrair os pesquisadores, podemos afirmar que o gênero em estudo não tem despertado grande interesse, quer da comunidade acadêmica, quer dos professores de Língua Portuguesa. Por um lado, é preciso dizer que poucos se lançaram a trabalhos teóricos sobre o gênero no Brasil, como bem lembram Souza (2009) e Emerich (2002), mesmo na área de Comunicação Social. Relativamente a pesquisas com o gênero em si em perspectiva das Ciências da Linguagem, também se observa o pouco interesse pelas notas jornalísticas, excetuando-se trabalhos como os de Avvad (2007), Figueiredo (2003) e Santana (2013). Quando, então, pensamos em uma exploração sistemática em sala de aula tendo como foco o gênero, o cenário é ainda mais escasso, a começar pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), os quais sequer o colocam entre os gêneros privilegiados para o trabalho do professor. Da mesma forma, os livros didáticos, por sua vez, também não costumam contemplar sistematicamente as notas em suas páginas (ver, por exemplo, ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2008; CEREJA; VIANNA; CODENHOTO, 2016; FARACO; MOURA; MARUXO JR., 2010).

Todavia, como buscaremos demonstrar no correr desta tese, urge trazeremos esse gênero para sala de aula, pois, como sugerido acima, as notas jornalísticas representam um espaço privilegiado da esfera jornalística, podendo ser exploradas pelo professor de língua materna em seus múltiplos e fecundos aspectos temáticos, estruturais, estilísticos e sociocomunicativos, notadamente tendo em vista as práticas argumentativas. Recorrendo a

Koch e Elias (2017), diremos que argumentar é uma ação tão humana que é praticamente impossível dissociar qualquer uso da linguagem da busca constante pela persuasão e pelo convencimento. Por essa razão, tal capacidade constitui condição indispensável para o exercício pleno da cidadania, conforme asseveram os PCN (BRASIL, 1998), pois, entre outros pontos, possibilita ao indivíduo compreender o significado das diversas vozes que se manifestam no debate social e pronunciar-se com sua própria voz quando oportuno for (SAVIOLI; FIORIN, 2006).

Lembremo-nos ainda de que gênero eleito para estudo/ensino pertence à esfera jornalística. Cumpre dizer que, especialmente nas sociedades letradas, esta ocupa um espaço tão importante quanto fundamental, pois, ao mesmo tempo em que informa (faz-saber), forma (faz-criar), influenciando a construção da opinião pública, mobilizando os cidadãos à ação. Parafraseando Gadotti (2007), educação e comunicação são processos que não podem ser dissociados, porquanto nascem das necessidades inerentes ao processo de humanização. Como processos indissociáveis, podem ser usadas tanto para libertar quanto para manipular. Por essa perspectivação, formar leitores críticos e escritores competentes em textos pertencentes a gêneros desta esfera torna-se uma tarefa imperiosa no mundo moderno, no qual se exigem cada vez mais leitores críticos e escritores competentes, éticos e cômicos de suas responsabilidades relativamente à palavra escrita.

Dessa forma, pensando ainda no binômio educação/comunicação, partimos da premissa de que o trabalho sistemático com gêneros e textos da esfera jornalística pode trazer ganhos educacionais importantes para os estudantes. Parece-nos bem razoável ponderar que, sendo bem utilizados, os gêneros jornalísticos podem ser instrumentos eficazes de ensino que (a) atuam adequadamente na formação não apenas do estudante, mas também do cidadão, preparando-o para exercer bem seu papel na sociedade; (b) permitem o desenvolvimento do senso crítico, impulsionando o cidadão à reflexão e ao debate; (c) abrem caminhos para o desenvolvimento de habilidades de escrita e de leitura; e (d) articulam o aprendizado da linguagem a práticas sociais situadas.

Esta tese divide-se, *grosso modo*, em duas partes.

Na primeira delas, busca-se fazer uma abordagem descritivo-interpretativa do gênero, explorando-se, especialmente, seus aspectos sócio-históricos, assim como sua vocação argumentativa. Neste ponto, trouxemos as contribuições da grande área da Comunicação Social (COUTINHO, 2002; EMERICH, 2002; MELO, 1994; RABAÇA; BARBOSA, 1995; SOUZA, 2009, entre outros) para melhor compreendermos o funcionamento da esfera jornalística e, por corolário, das notas dentro desse espaço. Além disso, tencionamos

promover um produtivo diálogo entre os postulados do Círculo e os dos teóricos da argumentação, a exemplo de Fiorin (2015), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Reboul (1998), de sorte a compreender como se manifesta a argumentatividade no gênero.

Na segunda, tenciona-se propor, conforme orientações de Dolz, Noverráz e Schneuwly (2004), uma sequência didática com vistas à aplicabilidade do gênero em sala de aula. Essa sequência foi aplicada aos nossos alunos do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet-RJ/*campus* Valença), que participaram, durante o ano de 2017, de um projeto de Extensão intitulado *Cefet em Folha*, cuja proposta consistiu em criar um jornal *on line* discente chamado *Deu na Telha*. Nesta parte da tese, seguindo o paradigma interpretativista (BORTONI-RICARDO, 2008), relatamos, sucintamente, uma experiência com a escrita das notas que tivemos com nossos alunos no projeto de Extensão.

Os capítulos estão assim distribuídos:

No capítulo primeiro, procedemos a uma breve revisão de literatura acerca das concepções de língua(gem) que se têm adotado ordinariamente nas práticas docentes. Conquanto sejam amplamente divulgadas e discutidas modernamente na esfera acadêmica, decidimos trazê-las, porquanto demarcam importantes diferenças entre a nossa proposta e as outras concepções, elucidando os caminhos teórico-práticos que percorreremos nesta tese. Para tanto, falamos de três delas, a saber: a linguagem (a) como expressão do pensamento; (b) como instrumento de comunicação; e (c) como forma de interação. Concernentemente aos modelos interacionistas (MORATO, 2011), assumimos a terceira vertente sob o rótulo de perspectiva “dialógica e interacional”, amparada, mormente, nas lições do Círculo de Bakhtin – hoje reunidas sob a denominação de Análise Dialógica do Discurso (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016) – e em outras escolas que agreguem à exposição, como já assinalado. Por essa razão, nesta parte do trabalho, trazemos não só alguns conceitos basilares do pensamento bakhtiniano que nos conduzirão na abordagem teórico-prática das notas jornalísticas, a exemplo de signo ideológico, enunciado/texto, gênero discursivo e interação verbal, mas também outras noções que nos ajudarão a compreender os gêneros em sua dinâmica e funcionalidade, como a concepção de suporte.

O capítulo segundo é dedicado ao conjunto de princípios metodológicos dos quais nos valem para a elaboração deste trabalho. Nele se encontrarão detalhes sobre o *corpus* da pesquisa, que é formado por notas jornalísticas extraídas de uma fonte midiática impressa: a coluna de Ancelmo Gois (jornal *O Globo*). Também se discorrerá sobre a metodologia de análise dos dados encontrados que, pautada por princípios do Círculo, considera, de um lado, as feições históricas, sócio-comunicativas e ideológicas do gênero (sua dimensão social) e, de

outro, as regularidades estilístico-composicionais, estreitamente vinculadas à utilização do gênero na esfera a que pertence (sua dimensão verbal). Por fim, elucidamos algumas de nossas opções metodológicas relativas à formulação e aplicação das sequências didáticas em sala de aula.

O capítulo terceiro trata do gênero nota em seus aspectos históricos e em sua função sociocomunicativa, objetivando demonstrar sua evolução no tempo, assim como o seu funcionamento na esfera jornalística. Além disso, discorreremos acerca dos elementos estruturantes das notas, isto é, do seu conteúdo temático, estrutura composicional e estilo, elementos integrantes e indissociáveis dos gêneros do discurso na visão bakhtiniana.

No quarto capítulo, estudamos as notas jornalísticas para além das sequências argumentativas em sentido estrito. Tencionamos demonstrar como a argumentatividade é intrínseca à constituição do gênero, tendo, portanto, papel de relevo nos processos de produção e circulação dos textos a ele pertencentes. Em nossa exposição, defenderemos que, se considerarmos as relações dialógicas, “Todo discurso tem uma dimensão argumentativa.” (FIORIN, 2015, p. 09). Com o fito de mostrá-lo, trazemos à baila a dimensão verbal do gênero por meio do estudo de algumas categorias recorrentes (modalização, discurso relatado, palavras e expressões avaliativas, implícitos, etc.) e sua multimodalidade. Esses elementos materializam estratégias de convencimento no interior dos enunciados, concebidos em constante tensão. Em nossa visão, tal apresenta implicações didáticas, uma vez que a exploração pedagógica do gênero pode concorrer para o aperfeiçoamento das capacidades de convencimento e de persuasão dos discentes no que concerne, sobretudo, à leitura e à produção de textos escritos.

No quinto e sexto capítulos, buscaremos discutir as possibilidades de inserção do gênero em sala de aula, o que representa nosso esforço no sentido de oferecer ao docente de língua materna subsídios práticos para a elaboração de instrumentação didática adequada para o trabalho com o gênero em classe. Mais que isso: encontrar-se-á, na segunda parte do trabalho, a proposição de uma sequência didática, tal qual aplicamos em nossos alunos do ensino médio do Cefet-RJ (*campus* Valença). Nos módulos que compõem a sequência, apresentar-se-ão modelos de exercícios com possibilidades de respostas e com comentários. Com isso, objetiva-se dar mostras de atividades práticas que podem ser usadas em sala de aula tendo o gênero como objeto de ensino-aprendizagem. A aplicabilidade desses procedimentos culminou na produção final de uma coluna de notas que foi publicada no jornal discente *Deu na Telha*, fruto do projeto de Extensão *Cefet em Folha*, coordenado por nós na aludida instituição.

1 ENTRE CONCEPÇÕES E CONCEITOS: A LÍNGUA(GEM) NUMA PERSPECTIVA DIALÓGICA E INTERACIONAL

Reiteradamente, variados autores têm insistido na relação entre concepções de linguagem e práticas docentes, a exemplo de Antunes (2003, 2009, 2014), Costa-Hübes (2008), Geraldi (1984b), Neder (1993) e Travaglia (2006). Em consonância com tais estudiosos, entendemos ser necessário discorrer acerca de algumas concepções de linguagem⁵ subjacentes às práticas docentes, porquanto, segundo Travaglia (2006), a compreensão que o professor tem do seu objeto de estudo/ensino tende a nortear o seu fazer em sala de aula. Assume-se, assim, que todas as ações do professor no seu cotidiano pedagógico apresentam, consciente ou inconscientemente, sentidos, valores e fins, que consubstanciam uma posição ideologicamente marcada, alusiva ao entendimento do fenômeno linguageiro. Desse modo,

Nada que se realiza na sala de aula deixa de estar dependente de um conjunto de princípios teóricos, a partir dos quais os fenômenos linguísticos são percebidos e tudo, conseqüentemente, se decide. Desde a definição dos objetivos, passando pela seleção dos objetos de estudo, até a escolha dos procedimentos mais corriqueiros e específicos, em tudo está presente uma concepção de língua, de suas funções, de seus processos de aquisição, de seu uso e aprendizagem (ANTUNES, 2003, p. 39).

De conformidade com Geraldi (1984b, p. 42), diremos ainda que toda metodologia de ensino articula uma opção política. Postula-se, por conseguinte, que as ações pedagógicas concernentes ao ensino de linguagem, contanto que centradas em práticas efetivas de leitura, escrita, fala e escuta, podem intervir de forma definitiva no desenvolvimento de tais capacidades, com significativos impactos na vida dos aprendizes, a quem se deve conferir, tanto quanto possível, uma formação acadêmica, ética, humana e plural, de modo que se lhes possibilite uma intervenção ativa, construtiva, responsável e crítica na sociedade.

Ao tratar do ensino de Língua Portuguesa, lembra o autor que duas questões devem ser previamente consideradas pelo educador no trabalho com a língua materna, a saber: “para que

⁵ Tendo em vista as finalidades deste trabalho, valemo-nos da acepção mais ampla do termo “linguagem”. Entendemos, pois, que a linguagem, como atividade social e interativa, refere-se a qualquer sistema de comunicação (imagens, sinais, desenhos, signos vocais, etc.), abarcando, por conseguinte, a língua (linguagem verbal). As línguas, por sua vez, podem ser entendidas como conjuntos “[...] de recursos vocais de que as pessoas dispõem para realizar seus objetivos sociocomunicativos em situações de interação umas com as outras.” (ANTUNES, 2014, p. 23). No correr desta pesquisa, buscaremos demonstrar, posto que preliminarmente, que, a despeito de as notas jornalísticas não se valerem, necessariamente, da linguagem visual em sua composição, as imagens, quando usadas, desempenham importante função dialógica na produção de sentidos desse gênero discursivo.

ensinamos o que ensinamos?” e sua correlata: “para que as crianças aprendem o que aprendem?” (GERALDI, 1984b, p. 42). A resposta a essas questões perpassa forçosamente por um conjunto de princípios teórico-práticos atinentes à linguagem – e, por corolário, à língua, ao texto, à escrita e à leitura – adotado pelo docente na condução de suas aulas. Como este estudo tem também pendor didático, quer dizer, busca falar também para o formador de leitores e de escritores da educação básica, insistindo nas práticas sociais de leitura e de escrita, houvessem por bem fazer a descrição, ainda que sumária, dos modos de se conceber a linguagem no decurso do tempo, evidenciando o caminho teórico-prático que percorreremos nesta tese.

1.1 A linguagem como espelho e como ferramenta

Wittgenstein (2009 apud MARCONDES, 2010, p. 09) observa que a linguagem, por nos ser algo tão familiar, tão próximo, talvez seja um dos objetos do conhecimento humano de mais difícil apreensão. Por essa razão, tem sido ela um dos interesses centrais da Filosofia desde a Grécia Antiga, notadamente pelas reflexões de Platão e Aristóteles. Com efeito, se por um lado usamo-la com tamanha naturalidade em nossas interações cotidianas, por outro a pergunta “o que é linguagem?” parece não encontrar respostas fáceis, mesmo entre aqueles que se dedicam a estudá-la com sistematicidade. Recorrendo a Orlandi (1992), é bem provável que isso se deva ao caráter multifacético, dinâmico e plástico da linguagem nas relações humanas, o que nos impede, segundo a autora, de enquadrá-la em inflexíveis quadros teóricos. Dito de outro modo, como fenômeno genuinamente humano, a linguagem, uma vez que nos permite estabelecer complexas e dinâmicas relações intersubjetivas, não pode ser, pois, um fenômeno estático, inerte.

Tendo em vista essas considerações primeiras, é de intuir que, no decurso do tempo, tal objeto de estudo tenha sido alvo de variadas abordagens.

A despeito de toda complexidade que envolve a natureza dos fenômenos linguageiros, para Koch (2013, p. 07), podemos resumir as visões em três grandes correntes de pensamento, quais sejam: (a) a linguagem como representação (espelho) do mundo e do pensamento; (b) como instrumento (ferramenta) da comunicação; e (c) como forma (lugar) de ação ou

interação. Nesta seção, trataremos sumariamente das duas primeiras concepções⁶ para depois abordarmos a terceira, à qual nos filiaremos no conduzir desta pesquisa.

A primeira vertente, bastante cara aos estudos tradicionais (GERALDI, 1984b), como herança direta da tradição gramatical greco-latina (COSTA-HÜBES, 2008), encontra na gramática prescritiva seu objeto de ensino modelar. Pondera-se que o uso da linguagem representa a materialização do pensamento, de modo que a expressão seja individualizada e livre de influências externas. Nesse sentido, sua função é representar o pensamento do homem e o seu conhecimento de mundo.

O expressar-se está intrinsecamente vinculado à organização lógica do pensamento, construindo-se “[...] no interior, sendo sua exteriorização apenas uma tradução.” (NEDER, 1993, p. 76). Deixa-se entrever que usar a língua com proficiência significa conhecer e aplicar as regras da variedade dita padrão, consubstanciadas nos manuais e gramáticas de orientação prescritiva, para os quais os usos que fogem à norma são considerados “erros”, “desvios”.

Para Costa-Hübes (2008, p. 85),

Sob a luz de tal concepção, filósofos e outros estudiosos acreditavam que a linguagem era um dom individual, produzida no interior da mente dos indivíduos. Por isso, estava a serviço do pensamento, já que era considerada a sua forma de tradução. A linguagem articulada estava diretamente relacionada à capacidade de organizar logicamente o pensamento e, caso faltasse clareza na articulação da fala ou da escrita, por exemplo, entendia-se que o indivíduo não pensava bem.

Travaglia (2006, p. 21) explica que, nessa perspectiva, a enunciação constitui um “ato monológico”. Compete unicamente ao falante exteriorizar seu pensamento de maneira articulada e organizada. Nesse percurso, não se leva em consideração, por exemplo, os vínculos pré-existentes entre os interlocutores, a situação social da enunciação, o projeto de dizer elaborado pelo falante ou quaisquer outras influências intervenientes nos usos linguísticos.

Com respeito ao ensino-aprendizagem, os educadores adeptos dessa visão – observável ainda nos dias de hoje, quer de forma explícita, quer de forma travestida – comumente têm boa parte do seu planejamento dedicado à metalinguagem gramatical: ortografia, prosódia, flexões verbais, uso dos pronomes, concordância, regência, entre tantos outros tópicos, preenchem boa parte do currículo de Língua Portuguesa. Busca-se, *grosso*

⁶ Segundo compreendem Oliveira e Wilson (2010), também podemos falar, *grosso modo*, em duas grandes correntes de entendimento da linguagem: a formalista e a funcional. Esta considera o fenômeno linguístico “[...] como produto e processo da interação humana, da atividade sociocultural.” (OLIVEIRA; WILSON, 2010, p. 238); aquela concebe a língua como um sistema virtual, abstrato, dissociado das condições interacionais.

modo, dar a conhecer aos alunos a variedade padrão a fim de poderem substituir sua variedade funcional (AZEREDO, 2007), não raro considerada inadequada, por outra tida como ideal, exemplar.

Pode-se também compreender a linguagem como um instrumento, uma ferramenta de que dispõe o utente para efetivar a comunicação. Por esse prisma, tem-se a língua-código, isto é, “[...] um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor e um receptor.” (TRAVAGLIA, 2006, p. 22). A linguagem reveste-se de uma função estritamente comunicativa, dissociada, mais uma vez, das práticas interativas.

Cumprir dizer que, nessa visão de base estruturalista (COSTA-HÜBES, 2008), seus seguidores desconsideram a produção individual (a *parole* saussuriana), a subjetividade dos falantes, e, com isso, os usos linguísticos concretos, centrando-se num objeto teórico abstrato, virtual, homogêneo, de difícil verificação empírica – a *langue*⁷. Dessarte,

[...] não importa à análise *quem, como, quando* ou *para que* (se) faz uso da língua, uma vez que o que está no foco de atenção é tão somente a própria estrutura linguística, de certa forma *descolada* de todas as interferências comunicativas que cercam sua produção e recepção (OLIVEIRA; WILSON, 2010, p. 236, grifos das autoras).

É de notar que, centrando-se quase invariavelmente na análise estática da língua, descrita, geralmente, em seus aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos, tal vertente não oferece respostas satisfatórias, a título de exemplo, para muitas questões alusivas à complexa rede de elementos intervenientes na produção de sentidos nos variados gêneros discursivos circulantes na sociedade. Portanto,

[...] pode-se afirmar que também essa tendência está voltada para o estudo da enunciação monológica isolada, reduzindo-se às relações imanentes no interior do terreno da enunciação. Todos os problemas advindos de questões externas da enunciação ficam excluídos no estudo dessa tendência (...). Seu alcance máximo é a frase complexa (o período) (NEDER, 1993, p.78).

⁷ Importa lembrar que Saussure (1995) estabelece a dicotomia entre língua e fala, norteadora dessa concepção de linguagem. A língua (*langue*) consiste num sistema abstrato, virtual, utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade. Tem caráter social, correspondendo à parte fundamental da linguagem. A fala (*parole*), distintamente, é a realização concreta da língua pelo falante, pelo que o estudioso a considera um “[...] ato individual de vontade e de inteligência [...]” (SAUSSURE, 1995, p. 22). O linguista genebrino elegeu a língua como objeto central da linguística, excluindo a fala, de natureza circunstancial e variável, do campo da Linguística. Noam Chomsky, como recorda Marcuschi (2008, p. 31-32), procedeu de modo análogo, estabelecendo a distinção entre “competência” e “desempenho”. O primeiro conceito reporta-se ao plano universal, ideal e inato à espécie humana. O segundo refere-se ao plano individual na língua, particularizado e exteriorizado. O linguista americano apartou o desempenho de suas preocupações analíticas.

Sem dúvida alguma, essas restrições, a julgar pelas implicações pedagógicas, em muito limitam o desenvolvimento da competência linguística⁸ dos educandos, uma vez que descartam das preocupações analíticas e didáticas a língua em uso, mediadora das relações sociais. Tendo em conta semelhantes limitações, a perspectiva dialógica e interacional, ou seja, aquela em que se considera a utilização concreta da linguagem nas mais variadas esferas da comunicação humana revela-se imprescindível ao pensarmos em uma educação linguística (BAGNO; RANGEL, 2005) de fato comprometida com uma formação cidadã, como buscaremos demonstrar no decorrer de nossa exposição.

Nessa direção, considerar a linguagem apenas como espelho do pensamento ou como mera ferramenta, como reforça Azeredo (2008), não faz justiça à sua complexidade e riqueza. De modo diverso, impõe-nos uma limitação que tende a desconsiderar os aspectos relativos ao fenômeno da interação verbal, realidade fundamental da língua no entender desse autor e de outros cujos ideários ancoram-se também nas ideias do Círculo de Bakhtin. Desse modo, apartando-nos de um entendimento monológico ou imanente da linguagem, mas reconhecendo sua importância, passamos a concebê-la como um lugar de ação e interação, eixo teórico-metodológico assumido por nós nesta tese⁹.

1.2 Por uma concepção dialógica e interacional da linguagem

Nesta seção, discorreremos sobre a concepção de linguagem à qual nos filiamos na confecção deste estudo. Para tanto, destacaremos nossa compreensão da linguagem como atividade social, histórica e cognitiva, intimamente vinculada às práticas socioculturais.

⁸ Para Travaglia (2006, p. 17), competência comunicativa corresponde à “[...] capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação.” Já Azeredo (2008, p. 46) usa o termo “competência sociocomunicativa”, que propicia ao falante instrumentação linguística para uma interação social bem-sucedida. Em ambos os casos, visa-se ao aprimoramento das competências linguísticas e interacionais dos alunos, em especial em esferas mais elaboradas de comunicação.

⁹ Convém esclarecer que não nos circunscreveremos a uma linha teórica específica de estudos linguísticos. Pensamos como Orlandi (1992, p. 65), que, depois de percorrer as trilhas de algumas teorias linguísticas, afirmou: “Não creio que a plasticidade da linguagem permita que se a aprisione em inflexíveis grades analíticas ou em categóricos lances teóricos.” Preferimos dizer, pois, que nos orientaremos por uma concepção que privilegia a dimensão interacional e dialógica da linguagem, a qual buscará saberes de diferentes – mas complementares – linhas teóricas, a exemplo da Análise Dialógica do Discurso e da Linguística Textual, centradas, segundo Travaglia (2006), nos pressupostos da linguística da enunciação, que tem na figura Mikhail Bakhtin um dos precursores. Numa perspectiva ampla, talvez possamos dizer que nos guiaremos por princípios sociointeracionais ou textuais-discursivos (MARCUSCHI, 2008), descritos na seção subsequente desta pesquisa.

Portanto, sustentamos que é preciso conceber o fenômeno linguístico imerso nas relações intersubjetivas que se estabelecem no intercâmbio verbal, assumindo-o como atividade sócio-historicamente situada. Daí ser relevante ter em vista não só os aspectos concernentes à forma, à estrutura linguística – importantes, mas não suficientes numa abordagem interacionista – senão também as produções textuais efetivas dos sujeitos sociais nas diversas esferas da atividade humana.

1.2.1 Uma breve reflexão

É vasta a literatura que aponta para a necessidade de mudança nas práticas de ensino de Língua Portuguesa, com vistas a um fazer docente mais produtivo, eficaz e relevante, a exemplo dos escritos pioneiros de Fonseca e Fonseca (1977) e Geraldi (1984, 1993), bem como de trabalhos mais recentes que nos têm servido para repensar nossas ações docentes, nomeadamente, com leitura e escrita em sala de aula (cf., entre outros, ANTUNES, 2003, 2009, 2010, 2014; BERNARDO, 2010; CAMARA, 2006; KOCH, 2003, 2011, 2013; KOCH; ELIAS, 2009, 2013, 2017; TRAVAGLIA, 2006). Não obstante haver algumas diferenças nas abordagens, esses trabalhos, via de regra, têm insistido na assunção de uma concepção de linguagem contempladora das dimensões pragmáticas, dialógicas e interacionais nas ações do professor no cotidiano escolar.

De há muito o secular ensino de gramática normativa como um fim em si mesmo tem sido posto à prova. Questiona-se, não sem razão, a excessiva centralização do currículo em conteúdos muitas vezes obsoletos e pouco eficientes na tarefa de propiciar aos discentes um salto qualitativo nas habilidades de fala, escuta, leitura e produção de textos, objetivo precípua do ensino de Língua Portuguesa, consoante os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – (BRASIL, 1998). Em suma, o que as pesquisas desvelam é que tal perspectiva pouco tem contribuído para o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes, fato também demonstrado pelas conversas com professores muito frequentemente desestimulados, pelas avaliações nacionais e internacionais, pela farta bibliografia relativa ao “fracasso” do ensino de linguagem na escola brasileira.

A propósito dos percalços relativos ao ensino de Português, Valente (2000, p. 07) refere o dilema por que passa o professor de linguagem na modernidade. Depois de aludir à postura extremada de alguns que advogavam pela exclusão da gramática normativa das aulas

de língua materna, coloca o autor uma questão que nós, como professores dessa disciplina, precisamos ter em conta: deve-se continuar a prática secular do ensino de gramática normativa ou modificá-la a partir da contribuição da Linguística? Importa transcrever as palavras do estudioso, as quais ecoam como resposta ao questionamento:

A variedade das práticas pedagógicas dos professores de língua portuguesa tende a enriquecer o debate sobre o dilema. Além dos “conservadores” ou “progressistas”, existem aqueles que, dialeticamente, combatem essa divisão e não consideram excludentes as duas disciplinas: a Gramática e a Linguística. Há também os que acrescem à interação das duas uma terceira disciplina: a Literatura. Ultimamente, vem ganhando importância a visão integradora das três disciplinas, com docentes que se intitulam professores de linguagem e cuja prática incorpora textos literários e não literários. Busca-se uma sintonia com os novos tempos em que a multiplicidade linguística – a pluralidade dos discursos – faz parte do cotidiano dos discentes. Destes, a linguagem, *lato sensu*, deve estar a serviço para ajudá-los a encarar a realidade que os cerca [grifo do autor].

Com efeito, o ensino de gramática normativa constitui um dos pilares do ensino de Língua Portuguesa, pelo que deve ocupar espaço privilegiado no currículo, associado às atividades de produção de texto e leitura. Afinal, trata-se da variedade que os estudantes devem aperfeiçoar para conviver e ter acesso aos bens culturais produzidos pela sociedade, realizando seus projetos de vida de modo pleno e cidadão (AZEREDO, 2007). Mas, como professores de linguagem que somos, parece-nos que uma gramática descontextualizada, fragmentada e estática, como se tem praticado com certa frequência em classe, dissociada dos usos reais da língua escrita ou falada no cotidiano (ANTUNES, 2003, 2014), não tem contribuído, ela só, para ampliação significativa das habilidades linguísticas dos estudantes, ainda mais se considerarmos a hipermodernidade (ROJO; BARBOSA, 2015), que nos coloca ante a uma realidade em que irrompem constantemente novos gêneros discursivos, novas formas de interagir, exigindo dos cidadãos habilidades cada vez mais diversificadas e refinadas de leitura e de escrita.

Por esse prisma, como bem pontua Pereira (2011, p. 247), a gramática, não sendo de forma alguma um artefato dispensável, vem mudando seu foco de abordagem, visto que “[...] de finalidade do ensino passa à condição de meio de expressão em uma modalidade socialmente aceita e prestigiada que vai, por sua vez, promover a inclusão do indivíduo.”, de sorte a permitir-lhe novas formas de interação.

Em nossa atividade como professor de linguagem do Cefet-RJ (*campus* Valença), trocamos experiências com alunos advindos de diferentes escolas da cidade para cursar o ensino médio técnico na instituição. As conversas e os depoimentos que ouvimos em espaços privilegiados de interação como o nosso Clube de Escrita e Leitura – um projeto de extensão,

criado em 2015, por meio do qual buscamos estimular as práticas de leitura e de produção de textos na instituição – atestam que um ensino gramaticalista em sua essência tem afastado os alunos das aulas de língua materna. Nada novo, é bem verdade. Mas, se ainda se ouvem vozes que põem à vista a insatisfação desses discentes com as aulas de sua língua, é sinal de que a mudança de rota é necessária.

1.2.2 Enquadre histórico: a linguagem como forma de interação

A terceira concepção de linguagem que passaremos a expor – e na qual nos ancoraremos – está, em parte, vinculada à chamada *guinada pragmática* (MARCUSCHI, 2008; WEEDWOOD, 2002), ocorrida na segunda metade do século XX. Tal implicou uma mudança substancial na maneira como, em regra, encarávamos os fenômenos linguísticos até então dominados por uma visão estruturalista e gerativista, quer no campo teórico, quer no prático. Com os estudos pragmáticos, pudemos alargar nossas visões acerca da linguagem, passando, assim, de uma linguística centrada do sistema a uma linguística que levasse em conta os usos, a atividade comunicativa em sua dinamicidade e concretude.

Dito de outro modo, com a ascensão dos estudos pragmáticos, o centro das preocupações de muitos estudiosos passou da análise do sistema abstrato da língua, tão caro às correntes estruturalista e gerativista, para os fenômenos mais diretamente ligados ao uso que os falantes faziam dela em contextos sociais, em situações reais de interlocução. Em vista disso, os pesquisadores debruçaram-se sobre os fatores regentes de nossas escolhas linguísticas na interação verbal e os efeitos dessas escolhas sobre outrem. Por conseguinte, um olhar que antes era direcionado predominantemente para o interior do sistema linguístico passou a se direcionar também para o exterior dele, valorizando-se abordagens “[...] centradas nas atividades languageiras e nas práticas dos sujeitos em interação entre si, com a linguagem e com o mundo social.” (MORATO, 2011, p. 335).

Em consonância com Weedwood (2002), procede observar que foram fundamentais para o desenvolvimento da vertente pragmática dois escopos teóricos elaborados por filósofos, a saber: a teoria dos Atos de Fala, arquitetada por Austin e posteriormente desenvolvida por Searle, bem como os postulados conversacionais de Grice¹⁰.

¹⁰ Não pretendemos aqui discorrer com vagar sobre as teorias aqui trazidas, mas tão somente sublinhar, em linhas gerais, suas contribuições para a mudança de uma Linguística centrada no sistema para uma Linguística

Em linhas gerais, a Teoria dos Atos de Fala, surgida no interior da Filosofia da Linguagem no início dos anos 1960, foi elaborada pelo filósofo britânico John Langshaw Austin e desenvolvida por seu aluno John Searle na Escola Analítica de Oxford. Entendendo a linguagem como forma de ação, esses filósofos se propuseram a refletir sobre os diversos tipos de atos humanos que se realizam com ela: os chamados atos de fala. Por essa perspectiva, dizer não é apenas transmitir informações, mas também agir sobre o interlocutor e sobre o mundo – “todo dizer é um fazer” (cf. KOCH, 2013, p. 20). Para Wilson (2010), a teoria proposta por Austin abriu novos caminhos para a reflexão sobre o papel das convenções e práticas sociais nos atos de fala, que até então não eram preocupação dos estudos linguísticos, dominados que eram, como dissemos, por uma visão formalista.

H. P. Grice, ao seu turno, destacando o papel ativo do falante na troca de significados, postulou que o Princípio da Cooperação rege a comunicação verbal. Para o autor, numa situação de interação, os interlocutores geralmente se propõem a cooperar para que tudo transcorra adequadamente. Há, portanto, por assim dizer, uma espécie de acordo implícito em nossas ações comunicativas. Tal acordo faz com que nos esforcemos para entender o que nosso interlocutor propõe quando toma a palavra.

O filósofo elaborou, para comprovar sua teoria, as máximas conversacionais, que atendem, segundo Wilson (2010, p. 90-91), a esta fórmula geral: “[...] faça a sua contribuição na conversação, atendendo ao que é solicitado, no momento exigido, visando a propósitos comuns e imediatos, de forma consequente em relação aos compromissos conversacionais estabelecidos.” Com base nesse princípio, Grice formulou quatro máximas, quais sejam: Máxima da Quantidade (só diga o necessário), Máxima da Qualidade (só diga coisas para as quais tem evidência adequada), Máxima da Relação (só diga o que é relevante) e Máxima do Modo (seja claro e conciso).

Conforme lembra Koch (2013), Grice também previu que essas máximas poderiam ser infringidas intencionalmente na comunicação, cabendo ao falante calcular o porquê da infração para que a comunicação se processe adequadamente. Nesse caso, surge o que ele chama de implicatura conversacional, conceito que exerceu decisiva influência nos estudos pragmáticos, uma vez que, entre outros ganhos, trouxe para as discussões a importância do contexto extralinguístico, fundamental para a construção das significações, colocando, ademais, o falante como participante ativo das interações (WILSON, 2010).

Ademais, nessa mudança de eixo epistemológico, conforme elucida Koch (2013), foi de fundamental importância a Teoria da Enunciação, na qual se destacaram as ideias do Círculo de Bakhtin, cujos princípios nos guiarão na condução deste estudo. As obras desses autores, não obstante só tenham chegado ao Ocidente na década de 1970¹¹, proporcionaram-nos (e ainda proporcionam) reflexões filosófico-linguísticas primordiais para que pudéssemos compreender a linguagem em sua estreita relação com a vida social, com a ideologia que permeia as ações languageiras. As ideias do Círculo constituem hoje fonte de ininterrupta discussão no que concerne aos fenômenos linguísticos situados (ver, entre outros, BRAIT 2014a, 2016a; ROJO; BARBOSA, 2015; ROJO, 2013; RODRIGUES, 2005).

Sumariamente, o Círculo, rompendo com as concepções de linguagem anteriormente esboçadas (ver seção 1.1), concebe a língua como um fato social – como o faz Saussure –, mas argumenta que a sua razão de ser é a interação verbal, pelo que considera a fala, a enunciação¹² objetos fundamentais de estudo. Nesse sentido, assumindo uma postura crítica em relação às correntes linguístico-filosóficas denominadas “subjetivismo idealista” e “objetivismo abstrato¹³”, sustenta-se que a língua se funda nas necessidades interacionais de seus falantes, de modo que a exclusão dos fenômenos relativos ao uso que os utentes fazem da língua em situações concretas de enunciação não nos permite compreender cabalmente o complexo fenômeno da linguagem.

Nos dizeres de Neder (1993, p. 80), nessa abordagem,

A comunicação verbal só pode ser explicada e compreendida nas relações da interação concreta e na situação extralinguística, não só a situação imediata, mas também, através dela, o contexto social mais amplo. A comunicação verbal entrelaça-se, pois, aos outros tipos de comunicação e cresce com eles no terreno comum da situação de produção. Não se isola assim a comunicação verbal de uma comunicação global em perpétua evolução.

¹¹ *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, por exemplo, foi publicado na Rússia em 1929, época em que, no Ocidente, o estruturalismo se destacava nos estudos da língua.

¹² Segundo Flores et al. (2009, p. 99), entendemos por **enunciação** a “materialização da interação verbal de sujeitos históricos”. A partir desse conceito, pondera-se que a língua tem de ser considerada em situações concretas de uso. Os usos linguísticos são realizados por interlocutores concretos, num dado tempo e num dado espaço, tendo em vista um projeto de dizer bem definido. Paulo Bezerra, que traduziu a obra *Estética da Criação Verbal*, esclarece que “enunciação” e “enunciado”, termos muito usados pelo Círculo, vêm do termo russo “viskávivanie”, que significa tanto o ato de enunciar palavras, como o seu resultado como materialidade textual. Nota-se, ainda, que Bakhtin usa as duas formas como intercambiáveis em *Marxismo e Filosofia da Linguagem e Estética da Criação Verbal*. Com base nessas considerações, entendemos que o enunciado (e não a frase isolada) é a unidade de análise na perspectiva do Círculo de Bakhtin. Segundo Bakhtin (2011, p. 265), “[...] a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que realizam); é igualmente através de enunciados concretos que vida entra na língua”. A noção de “enunciado” será retomada neste capítulo.

¹³ Em Bakhtin/Volochínov (2009), encontra-se uma detida exposição acerca dessas duas correntes do pensamento linguístico.

Sem negar a estrutura da língua, afirma-se que ela deve ser estudada, analisada, observada a partir de enunciados concretos (BAKHTIN, 2011), os quais são sempre moldados pelos falantes em função do contexto social, histórico, cultural e ideológico nos quais se inserem. No tocante ao funcionamento real da linguagem, diz Bakhtin/Volochínov (2009, p. 95), “[...] o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala).” É sempre em função da interação verbal, dos usos que se põe em funcionamento o sistema linguístico.

Portanto, a linguagem é indissociável dos falantes e dos atos realizados por eles na comunicação ordinária. Em função disso, conclui-se que

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 127, grifo do autor).

Adotando o dialogismo¹⁴ como um dos eixos teóricos de base, um dos pontos mais inovadores da teoria bakhtiniana diz respeito ao desenvolvimento dos estudos sobre os gêneros do discurso (BAKHTIN, 2011), conceito que desdobraremos nas próximas seções. O pensador russo explica que a noção de gênero não deve se circunscrever à esfera da literatura, como durante muito tempo se fez com base nos postulados aristotélicos. Os gêneros desvelam a relação intrínseca entre a utilização da linguagem e as atividades humanas, firmando uma interconexão da linguagem com a vida social. Isso quer dizer que, ao interagirmos socialmente, o fazemos sempre por intermédio de um gênero. Logo, “A aprendizagem dos modos sociais de fazer leva, concomitantemente, ao aprendizado dos modos sociais de dizer, os gêneros.” (FIORIN, 2006, p. 69).

Desta concisa exposição sobre a chamada guinada pragmática e sobre o Círculo¹⁵, vale destacar que tais apontamentos concorreram enormemente para que pudéssemos pensar a

¹⁴ Em consonância com Bakhtin/Volochínov (2009), a noção de “diálogo” sugere que o falante, ao usar as palavras, já as encontra clivadas, atravessadas por outras vozes, decorrentes de leituras, de conversas, de ideologias, de culturas anteriormente apreendidas. Pode-se dizer, assim, que o dialogismo, esse constante ressoar de vozes sociais, é o modo de funcionamento real da linguagem.

¹⁵ A teoria do Círculo sobre a natureza da linguagem exerceu considerável influência na elaboração desta tese. Não obstante, é imperioso citar, no percurso dos estudos enunciativos, o linguista francês Émile Benveniste (1902-1976), que contribuiu, a título de ilustração, para realçar o papel do sujeito nos estudos da linguagem, empreendendo pesquisas sobre a presença da subjetividade na língua. Flores e Teixeira (2015) fazem um interessante percurso da Linguística da Enunciação, da qual Benveniste é um importante nome, pondo em relevo outros estudiosos que contribuíram para o desenvolvimento dessa corrente do pensamento linguístico como Charles Bally, Roman Jakobson, o próprio Mikhail Bakhtin, Oswald Ducrot e Jacqueline Authier-Revuz.

linguagem para além de um sistema abstrato e homogêneo de formas linguísticas. A ruptura com os modelos formalistas, promovida por correntes que de alguma forma concebem a linguagem como forma ou processo de interação, – e que podem ser reunidas sob o rótulo de “linguística da enunciação” (TRAVAGLIA, 2006), sendo, de algum modo, ligadas à linguística pragmática¹⁶ – evidencia, por conseguinte, a feição social, interacional e dialógica de todo ato linguístico. À vista disso, acolhe-se, nesta tese, o princípio de que a linguagem é, em sua essência, dialógica e interacional. Cumpre, agora, aprofundarmos esse pressuposto.

1.2.3 Princípios dialógicos e interacionais

Pelo prisma interacional e dialógico, pode-se afirmar, genericamente, que a linguagem não se presta apenas à exteriorização do pensamento ou à transmissão de informações a outrem. Mais que isso: trata-se de uma ação finalisticamente orientada que possibilita ao homem interagir com o outro e com o mundo que o cerca (KOCH, 2013). Dito de outro modo, por meio do aparato sógnico, estabelecemos, por meio de relações dialógicas, vínculos vários com nossos interlocutores: agimos e reagimos, influenciemos e somos influenciados, persuadimos e somos persuadidos. Considera-se, pois, o funcionamento da língua(gem) em sua dinamicidade e concretude no seio das relações humanas. Na precisa observação de Marcuschi (2008, p. 23, grifo do autor), assume-se, pois, não haver “[...] *uso significativo da língua fora das inter-relações pessoais e sociais situadas.*”

Nesse sentido, tendo em conta que a verdadeira substância da linguagem é o fenômeno social da interação verbal, conforme ponderou Bakhtin/Volochínov (2009), cumpre aprofundarmos tal pressuposto, trazendo à baila as noções de *signo ideológico, enunciado/texto, gênero discursivo*¹⁷, *tipo textual, suporte e esfera de comunicação/domínio discursivo*. Discorrer sobre esses conceitos faz-se necessário para delimitarmos o enquadramento teórico proposto neste estudo, além de contribuir para melhor compreendermos o nosso conceito de base em sua dinâmica e funcionamento: os gêneros do

¹⁶ Recorrendo a Travaglia (2006) e a Morato (2011), pertencem aos domínios interacionistas, por exemplo: a Sociolinguística, a Pragmática, a Psicolinguística, a Semântica Enunciativa, a Semântica Argumentativa, a Análise da Conversação e a Análise do Discurso. Essas correntes caracterizam-se por se opor a uma linguística exclusivamente voltada para o sistema.

¹⁷ No capítulo segundo, explicamos nossa opção por usar “gêneros do discurso” ou “gêneros discursivos” em vez de “gêneros de texto” ou “gêneros textuais”.

discurso, instrumentos que nos possibilitam entrar em interação uns com os outros em nossas atividades de linguagem.

Procede reiterar que, no correr deste e dos próximos capítulos, consoante o eixo teórico-metodológico de base dialógica e interacional assumido, privilegiaremos as propostas do Círculo de Bakhtin¹⁸, bem como as do Grupo de Genebra (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004), trazendo também, para fins de enriquecimento deste estudo, outros autores que contribuam com a discussão proposta. A articulação dessas escolas, a nosso ver, enriquece a exposição, permitindo-nos abordar, mais plural e amplamente, o gênero nota jornalística em suas dimensões sócio-histórica, ideológica, temática, estrutural, estilística e didática.

Dessa forma, passemos, agora, a alguns conceitos operacionais.

1.2.3.1 Signo ideológico

As trocas sociais simbólicas, que ocorrem via material sócio e que são realizadas por sujeitos sociais¹⁹, não são nem podem ser inertes ou neutras. Pelo contrário, a julgar pela heterogênea vida social, nossas ações languageiras são marcadas pelo nosso modo de ser, de sentir, de perceber, de nos relacionarmos com o outro, enfim, pela visão de mundo que temos dentro da cadeia discursiva de que fazemos parte no complexo caldo da comunicação sociocultural.

Com Bakhtin/Volochínov (2009), aprendemos que o signo não se presta somente à expressão de um significante e de um significado, nos termos de Saussure (1995). Estabelecendo uma relação estreita dos signos com a ideologia²⁰, os estudiosos do Círculo

¹⁸ Como lembra Brait (2014b), Bakhtin e o Círculo não propuseram formalmente uma teoria e/ou análise do discurso. Nada obstante, o conjunto da obra motivou autores a enquadrarem os princípios do Círculo em escopos teóricos que se denominam, por exemplo, “teoria/análise dialógica do discurso” (BRAIT, 2014b) ou “Análise Dialógica do Discurso” (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016).

¹⁹ Para o Círculo, o sujeito se constitui como tal na e pela interação verbal. Como sujeitos sociais, somos sempre atravessados pela palavra de outrem, à qual reagimos responsivamente. Assim se forma nossa consciência num processo contínuo de estabilidade e mudança. Por esse ponto de vista, não há sujeito pronto e acabado. Pelo contrário, o sujeito se completa e se faz na relação com o outro, na relação com as palavras do outro.

²⁰ É muito útil aqui a interpretação de Faraco (2009, p. 47), tanto no que se refere ao signo ideológico, quanto ao enunciado/texto, abordado na seção seguinte: “[...] é importante lembrar que, para o Círculo, a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, expressa sempre um posicionamento social valorativo. Desse modo, qualquer enunciado é, na concepção do Círculo, sempre ideológico. [...] E ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias (i. é., no interior de uma das áreas da atividade intelectual humana) e expressa sempre uma posição avaliativa (i. é., não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica.)”

vão enxergar o signo para além de sua realidade fisiológica ou psicológica isolada das relações humanas. Destarte, ponderam eles, “Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia.*” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 31, grifos do autor). Noutras palavras, a realidade exterior, socioideológica, dinâmica do signo é posta em destaque na abordagem desses pesquisadores. Em vista disso, signos não são, de modo algum, neutros, destituídos de valores.

Por essa perspectivação, tendo em vista a heterogeneidade do signo, os pensadores do Círculo o consideram dialético, vivo, móvel, prenhe de um sentido social e ideológico. Por isto, para Bakhtin/Volochínov (2009, p. 99, grifo do autor), “*A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.*”, tendo importância capital, no processo de interação socioverbal, tanto quem enuncia o signo, quanto quem o recebe e em que condições a interlocução se realiza. O signo, pois, se liga às atividades sociais em suas diversas realizações concretas nas mais variadas esferas da comunicação humana.

Disso decorre que os usos que fazemos dos materiais semióticos – e aqui podemos fazer uma referência não apenas às palavras, senão também aos gestos, sons, imagens, etc. – serão, inevitavelmente, eivados de valores individuais, sociais e históricos que nos acompanham em nossa trajetória pelo mundo. Por esse ponto de vista, “[...] todo signo é usado no discurso a partir de uma dada posição social e histórica de um locutor diante de seu interlocutor.” (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1083). Como que imerso num caldeirão social, evidentemente, em cada ato de linguagem, há de se levar em consideração o outro, suas possíveis respostas, réplicas na situação concreta de interação.

Assumindo, assim, a doutrina da refração (FARACO, 2009), quer dizer, o postulado de que um signo não apenas reflete uma realidade que lhe é exterior, um fragmento material do mundo, mas também refrata essa mesma realidade a partir de um horizonte apreciativo, o Círculo assumirá a plurivocidade sígnica, negando, por corolário, a univocidade do signo. Na medida em que a experiência humana é vária, as interpretações do mundo são igualmente múltiplas.

Em suma, podemos admitir, com Faraco (2009, p. 49), que

[...] os signos são intrinsecamente sociais, isto é, são criados e interpretados no interior dos complexos e variados processos que caracterizam o intercambio social. Os signos emergem e significam no interior das relações sociais, estão entre seres socialmente organizados; não podem assim ser concebidos como resultantes de processos apenas fisiológicos e psicológicos de um indivíduo isolado; ou

determinados apenas por um sistema formal abstrato. Para estudá-los é indispensável situá-los nos processos sociais globais que lhe dão significação.

Tendo em conta os postulados do Círculo, Citelli (2003) assevera que, para uma melhor compreensão do discurso persuasivo/argumentativo, importante para nós nesta tese, é necessário que se reconheça a organização e a natureza ideológica dos signos linguísticos, uma vez que é com eles que articulamos nosso projeto de discurso. Recursos retóricos são, nesse raciocínio, cuidadosamente selecionados e dispostos na construção do texto, desvelando comprometerimentos ideológicos daqueles que os utilizam. Daí ser “[...] fácil deduzir que o modo de conduzir o signo será de vital importância para a compreensão dos modos de se produzir a persuasão.” (CITELLI, 2003, p. 29).

1.2.3.2 Enunciado/texto

Seguindo Bakhtin (2011, p. 274, grifo do autor), consideramos o enunciado como a “[...] *real unidade* da comunicação discursiva.” Com signos ideológicos, construímos enunciados, textos²¹ por meio dos quais entramos em interação uns com os outros. Tal implica afirmar que nossa unidade de trabalho não será a frase ou a palavra isolada das relações humanas, como durante muito tempo se praticou, notadamente, na Linguística de base formalista, objeto explícito da crítica do Círculo. Interessa-nos o enunciado, em sua concretude e unicidade, em sua irrepetibilidade, o texto prenhe de sentidos em eventos de interlocução situados.

Revisitando os ensinamentos do Círculo, Sobral e Giacomelli (2016, p. 1079) esclarecem que, nessa abordagem,

[...] as palavras que usamos não são aquelas que vêm do dicionário, mas sim palavras que aprendemos a usar ao interagir com outras pessoas, de nossos pais a tantas outras pessoas que encontramos na vida. Aprendemos a usar a língua não nas gramáticas ou dicionários, e sim no intercâmbio verbal, no uso da linguagem, ao interagir com outras pessoas via linguagem. Criamos enunciados únicos a partir de outros enunciados e usamos palavras e frases não como vindos de gramáticas ou dicionários, mas a partir de seu uso em enunciados concretos, reais, ditos por alguém em algum momento e lugar a alguém com uma dada intencionalidade, carregados de valor, de valoração.

²¹ Bakhtin (2011) autoriza a usar “texto” e “enunciado” como conceitos intercambiáveis, sobretudo, no seu escrito intitulado *O problema do texto na Linguística, na Filologia e em outras ciências humanas*. Isto posto, valemo-nos dos dois termos como sinônimos.

De início, convém ressaltar a natureza essencialmente dialógica dos enunciados, como é possível entrever na citação acima. Bakhtin (2011, 2015, 2017) postula que estes sempre se constituem a partir de outros (já ditos, previstos) no universo cultural. Nesse sentido, as relações dialógicas (o dialogismo) representam o real funcionamento da linguagem²². Isso posto, uma condição do enunciado é se constituir a partir de outros, prevendo, ainda, as possíveis respostas que se darão a ele na cadeia discursiva. Eis aí, sem dúvida alguma, uma das bases do pensamento bakhtiniano, bem exposta por Rosângela H. Rodrigues (2005, p. 160) nas palavras seguintes:

Os enunciados já ditos e os enunciados pré-figurados (reação-resposta antecipada do outro) “determinam” a construção do enunciado, tomando-o, como já dito, uma unidade multiplanar, sulcado por esses enunciados. Assim, se os enunciados, por seu papel e lugar, representam unidades concretas e únicas da comunicação discursiva, por outro, pela sua natureza dialógica (o dialogismo é constitutivo), não podem deixar de se tocar nessa cadeia, estando vinculados uns aos outros por relações dialógicas, que são relações de sentido.

Dando sequência as nossas considerações, Sobral e Giacomelli (2016) destacam três componentes constantes de qualquer enunciado, os quais atuam sempre de forma integrada e articulada na produção de sentidos.

O primeiro é o componente da **referencialidade**. Quer dizer, assume-se que qualquer enunciado fala de alguma coisa do mundo, seja ela de natureza concreta ou abstrata. Em princípio, qualquer referente pode integrar um enunciado: “amor”, “fé”, “guerra”, “passarinho”, “livro”, “política”, “homossexualidade”, “segurança pública”, bastando, para tal, que o sujeito falante o contemple em seu projeto de discurso. Noutros termos, das coisas do mundo, ou melhor, do seu “*status* simbólico” (AZEREDO, 2008, p. 47), que nos chega mediado pela linguagem, extraímos objetos para nosso discurso²³.

Ao tomarmos esse referente como objeto de nosso dizer, procedemos, em seguida, à textualização, isto é, à construção do enunciado. Nesse processo, desvelamos o que pensamos acerca dele, ou seja, nossa posição avaliativa/valorativa. Isso se liga ao segundo componente

²² Voltaremos ao tema do dialogismo no capítulo 04.

²³ O discurso é definido por Bakhtin (2015, p. 207) como “[...] a língua em sua integridade concreta e viva [...]”. De acordo com Sobral e Giacomelli (2016), o discurso, na concepção do Círculo, envolve uma complexa rede de fatores intra e extralinguísticos como: o texto em sua materialidade, os interlocutores, o contexto (compreendendo o momento, o local, as relações entre os parceiros da interação, as relações sociais e históricas mais amplas), assim como as relações dialógicas. Flores et al. (2009) ponderam ainda que o discurso na visão bakhtiniana é essencialmente histórico, dialógico e ideológico, pois (a) se situa num tempo e num espaço dados; (b) se constitui de outros discursos, respondendo, também, a outros no intercâmbio verbal; e (c) é marcado inevitavelmente por um horizonte apreciativo.

intrínseco do enunciado que é o da **expressividade**. Este elemento constitutivo trata, portanto, da inevitável avaliação/valoração com que impregnamos nossos referentes no discurso. Nossos enunciados vêm, inevitavelmente, eivados de valores socialmente construídos. Quando se afirma, por exemplo, que “políticos são ladrões” ou “a fé move montanhas”, tem-se, por trás disso, um conjunto de crenças e valores socioculturais que sustentam essas declarações. No primeiro caso, expressa-se a descrença abissal do povo na política brasileira. No segundo, manifesta-se a índole religiosa daquele que enuncia.

Para finalizar, há o componente da **endereçabilidade**. Admite-se que tudo quanto falamos ou escrevemos – também pintamos, grafitamos, gesticulamos – destina-se a alguém, endereça-se a outrem. Qualquer ação linguageira, nesse sentido, tem em vista de forma inapelável o horizonte do outro. Por essa razão, explica Bakhtin (2017, p. 38), “[...] todas as palavras (enunciados, produções de discurso e literárias), além das minhas próprias, são palavras do outro. Eu vivo em um mundo de palavras do outro.” Portanto, toda a construção do enunciado considera necessariamente o outro.

Por outro lado, Bakhtin (2011) considera que os enunciados se delimitam por suas fronteiras de uso. Nesse sentido, a **alternância entre sujeitos** e a **conclusibilidade** também constituem fatores que os definem. Aquela delimita formalmente o início e o fim de um enunciado. Assim, afirma Bakhtin (2011, p. 275), “O falante termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva.” A conclusibilidade, por sua vez, é uma espécie de “acabamento”, posto que parcial e provisório, que se abre para a resposta, para atitude responsiva do interlocutor.

Estão implicados nessas considerações três aspectos igualmente importantes para a caracterização do enunciado em sua inteireza: (a) **a exauribilidade do objeto e do sentido**, a saber, supõe-se, na interação verbal, que o locutor tenha dito tudo o que queria dizer ou pelo menos o que podia dizer naquela situação; (b) **o projeto de discurso**, que representa um querer dizer, sempre realizado tendo em conta o interlocutor; e (c) **os gêneros do discurso** em suas possibilidades de composição e acabamento.

Em síntese, podemos dizer que o texto como enunciado, um dito concreto, único e irrepetível, considerado dentro de uma situação de produção discursiva com suas possibilidades e também coerções, terá sempre uma função ideológica, autor e destinatário com suas expectativas e intencionalidades, mantendo, ademais, fatalmente, relações dialógicas com outros enunciados/textos.

1.2.3.3 Gêneros do discurso: rotinas e práticas sociais

Para Bakhtin (2011), os enunciados/textos articulam-se em formas relativamente estáveis de enunciar, que são os gêneros do discurso. Com base em tal princípio, o pensador russo revisita a noção clássica de gênero oriunda dos gregos, de modo a fomentar decisivas discussões para uma abordagem dialógica e interacional da linguagem, quer no horizonte teórico, quer no prático.

Consoante Faraco (2009), a palavra “gênero” provém da base indoeuropeia “gen”, que significa “gerar”, “produzir”. No latim, correlaciona-se com tal base o substantivo “genus”, “generis”, cujo valor semântico remete-nos à noção de “linhagem”, “estirpe”. A utilização do termo gênero para a designação de “tipos” de texto, tal como concebemos hoje nos estudos da linguagem, provém da extensão semântica da noção de estirpe, linhagem para os domínios retórico e literário. A partir desse conceito, passou-se a estudar os textos que apresentam certas características e propriedades comuns.

Os estudos sobre gêneros remontam à Antiguidade Clássica. Platão, em *A República*, já apontava a célebre tripartição da mimese (ou seja, da representação literária da vida) nas modalidades lírica, épica e dramática, já sobejamente conhecidas.

Posteriormente, Aristóteles contribuiu relevantemente para uma sistematização mais acurada dos gêneros. Em sua *Arte Poética*, explorou detidamente as propriedades da tragédia e da epopeia numa tentativa de explicar a produção poética em si mesma. Já na *Arte Retórica*, o pensador grego dedicou-se ao estudo de três gêneros que compunham a oratória e que, portanto, estavam estreitamente vinculados a objetivos persuasivos e argumentativos: o deliberativo, o epidítico e o judiciário. O primeiro seria dirigido a um auditório com o fito de aconselhar ou dissuadir; o segundo teria a função de elogiar e censurar tendo em conta um estado atual de coisas (o presente); por fim, o terceiro prestar-se-ia à acusação ou defesa. Note-se que a taxonomia de Aristóteles é elaborada de acordo com os propósitos comunicativos, uma das prerrogativas dos estudos de gêneros modernamente, muito embora os estudos posteriores aos do pensador grego tenham, durante muito tempo, se concentrado mais na forma do que no uso.

As postulações desses filósofos exerceram considerável influência nos estudos sobre gêneros, pelo que até hoje estão presentes em pesquisas acadêmicas e nos manuais de ensino de modo geral em nosso país.

Nesse sucinto reporte à História, é interessante pontuar, como lembra Faraco (2009), que, na longa tradição de análises a respeito dos gêneros, muito se preocupou com os aspectos formais, ou seja, com a composição linguística em si, de sorte que o processo de produção dos gêneros fosse, de certa forma, posto à margem – ou mesmo esquecido – de um exame mais acurado e abrangente. Por vezes, a rigidez analítica conduziu muitos estudiosos a considerar as propriedades formais inflexíveis, negando-se a dinamicidade e a plasticidade inerentes aos gêneros, conforme exporemos adiante.

Malgrado o conceito de gênero tenha sido circunscrito basicamente à tradição retórica e literária durante muito tempo, a partir das ponderações pioneiras de Bakhtin (2011) e de Bakhtin/Volochínov (2009), que, nessas obras, discutem caminhos para um estudo dialógico e interacional da linguagem, o interesse pelos gêneros ultrapassou a esfera dos estudos literários para adentrar todo o universo da comunicação oral e escrita, da mais prosaica à mais formal.

O ponto de partida dos pensadores russos dá conta de que há uma relação intrínseca entre a utilização da linguagem e as atividades humanas nos múltiplos campos da comunicação socioverbal. Não se pode, portanto, ignorar a realidade linguística como interação social. Na vida cotidiana, a título de ilustração, escrevemos cartas, bilhetes, e-mails, saudamos, conversamos informalmente; na vida profissional, fazemos relatórios, preenchemos fichas; na vida acadêmica, redigimos resenhas, artigos, resumos e assim por diante. Todas essas ações desvelam uma relação indissolúvel entre práticas de linguagem e a realidade social.

Desse modo, as várias esferas da atividade humana implicam o uso da língua na forma de enunciados. Estes são produzidos nas esferas de ação e são determinados pelas condições específicas e pelas finalidades de cada área do pensamento humano (ver seção 1.2.3.6). Portanto, “[...] cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso.” (BAKHTIN, 2011, p. 262, grifo do autor).

Como ressalta Rodrigues (2005), cada esfera da comunicação apresenta uma função socioideológica particular. Suas condições concretas específicas (organização socioeconômica, relações sociais entre os participantes da interação, desenvolvimento tecnológico, etc.) historicamente formula na/para a interação verbal gêneros que lhe são próprios. É assim nos domínios jornalístico, publicitário, acadêmico, entre tantos outros, que dispõem de um “estoque” de gêneros que se renovam e se adaptam às múltiplas finalidades de cada área.

Também alinhado com a perspectiva bakhtiniana, Azeredo (2008) assevera que a vida em comunidade pressupõe, em certa medida, a repetição e a padronização das situações interativas. Pela previsibilidade dos atos verbais, construímos textos que realizam tarefas sociocomunicativas comuns. Noutros termos, diremos que, de certo modo, nossas atividades discursivas obedecem a certas rotinas mais ou menos esperadas por aqueles com quem interagimos. Por isso, produzimos textos segundo modelos social e historicamente construídos, isto é, comunicamo-nos por meio dos gêneros. Nesse sentido, são válidas as palavras de Marcuschi (2011, p. 18), que entende os gêneros como “[...] rotinas sociais de nosso dia a dia.”, em virtude de a comunicação socioverbal só ser possível por meio deles.

Nessa direção, seguindo Rojo e Barbosa (2015, p. 53), “[...] os gêneros discursivos integram as práticas sociais e são por elas gerados e formatados.” Viver a vida implica, pois, estar cercado por gêneros e por textos, cujo domínio se faz necessário para (con)viver em sociedade.

Importa referir as palavras de Faraco (2009, p. 126-127), que sintetizam com propriedade os pressupostos bakhtinianos até aqui aludidos:

[...] o agir humano não se dá independentemente da interação; nem o dizer fora do agir. Numa síntese, podemos afirmar que, nessa teoria, estipula-se que falamos por meio de gêneros no interior de uma determinada esfera da atividade humana. Falar não é, portanto, apenas utilizar um código gramatical no vazio, mas moldar o nosso dizer às formas de um gênero no interior de uma atividade.

Em sua leitura da obra de Bakhtin, Fiorin (2006, p. 69) acentua a relação entre o uso da linguagem e as atividades comunicativas, estabelecida pelo pensador russo, ao afirmar que “A aprendizagem dos modos sociais de fazer leva, concomitantemente, ao aprendizado dos modos sociais de dizer, os gêneros.” Como se nota, os gêneros são dispositivos de comunicação sócio-historicamente situados, que se prestam a determinadas funções sociocomunicativas, de modo a colocar linguagem, ação e interação como conceitos indissociáveis.

Outrossim, Bakhtin vai frisar a importância em se compreender não somente o processo de emergência e estabilidade dos gêneros, senão também as mudanças observáveis no seu evoluir histórico, dada a estreita relação destes com a esfera de atividade de que emergem. Por isso, há um nascer incessante de gêneros, assim como uma mudança frequente naqueles que já se consolidaram, à medida que a sociedade muda e se torna mais complexa. Nas palavras do autor,

A riqueza e a diversidade dos gêneros são infinitas, porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório dos gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e complexifica determinado campo. Cabe salientar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos) [...] (BAKHTIN, 2011, p. 262).

Ao acentuar a estabilidade relativa dos gêneros, o filósofo pondera que eles são entidades dinâmicas, mas que se mantêm estáveis em certa medida. Assim, "O gênero une estabilidade e instabilidade, permanência e mudança. De um lado, reconhecem-se propriedades comuns em conjuntos de textos; de outro essas propriedades alteram-se continuamente." (FIORIN, 2006, p. 69).

Quando dirigimos um breve olhar para as notas jornalísticas, objeto desta tese, corroboramos, de pronto, os postulados de Bakhtin. Observa-se que esse gênero surgiu, ainda sob o rótulo de *gossip column* ("coluna social" ou "coluna de fofocas"), nos Estados Unidos na década de 1920, com o jornalista americano Walter Winchell (SOUZA, 2009). Num primeiro momento, tinha-se como meta informar sobre os acontecimentos da vida pessoal dos membros da alta sociedade, com clara preferência pelas fofocas, boatos, excentricidades que os envolviam. Em razão disso, atribuiu-se-lhe a pecha de "fútil", pelo que se chegou a considerá-las pertencentes a um jornalismo menor.

Com o passar dos anos, as notas se remodelaram em função de mudanças sociais e históricas, de modo que as preocupações dos colunistas não mais se restringissem aos boatos e às fofocas da alta sociedade. Hoje, fala-se de política, de economia, de atualidades com leveza, humor e até sarcasmo, mas com seriedade informativa que as notas modernamente demandam (ver capítulo 03).

Em face da heterogeneidade dos gêneros do discurso, Bakhtin (2011) os dividiu em primários e secundários. Os primeiros, mormente de natureza oral, satisfazem a comunicação cotidiana, espontânea, mantendo-se uma relação direta com o contexto imediato. As piadas, as conversações, os boatos podem nos servir de ilustração. Já os segundos, predominantemente escritos, surgem em esferas de comunicação mais elaboradas. São os gêneros que se usam, por exemplo, na ciência, na política, na filosofia e no jornalismo.

Bakhtin (2011) entende que esses dois tipos de gêneros guardam entre si uma relação de interdependência. Nessa dinâmica, é muito comum os gêneros secundários absorverem os primários, transformando-os. É o que ocorre numa aula, um gênero acadêmico relativamente estável pertencente ao domínio acadêmico, quando o professor, para fins motivacionais, conta uma piada ou relata uma história.

Ainda, o gênero em exame nesta pesquisa talvez possa nos ajudar a compreender essa interdependência entre os gêneros primários e secundários. É bem provável que as notas, em sua origem no colunismo social, tenham absorvido os gêneros primários “boato” e “fofoca”, daí o nome de origem *gossip column*, que significa, em inglês, “coluna de fofocas”. O seu surgimento levou a público, numa esfera de comunicação mais formal, qual seja, a jornalística, as informações que, num primeiro momento, foram oralmente verbalizadas.

Por outro lado, a plasticidade e a maleabilidade dos gêneros têm levado alguns autores a falar de intergenericidade ou de hibridização (KOCH; ELIAS, 2013; MARCUSCHI, 2008). O fenômeno ocorre quando há mescla de formas e funções. Quer dizer, um gênero A assume a forma de um gênero B, sempre motivado por uma função sociocomunicativa. É o que ocorre na música “Os anjos”, da banda de rock brasileira Legião Urbana. De modo criativo e perspicaz, faz-se a hibridização dos gêneros receita culinária e canção popular, com fins críticos. Eis um excerto:

Os anjos

(...) Hoje não dá, hoje não dá
A maldade humana agora não tem nome, hoje não dá

Pegue duas medidas de estupidez
Junte trinta e quatro partes de mentira
Coloque tudo numa forma untada previamente
Com promessas não cumpridas
Adicione a seguir o ódio e a inveja
As dez colheres cheias de burrice
Mexa tudo e misture bem
E não se esqueça antes de levar ao forno
Temperar com essência de espírito de porco
Duas xícaras de indiferença
E um tablete e meio de preguiça (...)

Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/renato-russo/74526/>. Acesso em 22/11/2017.

Tal fato nos leva a uma constatação interessante. Como formas relativamente estáveis, os gêneros nos impõem certos limites no que concerne ao seu uso na atividade comunicativa. No entanto, também nos convidam à criatividade, na medida em que deixam uma margem para atuação do utente no fazer socioverbal.

Como se vê, em se tratando de gêneros, não há, pois, uma fixidez absoluta. Como dispositivos da comunicação humana, representam valores culturalmente constituídos, sujeitos à ação do tempo e do espaço nos quais se originam. O que não se pode perder de vista

é que eles se ligam às multiformes necessidades da vida cotidiana e, por isso, são remodeláveis de acordo com tais necessidades.

Tendo em conta a dinamicidade dos gêneros, podemos estabelecer critérios com o fito de agrupá-los. Para Bakhtin (2011), eles se organizam a partir de três elementos integrantes e indissociáveis, quais sejam: conteúdo temático (assunto), construção composicional (formato) e estilo (escolhas linguísticas). Façamos uma descrição sumária de cada item:

– **Conteúdo temático** diz respeito ao que é ou pode ser dito por meio de um gênero. Trata-se do domínio de assunto inerente ao gênero: as notícias abordam fatos cotidianos ocorridos recentemente; as cartas do leitor, temas polêmicos e atuais; os editoriais, acontecimentos políticos, econômicos e sociais de grande relevância social, etc.

– **Construção composicional** corresponde à estrutura particular em que os gêneros são apresentados, ou seja, a seu formato: as notícias apresentam normalmente três partes: título, *lead* e corpo do texto; as cartas do leitor costumam apresentar corpo do texto, autoria, data de publicação, etc.

– **Estilo** refere-se a palavras ou expressões selecionadas pelo falante e os modos de construir os enunciados. Num manual de instruções, por exemplo, há a presença de verbos no imperativo; num artigo de opinião, frequentemente se usam expressões de modalização: “infelizmente”, “é triste”, “deve incorporar” e assim por diante.

Conforme lembram Rojo e Barbosa (2015), numa perspectiva bakhtiniana, a forma de composição e o estilo se articulam para fazer ressoar o tema do enunciado. O tema é uma espécie de significação tomada em sua integridade, congregadora não só do conteúdo veiculado pelo texto, mas, sobretudo, de sua refração, de sua apreciação de valor face ao que se enuncia. Nessa direção, ainda segundo as autoras, um texto é composto e estilizado para ecoar um tema. A ideologia faz-se presente no tema. Se tomarmos a canção de Renato Russo acima apresentada, veremos que o autor hibridiza os gêneros, altera sua composição canônica, para fazer ressoar sua apreciação negativa sobre as ruinosas ações humanas, muitas vezes mesquinhas, egoístas e destrutivas, consubstanciadas sob a rubrica de “maldade humana”. O texto é, em essência, a manifestação artisticamente contrária a algumas ações do homem que, na visão do eu lírico, são reprováveis.

Para finalizar esta seção, gostaríamos de insistir num ponto. Numa perspectiva interacional e dialógica, não se pode ignorar a dimensão acional dos gêneros. Recorrendo a Schneuwly (2004), afirmamos que os gêneros são (*mega*)*instrumentos* de ação em situações de linguagem. Isso equivale a dizer que, por meio deles, exercemos nosso fazer linguageiro nas mais diversas situações de interação verbal. Nesse sentido, sustentamos que muitos

gêneros servem à persuasão e ao convencimento, em maior ou menor grau. Ou seja, servem a propósitos retóricos bem definidos, instituindo-se como mecanismos de controle social e exercício de poder, no entender de Marcuschi (2008).

Constata-se tal fato com facilidade quando nos debruçamos na análise de alguns gêneros jornalísticos, a exemplo das notas jornalísticas. Consideremos este texto, assinado por Ancelmo Gois²⁴:

Veja o que você fez, Pezão

No semáforo em frente ao Barra Shopping, no Rio, um professor, que não recebe salário do estado desde setembro, tem pedido ajuda financeira com uma plaquinha pendurada no pescoço que diz: “Sou professor e, graças ao estado, não recebo salário há meses. Preciso comprar comida”.

O Globo. 10 de dezembro de 2017, p. 14.

O texto acima, claramente de pendor argumentativo, defende a tese de que o governador do Rio de Janeiro, Luiz Fernando Pezão, é o responsável direto pela situação de penúria de muitos servidores públicos, em especial dos aposentados, os quais, sem receber seu salário, chegam ao extremo de pedir ajuda financeira nas ruas a fim de suprir suas necessidades mais básicas de subsistência.

Tal fica claro quando nos debruçamos em algumas estratégias usadas pelo colunista quando da confecção da nota. Cumpre destacar, por exemplo, o verbo no modo imperativo (“Veja”) e o vocativo (“Pezão”), recursos que, usados no título, abordam Pezão de forma direta e incisiva, imputando-lhe responsabilidade pelo ocorrido. Outro recurso argumentativo é a ilustração usada (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005), a qual dá concretude ao problema, permitindo ao leitor visualizá-lo por meio do relato em que um professor aposentado se vê obrigado a pedir esmola em razão de não ter seu salário pago pelo estado. Observe-se, além disso, a recorrência ao discurso de outrem. Traz-se a voz do professor para reforçar, com a dramaticidade de quem experiencia o problema, a situação de descaso a que é submetida parte dos funcionários do estado do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, o jornalista, tendo em conta seu papel na sociedade, vale-se do gênero em tela para manter o seu leitor informado. Mas ele dispõe da flexibilidade do gênero para imprimir ao seu discurso seu juízo de valor (o tema do enunciado) em relação ao fato. A partir

²⁴ Sempre que possível, inserimos bordas para destacar os textos das colunas analisados de modo a facilitar a leitura. Por razões de diagramação, não foi possível adotar tal medida com todas as notas jornalísticas.

da posição de prestígio ocupada pelo colunista, assume ele a palavra, de modo a exercer seu poder de influência e de persuasão, uma vez que fala para milhares de leitores e tem com eles certo compromisso institucional. Como uma espécie de porta-voz da massa, subleva-se contra o descaso de Pezão para com os servidores públicos.

1.2.3.4 Tipos textuais (ou sequências textuais)

Definimos tipos textuais de acordo com Marcuschi (2005, p. 22):

Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia [sic] de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição descrição, e injunção.

A partir de tal conceito, busca-se refletir sobre algumas categorias que estão na base das composições textuais, tendo em conta a estrutura prototípica dos textos (BRANDÃO, 2001). Dessa maneira, numa perspectiva mais linguística, por assim dizer, consideram-se os componentes linguísticos que estruturam os tipos ou sequências. Por essa perspectiva, diz-se que, a título de ilustração, os textos narrativos possuem uma sequenciação temporal e para sua constituição são importantes os tempos verbais do mundo narrado, as conjunções temporais, os advérbios de tempo. Diferentemente, a descrição opera nomeadamente com substantivos e adjetivos, porquanto o objetivo é caracterização e identificação dos seres, objetos, cenas e processos. Assim é com todos os tipos, os quais possuem certa arquitetura linguística prototípica.

A par desse conceito, importa não perder de vista a relação estreita que há entre gêneros e tipos. Consoante Marcuschi (2008), não se trata de conceitos dicotômicos ou excludentes. Pelo contrário, deve-se entendê-los de forma complementar e integrada, em virtude de os tipos participarem da organização interna do gênero. Nas palavras do autor, gêneros e tipos “Não subsistem isolados nem alheios um ao outro, são formas constitutivas do texto em funcionamento.” (MARCUSCHI, 2008, p. 156).

Por essa razão, compreendemos que todo gênero se estrutura a partir de um ou mais tipos de texto. As fábulas se organizam a partir do modo narrativo; os editoriais estruturam-se com predomínio do modo argumentativo; os manuais são redigidos no modo injuntivo e

assim por diante. Conseqüentemente, cada gênero será organizado e estruturado também a partir de propriedades linguísticas intrínsecas. Destarte, articula-se a função sociocomunicativa dos gêneros à sua estruturação linguística particular manifesta nos tipos ou seqüências textuais.

Não raras vezes, ocorre que um dado texto se estrutura a partir duas ou mais seqüências. Com efeito, essa heterogeneidade tipológica faz parte da constituição de muitos gêneros, mas é de notar que quase sempre teremos uma seqüência predominante quando consideramos a estrutura global do texto. Nos textos encontrados em nosso *corpus*, por exemplo, percebemos haver essa mescla de seqüências. No entanto, aparecem com mais freqüência seqüências narrativas, expositivas e argumentativas. No mais, a presença da argumentatividade em sentido lato é frequente, como pudemos ver anteriormente no texto “Veja o que você fez, Pezão”. Em tais produções, – deixá-lo-emos mais claro nos próximos capítulos – parece haver, em regra, um argumentador que propõe uma tese a ser defendida mediante argumentos, com vistas à adesão do público-alvo.

1.2.3.5 Suporte

O suporte tem sido objeto de estudo de vários autores no que concerne ao tratamento dos gêneros, visto que, como pondera Marcuschi (2003), todo gênero e todo texto se ancoram em um suporte. Posto isto, conceituamo-lo como “[...] *um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente para a fixação do gênero materializado como texto.*” (MARCUSCHI, 2008, p. 174, grifo do autor). Tal noção mostra-se, em muitos casos, imprescindível para identificação do gênero. Mais: situações há em que a mudança do suporte determina o gênero, pelo que se pode afirmar que gêneros e suportes são indissociáveis na prática interativa.

Analogamente, Maingueneau (2008, p. 68) afirma ser o texto inseparável de seu modo de existência material. Atribui o pesquisador francês uma grande importância ao suporte, porque mudanças no modo de suporte e de transporte dos textos ocasionam mudanças, por vezes, substanciais nos gêneros. O *mídiun*, para usar um termo do autor, não deve, pois, ser ignorado, quer nas abordagens teóricas, quer nas didáticas que envolvam os gêneros.

Consideremos, para exemplificá-lo, a seguinte mensagem:

Ju, te busco às seis para irmos ao cinema.

Pedro.

Caso este enunciado esteja escrito numa folha de papel e seja colado na geladeira, tratar-se-á de um bilhete. Se, por outro lado, for enviado virtualmente, pode-se se tratar de um e-mail ou mesmo de um ZAP, como é popularmente conhecida no Brasil a mensagem enviada do aplicativo Whats' App. Parece-nos razoável sopesar, portanto, que o suporte desempenha função precípua na determinação dos gêneros. Por essa razão, Marcuschi (2008) pontua que o suporte não é neutro, de modo que o gênero não fica indiferente a ele.

Para melhor consolidarmos o conceito de que vimos falando, podemos afirmar, seguindo Marcuschi (2003), que o suporte encerra três características: (a) o suporte é real, isto é, possui materialidade, ainda que seja virtual como um *site* da internet; (b) aparece sempre em um formato específico: um livro, uma revista, um *outdoor* e assim por diante; (c) tem como função básica fixar os gêneros e os textos, tornando-os acessíveis nas trocas verbais.

Em face do exposto, importa observar que o suporte influi na formatação, na composição e até nos modos de escritura e de leitura dos gêneros. Um anúncio publicitário é bastante diferente no que concerne ao estilo, bem como à estrutura composicional se tivermos como suporte um *outdoor* ou uma revista semanal. A necessidade de síntese, por exemplo, determina que no *outdoor* o anúncio seja claro, objetivo e preciso, uma vez que o leitor comumente não dispõe de muito tempo para lê-lo. Já na revista, a leitura pode ser feita com mais calma, o que permite uma mensagem mais elaborada, que exija maior trabalho cognitivo do leitor.

Marcuschi (2008) empreende um esforço para subdividir os suportes. Para o autor, eles podem ser convencionais ou incidentais. No primeiro caso, temos suportes elaborados já com intenção explícita de portarem ou fixarem textos. É o caso dos jornais e das revistas, nos quais se encontram múltiplos gêneros discursivos. No segundo caso, temos “lugares” que eventual ou ocasionalmente atuam como portadores de gêneros. É o que ocorre com as mensagens de amor tatuadas em algum lugar do corpo ou com as declarações de amor talhadas nos troncos de árvores.

1.2.3.6 Esfera de comunicação/domínio discursivo

Os gêneros discursivos, como práticas social e historicamente situadas, se articulam, inevitavelmente, às esferas da comunicação humana, que consistem em espaços de interação nos quais o homem atua na produção e circulação de discursos (BAKHTIN, 2011; BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009). Para os pensadores do Círculo, as esferas – como a jornalística, a publicitária, a acadêmica e a familiar – organizam e “formatam” as práticas sociais e as ações humanas, que são mediadas pelas formas relativamente estáveis de enunciar (os gêneros), cuja materialidade se dá nos enunciados/textos.

Compreender os gêneros e os enunciados/textos, na perspectiva do Círculo, implica, por conseguinte, considerar que eles respondem a uma demanda da esfera que os origina. E por trás da demanda da esfera, está uma necessidade humana de interação. Por esse raciocínio, não é só a finalidade da esfera/domínio, mas também o seu “[...] funcionamento, especificidade em seu tempo e lugar históricos que determinam as características do gênero discursivo no que este tem tanto de estável como de flexível [...]” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 68).

De modo análogo, recorrendo a Faraco (2009), postulamos que estudar o dizer faz-nos remeter, inevitavelmente, a uma esfera da atividade humana. De fato, “[...] não falamos no vazio, não produzimos enunciados fora das múltiplas e variadas esferas do agir humano.” (FARACO, 2009, p. 126). Os enunciados que produzimos têm, então, conteúdo temático, estrutura composicional e estilo característicos, correlacionados às condições específicas e às atividades de cada esfera/domínio.

Para ilustrar, quando lançamos um olhar para a esfera jornalística, vemos que esta elabora suas rotinas sociocomunicativas mais ou menos padronizadas a partir de gêneros relativamente bem demarcados, mas nunca estáticos ou inertes, como já frisamos. É desse conjunto de atividades no interior da prática jornalística que surgem as notícias, as notas, os artigos, as reportagens, as cartas do leitor, os editoriais, as charges – e, mais modernamente, os *posts*, os comentários na internet, etc. – que guardam estreita vinculação com a esfera/domínio de que emergem e que tendem a satisfazer as necessidades tanto dos sujeitos falantes, responsáveis pelo projeto de discurso, quanto dos interlocutores, consumidores de informação e de opinião, que são também coautores, ou *lautores*, para usar um termo de Rojo (2013, p. 20), pois exercem uma atividade responsiva de leitura e de escrita a partir dos materiais semióticos com os quais entram em contato.

À vista disso, cumpre dizer que as esferas/domínios não são estáticas nem fragmentárias. Abrem-se, naturalmente, às mudanças sociais, culturais e históricas que ocorrem por força do agir humano. A força e a dinâmica da comunicação digital estão aí para comprová-lo com seus incontáveis gêneros e modos de interagir. Por outro lado, não raro as esferas imbricam-se, hibridizam-se na atividade sociocomunicativa (ROJO; BARBOSA, 2015). Lembremo-nos dos muitos personagens da esfera política ou mesmo da esportiva que abastecem os memes, fazendo a alegria dos usuários na grande rede, ou mesmo da esfera jornalística, que abre espaço para a publicitária, deixando as fronteiras mais fluidas.

Por essa razão, concordamos com Rojo e Barbosa (2015, p. 64) ao afirmarem que

Diferentes modos de vida e circunstâncias ligados às diversas esferas/campos de comunicação, por sua vez relacionadas com os vários tipos de atividade humana e determinadas, em última instância, pela organização econômica da sociedade, gerariam tipos temáticos, composicionais e estilísticos de enunciados/textos relativamente estáveis – os **gêneros** [grifo das autoras].

Conforme se pode notar, as esferas/domínios, como práticas ou rotinas comunicativas legitimadas socialmente, propiciam o surgimento de variados gêneros, os quais atendem a demandas sociocomunicativas bem definidas, pelo que desempenham papel de relevo na compreensão de um gênero específico ou de um conjunto de gêneros.

1.2.3.7 A interação verbal

Todos os conceitos antes expostos existem por uma razão básica, que é viabilização da relação entre pessoas, da interlocução, compreendida, segundo Geraldi (1993, p. 05), como um “[...] espaço de produção de linguagem e de constituição de sujeitos”. Não será excessivo reafirmar, dessa maneira, que a verdadeira substância da linguagem é o fenômeno social da interação verbal, consoante sustentou Bakhtin/Volochínov (2009).

Antunes (2014) explica que a palavra “interação”, em sua própria composicionalidade morfossemântica, aplica-se a toda “ação” “entre” dois ou mais sujeitos na interlocução. É, pois, uma atividade conjunta, recíproca, que pressupõe ser o outro fundamental no processo interacional. Isso implica considerar que, nas trocas verbais, os sujeitos falantes “[...] exercem, entre si, mútuas influências, atuam uns sobre os outros [...]” (ANTUNES, 2014, p. 18), visando a propósitos bem definidos no exercício de linguagem.

Já são bem conhecidas as palavras de Bakhtin/Volochínov (2009, p. 117), que, por sua precisão e pertinência, fazemos questão de replicar:

Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão *a um* em relação *ao outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (grifos do autor).

Tudo isso nos leva a crer que a produção de sentidos não é, de forma alguma, um ato monológico isolado, conforme já o afirmamos. É, antes, um trabalho empreendido pelos falantes que os constroem na interação, tendo em conta uma complexa rede de fatores nela intervenientes – papéis dos gêneros discursivos, suportes, esferas, tempo e lugar históricos, papéis representados pelos interlocutores (pai-filho, esposo-esposa, patrão-funcionário, etc.), imagens recíprocas, relações sociais, objetivos visados na interlocução, entre outros. Destarte, “[...] sentidos e intenções expressos no que dizemos são resultado de determinações contextuais, textuais, lexicais e gramaticais, que atuam para além do que aparece na superfície.” (ANTUNES, 2010, p. 15).

Disso se depreende que nossa atividade de linguagem é, então, situada, contextualizada. Ancorados nos ensinamentos de Koch (2003, p. 24), entende-se que o contexto, como elemento basilar para a produção de sentidos, abarca basicamente três componentes: a situação imediata de interação (o “aqui, agora”), a situação mediata (entorno sociopolítico-cultural) e o entorno sociocognitivo, correspondente aos saberes prévios aos quais se recorre na produção e recepção de textos. Para uma compreensão mais ampla acerca da noção de contexto, procede ainda considerar, no âmbito do contexto mediato, segundo Sobral e Giacomelli (2016), o nível social e histórico mais amplo, a relação entre culturas, os modos de interação ao longo do tempo, que influenciam hoje as formas de comunicar.

Para os autores,

[...] a interação envolve não só a situação imediata como as situações mediatas, o histórico de interações entre os interlocutores e as formas de interagir na sociedade ao longo da história. A interação refere-se, portanto, a todas as situações em que as pessoas se dirigem a outras, mesmo a distância. Quando isso acontece, as pessoas se baseiam em todas as situações de interação que viveram, e elas tentam imaginar as reações dos outros e se antecipar a isso (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1083).

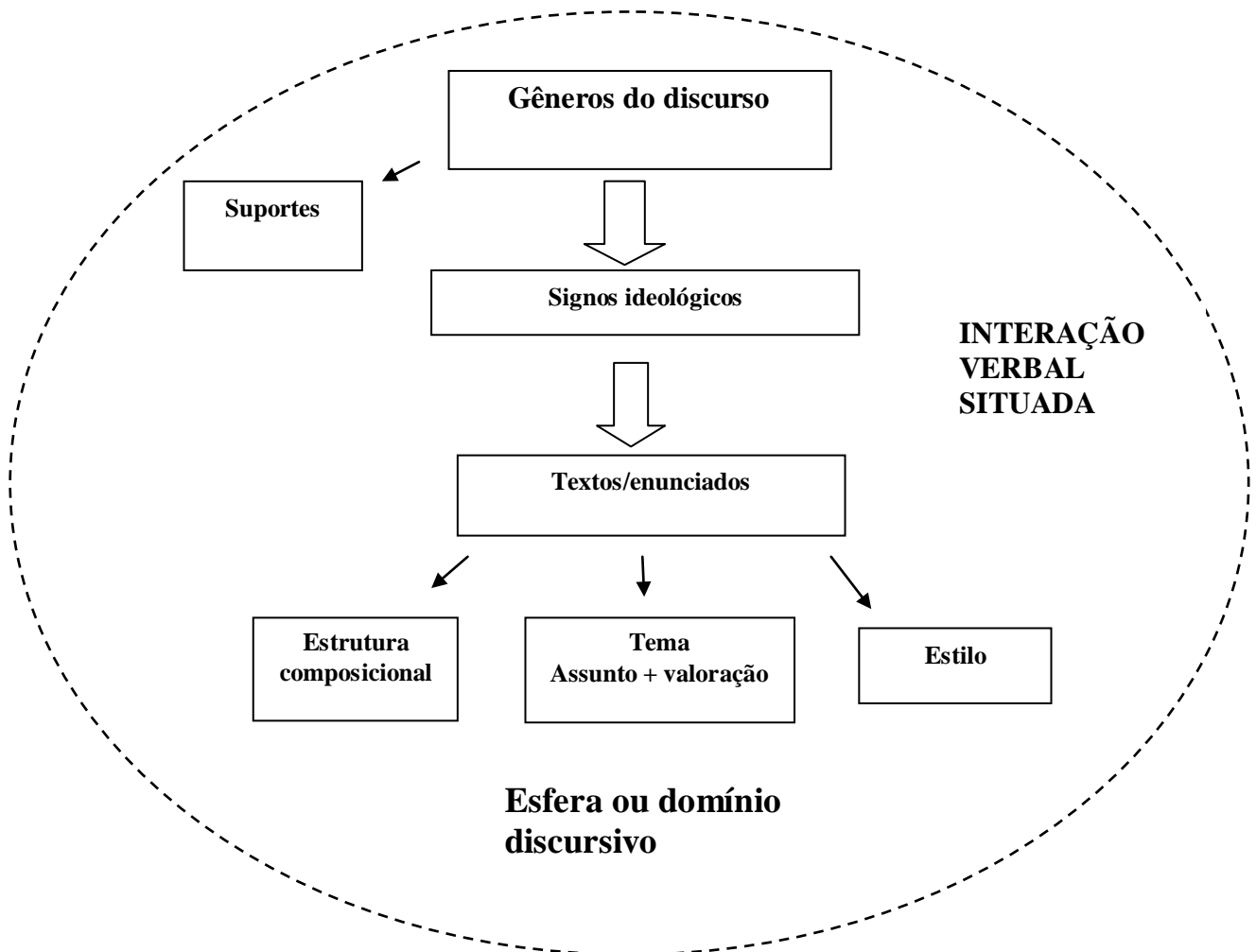
Imaginemos, para ilustrar, o seguinte texto colado na parede de um restaurante: “É proibido fumar”. O leitor, caso seja fumante, centrado nas práticas culturais, históricas e sociais de uso da língua, as quais preveem a hierarquia e autoridade de quem enuncia, o bom-senso e a razoabilidade que devem reger, em tese, as relações humanas, a forte campanha publicitária contra o tabagismo nos dias de hoje, a força da lei nº 12546/2011²⁵, entre outros pontos que definem o entorno mediato, considerará que a mensagem colada naquele na parede daquele estabelecimento comercial (entorno físico, imediato) materializa o gênero discursivo aviso, que encerra, no processo interlocutivo, uma proibição. A isso se acresce o fato de o enunciado estar em um ambiente comercial que o legitima e, atrelado a isso, afixado em um suporte adequado para que cumpra a contento sua função sociocomunicativa.

É bem provável que tudo isso faça parte de seu saber prévio (entorno sociocognitivo), que o levará à conclusão de que tal prática, em lugares fechados, além de incomodar os não fumantes, infringe a lei – em geral, o aviso já vem com a restrição legal explicitada – e desrespeita a autoridade local, por assim dizer, os donos do estabelecimento. Acresce que fazê-lo pode veicular, modernamente, uma imagem negativa de quem é adepto do tabagismo e age desrespeitosamente para com os que não fumam. Tudo isso muito provavelmente fará o fumante pensar duas vezes antes de cometer a imprudência. Como vemos, as determinações contextuais direcionam a interação verbal, o que torna imperioso considerá-las em nossa abordagem.

Tendo em vista os conceitos com os quais trabalhamos até aqui, com inspiração em Rojo e Barbosa (2015), propõe-se este esquema para as categorias analíticas:

²⁵ Lei que proíbe fumar em locais total ou parcialmente fechados. Interessante notar que em outro tempo e lugar históricos, nos anos 1970, por exemplo, era prática corrente fumar em locais públicos e fechados. Nessa época, a advertência não teria muito sentido, a não ser por motivações humorísticas.

Figura 01- Esquema das categorias analíticas.



Fonte: O autor, 2018.

Considerando o esquema acima, já estamos em condições de estabelecer, sintética e objetivamente, alguns princípios gerais que nos orientarão na confecção deste estudo. São eles:

- (a) A linguagem, como atividade social, cognitiva, dialógica e interativa, tem por função primacial possibilitar o estabelecimento de inter-relações pessoais e sociais situadas. Dito de outra forma, é a interação social sua principal razão de ser, conforme assevera Azeredo (2008).
- (b) Na interação, dentro de dada esfera de atividade humana, comunicamo-nos por meio dos gêneros do discurso, que têm propriedades composicionais, temáticas e estilísticas “moldadas”, por assim dizer, pelas especificidades de cada esfera.
- (c) Tendo em conta que os gêneros organizam nosso dizer, conforme vimos postulando, mobilizamos signos ideológicos com os quais formamos

enunciados/textos, que materializam os gêneros, dão a eles concretude, de sorte a permitir que realizemos nossos projetos de discurso.

- (d) Os enunciados/textos e os gêneros são afixados em suportes, que lhes permitem a circulação e a divulgação.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Descrição interpretativa do gênero

Há hoje diversificadas correntes teóricas que buscam dar conta da categoria de gênero nos estudos de linguagem (ver MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005)²⁶. Muito embora reconheçamos, juntamente com esses autores, que as abordagens travem mais um diálogo produtivo do que propriamente fixem oposições claras entre si, algumas opções metodológicas precisam ser aclaradas neste trabalho.

No mosaico das teorias sobre gêneros discursivos²⁷, optamos por seguir de perto o método sociológico (socioideológico/dialógico) proposto pelo Círculo de Bakhtin, em cujos preceitos nos baseamos largamente na confecção do primeiro capítulo. Por esse ângulo de observação, vale lembrar, sustentamos haver uma indissociabilidade entre formas relativamente estáveis de dizer e práticas sociais situadas ocorrentes nas mais diversas esferas da comunicação humana. Na observação de Faraco (2000 apud ROJO; BARBOSA, 2015, p. 45), a teoria bakhtiniana

[...] não pensa os gêneros em si, isto é, como conjuntos de objetos que partilham determinadas propriedades formais. Os gêneros não são focados apenas pelo viés estático do produto (das formas), mas principalmente pelo viés dinâmico da produção. Isso significa dizer que a teoria bakhtiniana assevera axiomáticamente uma correlação entre os tipos de enunciados (os gêneros) e suas funções na interação social; entre os tipos e o que fazemos com eles no interior de uma determinada atividade social.

Ancorada nos ensinamentos do Círculo, Rodrigues (2004) propõe uma metodologia que contemple duas grandes faces dos gêneros discursivos, quais sejam: sua dimensão social e sua dimensão verbal.

²⁶ Esses autores, com fins didáticos, dividem as perspectivas teóricas em três grandes correntes, a saber: sociossemióticas, sociorretóricas e sociodiscursivas. Para os estudiosos, o pensamento do Círculo se situa na terceira vertente.

²⁷ Rojo (2005) propõe uma diferenciação terminológica para “gêneros de texto” ou “gêneros textuais” e “gêneros discursivos” ou “gêneros do discurso”, argumentando que a teoria dos gêneros do discurso dirige suas preocupações mais para o estudo das situações de produção dos enunciados ou textos e para seus aspectos sócio-históricos, ao passo que a teoria dos gêneros de texto centraliza-se na materialidade textual. Nota-se, porém, uma tendência em se usar “gênero textual” e “gênero discursivo” como termos intercambiáveis, tal qual Marcuschi (2008). Nesta tese, usamos o termo “gênero discursivo” ou “gênero do discurso” em consonância com as observações da autora.

A primeira estuda-os em sua estreita vinculação com as esferas nas quais estão imersos, destacando o papel destas no conjunto da vida social. Ademais, lança luz sobre a dimensão interativa dos gêneros: a relação entre os interlocutores, as mútuas influências entre eles, a concepção de autor, a finalidade ideológico-discursiva, dentre outros aspectos. A segunda, estreitamente atrelada à primeira, verifica as regularidades estilístico-composicionais dos gêneros, isto é, aquilo que linguística e semioticamente é usado, com frequência, para a concretização das relações dialógicas nas práticas correntes de interação verbal. Nesse sentido, buscam-se marcas que, do ponto de vista do enunciado, fazem ressoar o tema deste, a apreciação valorativa do falante em relação ao que diz/escreve.

A adoção desse procedimento permitiu-nos consagrar o capítulo 03 aos aspectos históricos, sociais e ideológicos do gênero, de sorte a concebê-lo como uma categoria plástica e maleável, que se move segundo o evoluir da própria sociedade e das necessidades interacionais. Possibilitou-nos, em acréscimo, tecer sucintas considerações sobre a esfera jornalística as quais, a nosso ver, concorrem para uma compreensão mais orgânica e global do gênero, dada a íntima relação entre gêneros e esferas, conforme já assinalamos. Por fim, foi possível verificar como os elementos integrantes e indissociáveis do gênero (conteúdo temático, estrutura composicional e estilo) se articulam na formação de enunciados que possibilitam a concretização de projetos de dizer dos colunistas e de projetos de leitura, por parte do público leitor. Para tal, compete dizer que, nesta parte do trabalho, estabelecemos um diálogo com a grande área da Comunicação Social, que nos ajudou a entender o gênero em sua dinâmica e funcionalidade.

Além disso, tal metodologia abriu caminhos para que pudéssemos estudar as relações dialógicas presentes no interior dos enunciados do gênero tendo em conta suas regularidades estilístico-composicionais. Neste ponto, buscou-se demonstrar, no capítulo 04, o potencial argumentativo das notas jornalísticas. Noutros termos, buscou-se compreender como elas se estruturam para persuadir e convencer. Se assentirmos que a linguagem em uso, como fenômeno dialógico, é essencialmente argumentativa (CAVALCANTI, 2015; FIORIN, 2015; KOCH, 2000), poderemos dizer que, por meio de nossos enunciados, no estabelecer das relações dialógicas, buscaremos sempre atuar sobre o outro, provocar determinadas reações, fazer crer. Nesse sentido, almejamos verificar quais marcas linguísticas (e imagéticas) concorrem, recorrentemente, para que se realize a vontade discursiva do falante nas notas, nos termos de Bakhtin (2011).

Assim sendo, nas palavras de Rojo (2005, p. 199),

[...] aqueles que adotam a perspectiva dos *gêneros do discurso* partirão sempre de uma análise em detalhe dos aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a *vontade enunciativa* do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua *apreciação valorativa* sobre seu(s) interlocutor(es) e tema(s) discursivos – e, a partir desta análise, buscarão as marcas linguísticas (formas do texto/ enunciado e da língua – composição e estilo) que refletem, no enunciado/texto, esses aspectos da situação [grifos da autora].

Daí a proveitosa relação que estabelecemos entre a teoria do Círculo e os estudiosos da Retórica e da argumentação, a exemplo de Fiorin (2015), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Reboul (1998). Dessa maneira, entender como se dá a estruturação argumentativa das notas jornalísticas contribui para que as compreendamos do ponto de vista de seu funcionamento no discurso. Nessa direção, privilegiamos mecanismos caros à argumentatividade, entre os quais: modalização, palavras e expressões avaliativas, implícitos, seleção lexical, ironia, comparação e discurso relatado.

Importa dizer, porém, que, para os objetivos deste trabalho, não nos limitaremos a recursos estritamente linguísticos por entendermos que há outros expedientes semiológicos que concorrem para a persuasão e para o convencimento no gênero em exame, a exemplo das imagens usadas na confecção dos textos, tratadas em seção à parte. Ainda: a riqueza estilístico-composicional das notas mereceria, por si só, uma tese de doutorado. Fazê-lo de forma aprofundada foge aos escopos deste trabalho, o qual congrega não só aspectos de teoria, senão também de aplicação em sala de aula. Em razão disso, optou-se por uma breve descrição dos recursos, seguida de uma ilustração com sucintas possibilidades análises de texto. Portanto, o que se encontrará no quarto capítulo são análises ilustrativas, sem qualquer compromisso com a exaustividade. Neste ponto, concordando com Sobral (2009, p. 19), frisamos a palavra *possibilidade* por entendermos que “[...] nenhuma análise (ou modelo de análise) esgota seu objeto e que um mesmo objeto pode ser analisado, mesmo a partir dos mesmos instrumentos, de mais de uma maneira.” Tal ideia se torna ainda mais apropriada se pensarmos na complexidade e vastidão das ideias instauradas pelo Círculo, fontes de discussões tanto profícuas quanto variadas.

Os dados provieram da observação, leitura e análise sistemáticas de um *corpus* formado pela coluna de notas de Ancelmo Gois (jornal *O Globo*). Adotaram-se estes critérios para a escolha desse material: (a) representatividade jornalística, pois este periódico, já consolidado em território nacional, chega a um número considerável de leitores; (b) poder de influência dessa máquina sobre o público-leitor, já que goza de certa credibilidade, influenciando na construção da opinião pública; e (c) periodicidade diária, o que nos favoreceu na coleta dos dados.

A recolha dos dados se deu durante últimos seis meses de 2017, compreendendo, pois, o período entre 1º de julho e 31 de dezembro daquele ano. Privilegiamos as notas publicadas no segundo semestre para que não perdêssemos o “frescor” das discussões da agenda nacional e local. Uma vez que, para as notas jornalísticas, a questão temporal é importante, buscamos, tanto quanto possível, respeitar essa peculiaridade. Não obstante, dado que somos leitores habituais das colunas, não nos privaremos de ilustrar as análises com textos que eventualmente não estejam dentro desse recorte temporal, contanto que estes sejam relevantes para a explanação proposta.

Considerando, então, o *corpus* da pesquisa, sua composição se deu a com 183 colunas de Ancelmo Gois totalizando, aproximadamente, 2745 notas.

Isto posto, passemos a outro esclarecimento necessário. No interior na esfera jornalística, uma coluna pode ser entendida, conforme lição de Rabaça e Barbosa (1995, p. 143), como uma “Seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade e geralmente assinada, redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum.” Com base nessa definição, ressaltam-se as características da periodicidade regular (semanal, diária, etc.), da autoria e do estilo. Depreende-se, pois, se tratar de um espaço regular para a relativa experimentação jornalística e para a criatividade dos chamados *colunistas*, isto é, jornalistas (ou não) que se dedicam a uma coluna regularmente.

Relativamente à editoração, a coluna caracteriza-se, em geral, pelas divisões verticais de uma página (de um jornal, de uma revista, por exemplo), separadas por um canal (espaço branco) ou por um filete. O tamanho é bastante diverso. Há colunas cuja formatação ocupa aproximadamente meia página, como a de Ancelmo Gois de *O Globo* ou até duas páginas, tal qual *Radar*, de *Veja*, assinada por Maurício Lima. Encontram-se, ainda, colunas que preenchem um quarto de página como a de Merval Pereira, veiculada pelo jornal *O Globo*.

A composição das colunas é bastante variada. Integram-nas sueltos, notas, artigos, textos-legenda, fotos, comentários, etc. À vista disso, costuma-se separá-las pela natureza da informação, pela temática ou mesmo pela função sociocomunicativa. A depender do critério usado, podemos ter, por exemplo, as colunas de opinião, de notas, de aconselhamento, colunas sociais, colunas esportivas, econômicas ou políticas.

Neste estudo, para fins de delimitação, ocupar-nos-emos daquilo que alguns teóricos do jornalismo têm modernamente denominado *coluna de notas* (SOUZA, 2009; EMERICH, 2002) ou *coluna jornalística de notas* (COUTINHO, 2002), que tem sua gênese nas antigas colunas sociais (ver capítulo seguinte). Ressalve-se, no entanto, que, por concebermos a coluna como um “[...] espaço do jornal onde circulam vários gêneros.” (BONINI, 2003, p.

226), preferimos falar, nesta tese, da *nota jornalística* como gênero, em vez de *coluna social* ou *coluna de notas*, a não ser, naturalmente, que estejamos tratando das colunas como “espaços” jornalísticos ou abordando-as em sua evolução histórica ou em outra perspectiva teórica.

É preciso esclarecer que se trata de uma opção metodológica. Com efeito, como lembram Melo (1994) e Rabaça e Barbosa (1995), a caracterização do colunismo como gênero dá margem a ambiguidades no jornalismo brasileiro. Por vezes, é concebido como “espaço” para publicação de outros gêneros como resenhas, artigos de opinião, crônicas. Repare que, nesses casos, não se fala *coluna de crônicas*, *coluna de resenhas*, mas tão somente *crônica* ou *resenha* como gêneros já estáveis. De outro lado, há quem considere as colunas como possuidoras de certa estabilidade estrutural, temática e estilística, desde que acompanhadas por um especificador (*coluna social*, *coluna esportiva*, etc.), o que nos forneceria indícios de se tratar de um gênero na perspectiva de Bakhtin (AVVAD, 2007).

A questão é complexa. Mas não nos dedicaremos a estudá-la a fundo aqui. Para fins de reflexão, pensemos numa coluna como a de Gois. Ela parece funcionar como um mosaico absorvendo gêneros como o comentário, por exemplo. Ademais, possui a coluna um espaço denominado Zona Franca, em que se publicam micronotas com estrutura composicional e estilo diversos das notas convencionais veiculadas pela coluna. Nesse sentido, seria a coluna em tela uma espécie de “microsuporte” inserto num suporte maior como o jornal? Ou um autêntico gênero formado por variados gêneros intercalados?

Feitas essas ponderações, numa caracterização geral, diremos que as notas jornalísticas, como as concebemos, são destinadas à veiculação de pequenas comunicações ou exposições escritas, por vezes apoiadas pela linguagem visual, que mesclam informação e opinião (MELO, 1994), tendo como peculiaridades a indicação de autoria, a liberdade de estilo, a agilidade, a brevidade, a concisão, o senso de humor, a criticidade, a subjetividade e a abrangência. Elas possuem temática variada, sendo publicadas regularmente por um colunista em espaço mais ou menos fixo (numa coluna) constante de um dado suporte midiático.

2.2 Abordagem didática do gênero

No quadro das proposições que procuram agregar arcabouços teóricos e práticas docentes, compete pôr em relevo o Grupo de Genebra (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004), que

tem estabelecido um profícuo diálogo com a teoria bakhtiniana, com vistas a elaborar estratégias didáticas que concorram para o desenvolvimento da competência comunicativa dos discentes. Para tanto, esses estudiosos têm insistido em um ensino de línguas que tenha como unidades basilares os gêneros e os textos, numa perspectiva que conceba a linguagem como forma de (inter)ação social.

Sendo assim, para a elaboração de uma proposta didática que contemple o gênero pesquisado, optamos por seguir as orientações desses pesquisadores, cujo método de ensino, centrado em *sequências didáticas* e em *módulos*, nos permite, com foco na processualidade, conduzir um trabalho sistemático e aprofundado com o gênero, de modo a sanear as dificuldades/lacunas de aprendizagem atinentes a ele.

Nesse sentido, de posse dos dados coletados, à luz das lições de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), buscou-se propor uma sequência didática que foi aplicada a alunos do ensino médio, no intuito de proporcionar-lhes uma melhor compreensão das notas jornalísticas em seus aspectos construcionais, temáticos, estilísticos e sociocomunicativos. Acredita-se que esse procedimento metodológico, que é centralizado em práticas efetivas de leitura e de escrita dos gêneros, possa contribuir, efetivamente, para a ampliação das habilidades leitoras e escritoras dos educandos, visto que prevê ações em etapas que:

(a) sugerem a apresentação de uma situação que motive a produção inicial de um texto pertencente a um gênero oral ou escrito a partir de esclarecimentos, leituras e explicitações de propósitos frente à atividade a ser desenvolvida;

(b) geram um material inicial que permite o diagnóstico da compreensão e habilidade que o aluno já detém do gênero a ser trabalhado. Com isso, verificam-se também problemas relativos ao conhecimento do gênero analisado como instrumento sociocomunicativo, essencial à interação verbal;

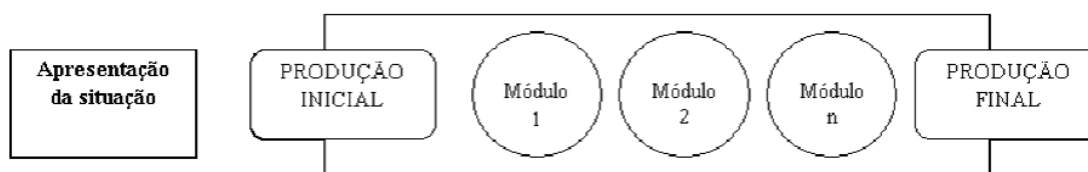
(c) propõem módulos para sanear as dificuldades relativas à leitura e escrita do gênero em tela;

(d) preparam adequadamente o aluno para a produção final do texto, permitindo-lhe refletir sobre sua própria prática e visualizar avanços quanto aos processos de leitura e produção de textos;

(e) proporcionam o aprendizado sistemático de um gênero do discurso por vez, em torno do qual giram todas as atividades. No caso das notas, tal centralização concorre para o desenvolvimento da capacidade discente de leitura e de escrita do gênero em tela, contemplando, por exemplo, competências importantes para a construção da argumentação, a exemplo da ironia, modalização, utilização do discurso de outrem, entre outras.

Tais propostas podem ser visualizadas no esquema abaixo, que será retomado no capítulo seis com algumas adaptações. Mudanças pontuais se fizeram necessárias haja vista o pouco contato dos alunos com o gênero, constatado nas reuniões do projeto, bem como no preenchimento conjunto de um formulário inicial de pesquisa que lhes foi aplicado (ver anexo D):

Figura 02 - Esquema de sequência didática



Fonte: DOLZ; NOVERRÀZ; SCHNEUWLY (2004, p. 83).

Os integrantes da pesquisa são alunos do ensino médio técnico do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet-RJ/*campus* Valença). Estão envolvidos dez educandos. Eles integram um projeto de extensão intitulado *Cefet em Folha*, que coordenamos na instituição. Em termos gerais, o aludido projeto propõe a criação de um jornal *on-line* discente, intitulado *Deu na Telha*, que atue, mormente, na promoção de informação, educação, cultura e cidadania, agregando as atividades de ensino, extensão e pesquisa no Cefet-RJ (*campus* Valença). Cabe dizer que os alunos participam voluntariamente do jornal, não estando vinculados diretamente às disciplinas obrigatórias presentes no currículo escolar. Portanto, não há avaliações formais, atribuição de conceitos ou qualquer implicação no resultado de desempenho acadêmico dos discentes.

Nossa proposta prevê a inserção do gênero nota jornalística no periódico discente, considerando-se a apresentação e a aplicação de módulos que compõem uma sequência didática elaborada para os integrantes do projeto. A hipótese que nos norteia é a de que, com uma metodologia alicerçada nas sequências, os educandos possivelmente dominarão com mais facilidade as habilidades de leitura e de escrita necessárias ao domínio do gênero, tornando-se mais autorreflexivos, conscientes e competentes não apenas no que concerne à leitura e à produção das notas, mas também de outros gêneros constantes do jornal.

Os módulos foram confeccionados em PDF, *Word* e *Powerpoint*, deixando aos alunos a escolha do formato que melhor atendesse a seus propósitos e gostos pessoais. Neles, constaram exposições detalhadas, mas sucintas, acerca dos tópicos que gostaríamos de enfocar, tendo em vista os objetivos, bem como os materiais didáticos escolhidos.

Disponibilizamo-los aos discentes com dez dias de antecedência. Optamos por esse prazo estendido em razão das especificidades do Cefet-RJ *campus* Valença. Em consulta aos alunos, chegamos à conclusão de que o prazo adequado seria esse, a considerar o alto volume de atividades que eles têm na instituição. O tempo, assim, possibilitar-lhes-ia uma leitura mais atenta do material. Intuímos que o desempenho dos alunos seria melhor se tivessem acesso ao conteúdo dos *slides* antecipadamente. Acresce que tal procedimento, supusemos, poderia favorecer o desenvolvimento da autonomia dos educandos em relação aos módulos, possibilitando maior participação e engajamento nas discussões que posteriormente faríamos.

Algumas estratégias foram adotadas na aplicação todos os módulos, a saber: (a) o envio prévio do material; (b) o tempo de dez dias para a leitura/análise; (c) a divisão do conteúdo em duas oficinas; e (d) a aplicação das oficinas em dias diversos, adequando-se à agenda dos alunos, já que, como a Extensão, no Cefet-RJ (*campus* Valença), funciona no contraturno, a reunião de todos os discentes à tarde nem sempre foi possível. Com relação às oficinas, adotamos, sobretudo nos módulos I e II, a leitura colaborativa, o debate sobre questões pertinentes ao gênero, a aplicação de exercícios concomitantes à oficina, assim como a sugestão de atividades a serem realizadas em casa. Com relação ao módulo III, que se centrou na produção das notas, optou-se pela redação de uma informação de base no modo narrativo, a partir da qual se acresceram comentários por meio dos quais exploramos recursos argumentativos bastante usados nas colunas (ver capítulo 06).

Os módulos, todos eles de nossa autoria, são assim descritos sucintamente²⁸:

1. Módulo I – A leitura de jornais e revistas: conhecendo a esfera jornalística²⁹.

Com o primeiro módulo, almejou-se trazer aos alunos informações acerca da esfera jornalística, de onde emergem e onde circulam os textos com os quais eles tiveram de lidar no projeto de extensão. Seguindo Faria (1996, 1997), propiciou-se, então, o contato direto com diferentes fontes jornalísticas impressas a fim de que dotássemos os alunos de saberes importantes para sua prática como “jornalista” no periódico *Deu na Telha*.

2. Módulo II – As notas jornalísticas: leitura e análise de textos. Objetivamos, neste módulo, trazer aos alunos do projeto conhecimentos acerca do gênero, tendo em conta suas especificidades temáticas, estruturais, estilísticas e sociocomunicativas. Trabalhamos para que eles pudessem perceber que, como gênero do discurso, as notas são práticas de linguagem situadas que obedecem a rotinas mais ou menos estáveis de interação,

²⁸ Abordaremos a proposta com mais vagar no capítulo 06.

²⁹ Neste e nos demais módulos, sempre que possível, buscamos diversificar o *corpus* usado, acrescentando textos de outros veículos de informação, a exemplo da revista *Veja*.

estabelecendo-se, com isso, uma relação intrínseca entre usos da linguagem e práticas sociais. Tencionou-se também conduzir os discentes a uma leitura/análise proficiente das notas, notadamente no que respeita a recursos argumentativos usados na sustentação de uma tese.

3. Módulo III – As notas jornalísticas: estratégias de escrita. O objetivo do módulo foi proporcionar saberes aos discentes para que eles os usassem na confecção das notas. Nesse sentido, insistiu-se no manejo de instrumentação linguístico-discursiva e de técnicas argumentativas pontuais apropriadas ao projeto de dizer dos aprendizes colunistas. Tal os ajudaria posteriormente na redação final dos textos.

Procede elucidar que, no sexto capítulo, há o detalhamento dos módulos, com proposições de atividades aplicadas nas oficinas. Para fins de esclarecimento, optamos por comentar e resolver tais questões. Assim, o capítulo funciona, adicionalmente, como um registro das potencialidades do gênero como objeto de exploração didática, servindo de consulta e sugestão aos docentes que desejarem trabalhar com as notas em classe.

Nessa mesma parte deste estudo, optamos por relatar algumas de nossas experiências concernentes à aplicabilidade do gênero aos nossos alunos no projeto de Extensão. Para tal, seguimos o paradigma interpretativista, que busca “[...] entender e interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto.” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34). Acreditamos que essa experiência, que envolveu os sujeitos em interação mobilizados em atividades de leitura e de escrita, pode nos conduzir, ainda que incipientemente, a uma melhor compreensão de nossas ações como docentes e, por corolário, a um entendimento mais refinado do processo de ensino-aprendizagem do gênero discursivo usado nesta pesquisa.

Importa observar que a organização sequencial de conteúdos aplicados em módulos formadores da sequência didática teve como produto final uma coluna de notas escrita por nossos alunos. A experiência com a escritura do gênero permitiu-nos apresentar, sucintamente, alguns dos procedimentos argumentativos usados por eles na feitura dos textos.

Para concluir este capítulo, esperamos que nossas proposições deem a dimensão da exploração didática que se pode fazer das notas em sala de aula, de modo a contribuir com as estratégias de ensino de língua materna.

3 O GÊNERO *NOTA JORNALÍSTICA*: ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS E ELEMENTOS CONSTITUTIVOS

No capítulo primeiro, insistimos na premissa de que os gêneros discursivos integram nossas práticas sociais situadas, razão pela qual se pode afirmar que nosso agir com a linguagem está a eles indissolúvelmente ligado. Em verdade, não há interação sem gênero. De modo a dar sequência a essa discussão, este capítulo, calcado, notadamente, nos ensinamentos do Círculo, trata do gênero nota jornalística em seus aspectos históricos e sociocomunicativos, objetivando demonstrar sua evolução no tempo, assim como o seu funcionamento na vida social. Além disso, discorreremos acerca dos elementos estruturantes das notas, isto é, do seu conteúdo temático, estrutura composicional e estilo, elementos integrantes e indissociáveis dos gêneros do discurso na visão bakhtiniana.

3.1 Dados históricos, estabilidade e mudança do gênero no tempo

É preciso regressar no tempo para melhor compreendermos o surgimento, a emergência e a metamorfose inerentes ao objeto de pesquisa desta tese. Estamos, pois, nos anos de 1950. É o início dos célebres “anos dourados”, período que trouxe notável otimismo ao povo brasileiro, em razão do espírito desenvolvimentista que se espraiava no país com o governo de Juscelino Kubitschek (FERREIRA; MESQUITA, 2001). Tal década ficaria marcada na História do Brasil em razão de muitos acontecimentos de relevo, quer trágicos, quer alvissareiros, mas que, sem dúvida alguma, exerceriam grande influência em diversos campos da sociedade, do comportamento à política.

Na área esportiva, ao passo que o país chorou com a derrota da seleção brasileira para a uruguaia na Copa do Mundo de 1950, sorrimos ao ver o capitão Bellini erguendo a taça em 1958. Na esfera política, assistimos ao inesperado suicídio de Getúlio Vargas em 1954, então presidente do Brasil pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Por outro lado, é nesse período que se dá o início da construção de Brasília, um projeto audacioso de Juscelino Kubitschek. Na vida social, os famosos bailes de debutantes e os desfiles de misses traziam um mundo de *glamour* e de requinte. Nas comunicações, a primeira emissora de televisão do Brasil, a TV

Tupi, é inaugurada em São Paulo, alterando fortemente o comportamento dos brasileiros no tocante às comunicações de massa. Por sua vez, impulsionado pela publicidade, o rádio também se desenvolve consideravelmente na época. Concernentemente à imprensa escrita, não é diferente com os jornais, os quais ampliam suas tiragens e passam a chegar às casas de mais brasileiros.

Decerto, muitos desses fatos, de inegável importância sócio-histórica e política, tiveram uma abordagem jornalística original a partir da argúcia, irreverência e humor de um jovem jornalista, que viria a criar um estilo muito característico em seus escritos, influenciando fortemente seus contemporâneos. Seu nome é Ibrahim Sued, o Turco, como era conhecido pelos mais próximos. Filho de imigrantes árabes, Sued nasceu em Botafogo, em 1924. De família muito pobre, não pôde contar com boa formação educacional. No entanto, conseguiu terminar o antigo curso ginásial em uma escola pública pouco conceituada. Em seguida, trabalhou no comércio, emprego que deixaria em razão de seus constantes atrasos.

Mas, a despeito dos percalços, o jovem Sued se encontraria definitivamente no jornalismo, área profissional em que cravaria seu nome na História. Em que pese ter começado como fotógrafo, cargo que exerceu também com brilhantismo, foi como colunista social que concorreu para a fixação de um gênero até então visto como frívolo, supérfluo, descartável: a coluna social, exercendo notável influência em nomes consagrados do jornalismo brasileiro como Zózimo Barroso, Ancelmo Gois e Ricardo Boechat.

Sua primeira coluna diária, intitulada Zum-Zum, começa a circular em 1951 no jornal *A Vanguarda*. Numa época em que não havia muitos colunistas sociais – e os que desempenhavam a função, não raro, cuidavam de noticiar as fofocas e as festas da alta sociedade sem muita argúcia ou senso crítico (DORNELLES, 2015) –, Ibrahim oxigena em muito o colunismo social inserindo em suas páginas notas sobre política, economia, moda, comportamento, cultura em geral. Como reforçou Elio Gaspari, no prefácio do livro de Isabel Sued (2001, p. 09), o Turco “[...] adicionou à crônica da boa vida do andar de cima a agenda dos negócios e das tramas políticas que nele se desenrolam.”

Dono de um estilo franco e agressivo, por vezes ácido, no qual se mesclavam informação, opinião e criatividade, o colunista, por meio de suas notas curtas e diretas, trouxe para o jornalismo brasileiro contribuições notáveis, pelo que a maioria dos estudiosos das chamadas colunas sociais reconhecem-no como uma das significativas referências no assunto³⁰. Em sua trajetória como cronista social, criou personagens, termos, lançou

³⁰ Confirmam-se, a propósito, os trabalhos de Dornelles (2015), Silva (2010), Souza (2009) e Travancas (2000), constantes da bibliografia desta tese.

modismos, deu “furos” de reportagem, espalhou suas gírias inclusive a um público que não necessariamente lia suas colunas. Foi formador de opinião, foi influência³¹. Não por acaso, em pesquisa publicada na revista *Imprensa*, em 1988, foi apontado como o jornalista mais lido do Rio de Janeiro (SUED, 2001).

O feito, na mão de Ibrahim, não poderia ter deixado de virar coluna. E de fato não deixou. A verve ácida e irônica do Turco pode ser observada na autoelogiosa nota abaixo, lembrada por Sued (2001, p. 203):

A coluna mais lida do Rio

A propósito dos propósitos, a pesquisa Galup/Imprensa apontou essa coluna como a mais lida do Rio, disparada à frente do segundo lugar. E sobre a pergunta “De quem você gosta menos?”, este colunista também é o que lidera. Mas “gosta” não é índice de leitura. Segundo Aurélio, é simpatia, afeição, etcetera. E sobre isso eu já disse que estou me lixando. O que é gratificante é que nos 35 anos desta coluna diária, a mais antiga do mundo, a única digna de figurar no Guinness Book (livro de recordes internacionais), ela mostrou que evoluiu com o jornal, que foi se modernizando e aumentando sua venda e sua leitura. Portanto, sou o jornalista mais lido do Rio. Tá? De leve.

Ou nesta outra, em que se ironiza, sem qualquer receio, a fama de glutão do ex-presidente Getúlio Vargas.

Apetite presidencial

Sábado, no almoço realizado no Itamarati, o presidente Vargas, que tem fama de ser bom garfo, mas que atualmente vem fazendo regime para emagrecer, comeu dois pratos de feijoada e tomou algumas “batidas”. Alguns dos presentes, que tentaram acompanhar o sr. Getúlio Vargas, passaram o domingo sob a ação do sal de frutas... (SUED, 2001, p. 20).

Ibrahim gozou de reconhecida notoriedade durante os 45 e cinco anos em que manteve sua coluna ativa (1950-1995). Tendo passado por outras casas – *Diário Carioca*, *Gazeta de Notícias*, *Diário da Noite* –, foi no Jornal *O Globo* que permaneceu por mais tempo (1954-

³¹ Vale citar como exemplo dessa importância o período da ditadura militar. Numa época em que a censura aos meios de imprensa era ferrenha, Ibrahim usara sua influência e prestígio para pinçar notícias e abastecer de informação a população. Com fortes relações com integrantes da hierarquia militar, o jornalista contribuiu para que, num período de censura à imprensa, o público ficasse sabendo lentamente do que acontecia nos bastidores do poder. Curiosamente, o tom jocoso, “fútil” e aparentemente desprezioso das colunas serviu para que a censura se preocupasse mais com as notícias tradicionais que, para os militares, teriam um maior poder corrosivo do que as colunas (DORNELLES, 2015).

1995). Foram mais de 15 mil colunas, feito que lhe rendeu menção no famoso *Guinness Book*, o livro dos recordes (SUED, 2001).

A sucinta alusão a Ibrahim Sued como traço marcante do colunismo social no Brasil é imprescindível, pois nos dá mostras da importância de um gênero, não raro, mal compreendido e imbuído de estereótipos. No entanto, as raízes do colunismo social datam de tempos ainda mais pretéritos.

Como pontua Souza (2009), imbróglios, fofocas, maledicências, malfeitos, notícias em geral envolvendo os donos do poder sempre exerceram fascínio na sociedade em todas as épocas. Na França absolutista, a título de exemplo, já era comum a divulgação de notícias em tom mais ameno e frívolo, as quais tocavam em temas como casamentos, batismos, festas envolvendo os personagens da Corte. Figura importante à época foi o rei Luís XIII que, no século XVII, ao instituir um jornal semanal cujas notícias centravam-se no dia a dia da corte, é apontado como um dos pioneiros da crônica social.

Naquele tempo, a imprensa era controlada pela Monarquia. Como boa parte da população era analfabeta, arranjavam-se outras formas de obter as informações que não interessava aos poderosos divulgar. É nesse contexto que os espaços públicos ganham importância: cafés públicos, esquinas informais com oradores improvisados, trechos de bulevares em que boletins noticiosos eram apresentados aos gritos por ambulantes de pasquins eram mecanismos de divulgação. Assim, “[...] num tempo em que a imprensa não se estabelecera ou era censurada, a população buscava outros meios de se informar [...]. Para acompanhar as notícias, bastava ficar na rua e abrir os ouvidos.” (SOUZA, 2009, p. 14).

Todavia, fazer críticas à Monarquia dentro de um Café poderia ser motivo para a prisão do cidadão que assim procedesse. Nesses espaços públicos, havia espiões do rei prontos a levar as informações subversivas, por assim dizer, ao monarca. Em razão disso, surgiram variadas publicações clandestinas que instituíram uma densa rede de comunicações paralela à do poder. Dentre esses meios de divulgação de informações estavam os *libelles*, ou libelos, cuja função precípua era divulgar fofocas, boatos, escândalos que envolviam os nobres, os célebres do período (DARNTON, 2002).

Os libelos eram livros difamatórios e, em virtude disso, foram intensamente perseguidos pelo regime absolutista. Escritos em tom provocativo, não raras vezes divulgavam-se informações que seriam impublicáveis na imprensa de controle real. Sem compromisso algum com o poder instituído, o libelista podia, com liberdade incomum para a época, noticiar os “podres” que ocorriam no andar de cima, fazendo a alegria de parte dos cidadãos que estavam ávidos por informações dessa natureza.

É relevante aqui o testemunho de Robert Darnton (2002, p. 243) sobre o alcance dos libelos na França do século XVIII:

Ao reconstruir as atividades dos livreiros espalhados pelo reino, concluí que um enorme conjunto de literatura escandalosa atingia leitores em todas as partes da França. Cinco dos livros mais vendidos no país eram *libelles* e *chroniques scandaleuses* – ou seja, relatos chulos da vida da elite, da corte e do governo [grifos do autor].

Malgrado os libelos franceses tenham se extinguido, seu alimento principal, qual seja, as fofocas seriam, mais tarde, temas frequentes em jornais e tabloides. A busca incessante pelos bastidores da alta sociedade, a necessidade de informação do mundo dos poderosos, o apetite pela informação acerca do *modus vivendi* de uma burguesia ascendente – e de tudo, para o bem ou para o mal, que a cerca – viriam mais tarde influenciar o aparecimento de um gênero jornalístico que iria se dedicar a noticiar, num primeiro momento de seu percurso, a frivolidade e o mundanismo das altas cúpulas da sociedade. Referimo-nos às colunas sociais.

O colonismo social propriamente dito, cuja estrutura é representada separadamente e em local fixo no jornal, só surgiria em meados do século XIX nos Estados Unidos, durante a *penny press*³² (SOUZA, 2009, p. 15). Com a Revolução Industrial, a imprensa pôde se desenvolver consideravelmente naquele país, fazendo com que seus produtos chegassem a cada vez mais pessoas. Assistiu-se também à expansão do alfabetismo. Agora, os jornais, como importantes meios de entretenimento e de informação, tornavam-se economicamente acessíveis, ventilando informações a um público crescente e sedento por elas (SILVA, 2010).

Nesse contexto, as primeiras colunas sociais americanas surgem nas duas últimas décadas do século XIX, de certa forma, como uma demanda do público-leitor face ao jornalismo despersonalizado, objetivo e neutro impulsionado pela *penny press* (SILVA, 2010)³³. Seu objetivo primeiro consistia em registrar a vida dos famosos, que tanto fascínio exercia nos leitores. Assim, temas como viagens, bem como eventos sociais da elite preenchiam as colunas da época, geralmente escritas com o aval dos noticiados. Faziam-se, desse modo, colunas “consentidas”, as quais, não raras vezes, resvalavam na bajulação e no

³² O conceito *penny press* surgiu nos Estados Unidos a partir da criação de jornais predominantemente noticiosos, politicamente independentes, com baixos custos, direcionado para pessoas “comuns”. Anteriormente, predominava a *party press*, “[...] em que os jornais eram pouco mais que instrumento de debate político e religioso, ou suportes de ideias aprofundadas em pequenos grupos.” (SILVA, 2010, p. 34).

³³ Aos poucos, a imprensa, à época objetiva e despersonalizada, como frisamos, foi inserindo conteúdos que deixariam explícitas a autoria e a personalidade dos escritores, em razão de uma exigência do público-alvo, o qual não mais se satisfazia com matérias anônimas. Essa mudança de estilo favoreceu o desenvolvimento das colunas sociais (SOUZA, 2009).

puxa-saquismo³⁴. Nesse sentido, o trabalho dos primeiros colunistas consistia em dar notas sobre artistas, celebridades, milionários, ou quaisquer nomes da alta sociedade que pudessem figurar nas colunas, isto é, os chamados *colunáveis* (RABAÇA; BARBOSA, 1995).

É esse colunismo social americano, escrito com leveza e personalidade, que exercerá notável influência no modo de fazer colunismo ao redor do mundo nas próximas décadas, em especial no que concerne à temática e à estrutura. Em verdade, vale dizer que as colunas se espalharam tão grandemente que, na década de 1930, boa parte dos jornais já havia inserido ao menos uma coluna em suas páginas.

No Brasil, segundo informa Silva (2010), as colunas sociais têm seu início nos primórdios do século XX, com a conhecida crônica social, em que se mesclava literatura e jornalismo, com vistas a noticiar fatos diversos, entre os quais, aqueles relativos aos modos de viver e de ser da sociedade da época. Pioneiro no assunto, Paulo Barreto, mais conhecido pelo pseudônimo João do Rio, registrava, por exemplo, pessoas influentes e respeitadas no seu tempo, em sua coluna intitulada *A Tribuna*.

Mas é preciso dizer que as colunas que datavam o início do século XX, tal qual as primeiras colunas norte-americanas, eram comumente escritas em tom ameno, até amistoso e bajulador, conforme se pode notar neste texto de Gilberto Trompowsky, retomado por Santos (2016, p. 37):

Nos salões senhoriais da sra. Baronesa de Bonfim grupos elegantíssimos se encantam com o ambiente arranjado com infinito bom gosto e, principalmente, com o ar de bondade que irradia da sra. Baronesa de Bonfim, figura ilustre de uma ilustre família, que habitou todo *grand monde* carioca às suas recepções, notáveis pela sua elegância e grande distinção... Atenciosa e encantadora, a srta. Maria José Lynch e suas irmãzinhas oferecem deliciosas *gourmandises*.

Em sua biografia sobre Zózimo, Joaquim Ferreira dos Santos relata muito bem a feição das colunas sociais brasileiras no início do século XX:

As colunas sociais moviam-se inúteis com suas dicas civilizatórias e a infundável relação dos nomes de quem havia tomado chá anteontem – ah, se cada nomeado pagasse um tostão!, como recomendava Lima Barreto, os jornais impressos conseguiriam superar, um século depois, a concorrência digital! Ninguém sério se preocupava com aquilo (SANTOS, 2016, p. 38).

³⁴ Conforme salienta Souza (2009), é preciso esclarecer que as notícias em tom de fofoca envolvendo famosos já era prática corrente na Europa. Mas as colunas escritas em notas curtas, sincopadas, em que se poderia trabalhar com informações complementares – prática comum no colunismo moderno – é uma invenção americana.

No entanto, aos poucos o gênero foi se metamorfoseando, de maneira que se adotasse mais tarde um estilo cáustico, sarcástico; mais inclinado à troça, ao estilo lívido e mordaz dos colunistas, que não mais se limitariam a redigir as inocentes notinhas de outrora.

Essa abrupta mudança se deveu a um filho de imigrantes judeus que mudaria a História das colunas sociais. Chamava-se Walter Winchell. De família pobre, Winchell nasceu em 1897 na cidade de Nova York. Assim passou boa parte de sua juventude. Quando adolescente, trabalhou como ator e cantor em teatros na parte mais pobre de Manhattan. Antes de ser um profissional de jornalismo, escrevia fofocas dos bastidores das peças nas quais atuava, publicando os fuxicos em boletins informativos sobre teatro. Na década de 1920, tornou-se, enfim, jornalista de ofício. Com talento e intrepidez, criou uma coluna de fofocas sobre os ricos e famosos da época. Era o início das *gossip columns*.

Compete-nos frisar que até aquele momento as colunas existentes nos Estados Unidos eram bem próximas àquelas produzidas no Brasil sob a alcunha de “Sociais”, ou seja, limitavam-se a fazer relatos floridos sobre personagens da alta sociedade. Noticiavam-se, desse modo, sem ataques ou cáusticas ironias, casamentos, batismos, noivados, etc. Em verdade, ninguém gostaria de se indispor com as personalidades importantes da sociedade. Por isso, já existiam algumas colunas de fofocas, mas estas assumiam um tom bajulador, como já exposto.

Winchell rompe definitivamente com esse paradigma. Em suas notas, não se registrava passivamente a vida do andar de cima. O jornalista passou a inserir comentários irônicos e sarcásticos sobre a vida privada dos colunáveis, dissipando-se de vez a linha entre o público e o privado. Trouxe também para suas notas escândalos envolvendo mulheres grávidas, divórcios, negociatas. Especulava-se. Plantavam-se boatos no melhor estilo sensacionalista. E os leitores adoravam isso.

Quando começou a escrever para o jornal *New York Evening Graphic*, em 1920, seu estilo demonstrou-se impactante. Os jornais concorrentes logo perceberam o sucesso da coluna de Winchell, movimentando-se para inserir em suas páginas suas próprias *gossip columns*. Em pouco tempo, boa parte dos jornais do país continham pelo menos uma coluna de fofocas.

Nas décadas de 1930 e 1940, tais colunas já eram parte importante – poder-se-ia dizer imprescindível – dos periódicos. Seus autores, amados e respeitados pelo público-leitor. Não por acaso, Winchell, no fim da década de 1940 alcançara 90% do público americano, entre suas colunas e espetáculos de rádio, pelo que fora considerado o homem mais poderoso da América (DORNELLES, 2015). Tanto que até Hollywood rendeu-se à fórmula criada pelo

colunista. Na “era de ouro” dos estúdios, os produtores cinematográficos seduziam os colunistas, com vistas a conseguir mais publicidade para seus filmes e elencos.

No Brasil, entretanto, a coluna social ainda não havia experimentado essas inovações. As notas sobre eventos, autoridades e famosos ainda resvalavam na frivolidade de um mundo encantado de trajes de gala, deslumbrantes vestidos, finíssimos banquetes e recepções, bailes requintados, o mundo da alta sociedade que maravilhava os leitores. Mostrava-se, desse modo, uma vida de encantos e luxo, distante de boa parte das pessoas. Como explica Dornelles (2015), até havia, nas penas de alguns colunistas, alguns traços de humor e ironia, mas nada que atingisse fortemente as reputações dos colunáveis.

Contudo, tal qual o exemplo americano, surgiria um personagem que provocaria abalos na velha fórmula das colunas sociais e que figuraria, junto com Ibrahim Sued, como um dos personagens centrais do colunismo brasileiro moderno.

Manuel Antonio Bernardes Müller, Maneco para os amigos, nasceu em 1924. Era filho de diplomatas. Gozava de boa situação financeira. Trabalhou pela primeira vez numa loja de artigos de luxo para homens, a casa Quincas. Era fluente em quatro idiomas e tinha boas relações com pessoas influentes da época. Tempos depois, em razão de tais predicados, fora convidado por Gustavo Dória a escrever o registro social no jornal Folha Carioca. Assim saíam as notícias da sociedade até então. Sob o título de “Sociais”, noticiava-se acerca dos personagens da alta sociedade.

Em sua primeira coluna, publicada na década de 1940, quase fora despedido, uma vez que se recusou a registrar passivamente a vida da burguesia carioca. Negando a maneira de se registrarem os eventos sociais até então, adicionou em suas notas comentários irônicos e pouco elogiosos sobre seus alvos, sem qualquer deslumbramento e afetação.

Não bastasse isso, Maneco trouxera para a coluna pessoas que julgava interessantes, muito embora não tivessem ligação com as altas rodas, o que de certa forma feria a “hierarquia” dos colunáveis (SOUZA, 2009). Tais atrevimentos lhe renderam uma reprimenda da chefia da redação. Apesar disso, em virtude da repercussão positiva da coluna, fora autorizado a prosseguir. Mais tarde, porém, uma crise política tiraria Maneco da *Folha*.

Não tardou, todavia, a arranjar outro emprego. Convidado por Prudente de Moraes Neto a escrever crônicas sociais no jornal Diário Carioca, Maneco, inicialmente, reagiu dizendo que aquilo “era coisa de veado”. Não obstante a reação inicial ter sido negativa, acabou aceitando o convite em razão do bom salário que receberia. Impôs, contudo, uma

condição: usaria um pseudônimo. Nascia, assim, Jacinto de Thormes, inspirado num personagem do escritor português Eça de Queiroz³⁵.

Começara ali uma nova fase do jornalismo brasileiro. As velhas crônicas floridas ganhariam uma nova roupagem, com pinceladas de humor, ironia, seriedade, esnobismo e fanfarronice. Em seu relato, Santos (2016, p. 41) observa que, com Maneco, o *high society* seria visto de maneira crítica e sem qualquer vírgula de deslumbramento. Assim, “De deuses da raça, os ricos viraram sapos do brejo.”

Mais que isso: o jornalista, estando em um jornal de cuja liberdade podia gozar largamente³⁶, acabou com as afetações e com o formalismo das já desgastadas crônicas sociais, fazendo com que elas se tornassem colunas com interesse jornalístico (SOUZA, 2009). Inspirando-se em colunistas americanos como Walter Winchell, trouxera a fórmula das notas sincopadas em que uma nota poderia complementar a outra, estilo muito usado hoje por colunistas do porte de um Ancelmo Gois ou de um Lauro Jardim.

Observe-se que o contexto social e político da época concorreu significativamente para o sucesso de Maneco. De acordo com Souza (2009, p. 35), a sociedade brasileira após a Segunda Grande Guerra almejava se tornar mais cosmopolita, mais influente. Nesse sentido, o ambiente dos sonhos e requinte descrito pelos colunistas sociais, inacessível aos leitores comuns, constituía uma porta de entrada, posto que imaginária, a este universo. Acresce que a cidade do Rio de Janeiro despontava como um lugar fértil para qualquer colunista. Em entrevista ao repórter Geneton Moraes Neto em 2001³⁷, Maneco Müller o reafirmava, dizendo que o Rio era uma das cidades mais divertidas do mundo. Havia praias, cassinos, grandes shows, além de uma cultura pujante. Sem dúvida alguma, essa atmosfera favorável alimentou sua coluna, fazendo dele um destaque na cidade.

³⁵ Jacinto de Thormes era um português da elite que protagonizou o romance *A cidade e as serras*, de Eça de Queiroz. Tal personagem almejava a modernização do modo de vida português. Maneco, tal qual Jacinto, buscava a modernização daquela “coisa de veado”, isto é, das colunas sociais que até então se circunscriviam a relatar passivamente a vida das personagens da alta sociedade (SANTOS, 2016, p. 39).

³⁶ Importa aqui registrar as palavras de Santos (2016, p.40) acerca do pioneirismo jornalístico do Diário Carioca, jornal em que trabalhava Maneco: “O Diário Carioca era o melhor lugar para quem queria mexer com as teias de aranha do jornalismo. Chega de beletrismo! Chega de nariz de cera!, aquela ridícula abertura de texto que custava entrar no assunto! Para se falar de um choque de automóveis na Rio Branco, antes se anunciava o crescimento vertiginoso da frota da cidade! Chega também de ponto de exclamação! As notícias não precisam mais desse sinal de escândalo para chamar a atenção! [...] Notícia devia ser curta. Jogo rápido. [...] O jornalismo, aquela parada de contingência rumo à publicação do grande romance, começava a mudar de direção e se transformar ele mesmo numa profissão, com um maneira própria e digna de dizer as coisas. A influência da imprensa americana, sua pretensão de objetividade e papo reto, entrava na moda.”

³⁷ Disponível em: < <http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/entrevista-com-jacinho-de-thormes/>>. Acesso em 26/04/2018.

Outro dado importante diz respeito à temática das colunas de Maneco. Não raro, trazia para os textos variados assuntos como política, economia, comportamento e até futebol, uma de suas grandes paixões. Essa diversidade de assuntos – de que também se valeria mais tarde Ibrahim Sued – inspiraria tempos depois as hoje tão frequentes colunas de notas (SOUZA, 2009; EMERICH, 2002) ou colunas jornalísticas de notas (COUTINHO, 2002), marcadas pela variedade e pela amplidão de assuntos tratados.

Desse modo, com Maneco inaugura-se o moderno colunismo social brasileiro. A propósito, os termos “colunista social” e “colunável” surgiriam posteriormente, muito em razão do trabalho desse jornalista. De fato, depois dele, a coluna social nunca foi a mesma no Brasil. Foi influência para muitos colunistas que tempos depois seguiriam os passos estruturais, composicionais e estilísticos da coluna assinada por Jacinto de Thormes. Maneco deixaria o colunismo social em 1962, tornando-se cronista esportivo no Jornal Última Hora. Porém, em se tratando do colunismo social, será ele sempre lembrado pelo pioneirismo.

Na década de 1960, tendo em vista o caminho trilhado por Maneco, o país já era cercado de colunistas sociais por todos os lados (SANTOS, 2016). No entanto, a constante metamorfose por que passavam as colunas seguiria sua marcha. A ditadura militar, instituída no Brasil a partir de 1964, contribuiria sobremaneira para as mudanças. Nesse período, avança a conscientização política dos trabalhadores, de modo que o mundanismo e a frivolidade, traços marcantes das antigas colunas sociais, por mais que continuassem presentes nos espaços dos colunistas, vão cedendo cada vez mais espaço a notas sobre variados temas como política e economia (DORNELLES, 2015). As colunas vão, aos poucos, deixando de ser somente locais ou sociais – claro, se entendermos este último qualificativo como restritivo ao mundo encantado das altas classes. Nesse período, o colunismo teve de se reinventar para manter seus espaços jornalísticos. Para Souza (2009), nomeadamente durante os anos 1970, auge da repressão política, já não era mais possível aos colunistas ficarem circunscritos a notas que tematizavam somente o “andar de cima”, para usar uma expressão de Elio Gaspari anteriormente mencionada. O luxo e a ostentação – agora vistos por muitos como sinal de mau gosto – não reinariam absolutos nas colunas como antes.

É de notar que o lado mais ameno das colunas seria um trunfo nas mãos dos colunistas. O conteúdo dos textos era tido pelos militares como fútil e até certo ponto inofensivo, de modo que não era tão vigiado com o mesmo rigor das notícias políticas e econômicas publicadas em outros espaços nos jornais. Por isso, “[...] um determinado tipo de notícia política começou a vazar para o espaço pouco vigiado das colunas sociais, na forma

tradicional de pequenas notas, leves na forma, aparentemente, sem muita substância.” (RAMOS, 1994, p. 11).

Para se ter uma ideia, Sérgio Porto, conhecido como Stanislaw Ponte Preta, utilizara sua coluna *Fofocalizando* para ironizar frases de louvor à “revolução” de 1964, bem como os pronunciamentos de autoridades militares – que ele então rebatizara de “otoridades”, com clara intenção irônica – do novo regime. Valia-se, como outros intelectuais da época, de um estilo leve, metafórico, sintético e bem-humorado.

Outro mestre no assunto, como já referido, foi Ibrahim Sued, que, por possuir ligações com setores ligados ao regime, publicava pequenas notas em sua coluna sobre acontecimentos atinentes aos bastidores do governo. Desse modo, ao passo que a imprensa, em geral, sofria com a censura prévia, o jornalista dava a saber ao leitor, ainda que aos poucos, notícias sobre o que acontecia no mundo político. A título de exemplo, por sua condição privilegiada, dera de antemão o “furo” de que Emílio Médici seria o próximo presidente, sucedendo ao marechal Costa e Silva, afastado em razão de um derrame cerebral. A informação se confirmou posteriormente.

Ainda no período ditatorial, outro nome contribuiria para sedimentar o colunismo social na imprensa brasileira, de sorte a diversificar a temática abordada nas colunas. Zózimo Barroso do Amaral, ou simplesmente Zózimo, fora contratado em 1968 a escrever no *Jornal do Brasil*, o maior concorrente de *O Globo*. Culto, sedutor, dono de um refinado senso de humor, destacou-se por escrever bem e por trazer assuntos variados a sua coluna, assuntos que escapavam das tradicionais notas sobre a sociedade. Em sua coluna, falava-se de política, esporte, economia, literatura, música, teatro, artes plásticas, dança, comportamento e moda, pelo que nos faz lembrar o pioneirismo de Maneco Müller.

Como se pode notar, as colunas já não eram nem de longe as mesmas. Assim é que os colunistas, nas décadas de 1970 e 1980, já não buscavam mais oferecer ao leitor somente notas sobre o mundo de ostentação do mundo dos ricos. Mudavam-se os assuntos para se atender um público cada vez mais crescente, que agora não se restringia somente aos grandes centros³⁸. Mudava-se a linguagem. A partir daí, as colunas de notas se disseminariam por todo o país, ocupando espaço nobre nos jornais.

Já da década de 1990 até nossos dias, a grande imprensa, assumindo tendências mercadológicas (SOUZA, 2009), passou a investir em notas mais curtas, com títulos sintéticos, com linguagem mais impessoal, além de fazer largo uso das imagens. Por essa

³⁸ Souza (2009) explica que um elemento propulsor dessa mudança foi o crescimento da aviação comercial, por meio da qual se levavam os jornais dos grandes centros a outros públicos.

razão, podemos afirmar, com Ramos (1994, p. 12), que “Hoje, as colunas são mercados abertos, pequenos jornais nos quais se trata de tudo e de todos, sem os mesmos procedimentos de apuração que devem nortear uma redação”.

Entretanto, seria um erro pensar que as colunas modernas não expressam conteúdo opinativo. Como bem observou Travancas (2000), as colunas sociais ainda são um terreno fértil para a manifestação de subjetividades, opiniões e personalidades. Como buscaremos demonstrar nesta tese, muito embora as colunas modernas apresentem um estilo mais ameno, um pouco distantes das de Ibrahim Sued, por exemplo, aparecem eivadas de criticidade e humor, o que exige do leitor a ativação de capacidades linguísticas, cognitivas e sociointeracionais no concernente à captação dos sentidos expressos no texto.

Cabe aqui reiterar que, em face das muitas mutações pelas quais passaram as colunas, em especial no século XX, autores há que, analisando o perfil delas na imprensa moderna, têm adotado, numa referência ao gênero, a terminologia *coluna de notas* (EMERICH, 2002; SOUZA, 2009) ou *coluna jornalística de notas* (COUTINHO, 2002) em vez de *coluna social*.

Para nós, esta não é simplesmente uma mudança terminológica. Fruto do esforço teórico desses pesquisadores, tem-se a proposição de um termo mais genérico, que (a) abarca a variedade temática muito presente nas colunas modernas; (b) remete, de certa forma, às mudanças composicionais e estilísticas observáveis hoje no colunismo; e (c) reconfigura a função sociocomunicativa do gênero.

Entretanto, importa reforçar, consideramos as colunas mais um espaço de circulação de gêneros (BONINI, 2003) do que propriamente um gênero³⁹. Por essa razão, adotaremos a terminologia *nota jornalística* (ou simplesmente *nota*) na presente tese, a exemplo de Figueiredo (2003). Esta opção nos pareceu mais adequada quando nos defrontamos com colunas como as de Ancelmo Gois, por meio das quais não se veiculam somente notas, mas comentários, fotolegendas, além de “micronotas”, que aparecem em um espaço denominado “Zona Franca” e apresentam estrutura composicional e estilo diversos das notas habituais. Acresce que o termo, se bem delimitado, tem ainda a vantagem de evitar possíveis imprecisões terminológicas advindas do percurso histórico das colunas sociais⁴⁰.

³⁹ Observe-se que a discussão sobre o lugar da coluna no estudo dos gêneros não é simples. Seria ela uma espécie de “microsuporte”, que, dentro de um suporte, abrigaria outros gêneros? Seria ela um autêntico gênero, se acompanhada de seu respectivo qualificativo: *coluna social*, *coluna esportiva*, etc.?

⁴⁰ Ramos (1994) argumenta que, se considerarmos as colunas hoje, o qualificativo “social”, caso seja mantido, talvez não possa mais se restringir à alta sociedade, ao *high society*. Em razão da variedade temática das colunas modernas, das suas funções sociocomunicativas, talvez seja mais adequado entender que “social”, numa extensão semântica, passe a se reportar a toda sociedade e a suas esferas, o que nos permitiria falar das colunas sociais como um gênero discursivo, cuja vastidão temática seja uma de suas características principais.

Dito isso, nas linhas que seguem, abarcaremos, com mais vagar, as propriedades do gênero.

3.2 A dimensão social do gênero

A considerar a noção de gênero esboçada até aqui, qual seja, aquela que o compreende como produto da ação social e histórica de sujeitos sociais (BAKHTIN, 2011), cremos oportuno falar de algumas características relativas à esfera jornalística, pois, como sugere o filósofo russo, as esferas sociais apresentam-se como um princípio de organização dos gêneros. Assim, a compreensão do domínio jornalístico nos pode ser muito relevante para entendermos mais sobre a organicidade, emergência e circulação do gênero em sua dimensão social. Ainda: compreendendo os gêneros como instrumentos de interação social, importa, ademais, abordar as notas jornalísticas em sua finalidade sociodiscursiva, de sorte a verificar sua atuação na interação verbal. Buscaremos fazê-lo nesta seção.

À esfera jornalística, instância essencial numa democracia, na qual se permite e se endossa a livre circulação de pensamentos e ideias, compete, em essência, coletar, apurar e transmitir informações periodicamente ao grande público ou a partes especializadas desse público por meio de veículos de difusão coletiva como rádio, televisão, jornal, revista e demais meios (RABAÇA; BARBOSA, 1995). No correr do tempo, desde a *Acta Diurna*, de Júlio Cesar, ao surgimento do jornalismo digital, a prática jornalística se desenvolveu e se firmou como um serviço público essencial a uma sociedade civilizada, pois confere aos cidadãos o direito inalienável à informação de toda ordem, da política à previsão do tempo. Demais, possibilita o saudável confronto de opiniões, a manifestação do livre pensamento, contribuindo para que os leitores/telespectadores tenham acesso à pluralidade informações e de opiniões, podendo, a partir daí, formar o seu próprio pensamento⁴¹. A imprensa é, pois, um organismo fundamental para a construção de uma sociedade verdadeiramente plural e democrática.

Mas não só isso. O fazer jornalístico se distingue e se caracteriza também por manter uma estreita relação com a história (LENE, 2010). Por registrar acontecimentos cotidianos

⁴¹ Com o surgimento e a popularização de novas mídias como *Twitter*, *Facebook* e *Youtube*, talvez como nunca antes, o cidadão é livre para escolher seus meios de informação, muito embora seu “faro” interpretativo tenha de estar mais aguçado em razão da multiplicação das chamadas *fake news*, ou seja, das notícias falsas.

ainda “frescos” e palpitantes ou fazer sobre eles certa apreciação subjetiva, os periódicos são uma importante fonte documental. Por essa perspectiva, um veículo de comunicação configura-se como um documento, uma fonte de consulta não apenas para reflexões presentes, mas também passadas e futuras. Auxilia-se, assim, na formação da memória de um povo por meio dos acontecimentos que geraram notícia em dado momento histórico.

Ao seu turno, Faria (1996) postula ser o jornal⁴² uma necessária fonte primária de informação, portando valores e ideologias, de modo a servir como importante instrumento para o leitor se situar e se inserir na vida profissional e social, além de ser uma fonte de informação que testemunha os caminhos pelos quais passa determinada sociedade no curso de sua história. Desse modo, é o jornal uma espécie de janela para o mundo, pelo que o domínio jornalístico ou, mais amplamente falando, o domínio midiático coloca-se como importante mecanismo de controle social da informação. Em face de sua representatividade na sociedade moderna, as mídias exercem poderosa influência na determinação de comportamentos e na formação de opinião dos leitores/telespectadores e até dos não leitores/telespectadores que recebem informações via oralidade, por exemplo.

Similarmente, Lozza (2009, p. 36), destacando a importância dos jornais na educação, comenta que

O jornal é também fonte de informação e de aproximação entre pessoas e grupos sociais, é veículo de atualização (que precisa ser lido) e de eliminação de barreiras físicas, socializando informações sobre o mundo, mesmo que nele estejam embutidos valores e conteúdos que precisam ser repensados pelos leitores.

Muito embora se reconheça esse imprescindível papel, qual seja, de “fazer-saber”, importa ter em mente que esse mundo que nos chega via mídia é, em certa medida, parcial, porquanto é atravessado pela ótica daqueles que fazem o jornalismo acontecer. Em verdade, ao lado desse “fazer-saber”, atua de forma flagrante a outra face do jornal, que é a de “fazer-criar”, de influenciar, de construir opinião. Acerca disso, expõe bem Charaudeau (2009, pp. 19-20) ao abordar o discurso das mídias:

A informação é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo. [...] A ideologia do ‘mostrar a qualquer preço’, ‘do tornar visível o invisível’ e do ‘selecionar o que é mais surpreendente’ (as notícias ruins) faz com que se construa uma imagem fragmentada do espaço público, uma visão adequada aos objetivos das mídias, mas bem afastada

⁴² Cumpre dizer que priorizaremos a imprensa escrita por esta nos interessar mais de perto na pesquisa que ora empreendemos.

de um reflexo fiel. Se são um espelho, as mídias não são mais do que um espelho deformante, ou mais ainda, são vários espelhos deformantes ao mesmo tempo, daqueles que se encontram nos parques de diversões e que, mesmo deformando, mostram, cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo.

Queremos com isso dizer que a “verdade” de cada órgão de informação é relativa, sendo a tão propalada objetividade do texto jornalístico um mito com o qual devemos, como leitores e cidadãos, nos preocupar de perto, consoante sugere Lozza (2009). Em verdade, o acontecimento de que se alimenta o jornalista não deixa de passar por várias filtragens, mediações até chegar ao receptor. Há, nesse processo, seleção de dados, recortes, seleção de meios linguísticos, etc., que envolvem uma perspectiva subjetiva dos atores da máquina midiática. E o ato de escolher, é preciso dizer, já é por si só uma atitude pessoal, interferente, quer no processo de confecção, quer nas decisões sobre o produto final que chegará às mãos do leitor. Nesse sentido, diremos, com Lozza (2009, p. 35), que o jornal “[...] ao noticiar, recria o mundo segundo a sua visão.”

Clóvis Rossi (2006, p. 07), em sua obra *O que é jornalismo*, defende ser a atividade jornalística “[...] uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores e ouvintes”. Resulta, pois, complexo o trabalho do receptor do texto, em razão de se ter uma materialidade semiológica com aparente aura de total verdade, legitimada pela instância jornalística e por seus atores. Por essa razão, talvez um velho ensinamento popular nos sirva de reflexão nesse ponto deste texto: em se tratando de textos midiáticos, “Fé cega e pé atrás” conduzem o leitor a uma apreensão mais segura e menos ingênua dos textos jornalísticos.

Tal nos permite afirmar, seguindo Motta (2002), que a imprensa está indissolivelmente ligada ao poder. De há muito, em especial com a invenção da tipografia por Gutemberg, em 1440, o que permitiu a impressão em massa, a imprensa vem sendo utilizada como instrumento da luta pelo poder. Em nossos dias, com o advento das telecomunicações e, mais modernamente, com o jornalismo digital, nota-se mais nitidamente essa faceta da mídia. Governos a usam reiteradamente para estabelecer um elo com os eleitores, responsáveis diretos por alçá-los ao poder. A oposição a usa para fazer-saber dos deslizes cometidos por seus adversários políticos, buscando enfraquecê-los nas disputas eleitorais. Por outro lado, a imprensa, que normalmente se autocaracteriza como imparcial e isenta, coloca-se na posição de fiscalizar, divulgar as ações dos governantes e até influenciar um pleito eleitoral. Informação é poder. Opinião também o é. Fazer jornalismo é, em certo sentido, exercer uma relação de influência entre os que detêm um saber e os que não o têm e dele precisam.

Segundo Valente (2015), importantes jornais brasileiros (*O Globo*, *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*) e revistas semanais (*Veja* e *Época*) costumam se posicionar politicamente, em especial nas eleições presidenciais. O pesquisador recorda que esses veículos colocaram-se contrários à eleição de Lula (2002 e 2006) e à de Dilma Rousseff (2010), fazendo forte campanha contra esses candidatos, com vistas a impactar a opinião pública. O mesmo parece estar ocorrendo nas eleições de 2018, nas quais alguns veículos, contrários à eleição do presidenciável Jair Bolsonaro, têm empreendido um esforço para desconstruir sua popularidade. Evidentemente, nesse último caso, teremos de esperar o término do pleito eleitoral para termos uma visão mais global desse possível esforço de desconstrução. Mas já se notam alguns indícios, a exemplo da capa de *Veja* que trazemos na parte prática desta tese.

Interessante observar também que, subordinados que estão às empresas nas quais trabalham, não é raro jornalistas se curvarem às opiniões dos jornais, ajudando a propagar a ideologia de seus patrões. E, quando não o fazem, é comum sofrerem represálias, como ocorreu com o jornalista Ricardo Noblat⁴³ nas eleições diretas para presidente do Brasil, em 1989. Em síntese, Noblat publicou, no *Jornal do Brasil*, um texto denominado “Cheiro de Lula no ar”, apostando que Lula venceria Leonel Brizola na disputa pela vaga no segundo turno, o que contrariava a aposta do mesmo jornal, que manifestava a preferência por Brizola no segundo turno. Noblat acertou, mas foi demitido.

Face ao exposto, alerta-nos Charaudeau (2009) que, de uma perspectiva empírica, uma dupla lógica perfaz as mídias de informação: a econômica e a simbólica. No primeiro caso, trazem-se à baila conceitos como o de empresa e produto, que, a nosso ver, podem interferir nos mecanismos de semiotização do mundo. Melhor dito: não se pode esquecer de que as mídias atendem a interesses capitalistas, por assim dizer, de modo a se preocupar em fabricar um produto atrativo ao receptor, a fim de que haja a conquista, se possível longeva, do público-alvo, visto, sobretudo, como cliente.

Com a lógica simbólica, o pesquisador francês argumenta haver em todo organismo de informação uma vocação de participar da construção da opinião pública. Disso se depreende que as mídias detêm forte poder de influência simbólica, exercendo-a nos públicos aos quais se destina. Quer dizer: por meio de instrumentos simbólicos aparentemente inofensivos, a exemplo de palavras e imagens, conquistam-se mentes e corações aos quais Clovis Rossi se referira em obra anteriormente citada.

⁴³ Esse e outros exemplos constam do trabalho de Valente (2015).

Por esse motivo, sublinha Lage (1990), a linguagem jornalística está eivada por grandes e pequenas questões de ideologia. O jornalismo é feito numa sociedade, num dado tempo, num dado espaço por sujeitos históricos expostos a toda sorte de influências. De forma inapelável, jornalistas, ao passo que possuem compromisso com a objetividade e verdade dos fatos, também deixam entrever valores face ao que dizem, até mesmo numa notícia ou nota aparentemente inofensiva. A presença do humano no fazer jornalístico é quase um imperativo, se assim podemos dizer. É o que se observa com bastante clareza na utilização do anexo na nota abaixo, o qual apresenta inclinação crítica à prática dos cartórios cariocas. No texto, busca-se outra posição discursiva, qual seja, a sabedoria popular, o *vox populi*, para sustentar a tese exposta no título, que materializa a reprimenda feita a uma das instituições mais burocráticas do nosso país em razão de ela não cumprir o que tanto exige.

Casa de ferreiro...

Dos 75 cartórios do Centro do Rio,
15 operam sem alvará de
Licenciamento de Estabelecimento.
Todos foram autuados e terão de pagar
multa de R\$ 802 — uma mixaria para
esse tipo de negócio, convenhamos.

O Globo. 14 de dezembro de 2017, p. 12.

É proveitosa, nesse sentido, a lição de Bakhtin/Volochínov (2009, p. 32), os quais postulam o princípio de refração do signo, que aqui fazemos questão de reiterar. Para os autores,

Um signo não existe como apenas parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.).

Parece-nos que esse postulado encontra razão de ser na complexa esfera jornalística. Ao nos depararmos com textos dessa natureza, perceber-se-á que os signos não são de forma alguma unívocos, mas plurívocos em sua própria constituição, como já o afirmamos, porque os grupos humanos que se valem deles no intercâmbio social – insertos na esfera em que estão e integrando uma empresa com interesses econômicos, a qual busca também influência simbólica em seu público-alvo – são também múltiplos em ideias, ideologias e interesses.

Nesse sentido, são inevitáveis as múltiplas valorações impressas nos enunciados pelos grupos humanos que os elaboram.

Do que ficou dito, pode-se afirmar, para dar cabo a essa seção, que as mídias cumprem uma relevante função sócio-histórica, fazendo do receptor do texto detentor de um saber que lhe poderá ser útil em sua vida prática. No entanto, por estarem imersas na sociedade, almejam criar vínculos bem alicerçados com seu público-alvo, pois é ele que lhe garantirá a sobrevivência ou lhe decretará a extinção na competitiva esfera midiática, que é fortemente marcada uma dupla lógica: a simbólica e a econômica, nos termos de Charaudeau (2009). Nesse sentido, tencionam construir vínculos bem alicerçados com o público leitor/espectador por meio da empatia e confiança, a fim de participarem da construção da opinião pública.

Tendo em conta essas sucintas considerações acerca da esfera jornalística, concentremo-nos, agora, no suporte em que figuram as notas, para, posteriormente, tratarmos do gênero em suas especificidades.

3.2.1 O suporte: *O Globo*⁴⁴

Como dissemos no primeiro capítulo, suportes são elementos intervenientes na configuração do gênero. Nesse sentido, conhecer o *locus* físico ou virtual onde se afixam os textos pertencentes ao gênero em tela pode nos fornecer informações fundamentais para a sua compreensão global, em especial no que toca aos componentes ideológicos e sociocomunicativos. Dedicemos, pois, algumas linhas ao suporte no qual figuram as notas pesquisadas.

O jornal *O Globo* é uma publicação diária das organizações Globo, que congregam um respeitável conjunto de grandes mídias brasileiras no qual se incluem a rádio Globo e a TV Globo. Foi fundado em 25 de julho de 1925 por Irineu Marinho, tendo sua sede, desde a fundação até nossos dias, no Rio de Janeiro. Irineu Marinho faleceu prematuramente no dia 21 de agosto de 1925, pouco tempo após o lançamento de *O Globo*. Seu filho, Roberto Marinho, natural sucessor, fora, à época, considerado muito jovem e inexperiente para assumir tamanha responsabilidade, pelo que a tarefa foi delegada ao amigo de Irineu, o jornalista Euclides de Matos. Roberto Marinho só iria assumir o jornal em 1931, com a morte

⁴⁴ As informações desta seção foram extraídas do *site* do jornal *O Globo*: < <https://oglobo.globo.com/>>. Acesso em 17/07/2017.

de Euclides. Com longeva trajetória, Marinho só deixaria o veículo informativo em 2003 em razão de sua morte.

Até 1962, sua publicação era vespertina. A partir desta data, tornou-se matutina.

Caracteriza-se por ser um “jornal essencialmente noticioso e voltado para a prestação de serviços”. Suas funções precípuas, conforme se lê em sua política editorial, é a de produzir conhecimento e informar com maior fidedignidade acerca de fatos e pessoas. Ainda de acordo com a política editorial do jornal, busca-se seguir à risca o tripé que garante a qualidade informacional: a isenção, a correção e a agilidade. Também se autoproclama independente, apartidário e laico. Muito embora se reconheça haver seções que envolvem deliberadamente emissão de opinião, almeja-se deixar claro que há um esforço consciente para que a opinião do veículo seja contradita por outras, bem como para que se contemple em suas páginas a diversidade de pontos de vista.

De modo geral, o jornal, disponível tanto na versão impressa quanto na digital, se divide em grandes seções que contemplam a variedade temática. A título de exemplo, temos a seção País, a qual costuma dar destaque a temas políticos. A seção Rio, por sua vez, abarca fatos e opiniões de interesse mais restrito aos moradores do estado do Rio de Janeiro. Já a seção Mundo cuida de temas de interesse internacional e assim por diante. Parece objetivar-se dar ao leitor variedade informativa e opinativa, com o propósito de se contemplarem variados gostos e opiniões, como é característico de publicações desse porte. Em cada seção, nota-se a diversidade de gêneros, congregando-se frequentemente informação e opinião na estruturação dos espaços. Percebe-se, ainda, um cuidado diagramal acurado, assim como uma seleção criteriosa de imagens.

O Globo parece se destinar, precipuamente, a um público-alvo composto pelas classes A e B. Conforme dados do Infoglobo⁴⁵, boa parte dos leitores (65% de um total de 1.194.000.000), aqui considerando também a versão *online* do noticioso, pertence a essas classes sociais. Destes, 39% têm ensino Superior, 22% possuem o Ensino Médio e 14%, o Fundamental. Todo cuidado informacional e linguístico leva-nos a crer que, de fato, essas classes parecem ser o principal alvo do periódico. Vale refletir, no entanto, que, com a chegada da versão digital, a qual alargou a acessibilidade do jornal muito em virtude do barateamento das assinaturas, é de registrar que o perfil de leitores do periódico tem mudado no sentido de haver um aumento dos leitores da classe C, que já ocupa a expressiva fatia de

⁴⁵ Disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/Anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=91>>. Acesso em 27/04/2018. Pesquisa feita pelo Infoglobo em novembro de 2017.

28%. Além disso, vale dizer que 88% dos leitores têm 20 anos ou mais. E do total de leitores, 52% são homens e 48% são mulheres.

Com respeito às notas jornalísticas, percebe-se ser um gênero de relevo para o periódico. Tal já se constata na leitura atenta do Primeiro Caderno, que conta com a coluna diária de Ancelmo Gois, que conduz o leitor para informações e comentários acerca de vários assuntos, como mais adiante demonstraremos. Há ainda, no jornal, as colunas diárias de Marina Caruso e de Patrícia Kogut, publicadas no Segundo Caderno. Estas versam, em especial, sobre entretenimento. Ainda: há jornalistas que publicam suas colunas em dias específicos, a exemplo de Lauro Jardim (aos domingos) e Ascânio Seleme (aos domingos), ambas com foco no cenário político.

3.2.2 As notas jornalísticas em sua dinâmica interativa

Após tecermos observações acerca da esfera jornalística e do suporte no qual aparecem as notas, elementos que, com efeito, moldam, por assim dizer, o gênero, é importante perguntarmo-nos quais as funções sociocomunicativas delas nesse espaço em que se mesclam interesses ideológicos, econômicos e simbólicos. Adicionalmente, podemos nos questionar acerca dos sujeitos sociais que interagem por meio do gênero: quem escreve o gênero? Com que finalidade? Como obtém as informações? A quem os textos são direcionados? Tentaremos responder a essas e outras perguntas relativas à situação de interação do gênero (RODRIGUES, 2004) nas linhas que seguem.

Em observância à função sociocomunicativa das notas na esfera jornalística, é razoável acolher a tese de Gois (1998, p. 48), segundo a qual estas, notadamente as de inclinação política, apresentam-se como “âncoras de leitura”, uma vez que é por meio delas que o leitor costuma principiar sua aventura leitora pelo jornal. Noutros termos, muitos leitores tomam-nas como um ponto de referência para a leitura integral do jornal, adotando-as como uma espécie de baliza, não só para a busca de informação, como também para a construção de opinião. As notas possibilitam, pois, que o interlocutor fique informado e reflita sobre opiniões num curto espaço de tempo, algo fundamental na vida moderna⁴⁶.

⁴⁶ É relevante, por exemplo, refletirmos acerca de um meio de comunicação ultramoderno como o *Twitter*, que, de certa forma, se aproxima das colunas de notas, em razão da necessidade de síntese e do poder

O jornalista Geraldo Sobreira (2002) acresce que as colunas de notas costumam pautar os jornais⁴⁷. Ou seja, uma pequena nota pode ser o mote para a emergência de outros gêneros como reportagens, entrevistas, editoriais, etc. Se pensarmos na nota que exibimos anteriormente sobre a irregularidade dos cartórios, é possível considerá-la um “gancho” para a elaboração de um artigo de opinião sobre ética jurídica, por exemplo, ou para uma entrevista com o responsável por algum estabelecimento irregular a fim de que se prestem esclarecimentos. É por esse motivo que os colunistas trabalham forte pelas informações de bastidores, cujo ineditismo é um dos pressupostos fundamentais. Em tese, não lhes interessa informação repetida. Nesse sentido, “A exclusividade é o critério essencial para a informação fornecida a uma coluna de notas.” (SOBREIRA, 2002, p.75). Daí se concluir que essas colunas representam um espaço estratégico na esfera jornalística.

De modo geral, pode-se dizer que, em alguns aspectos, as notas se aproximam de outros textos de natureza jornalística a exemplo do artigo de opinião e da notícia, nomeadamente no que toca à interação autor/leitor, normalmente situados em espaços físicos e temporais distintos. Ainda: essa interação não ocorre, por assim dizer, de pessoa a pessoa. É mediada ideologicamente pela esfera jornalística, o que implica depreendermos haver certas coerções impostas pelo suporte em que se inserem os textos. Pressupõe-se, por essa razão, uma harmonia de pensamentos e ideias entre autores e a empresa na qual trabalham. Tal relação procura atender aos interesses, sobretudo, da empresa, a qual também toma, inevitavelmente, como parâmetro os interesses dos leitores, ou seja, aqueles que sustentam a máquina midiática.

Com relação ao eixo da temporalidade, as colunas, de vocação noticiosa e, em certa medida, opinativa, apresentam sempre um período de validade. No caso das publicações diárias, como as de Ancelmo Gois, o tempo é de 24 horas⁴⁸. Tal precibilidade das notas fazem dos autores autênticos “caçadores” de informações inéditas. Ganham-se, com isso, importância os “furos”, o que exige dos colunistas a manutenção criteriosa das fontes, bem como a boa relação com aqueles que podem lhes fornecer preciosas informações: de políticos influentes a cabeleireiros de celebridades. Todos podem ser fontes de relevo para o colunista.

informativo/opinativo dos textos. Hoje, qualquer cidadão que detenha certa informação ou queira disseminar sua ideologia é um “jornalista” em potencial.

⁴⁷ A pauta pode ser entendida como um roteiro para a reportagem dos fatos que merecem cobertura. Indica, ademais, as fontes a serem ouvidas ou entrevistadas (SOBREIRA, 2002).

⁴⁸ Referimo-nos, obviamente, à publicação impressa. Se considerarmos as publicações no *site* do veículo e no blogue do autor, veremos que as informações são atualizadas constantemente.

Ana M. Ramalho (1998, p. 36), experiente colunista, nos dá um depoimento interessante para compreendermos a importância da relação entre fonte e colunista:

As fontes são como amigos que colecionamos ao longo da vida. O que o jornalista tem de mais sagrado é o seu caderno de telefones. Particularmente, para o colunista isso é ainda mais importante. Se uma fonte pede para você usar aspas, tem de fazer direitinho como ela disse senão você a perde. Não podemos alterar e nem ficar fazendo gracinha com o que a fonte nos disse.

Por estarem as notas insertas no domínio jornalístico, a interação autor/leitor é, em certa medida, regulamentada. Até chegar às mãos do leitor, há filtragens das informações, apurações de dados, interpretações e decisões a serem tomadas. Nesse percurso, pontos de grande importância são discutidos e postos em pauta, a saber: tamanho e aspecto das fontes, imagens que farão parte da coluna, disposição dos textos, local do periódico em que a coluna aparecerá, entre outros. Como já se frisou, em cada passo dado, leva-se em consideração o público-alvo dos textos.

Nesse ponto, cumpre relevar que a coluna de Ancelmo Gois figura no primeiro caderno de *O Globo*, onde se publicam, em tese, as notícias de maior relevo do dia, pelo que a avaliamos como uma publicação de suma importância para o suporte⁴⁹. Importa destacar a relevância do trabalho do jornalista tanto para o veículo quanto para o jornalismo em si. A capacidade de antecipar fatos, a opinião contundente, o poder de síntese e o estilo são, a nosso ver, traços marcantes da coluna. Não por acaso, desde que o prêmio *Comunique-se* foi criado, em 2003, Gois figura entre os três finalistas em razão de seu trabalho desenvolvido no jornal *O Globo* e em seu blogue. Já o conquistou cinco vezes. Não bastasse isso, em 2015, indicado a participar do + *Admirados jornalistas brasileiros*, eleição realizada pelo J&cia em parceria com a Maxpress, classificou-se em 19º lugar nacionalmente e em 4º, regionalmente, num universo de três mil jornalistas⁵⁰.

Relativamente ao horizonte axiológico, para além do conteúdo informacional, nota-se a manifestação da valoração a respeito dos fatos ocorrentes na sociedade. Parece haver, ao menos, dois pontos de interesse no gênero em tela: o da informação, mais característico, mais vocacionado pelo gênero, e o da opinião, que pressupõe um trabalho avaliativo daqueles que

⁴⁹ Uma coluna como a de Gois, centrada na variabilidade informativa, distancia-se de uma como *Gente*, por exemplo, constante da revista *Veja*. Esta última, que se apresenta mais proximamente às antigas colunas sociais em virtude de dedicar suas páginas ao mundo das celebridades, parece servir mais como um atenuante ao leitor, que possivelmente percorreu antes outras seções da revista com textos mais densos, tensos e reflexivos com temáticas sobre política, economia, violência, entre outros.

⁵⁰ Informações extraídas deste *site*: <<https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/ancelmo-gois/>>. Acesso em 22/08/2018.

enunciam. A expressão de valoração aparece, não raro, mais velado, mais sutil. Entretanto, surge como um elemento estruturador do gênero, dado que faz aparecer o sujeito na materialidade linguística, além de ser, com certa constância, uma reação-resposta frente ao objeto das notas. Vejamos:

No mais

Pezão, é pena, mostrou, ontem, que é, sim, indulgente com a corrupção, ao nomear Solange Almeida para a Secretaria de Apoio à Mulher e ao Idoso. É pobre, neste caso, o argumento do governador de que se forem criminalizar todo mundo “não vai sobrar ninguém”. Ela não é todo mundo. É peixe graúdo.

A ex-deputada é acusada pelo MPF de apresentar requerimentos, a pedido de Eduardo Cunha, com o objetivo de pressionar o pagamento de milhões em propina. Feio!

O Globo. 14 de março de 2017, p. 08.

O texto noticia a nomeação de Solange Almeida feita pelo governador Luiz Fernando Pezão. Trata-se de uma ex-deputada acusada de um crime grave. A reprovação do colunista é claramente manifesta pela expressão de avaliação “é pena”, denotadora da decepção que sente o autor ao deparar-se com a decisão de Pezão, e pela expressão avaliativa “É pobre”, que promove a desqualificação do argumento do governador, contrapondo-se à sua justificativa – note que as aspas estabelecem nítidas fronteiras entre as palavras dos enunciadores, as quais entram em choque no discurso.

Observe-se que o argumento de Pezão é rebatido com uma metáfora popular: “É peixe graúdo”. No contexto, a expressão metafórica alude a uma pessoa importante, Solange Almeida, que, notadamente por ocupar cargos de relevo dentro do governo, não deveria sequer ser cogitada a assumir a Secretaria, em razão de ser acusada de integrar um esquema de propina. A nota encerra com mais um adjetivo, intensificado pela pontuação expressiva, que dá vigor maior à indignação do colunista: “Feio!”. Desse modo, o tema do texto ecoa de modo a manifestar a indignação – expressão avaliativa – dos colunistas ante a decisão errônea do político.

A prestigiada coluna de Gois é uma opção de leitura rápida e bem-humorada sobre variedades nacionais, sobretudo cariocas. Em razão de ser um jornalista reconhecido nacionalmente pela experiência e competência com que desempenha suas funções, as informações do colunista gozam de confiabilidade junto ao público leitor (em sua maioria pertencente às classes A, B e C, como já dissemos), que aprecia os textos da coluna notadamente pela brevidade, humor, criticidade, qualidade de informação e de opinião.

Tais aspectos atinentes ao modo de confecção das colunas tornam-se importantes para a compreensão do funcionamento do gênero, além de demonstrar a relação intrínseca entre os interlocutores, já que, como assevera Charaudeau (2009), saber quem é o interlocutor e como atingi-lo é condição primordial para o êxito enunciativo das máquinas midiáticas⁵¹. Por esse motivo,

[...] percebe-se como o trabalho da ideologia e dos índices sociais de valor se manifestam não só nos “conteúdos” dos enunciados, mas nos gêneros e na sua circulação social diferenciada, demonstrando a existência de diferentes condições sociais de investimento dos gêneros (RODRIGUES, 2005, p. 171).

Com efeito, os colunistas se esmeram para atrair os leitores. Não apenas buscam firmar uma relação de confiabilidade, base da relação entre veículo e público-alvo, como também trabalham com cuidado o estilo e a estrutura composicional dos textos. As palavras seguintes, de Sobreira (2002, p.75), também nos podem ser úteis para entendermos o sucesso das colunas entre seus leitores:

Os leitores privilegiam essas colunas por serem elas produzidas com notícias curtas, picantes, engraçadas ou irônicas. As notas são de leitura rápida e confortável. São uma espécie de resumo dos principais temas dos jornais. Além disso, procuram sempre estar à frente do noticiário do jornal onde são editadas.

Com respeito à autoria, não se trata propriamente da pessoa física do colunista, mas de uma posição assumida por ele que o autoriza a falar a partir do gênero no interior da esfera jornalística. Há, nos dizeres de Rodrigues (2005, p. 171), uma “posição de autoria”, em que se nota claramente a assunção de uma responsabilidade discursiva. As notas têm, pois, como elemento estruturante um posicionamento axiológico. Nas palavras de Faraco (2009, p. 91, grifo do autor), “[...] a posição autoral é, no fundo, uma *máscara autoral* – *autorar* é assumir uma máscara (determinada posição axiológica, determinada voz social).”

Nesse sentido, o lugar social de onde fala o autor é de extrema relevância. As notas jornalísticas que compuseram nosso *corpus* são de autoria de um colunista fixo, com larga experiência no ofício, atuante em um veículo de projeção nacional. Parece haver o

⁵¹ Importa ter em vista que jornais populares como *Expresso da Informação* e o *Meia Hora de Notícias*, que se destinam prioritariamente às classes C e D, também trazem em suas páginas as suas colunas. Nestes veículos, nota-se uma aproximação mais aguda com as antigas colunas sociais, mais inclinadas para fofocas e boatos relativos às celebridades. Parecem presumir seus autores que assuntos ligados a esses temas são mais agasalhados pelo público-alvo. Outro dado interessante dessas publicações é a frequente aparição de figuras sensuais, em especial mulheres cobiçadas, o que nos faz deduzir que o público masculino lê com frequência as colunas sociais desses periódicos.

reconhecimento tácito de que ele detém um saber de interesse público e que sua função consiste em dar publicidade aos fatos que são por ele devidamente apurados.

A credibilidade jornalística envolve o autor numa espécie de aura protetora. Essa mesma aura de prestígio jornalístico confere, em parte, confiança e crédito ao colunista. Dessa maneira, cremos ser razoável ponderar que, no imaginário do leitor, o colunista é um profissional selecionado e autorizado por uma empresa de grande porte a assumir a palavra. Tal o coloca numa situação de superioridade, em uma situação de “interação vertical”, nos dizeres de Rodrigues (2005, p. 172). Está nisso pressuposta uma relação de hierarquia entre leitor e autor.

No jogo interativo, importa frisar, ainda, que o próprio suporte atua de certa forma como autor interposto dos textos. Isso porque tende a solidificar o discurso do colunista a partir da confiança que lhe é atribuída e da confiabilidade estabelecida entre a empresa e o funcionário, por assim dizer. Em tese, na lógica capitalista só se contratam trabalhadores de reconhecida competência, isto é, “peças” que farão a máquina midiática lograr êxito na competitiva esfera jornalística.

Por essa perspectivação, o colunista incorpora o *ethos*⁵² da competência social e discursiva, angariada pelo suposto “notório saber” e pela sua presença e circulação nos veículos midiáticos. É visto, portanto, como capaz de fazer o que faz, de dizer o que diz dentro do domínio a que pertence. Ele incorpora a aura da competência sociodiscursiva, que o coloca em posição favorável para desempenhar seu papel. O *ethos* do colunista legitima as informações/opiniões manifestas por eles e constitui-se como garantia de credibilidade para seu discurso.

É evidente que somente a blindagem oferecida pelo domínio jornalístico é insuficiente para construir uma imagem positiva do colunista, ainda mais em se tratando, a depender da coluna, de textos atrelados, em maior ou menor grau, a conteúdos provenientes de fofocas e boatos, conteúdos vistos com certa desconfiança pelo leitor. No ofício, há a construção pessoal da imagem do profissional, a quem o leitor atribui mais ou menos crédito. Ao que nos parece, o veículo de informação em que se insere a coluna pesquisada já aparece por si só como importante alicerce, legitimando o discurso do jornalista. Além disso, a empresa a que pertence o veículo de informação em tela costuma zelar pelo seu patrimônio colocando nos postos jornalistas de reconhecida competência e experiência, a exemplo de Ancelmo Gois.

⁵² Consoante Maingueneau (2008), o *ethos* representa uma imagem que o produtor do texto quer passar a seu interlocutor em situações de interação verbal. Na instância jornalística, essa imagem tende a respeitar valores humanos como a ética e a moral, por exemplo, bem como contemplar a pluralidade de ideias e de escolhas, de modo a espelhar, não raro, a voz, as demandas e anseios dos leitores.

Essas peculiaridades fazem do jornal *O Globo* um lugar social privilegiado para o jornalista exercer suas atividades profissionais.

3.2.3 Conteúdo temático, estrutura composicional e estilo das notas jornalísticas

A coluna de Ancelmo Gois, publicação diária do Jornal *O Globo*, figura no primeiro caderno, espaço dedicado a temas variados sobre o Brasil, mas com especial atenção a questões concernentes ao Rio de Janeiro. Contribuem para a coluna Ana Cláudia Guimarães, Daniel Brunet e Tiago Rogero. Trata-se de um espaço de relevo para o periódico não apenas em razão de sua periodicidade, mas, sobretudo, pela qualidade informativa – não raro, antecipam-se fatos, dão-se “furos”, motivos pelos quais a coluna é uma das mais lidas em território nacional, sendo uma seção disputada pelos anunciantes. Vejamos:

Os estrangeiros voltaram

Essa oferta pública inicial de ações (IPO, na sigla em inglês) da rede Burger King, no Brasil, que levantou R\$ 2,2 bilhões, marcou a volta de muitos investidores estrangeiros tradicionais que estavam afastados das aberturas de capital no país há anos.

Depois de muito tempo, essa é a primeira vez em que a participação de fundos gringos é muito superior à dos locais. Na base de três vezes maior.

Lá e cá...

No exterior, o Burger King é controlado pela 3G, dos brasileiros Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Beto Sicupira. Aqui, a rede é controlada — embora, nesta IPO, tenha se desfeito de 50% das ações — pela Vinci Partners, que tem como sócio o banqueiro Gilberto Sayão.

Justiça: todos os ritmos

Petistas criticaram a “rapidez” da Justiça em marcar para 24 de janeiro o julgamento em 2ª instância do recurso de Lula, condenado em julho. Mas o ritmo da Justiça — quase sempre, lento — depende também, em muitos casos, da disposição dos juízes em não sentarem sobre os processos.

Segue...

Veja o caso do ministro Luís Roberto Barroso, que, em só três meses, levou a julgamento a aceitação de denúncia contra o senador José Agripino, do DEM. Ele responderá por corrupção e lavagem de dinheiro na ação sobre desvio de verbas nas obras da Arena das Dunas, em Natal. Em média, um caso desses demora 581 dias no STF.

Dom Barroso I...

Por falar nele, ontem, em almoço na Associação Comercial do Rio, o ministro Barroso teve de negar 1.001 vezes uma eventual entrada na política, muito menos para ser candidato a presidente. Mas, a um amigo, brincou: “Se for para ser imperador, podem contar comigo”.

www.oglobo.com.br/ancelmo

ANCELMO GOIS

ANA CLÁUDIA GUIMARÃES, DANIEL BRUNET E TIAGO ROGERO



FOTO DO LECTOR



Democracia é melhor

Sairá no Brasil em 2018, pela Zahar, “Ruptura”, do sociólogo catalão Manuel Castells, sobre a crise da democracia liberal, marcada, segundo o livro, pela não-legitimidade política e a desconfiança nas instituições. Não é difícil encontrar exemplos, como a vitória de Trump nos EUA ou o resultado do referendo que levou ao Brexit.

Marx para miúdos

Em 2018, quando o nascimento de Karl Marx completará 200 anos, sairão, pela Boitempo, dois títulos infantis para apresentar as ideias do filósofo alemão aos miúdos. Ambos pelo selo Boitatá: “O capital para crianças”, de Lillian Fortuny, sobre a obra mais importante de Marx, de 1867; e “O Deus dinheiro”, de Maguma, sobre “Manuscritos econômico-filosóficos” (1844).

Ao todo, a Boitempo lançará mais de dez livros como parte do “Ano Marx”.

Zona Franca

É hoje, no Belmonte do Jardim Botânico, o lançamento da camiseta do Simpatia é Quase Amor. As vizinhas Isabela Capoto e Bel Trufas abrem suas lojas amanhã para o especial de Natal. Gabriel Nogueira lança o álbum *Agulha de Vitrola* com a participação de Zeca Pagodinho. Tati Bravo está hoje na feira da General Glicério. Turma de Arquitetura de 1967, da FFA, vai se reunir, terça, no Memória. Coréia lançou no Rio, no Wocs, o Frizé. No espaço gastronômico cultural Marré de Si, no Ca telé, hoje, haverá a 1ª Feira Maravilha. Hoje, no Pedro II do Humaitá, será exibido “Escota sem mordaca”, de Pedro Serra.

Machado de Assis e os totós

Nêlida Pinón, a querida imortal, levou sua cadelinha Susy para visitar, ontem, veja na foto, a estátua de Machado de Assis (1839-1908) na Academia Brasileira de Letras. — Isso porque Machado, feto muito pouco sabido, amava os cachorros como eu. Carolina (a esposa do escritor) e Machado tiveram um grande desgosto quando a cadelinha Graziela morreu, em 1891. A tal ponto que ele cortou um cacho do pelo dela e o emoldurou para pendurar na parede do quarto conjugal — contou a grande escritora.

‘Todo homem’

Veja só a capa do primeiro *single* do novo álbum de Caetano. “Ofertório”, ao lado dos filhos Moreno, Tom e Zeca Veloso. O nome da música é “Todo homem”, inédita composta por Zeca, e sairá nas plataformas digitais na quinta, agora, dia 21.

Já o álbum, que foi gravado ao vivo em outubro, no Theatro Net SP, chegará às lojas ainda no primeiro semestre do ano que vem, pela Universal Music.

Estácio vs Carvalho Hosken

Sabe aquele campus do Estácio no Parque das Rosas, na Barra, fechado pela universidade em dezembro de 2016 e, desde então, uma dor de cabeça para os vizinhos (a piscina, abandonada, está cheia de água suja)? O terreno pertence à Carvalho Hosken, que alega que o contrato ainda estava em vigor. Só que, representada pelo advogado Bruno Calfat, a Estácio conseguiu liminar no Tribunal de Justiça do Rio encerrando a locação do espaço.

Ajude, Papai Noel

Ao fim da peça “Natal Mágico”, dia desses, no Teatro Bradesco, no Village Mall, no Rio, a assistente levou ao Papai Noel as cartinhas de pedidos de presentes da plateia. No que o bom velhinho lê: “Os 208 milhões de brasileiros pedem que nossos políticos não sejam mais corruptos”. Amém.



GUIHERME GONÇALVES

PORQUE HOJE É SÁBADO...

... é dia de apreciar esta “árvore de Natal” 100% natural, sem ornamentos, que brotou em plena Lapa, na Praça Cardeal Câmara, aquela que fica em frente aos Arcos. O pé de mamona (*Ricinus communis* L.) floresceu naquele mutirão “Olhos D’Água”, iniciativa de coletivos socioambientais e da Fundação Progresso ●

No tocante à estrutura, a coluna de Gois, que ocupa pouco mais de meia página do jornal, é composta, precipuamente, por notas jornalísticas que versam sobre várias temáticas, como política, economia, mercado imobiliário, eventos artísticos e culturais, cinema, futebol, literatura, celebridades, entre outros. Os textos verbais são compostos de título e corpo e escritos em prosa. Por mais que os textos sejam curtos, costuma-se dividi-los em parágrafos. Os títulos são dispostos em letras maiores e, não raras vezes, apresentam mensagens irônicas, despojadas, por vezes, provocativas, que tencionam despertar o interesse do leitor. O corpo do texto prima pela concisão. Busca-se tecer uma mensagem direta e de fácil apreensão. Ao que nos parece, são textos que atendem a um leitor que busca informações com objetividade, credibilidade, leveza e bom humor sobre temas de relevo para o país (agenda nacional) e, mas restritamente, para o Rio de Janeiro.

Os textos verbais da coluna são, por vezes, enriquecidos com imagens. Em verdade, os autores parecem se preocupar sobremaneira com a articulação entre as linguagens verbal e visual, quando julgam necessário. Isso é perceptível pelo esmero com que as imagens são selecionadas, o que faz delas um componente de relevo para a estruturação das notas, a despeito de se perceber que se usa tal recurso com parcimônia⁵³. O verbal e o visual se articulam, pois, no processo composicional do gênero. De fato, essa mescla de sistemas semióticos é fundamental para a transmissão exata daquilo que se quer fazer entender. Se se levar em conta que é intenção frequente dos autores das notas o trabalho com o humor crítico e a ironia, perceber-se-á que as imagens (em geral, fotos) concorrem relevantemente para a consecução desse propósito.

Constata-se uma preocupação em articular imagem e verbo, principalmente quando se fala de uma celebridade pertencente à Rede Globo ou de pessoas que de algum modo trabalham com a parte visual e gozam de certa simpatia junto ao colunista. Nesse sentido, a nota costuma atuar na promoção de tal personalidade – o que é, de certa forma, previsível, pois o veículo para o qual trabalha o colunista é coirmão da maior emissora de televisão do país, onde são produzidas as novelas de maior sucesso. Além disso, merecem fotos as notícias que de algum modo sejam excêntricas, podendo causar alguma reação no leitor ou mesmo aquelas em que a imagem seja necessária à explicação do que é noticiado.

⁵³ É interessante registrarmos que há uma sensível diferença entre uma coluna como a de Ancelmo Gois e outras como *Gente*, da revista *Veja*, no que respeita ao uso das linguagens verbal e visual. *Gente*, mais direcionada para a vida das celebridades, usa com fartura a linguagem visual, estabelecendo um equilíbrio entre as linguagens, não raro uma para cada texto verbal. Gois, diferentemente, dá ao texto verbal maior destaque, trazendo, em média, três imagens por coluna.

Não raras vezes, lança-se mão das notas sincopadas, prática comum entre alguns colunistas brasileiros, como Zózimo, influência declarada de Gois. Semelhante expediente provoca no leitor uma sensação de incompletude, pelo que ele se vê instado a complementar a informação na próxima nota. Gois ainda faz uso de um eficaz recurso multimodal que consiste na apresentação em letras maiúsculas do título da próxima nota, geralmente uma palavra ou expressão de transição, de continuísmo como “É que”, “Em tempo”, “No mais”, “Só que”, “Segue...”. Tais recursos apresentam variada função deixando também indícios do estilo do colunista. Ora explicam, explicitam ou acrescentam dados relevantes, ora refutam ou indicam ressalva ou contraposição ao que se disse em nota anterior.

O conteúdo temático das notas em exame toca em assuntos bem variados como já se adiantou. Tal peculiaridade faz do espaço comandado por Gois um dos mais sortidos de *O Globo* no que respeita à variabilidade informativa. Na coluna se encontram notas sobre política, economia, mercado imobiliário, eventos artísticos e culturais, literatura, fatos curiosos, celebridades, esportes, segurança pública, ciência e tecnologia, dentre outros. Nesse ponto, materializa-se uma característica observável nas colunas modernas, as quais tendem a diversificar os assuntos tratados.

Vale observar que, por um lado, algumas notas se aproximam das notícias tradicionais por trazerem fatos ocorridos atualmente, apresentados de forma factual, realística ou sensacionalista, a depender da interpretação. Por outro lado, lidam-se também com rumores, com boatos de bastidores que engendram textos nem sempre totalmente comprometidos com o factual. É o preço que se paga pela exclusividade da informação e pelos “furos” obtidos, “motores” do gênero, segundo Sobreira (2002). Todavia, notou-se haver um cuidado do colunista do *corpus* em assinalar verbalmente quando a informação ainda tinha ares de boato, no intuito de não comprometer a credibilidade da coluna. Finalmente, as notas, no que tange ainda ao conteúdo temático, distanciam-se das notícias por incorporarem, conforme já assinalamos, comentários, opiniões, pontos de vista por meio dos quais se manifesta claramente a posição axiológica de quem escreve o texto. Nesse sentido, os acontecimentos são tratados de modo crítico, pejorativo, melhorativo, etc.

Com respeito à seleção de conteúdo, costuma-se adotar o critério da importância (GRADIM, 2000), segundo o qual pessoas importantes são potencialmente mais noticiáveis que as comuns, o que implica considerar que famosos quase sempre podem ser notícia⁵⁴. Sobre essas personalidades, buscam-se informações de bastidores, informações exclusivas que

⁵⁴ Outros critérios apontados por Gradim (2000) também são claramente observáveis na coluna pesquisada: da polêmica, da emoção e da repercussão.

possam ser alvo de interesse ou curiosidade dos leitores. Não obstante, uma das peculiaridades atinentes à coluna de Gois é o espaço para pessoas anônimas, as quais, vez ou outra, aparecem na coluna, via de regra, por trazerem o inusitado, o incomum, o criativo para a seção.

A variabilidade temática, bem como a criticidade podem ser evidenciadas na nota abaixo, por meio da qual se reprova a burocracia que repele talentos, os quais poderiam contribuir com o desenvolvimento das pesquisas em saúde em nosso país.

Brasil esnoba a ciência

Depois de dois anos sem conseguir validar seu diploma no Ministério da Educação, o famoso médico uruguaio Fernando Vinuela foi derrotado pela burocracia. Criador de um dos mais avançados métodos de tratamento de AVC, ele vai chefiar o departamento de Neurorradiologia da Universidade da Califórnia.

O Globo. 02 de julho de 2017, p. 18.

Como vemos, a abordagem dos temas é feita de modo a mesclar informação e opinião, embora a primeira pareça prevalecer sobre a segunda numa visão de conjunto das notas. O texto sobre ciência acima exposto é um exemplo dessa mesclagem, porquanto já no título-tese (“Brasil esnoba a ciência”) tece-se uma crítica à lentidão de um sistema ineficiente de administração pública que acaba por afastar talentos do Brasil. Repare que a seleção lexical do verbo “esnoba”, que possui carga semântica já crítica e é usado no presente do indicativo – tempo verbal que confere à nota um tom analítico, o que demonstra mais engajamento por parte do colunista –, reforça a admoestação feita pelos autores. Além disso, a informação de que o pesquisador é um grande nome no tratamento do AVC (Acidente Vascular Cerebral) tonifica a crítica, já que se sabe que tal mal é um dos que mais matam brasileiros atualmente.

Outro detalhe interessante é a personificação da palavra “burocracia”, avivada como um “monstro” capaz de derrotar e expulsar talentos de nosso país. Como se não bastasse, informa-se o destino do pesquisador, deixando-se implícito um dos motivos do contraste entre Brasil e Estados Unidos no que tange aos avanços científicos. Ou seja, enquanto os brasileiros repelem os talentos, os norte-americanos os abraçam. Não por acaso, os EUA estão entre os grandes polos de pesquisa e tecnologia do mundo.

A exploração do humor, quase sempre imbuído de crítica, é também frequente. Destaque-se o sarcasmo presente nas notas abaixo, as quais exploram o tema dos roubos de caminhão no Rio de Janeiro.

Meca do caminhão roubado

Quem anda de trem pelo Rio reparou que tem aumentado a variedade de itens à venda por ambulantes. Quinta, numa viagem, uma amiga da coluna reparou nos produtos de beleza (condicionador e xampu), mortadela e até... remédios.

Um deles mandou: “Semana da beleza da Supervia! Xampu e condicionador por R\$ 10. Não é caminhão roubado, é caminhão tombado!”.

O Globo. 03 de julho de 2017, p. 08.

Como se sabe

No Rio, caminhão roubado é mais comum do que andar para a frente, principalmente com quadrilhas que atuam no Complexo do Chapadão, na Zona Norte.

Em maio, como saiu aqui, um caminhão da Coca-Cola, por dia, é levado do Grande Rio.

O Globo. 03 de julho de 2017, p. 08.

Na primeira nota, vale-se da antonomásia, tropo que consiste em utilizar um nome próprio (“Meca”) por um substantivo comum (“centro de referência”). Nesse sentido, a escolha lexical “Meca”, no contexto, já imprime ao enunciado uma apreciação negativa. O vocábulo, conforme o dicionário Houaiss (2009), reporta-se a um centro de atividades ou ponto de convergência de atenções, interesses ou aspirações de pessoas ligadas por algum elemento comum. É geralmente utilizado com tonalidade positiva. Diz-se, por exemplo, que Hollywood é a “meca do cinema” em razão de boa parte das grandes produções cinematográficas se realizarem lá. Ou que Milão é a “meca da moda”, em virtude das boas escolas e da exposição de grandes marcas de roupas e acessórios. No texto, porém, o colunista alcunha o Rio de Janeiro como “Meca do caminhão roubado”, referência, evidentemente, nada elogiosa.

No segundo texto, salienta-se a comparação bem-humorada feita pelo autor (“No Rio, caminhão roubado é mais comum que andar para a frente [...]”). Demais, para se frisar a recorrência do crime, lança-se mão da hipérbole, que reforça, num exagero de linguagem

("[...] mais comum do que andar para a frente [...]"), a situação de insegurança na qual se encontra a cidade do Rio de Janeiro.

Vale reiterar que, como se trata de um jornal do Rio de Janeiro, há uma preocupação em munir o carioca com informações relativas a sua cidade. Por conseguinte, são frequentes as notas restritas à cidade e ao estado que possam despertar algum interesse no público leitor, a exemplo dos textos anteriormente expostos.

Relativamente ao estilo⁵⁵, a escolha dos mecanismos linguístico-discursivos atrela-se, de modo geral, a fatores da situação de comunicação como, por exemplo, o projeto de dizer do colunista, bem como à construção do seu *ethos*, ou seja, da imagem que se quer passar ao interlocutor. Nesse sentido, ressalve-se que, na confecção dos textos, cada colunista imprime sua marca, fazendo com que as notas jornalísticas das colunas tenham semelhanças, mas também diferenças bastante significativas quanto à composição estilística.

Inicialmente, diremos que o estilo de Gois é bem aberto à experimentação linguística. De fato, a coluna é um espaço rico em recursos estilístico-composicionais de toda ordem, do nível fônico ao semântico, o que permite uma exploração bastante vasta no que respeita à expressividade.

De início, convém notar que há uma tendência em se usarem diversos registros, sobretudo no que toca ao léxico. O registro padrão, todavia, prevalece na gramática, como se recomenda na prática jornalística. Vejamos:

Nome sujo

As Lojas Americanas estão sendo protestadas em cartórios por dívidas de R\$ 40 milhões com as gravadoras Sony, Som Livre e Warner. Referem-se a CDs e a DVDs vendidos pela gigante do varejo.

Com isso, hoje, o nome das Americanas está no... Serasa.

O Globo. 29 de julho de 2017, p. 18.

No texto em exame, observa-se a preocupação com o registro padrão da língua. Considere-se, por exemplo, o respeito às normas de concordância verbal e nominal em “As lojas Americanas estão sendo protestadas [...]”, em “Referem-se a CDs [...]” e em “O nome das Americanas está no... Serasa”. Por outro lado, veja-se a colocação pronominal enclítica em “Referem-se [...]”. Tais observações engendram uma imagem positiva do jornalista, uma

⁵⁵ No capítulo 04, trataremos, com mais vagar, dos recursos estilístico-composicionais usados na coluna de Gois.

vez que desvios do registro padrão são quase sempre malvistas pelos leitores na esfera jornalística, mormente, em se tratando de jornais mais tradicionais como *O Globo*.

Em verdade, pensamos que o colunista procede a um balanceamento no tocante aos níveis de linguagem, ou seja, mantém-se, em regra, fiel aos ditames da gramática, mas ousa lançando mão de outros recursos que favorecem a aproximação com o leitor, a exemplo da expressão popular “nome sujo”, usada para se reportar a empresas ou indivíduos que possuem dívidas e por isso estão com seus nomes no Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) ou no SERASA, órgãos responsáveis por reunir informações, analisar e pesquisar pessoas físicas e jurídicas que estão com dívidas financeiras.

Marcas da oralidade como essas desempenham importante função na coluna por criarem uma atmosfera mais familiar, quebrando de certa maneira a formalidade e a sisudez presente num jornal como *O Globo*. Há por trás dessas escolhas o pressuposto de que elas contribuem para firmar uma relação de maior proximidade com o leitor. Além disso, como aponta Fonseca (2012), tais marcas tendem a recriar estrategicamente na escrita uma ambiência típica da fala, de sorte a imprimir ao texto mais expressividade e maior poder de persuasão.

Em sua tese sobre recursos linguístico-expressivos usados na obra infanto-juvenil de Ana Maria Machado, Pereira (1990) argumenta que a autora transita com fluidez, espontaneidade e naturalidade nos níveis coloquial e culto, de sorte a integrá-los. Com isso, temos “[...] como resultado uma linguagem coloquial despojada, versátil, mas sempre rica, expressiva e bem elaborada em sua transparência.” (PEREIRA, 1990, p.139). De certa forma, muito embora estejamos falando de esferas e gêneros bastante distintos, essas palavras nos parecem pertinentes ao estilo de Gois, em cujas notas se observa um esforço considerável em fazer conviver expressivamente o formal e o coloquial. Dessa forma, palavras e expressões que poderiam gerar efeitos destoantes ou empobrecedores para um texto pertencente à esfera jornalística, na verdade, agregam a ele riqueza expressiva.

Nesse sentido, são recorrentes expressões populares, neologismos, gírias, regionalismos, dentre outros recursos muito presentes no registro informal. A seleção de vocábulos é de extrema importância para que o autor leve a efeito seu projeto de dizer, pois é por meio do léxico que se manifestam mais fortemente posições avaliativas nos enunciados, direcionando a argumentatividade do texto. Ainda: a seleção lexical informal e bem-humorada firma um vínculo mais estreito com o público leitor. Leiamos:

Pintou beicinho

Os senadores Paulo Paim (PT/RS) e Cristovam Buarque (PPS/DF) bateram boca, na manhã de ontem, no Senado. O petista chamou Cristovam de escravocrata. Nisso, o senador lembrou que foi Paim quem escreveu o prefácio de seu livro “Dez dias de maio em 1888”, sobre a abolição da escravidão no Brasil.

— Se o senhor quiser, pode arrancar do meu livro. Não tem problema.

Em tempo...

Os dois, que são do bem toda vida, estavam sozinhos no plenário.

O Globo. 1º de julho de 2017, p. 10.

Nas notas acima, dispostas em sequência, o colunista vale-se de expressões de cunho informal para trazer ao leitor, com leveza e humor, uma discussão travada por dois senadores no plenário. Começamos por citar a expressão contida no título do texto (“Pintou beicinho”), levemente alterada com o fito de deixá-la mais informal – a expressão mais ouvida é “Fazer beicinho”, isto é, mostrar-se aborrecido. Rompe-se com a formalidade, conduzindo o leitor para uma atmosfera ao mesmo tempo séria e descontraída. A essa expressão se somam “bater boca”, cujo significado reporta-se a uma discussão exaltada, e a passagem “[...] são do bem toda vida [...]”, que exalta a pacificidade de ambos os senadores. Por isso mesmo, deixa-se implícito a desnecessidade da discussão.

Este outro exemplo também merece ser citado. Nele, o colunista utiliza, no título da nota, uma expressão popular muito presente na linguagem cotidiana com o fito de criticar a atuação política de Roberto Sá, ex-secretário de Segurança do Rio de Janeiro:

Dia de São Nunca

Roberto Sá, ao comentar o assassinato do coronel Luiz Gustavo Teixeira, 48 anos, prometeu “virar o jogo” contra a violência. Prometer, aliás, é o que ele mais sabe fazer desde que assumiu o cargo, há um ano. Com todo o respeito.

O Globo. 27 de outubro de 2017, p. 13.

Com efeito, é um traço característico das colunas de Gois a utilização de expressões cristalizadas, de frases populares, frases feitas, com o fito de fazer ecoar a linguagem do povo ou traduzir sinteticamente uma ideia, desvelando a sabedoria popular. Como veremos no próximo capítulo, a recorrência ao discurso de outrem é um importante elemento estruturador do gênero. Isso também ocorre no título desta nota (“Não ‘tá’ fácil para ninguém”), que

retoma uma frase feita de largo uso popular nos dias de hoje, imprimindo ao texto uma marca de contemporaneidade. Perceba-se, da mesma forma, a redução do verbo “estar” (“tá”), cujo uso reflete a inserção de um traço da oralidade na escrita, de modo a reproduzir com fidedignidade e informalidade o conteúdo.

Não ‘tá’ fácil para ninguém

Ontem, por volta de 14h, ali perto do MAM, um motorista de Uber que aguardava a sua vez para transportar algum passageiro do aeroporto Santos Dumont desistiu de esperar e resolveu voltar para casa.

É que, na frente dele, tinha 188 colegas aguardando o mesmo chamado.

O Globo. 02 de agosto de 2017, p. 09.

Destaque-se também o uso da neologia, como atesta a nota abaixo, na qual o composto “Aerotemer” indica, com originalidade e expressividade, um privilégio a que tem acesso a família do presidente Michel Temer:

Aerotemer

Marcela exigiu exclusividade do avião presidencial para a família Temer, hoje, na viagem à China. Ministros e deputados da delegação teriam de ir em outra aeronave.

O Globo. 29 de agosto de 2017, p. 08.

O exemplo que segue também mostra a força expressiva da neologia. Observemos o emprego da palavra “bebemoração”, um cruzamento vocabular formado a partir de outros dois vocábulos: “beber” e “comemoração”. Tal processo de formação de palavras consiste na redução de partes de duas palavras (ou de apenas uma delas), de modo a comporem um novo item lexical. Por certo, a construção, em razão de seu poder de síntese e de originalidade, imprime ao texto um efeito expressivo que as palavras em separado seriam incapazes de produzir.

Noite Vazia

Por causa da guerra na Rocinha, uma parte do Rio não saiu de casa, logo numa sexta à noite, sempre dedicada à comemoração. Não teve agito no Baixo Gávea. A praça Santos Dumont estava silenciosa.

O Braseiro, aliás, em vez de vender sete barris de chope, como de costume numa sexta, só vendeu dois.

O Globo. 25 de setembro de 2017, p. 10.

Relativamente ao campo fônico-gráfico, observa-se, por vezes, a utilização recursos suprasegmentais que reproduzem na escrita a oralidade, tais como “Nooooooooossa”, “Caaaaaaaaramba”. Tais expedientes desvelam o estado emocional do produtor do texto:

Caraaaaaamba

Veja como a crise atinge todos os setores. Uma garota de programa de luxo, que cobra uns R\$ 3 mil pelos, digamos, serviços, está fazendo uma rifa.

São 100 números, e cada um custa R\$ 30. Quem for sorteado... você sabe.

O Globo. 07 de julho de 2017, p. 12.

A surpresa do produtor do texto é demonstrada por meio do alongamento do grafema “a” em “Caraaaaaaramba”. Por meio desse recurso, tenta-se reproduzir na escrita um traço emotivo da oralidade, cumprindo uma função interjetiva e enfática (FONSECA, 2012). Demarca-se, pois, o tom valorativo do enunciado, pondo à vista a subjetividade do colunista por meio da ênfase e da descarga emocional claramente perceptível pelo contexto.

Por vezes também se nota o uso de algumas figuras como a onomatopeia. Observemos como o colunista se vale de tal recurso com expressividade na nota abaixo, na qual se simula, no título, o som feito pelos bovinos, de sorte a tornar mais viva, concreta e chamativa a informação contida no texto:

Muuuuuuuuuu

A Vaquejada Haras Soares, em Duque de Caxias (RJ), marcada para começar hoje, está proibida de usar... animais na competição. A decisão é da juíza Daniela Lima Pires Barbosa, da 7ª Vara Cível do município.

O Globo. 13 de outubro de 2017, p. 06.

Com respeito à morfologia, outra estratégia que traz ao texto maior informalidade e/ou pessoalidade é a ocorrência de sufixos dimensivos. Seguindo Lapa (1982, p. 77), “É nos sufixos que a descarga das paixões se dá com maior energia”. Tendo isso em vista, diremos que esses elementos afixais (a) servem como indício para o reconhecimento dos propósitos comunicativos do sujeito frente à audiência; (b) marcam um ponto de vista do emissor a respeito de algo ou alguém; e (c) orientam o ato discursivo no sentido de determinadas conclusões. Em razão disso, só podemos precisar-lhes o sentido e a função a partir de um contexto, como no exemplo abaixo, no qual os diminutivos “flamenguinho”, “danadinho” e “bichinho” revestem-se de afetividade, de sorte a demonstrar a afeição do colunista não somente pelo sapinho, mas também pelo seu time de coração.

Porque hoje é sábado...

...e todo dia é dia de Flamengo, dá um alô para a coluna este sapo flamenguinho (*Melanophryniscus moreirae*), fotografado no Parque Nacional do Itatiaia, que, em 2017, completa 80 anos.

Nesta época do ano, parte do tráfego de veículos do parque chega a ser fechada para que o bichinho possa... reproduzir. Danadinho.



O Globo. 1º de julho de 2017, p. 10.

É interessante observar que, em algumas colunas, é intenção explícita do autor criar bordões, usar expressões regionais, expressões gíricas com a finalidade de construir certa imagem de si mesmo⁵⁶ ou criar uma identidade para a coluna. Trata-se de marcas do estilo do colunista, marcas pelas quais ele (ou sua “máscara” formada a partir de sua posição autoral) se torna conhecido e até imitado pelo seu público. Nas notas de Gois, há usos linguísticos bem demarcados que poderiam ser considerados bordões. Tais marcas ajudam a construir uma imagem positiva do colunista, seja como contestador irônico dos deslizes políticos, seja como questionador de qualquer fato que mereça discussão. Nesse sentido, ele parece querer se colocar como porta-voz da população, valendo-se da posição de “superioridade” que a esfera jornalística lhe confere. Tomemos o exemplo abaixo:

⁵⁶ Citem-se como exemplos as colunas de Ibrahim Sued, em *O Globo*, e, mais contemporaneamente, a coluna de David Brasil, no jornal *Meia Hora de Notícias*. Ibrahim, como se sabe, criou variadas expressões que saíram do jornalismo e foram encontrar morada na linguagem popular.

Alô, Rodrigo Janot!

A julgar pela fila interminável de pilantras interessados, o instituto da delação premiada, prestigiado na última sessão do STF pelos relevantes serviços prestados ao combate ao crime, corre o risco de virar um passaporte da impunidade. É preciso evitar a supremacia da tese do economista e diplomata Roberto Campos (1917-2001), de que o Brasil não perde uma boa oportunidade de... perder uma boa oportunidade.

O Globo. 07 de julho de 2017, p. 12.

Por vezes, a interjeição “Alô”, seguida de um vocativo, é usada no título das notas para chamar a atenção de pessoas comuns para algum assunto de seu interesse ou mesmo para cobrar algo de autoridades que, na visão do colunista, precisam, por algum motivo, ser mais atentas as suas funções. A mensagem acima vai para Rodrigo Janot, ex-procurador-geral da República, cujo trabalho à frente da operação Lava Jato⁵⁷, a maior investigação de corrupção em estatais e governos já realizada pela Polícia Federal no Brasil, tem obtido frutos, como a recuperação de 4 bilhões de reais desviados dos cofres públicos. Sugere-se que os critérios atinentes à delação premiada sejam mais rígidos no intuito de não haver benefícios demais a quem não os merece.

Traço marcante do estilo da coluna é também a fraseologia. Como recomendam os manuais de jornalismo⁵⁸, faz-se uso de períodos mais curtos de modo a facilitar o trabalho do leitor, na medida em que o conteúdo informativo tende a ser de mais fácil apreensão. Semelhante estratégia, decerto, tende a estreitar a relação com o público-alvo. A estruturação sintática das frases segue, via de regra, a ordem direta (sujeito + verbo + complemento), com poucas variações, geralmente motivadas por razões discursivas. No exemplo que segue, insere-se entre o sujeito “Guerrero” e o verbo “comprou” um aposto, cuja função é dar a conhecer ao leitor um dado para melhor identificação do jogador.

⁵⁷ “A **Operação Lava Jato** é um conjunto de investigações em andamento pela Polícia Federal do Brasil, que cumpriu mais de mil mandados de busca e apreensão, de prisão temporária, de prisão preventiva e de condução coercitiva, visando apurar um esquema de lavagem de dinheiro que movimentou bilhões de reais em propina. A operação teve início em 17 de março de 2014 e conta com 47 fases operacionais, autorizadas pelo juiz Sérgio Moro, durante as quais mais de cem pessoas foram presas e condenadas. Investiga crimes de corrupção ativa e passiva, gestão fraudulenta, lavagem de dinheiro, organização criminosa, obstrução da justiça, operação fraudulenta de câmbio e recebimento de vantagem indevida. De acordo com investigações e delações premiadas recebidas pela força-tarefa da Operação Lava Jato, estão envolvidos membros administrativos da empresa estatal petrolífera Petrobras, políticos dos maiores partidos do Brasil, incluindo presidentes da República, presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado Federal e governadores de estados, além de empresários de grandes empresas brasileiras. A Polícia Federal considera-a a maior investigação de corrupção da história do país.” Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Opera%C3%A7%C3%A3o_Lava_Jato>. Acesso em 06/02/2018.

⁵⁸ Lê-se no manual de redação do Estadão a seguinte orientação estilística: “Seja **claro, preciso, direto, objetivo e conciso**. Use frases curtas e evite intercalações excessivas ou ordens inversas desnecessárias. Não é justo exigir que o leitor faça complicados exercícios mentais para compreender o texto.” (MARTINS, 1997, p. 15).

Casa nova

Guerrero, do Flamengo, comprou duas coberturas no Barra Beach, na Avenida do Pepê, na Barra. Quem mora no mesmo prédio é Fiuk, o filho de Fábio Jr. que está em “A força do querer”.

O Globo. 02 de julho de 2017, p. 18.

Destaca-se, no nível semântico, o uso frequente da conotação, no qual aparecem, não raro, figuras como o símile, a personificação, a metáfora e a ironia. Salienta-se também o uso de expressões polissêmicas, trocadilhos, subentendidos, bem como jogos de palavras, largamente explorados com intento humorístico-crítico. Leiamos:

Poesia pura

Houve um tempo em que virou mania nacional o funk “Passinho do volante”, aquele do “Aaaaaah lelek lek lek lek lek”. Pois bem. A música foi usada pela Mercedes-Benz para divulgar um veículo novo. Só que os autores da inteligível, MC Federado e os Leleks, alegam que ninguém pediu autorização. Agora, a 20ª Câmara Cível do Rio decidiu que montadora e a produtora Furacão 2000 vão responder pelo uso do funk.

O Globo. 14 de março de 2017, p. 08.

A ironia sabidamente colocada no título da nota atua como instrumento de crítica em relação à qualidade sonora da música em questão. Entendendo a ironia como uma figura de linguagem por meio da qual se afirma o contrário daquilo que se quer efetivamente dar a entender, parece-nos razoável ponderar que “Poesia pura” sugere a baixa qualidade da canção, reforçada pelo emprego do adjetivo substantivado “inteligível”, cuja função coesiva referencial também indicia criticidade. Segundo nossa interpretação, resgatando o significado de inteligível como “algo facilmente compreensível”, “claro”, tem-se em mente fazer significar o contrário, ou seja, o que se tem é uma música sem sentido, destituída de virtudes, confusa.

Neste outro texto, a metáfora contida no título (“Gol contra”) manifesta uma crítica à administração do clube de futebol carioca Botafogo. “Gol contra”, como se sabe, é aquele tento que um jogador marca contra seu próprio time. No contexto, significa que o clube

carioca prejudica-se a si mesmo ao não recolher a contribuição junto ao Fundo de Assistência dos atletas, o que lhe gerou um revés judicial.

Gol contra

O Botafogo terá de pagar R\$ 682.339,54 à Federação das Associações de Atletas Profissionais, por não ter recolhido a contribuição junto ao Fundo de Assistência dos atletas entre agosto de 2006 e março de 2011. A decisão é da 20ª Câmara Cível do Rio.

O Globo. 07 de outubro de 2017, p. 12.

Na coluna de Gois, encontra-se um balanceamento sensível de informação e opinião. Por essa razão, a depender da nota, da intenção e do modo textual no qual é escrita, os tempos verbais alternam-se com regularidade. Por vezes, o tom informativo sobressai-se e a estruturação do texto se dá com o uso predominante do passado ou até mesmo do futuro do presente, se a nota antecipa alguma informação. Exemplifiquemos:

Luiz, pérola negra

A morte de Luiz Melodia coincidiu com a estreia, ontem, do show “Trinca de ases”, no Citibank Hall, em São Paulo, com Nando Reis, Gilberto Gil e Gal Costa.

Por causa disso, foi incluída no repertório “Pérola negra” — aquela que provoca: “Tente passar pelo que estou passando/Tente apagar este teu novo engano” — que explodiu exatamente na voz da Gal.

O Globo. 05 de agosto de 2017, p. 12.

A ocorrência de verbos no pretérito perfeito (“coincidiu”, “foi” e “explodiu”) indicia a função predominante no texto, que é a de relatar a coincidência da morte do cantor Luiz Melodia com a estreia de um show de outros importantes cantores da música brasileira, razão por que estes homenagearam Melodia.

Não raras vezes, observa-se o emprego do presente do indicativo, traço que indica maior comprometimento do enunciador em relação ao que escreve⁵⁹. Surgem, assim,

⁵⁹ Os tempos verbais podem indicar, num texto, a atitude comunicativa do falante. O linguista alemão Harald Weinrich (1964 apud Koch, 2013) nos ensina que há duas formas de manifestarmos nosso engajamento em relação ao que dizemos. Segundo o estudioso, podemos manifestar uma atitude de mais engajamento, mais participação e comprometimento, usando verbos do *mundo comentado* (presente do indicativo, futuro do presente, etc.). Por outro lado, se desejarmos não nos comprometer muito com o que é dito, fazemos uso do mundo narrado (pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito, etc.).

passagens interpretativas, que envolvem análise dos fatos e posicionamentos bem definidos, conforme se pode atestar no texto seguinte, em que os verbos no presente concorrem para a expressão da opinião do colunista que, em tom de denúncia, tece considerações acerca do desemprego que atinge as mulheres no Brasil:

Desemprego feminino

Veja como a situação das mulheres ainda é muito sensível no Brasil. Pesquisa da FGV com 247 mil delas, entre 25 e 35 anos, mostra que, dois anos depois da licença-maternidade, metade das ex-gestantes perde o emprego. A demissão começa logo depois do fim do benefício, em geral de quatro meses.

A probabilidade de demissão já no segundo mês depois do retorno ao trabalho é de impressionantes 10%.

O Globo. 30 de julho de 2017, p. 30.

Por fim, importa observar o uso constante da pontuação expressiva, que, por certo, desvela a descarga emocional do autor. Para comprová-lo, observemos, na nota abaixo, o emprego das reticências e do ponto de interrogação:

Não é fofa?

A curadora da Festa Literária, Josélia Aguiar, levou para Paraty o seu... gato. Só que, quando ela chegou à cidade, somente uma pousada distante aceitou o bichinho.

O Globo. 28 de julho de 2017, p. 14.

O texto inicia-se com uma pergunta retórica que denota a afetividade do enunciador em face do objeto da nota e busca firmar um vínculo mais estreito com o interlocutor. Em seguida, o autor introduz um relato com função argumentativa que direciona o leitor a coadunar com sua opinião. Note-se, ademais, o efeito de suspense ocasionado pelo uso das reticências, cuja função é imprimir relevo ao insólito da situação.

3.3 As notas jornalísticas e os tipos textuais

Pelos exemplos até aqui aduzidos, não será difícil verificar que, como ocorre com outros gêneros, os tipos textuais aparecem, com frequência, articulados nas colunas. No entanto, é de observar que, em razão da função informativa e, por vezes, opinativa do gênero, as sequências narrativas, expositivas e argumentativas tendem a predominar sobre as outras⁶⁰.

- O tipo narrativo

Nessa sequência, aparece a figura de um narrador que tem por função relatar fatos e acontecimentos. Apresenta-se uma sucessão temporal e causal de eventos. Entre eles, acontece algum tipo de modificação de um estado de coisas (KOCH; ELIAS, 2009, p. 63). Em relação às marcas linguísticas, podem-se citar a predominância de verbos de ação, nomeadamente no passado (pretérito perfeito e imperfeito do indicativo), e os advérbios de tempo, de causa e de lugar. Além disso, é bastante constante a presença do discurso de outrem (discurso direto, discurso indireto e indireto livre). Exemplifiquemos:

Dorrit caiu na rede

A super coleguinha Dorrit Harazim aderiu às redes sociais. Estreou no Twitter (@dorriharazim).

O Globo. 18 de julho de 2017, p. 10.

Observa-se, nesta pequena nota, a predominância da sequência narrativa. De início, pode-se dizer que estamos diante de um relato de um acontecimento envolvendo a jornalista Dorrit Harazim. Em seguida, pressupõe-se uma sucessão temporal – um “antes” e um “agora” –, uma vez que a jornalista antes não participava do *Twitter* e agora o faz, pelo que se evidencia outra característica da narração: a mudança de um estado de coisas. Por fim, saliente-se a predominância de verbos no pretérito perfeito, a saber: “caiu”, “aderiu” e “estreou”.

Neste outro texto, também pertencente à tipologia narrativa, observa-se, analogamente, a predominância de um relato em sequência temporal, estruturado a partir de verbos no passado perfeito:

⁶⁰ Há autores que defendem haver também a sequência dialogal. Diferentemente das outras sequências, “[...] o diálogo é uma unidade formada, necessariamente, por mais de um interlocutor” (BONINI, 2005, p 225), marcada pela alternância de turnos. Neste trabalho, optamos por não elencá-la entre as sequências em razão de sua pouca frequência no *corpus*.

Implicou com o homem

O tradicional Bar Lagoa, fundado em 1934, em Ipanema, **adotou** como senha de wi-fi o “Fora, Temer”.

O Globo. 05 de dezembro de 2017, p. 10.

No *corpus*, as sequências narrativas apareceram constantemente nas notas de caráter noticioso, em razão de estas constituírem-se, frequentemente, de relatos de fatos recentes de interesse público.

- O tipo descritivo

Na descrição, o que se tem é um observador, cuja função precípua é a caracterização. Nesse sentido, procede-se à identificação/nomeação, localização e à qualificação de seres, objetos, cenas e processos. Conforme esclarecem Koch e Elias (2009, p. 65), há a predominância de verbos de estado e de situação, assim como de verbos que indicam propriedades, qualidades e atitudes. Tais verbos são empregados no presente, quando se trata de um comentário, ou no pretérito imperfeito, quando se trata de um relato. Destacam-se também o uso de adjetivos ou de expressões adjetivas, além dos articuladores do tipo espacial/situacional. Vejamos:



PORQUE HOJE É SÁBADO...

...é dia de apreciar esta “árvore de Natal” 100% natural, sem ornamentos, que brotou em plena Lapa, na Praça Cardeal Câmara, aquela que fica em frente aos Arcos. O pé de mamona (*Ricinus communis* L.) floresceu naquele mutirão “Olhos D’Água”, iniciativa de coletivos socioambientais e da Fundação Progresso ●

O Globo. 16 de dezembro de 2017, p. 16.

No exemplo, há vocábulos/expressões cuja função é identificar, qualificar e localizar a árvore, objeto da nota. Podem ser citados com essa função descritiva o adjetivo “natural” e a locução adverbial “sem ornamentos”, ambos de natureza qualificativa, além da oração adjetiva “[...] que brotou em plena Lapa [...]”, que traz em sua construção a indicação de localização.

Encontraram-se várias passagens descritivas nos textos do *corpus*. Estas atuam, nomeadamente, como apoio à narração do fato, de modo a precisar o objeto da nota. Por meio da identificação, qualificação e localização dos objetos descritos, fornecem-se dados preciosos ao leitor acerca dos envolvidos. Por vezes, também com o auxílio da descrição, orienta-se o leitor no sentido de determinadas conclusões, traço indicador de argumentatividade.

- O tipo expositivo

Na sequência expositiva, o que se objetiva é a análise ou síntese de representações conceituais em uma ordenação lógica (KOCH; ELIAS, 2009, p. 67). Destaque-se, nessa sequência, o uso dos tempos verbais do mundo comentado e os conectores do tipo lógico. Busca-se, na exposição, informar ou explicar um assunto de modo mais impessoal e isento. Em função disso, é caracterizada pela exposição, definição, explicação de fatos e informações, conforme se observa na nota seguinte, a qual, não obstante tenha de fundo uma vocação argumentativa como a maioria dos textos pesquisados por nós (ver capítulo 04), possui passagens expositivas:

Cidade alerta

Veja como o Rio domina o debate sobre segurança no Brasil. Das mais de 4,4 milhões de postagens sobre o tema nas últimas quatro semanas, cerca de 20% vêm da cidade do Rio, ante 11% de São Paulo. Os dados são do Monitor de Temas da FGV/DAPP.

O Globo. 20 de julho de 2017, p. 12.

No texto acima, expõem-se dados sobre uma pesquisa virtual que confirmam o interesse dos internautas por um tema que tem preocupado constantemente o carioca, assustado por causa violência que se abateu sobre o Rio de Janeiro, sobretudo no ano de 2017: a segurança pública. Por meio de dados do Monitor de Temas da Fundação Getúlio Vargas, busca-se também fazer uma síntese de parte da pesquisa, a qual interessa ao colunista informar ao leitor.

No que respeita aos recursos linguísticos, compete destacar os verbos no presente do indicativo “vêm” e “são”. Percebam-se também as duas frases declarativas: “Das mais de 4,4 milhões de postagens sobre o tema nas últimas quatro semanas, cerca de 20% vêm da cidade do Rio, ante 11% de São Paulo.” e “Os dados são do Monitor de Temas da FGV/DAPP.”, que não apresentam intenção explícita de pôr em discussão as informações dadas.

A nota abaixo também serve de ilustração. A parte grifada representa o excerto expositivo, que visa a explicar, mais objetivamente, o aumento da desigualdade de gênero conforme o avançar da idade:

Desigualdade de gênero

Aos 25 anos, homens ganham 10% mais do que mulheres no Brasil. Aos 35, a diferença passa para 20%, depois para 22% aos 40 e, aos 50, recua um pouco, para 18%. Os dados são de pesquisa inédita da FGV Social e da EPGE.

Isso mostra, segundo Marcelo Neri, que a desigualdade de gênero aumenta ao longo do ciclo de vida até os 40 anos, quando começa a cair até o fim das carreiras.

O Globo. 27 de novembro de 2017, p. 08.

Essa sequência demonstrou-se bastante importante nas notas quando, por exemplo, se sintetizam pesquisas, expõem-se dados que reforcem uma tese explícita ou implícita, consoante se observa nos textos acima.

- O tipo injuntivo

De acordo com Koch e Elias (2009, p. 68), a injunção consiste num procedimento que prescreve ações e comportamentos sequencialmente ordenados. Almeja-se dar “comandos”, por assim dizer, aos interlocutores, com o fito de que eles realizem certas ações. Como marcas de linguagem dessa sequência, podemos citar os verbos no imperativo, no infinitivo ou no futuro do presente. Têm-se também articuladores que concorrem para o encadeamento sequencial das ações prescritas. Vejamos a utilização do verbo “Deixa” na nota abaixo:

Deixa ele...

O STJ julga uma ação inusitada, hoje. Um menino acha o seu nome muito... extenso e pede para alterar o registro civil. Ele quer cortar duas das seis palavras que compõem seu nome.

O Globo. 08 de agosto de 2017, p. 10.

Na coluna de Gois, aparecem com razoável frequência sequências injuntivas. Diremos que elas têm papel importante na construção do texto, uma vez que evidenciam um enunciador que assume sua responsabilidade no discurso, orientando a argumentação, como no caso da nota acima, em que se sugere que o pedido do menino seja acatado.

Por vezes, a sequência injuntiva permite que o enunciador exprima, em tom de exaltação, um desejo:

Vai, Mengão...

A possível chegada do colombiano Rueda ao Fla incomoda o torcedor mais tradicional. É gente que prefere a prata da casa. Lembra que no Mundial de 1981 o treinador era Carpegiani; no último brasileiro, Andrade; na última Copa do Brasil, Jayme de Almeida; no último Carioca, Zé Ricardo.

O Globo. 10 de agosto de 2017, p. 14.

O verbo no imperativo constante do título da nota é indicador da emotividade com que se expressa o colunista. Em verdade, o autor parece assumir o lugar do torcedor. Faz saber ao interlocutor que ele compartilha de suas convicções, temores e angústias, sugerindo que é um dos “seus”. Assim, parece juntar-se à massa, exaltando com paixão o time para o qual torce.

● O tipo argumentativo em sentido estrito

No tipo argumentativo, o que se tem é um argumentador, o qual, ante um tema polêmico, aduz uma tese que será defendida mediante a apresentação de argumentos, no intuito de convencer a audiência. Como marcas linguísticas, citem-se os operadores argumentativos, a forte presença de modalização, os verbos no presente do indicativo, as perguntas retóricas, as expressões valorativas positivas ou negativas, dentre outras. Ilustremos:

No mais

É triste ver Lula, o “filho do Brasil”, que galvanizou tantas esperanças de justiça social, tendo que se explicar diante do juiz Sérgio Moro, ontem. Como também é triste, trágico até, três dias antes, ouvir o quarto (ou o quinto) diretor da Petrobras do período petista, no caso Renato Duque, dizer que roubou o meu, o seu, nosso dinheiro, a ponto de prometer devolver 20 milhões de euros.

O Globo. 11 de maio de 2017, p. 14.

No texto acima, apresenta-se a tese de que é vexatório para um político com a trajetória de Lula, duas vezes presidente do Brasil, estar possivelmente envolvido em casos de corrupção. Mais: questiona-se e critica-se o fato de uma empresa como a Petrobrás ser comandada por pessoas como o ex-diretor de Serviços da empresa, Renato Duque, que, em depoimento a Lava Jato, disse ter recebido dinheiro de propina.

O texto inicia-se com uma oração subordinada substantiva subjetiva de cunho negativo em relação a Lula (“É triste ver Lula [...]”), em que já se denota, na oração principal, a participação subjetiva do produtor do texto, que se entristece ao ver o ex-presidente ter de dar explicações à Justiça. O aposto “o ‘filho do Brasil’”, bem como a oração adjetiva “[...] que galvanizou tantas esperanças de justiça social [...]” vigorizam a decepção do colunista, que, como parte do povo brasileiro, parece considerar Lula, “gente como a gente”, o presidente que mais aprofundou as conquistas sociais no Brasil. Note-se também o uso do verbo modalizador “tendo que”, que implica, por força da lei, uma necessidade, de modo a demonstrar que o ex-presidente foi convocado pelo Juiz Moro a depor, em razão de ser suspeito de corrupção.

Segue-se com a explanação mudando-se o alvo da crítica: de Lula, passa-se a falar de ex-diretores da Petrobrás na gestão petista. Destaque-se, inicialmente, a utilização do operador argumentativo “como também”, que visa a ligar argumentos em favor de uma mesma conclusão. Acrescenta-se mais um caso de corrupção na gestão petista, o que corrobora a tese do enunciador. Cite-se também, a exemplo do que ocorreu no primeiro período do texto, a expressão valorativa negativa “é triste”, acrescida do adjetivo intensificador “trágico”, expressão da indignação do colunista.

Finaliza-se o texto com a expressão popular “o meu, o seu, o nosso dinheiro”, em que o autor do texto insere-se a si mesmo, como também o leitor entre os lesados pelo esquema de corrupção. Tal artifício busca chamar o interlocutor a realizar uma ação responsiva, juntando-se à voz do colunista, de sorte a solidificá-la em protesto contra o ocorrido.

Sigamos com estes outros textos:

Façam o jogo, senhores

Deve rolar fila de interessados, no governo Temer, para integrar a missão que vai a Las Vegas (e também a cidades da Europa), no 1º trimestre de 2018, “vender” o projeto de privatização da raspadinha federal, a tal Lotex. Na verdade, a concessão por 25 anos da raspadinha anda devagar, até por causa da insegurança jurídica, já que o monopólio da União nessa área é contestado por vários estados, inclusive o Rio, que tem a Loterj.

De qualquer forma...

Faz sentido o esforço do governo em tentar dar um banho de loja nesses jogos explorados pela Caixa. O Brasil está longe do seu potencial. A arrecadação lotérica na Itália, por exemplo, chega a uma venda per capita de US\$ 565. No Brasil, a venda per capita é de, acredite, US\$ 18,53.

O Globo. 21 de dezembro de 2017, p. 12.

Se bem observarmos, a segunda nota é claramente argumentativa. Há a defesa explícita da tese de que é preciso promover mudanças na condução dos jogos explorados pela Caixa, em razão da má gestão que tem impedido um melhor desempenho financeiro do negócio. A estratégia argumentativa fundamenta-se na exemplificação. Para tanto, traz-se o caso da Itália, um país de primeiro mundo, cujo faturamento é absurdamente maior que o brasileiro, informação que comprova a ineficácia desses jogos em nosso país.

Com base na leitura atenta do *corpus*, diremos que a sequência argumentativa é usada com certa frequência. O mais interessante é, talvez, como procuraremos argumentar no próximo capítulo, sublinharmos a vocação argumentativa intrínseca das notas, mesmo daquelas em que há predominância de outras sequências textuais. Noutros termos, cremos ser relevante uma explanação acerca da argumentatividade inerente ao gênero, com vistas a utilizá-lo como um elemento produtivo para o aperfeiçoamento das habilidades argumentativas dos alunos.

4. A DIMENSÃO ARGUMENTATIVA DAS NOTAS JORNALÍSTICAS

Neste capítulo, propõe-se uma abordagem das notas que vá além das sequências argumentativas em sentido estrito. Intentamos demonstrar como a argumentatividade⁶¹ é intrínseca à constituição do gênero, tendo papel fundamental nos processos de produção e circulação dos textos a ele pertencentes. Para tal, defendemos que, tendo em vista as relações dialógicas, “Todo discurso tem uma dimensão argumentativa.” (FIORIN, 2015, p. 09). Adicionalmente, tratamos da dimensão verbal do gênero e de sua multimodalidade, elementos que materializam estratégias de convencimento no interior dos enunciados/textos, concebidos em constante tensão. As considerações aqui feitas apresentam relevantes implicações didáticas, porquanto a exploração pedagógica do gênero pode concorrer para o aperfeiçoamento das capacidades de convencimento e de persuasão dos discentes no que concerne, sobretudo, à leitura e à produção de textos escritos.

4.1 Grécia antiga: o início dos estudos sobre argumentação

É antiga a preocupação humana com a organização do discurso, com vistas a interferir decisivamente na arte do convencimento e da persuasão⁶². Basta lembrarmos que a Retórica, habilidade de usar a linguagem para comunicar de forma eficiente e persuasiva, surgiu na Grécia antiga, por volta de 427 a. C. Àquela época, os atenienses estavam vivenciando a primeira experiência de democracia de que se tem notícia. Nesse contexto, em que a força perdia espaço para o diálogo, foi mister que os cidadãos dominassem a arte de falar com proficiência e de argumentar (ABREU, 2006), pois a palavra se tornou instrumento de luta

⁶¹ Pode-se, num exercício de precisão terminológica, diferir os vocábulos “argumentatividade” e “argumentação” em sentido estrito. Este se reporta a uma sequência textual cuja função é levar o interlocutor a aderir determinada tese mediante a apresentação de argumentos. Aquele se refere a uma “condição” do discurso, isto é, a uma natureza peculiar a todo e qualquer enunciado, qual seja: o de trazer em seu bojo um projeto de dizer que, em menor ou maior grau, está ligado ao convencimento e à persuasão. Destarte, a argumentação corresponderia à argumentação em sentido estrito e a argumentatividade, à argumentação em sentido lato (FONSECA, 2012, p. 100-101).

⁶² Abreu (2006, p. 25) estabelece uma diferenciação entre “convencer” e “persuadir”. Na arte da argumentação, convencer “[...] é saber gerenciar a informação, é falar à razão do outro, demonstrando, provando”. Persuadir “[...] é saber gerenciar a relação, é falar à emoção do outro”. Nesse sentido, podemos dizer que convencer está no campo das ideias, do intelecto, ao passo que persuadir adentra o campo das emoções, em que se busca sensibilizar o outro para agir.

nas assembleias populares e nos tribunais. Assim, as lanças, espadas e escudos cederam espaço ao manuseio de uma outra poderosa arma: a palavra. Destacaram-se nesse particular os sofistas, entre os quais compete fazer menção a Protágoras e Górgias, que habilidosamente dirigiam-se às praças, tribunais, foros no intuito de inflamar multidões, mudar comportamentos, alterar pontos de vista e conceitos pré-formados.

No entanto, foi com Aristóteles que a sistematização dos estudos retóricos alcançou um alto grau de sofisticação. Seu livro *Retórica*⁶³ busca, por meio de um minucioso estudo, entender a estrutura e o funcionamento do discurso persuasivo, pelo que se pode dizer que o pensador grego é um dos primeiros sistematizadores de uma teoria do discurso (CITELLI, 2003, p. 13). Vale dizer que, hodiernamente, a obra supracitada ainda é referência a variados estudos sobre argumentação, a exemplo dos trabalhos que envolvem textos publicitários e jornalísticos.

Com o correr do tempo, a Retórica passou a ser entendida como a disciplina que visava, precipuamente, a escolher os meios linguísticos para tornar o discurso mais belo, mais pomposo, sem um interesse específico no seu método composicional. Deu-se com isso uma espécie de esvaziamento desse ramo do saber, por assim dizer, pelo que algumas universidades, considerando-a uma disciplina não científica, optassem a excluí-la dos seus currículos. Houve, assim, a “deslegitimação da retórica” (PLANTIN, 2008, p. 13). De certo modo, algumas visões da Retórica contribuiram para que tal acontecesse. Lembremo-nos, a propósito, do ideário parnasiano que, no século XIX, erguia a bandeira da “arte pela arte”. Nesse contexto, não interessava tanto o processo composicional do texto com vistas ao convencimento e à persuasão, mas tão somente os enfeites, as belas palavras, as figuras mais inusitadas que dariam beleza à composição.

Em nossos dias, porém, a situação é bem diversa. Com o advento da Linguística e de outras disciplinas a ela ligadas (citem-se, em especial, a Semiótica, a Pragmática, a Linguística Textual e a Análise do Discurso), a Retórica ganha, novamente, prestígio no concernente aos estudos linguísticos, de modo a servir de base ou auxílio para incontáveis trabalhos que se interseccionam com tal disciplina. De modo geral, passou-se a considerar, mais acuradamente, como objeto de estudo e reflexão, tanto as técnicas argumentativas em nível macrotextual (tautologia, comparação, *argumentum a pari*, argumento do desperdício,

⁶³ São palavras de Aristóteles (2005, p. 93): “[...] a retórica é útil porque a verdade e a justiça são por natureza mais fortes que seus contrários. De sorte que, se os juízos se não fizerem como convém, a verdade e a justiça serão necessariamente vencidas pelos seus contrários, e isso é digno de censura.”

etc.), quanto as unidades do discurso (fonemas, morfemas, vocábulos, sintagmas, etc.) em sua potencialidade combinatória geradora de sentidos.

Nesse quadro em que a Retórica retoma lugar de destaque nos estudos linguísticos, mencione-se o pioneirismo do trabalho de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca: *Tratado de Argumentação: A Nova Retórica*, originalmente publicado em 1958. A obra conferiu à Retórica uma positiva oxigenação, servindo de orientação para pesquisas várias no campo da argumentação. No texto, colocam-se em evidência as técnicas argumentativas de que se valem os oradores para persuadir e convencer seus auditórios. Importa mencionar que os autores, rompendo com a tradição lógica que permeou a argumentação por séculos a fio, retomam o caráter social da linguagem, concebendo-a como um mecanismo de ação e de influência sobre os comportamentos de outrem (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 580). Portanto, dirigem suas preocupações também para a interação verbal, isto é, para as ações persuasivas realizadas por nós por meio da linguagem.

É de considerar, por fim, os importantes trabalhos de Jean Dubois e do grupo da Universidade de Liège. Tais estudos também têm trazido novos ares à Retórica e à argumentação, centralizando-se na organização discursiva “[...] a fim de apreender os procedimentos que permitem ligar a adesão de um ponto de vista àquelas ideias que lhe são apresentadas.” (CITELLI, 2003, p. 17). Os esforços empreendidos por todos esses autores têm permitido a reabilitação da Retórica como disciplina importante no quadro das ciências humanas, na medida em que se lhe devolvem o caráter científico, esquecido em alguns momentos de sua história⁶⁴.

4.2 A argumentatividade como traço inerente das atividades linguageiras

Em *Linguagem e Persuasão*, Adilson Citelli erige uma interessante imagem para se reportar ao caráter persuasivo da linguagem humana. Em suas primeiras páginas, diz o estudioso que “[...] o elemento persuasivo está colado ao discurso como a pele ao corpo.” (CITELLI, 2003, p. 06). Para ele, resulta quase impossível desvincular uso da linguagem da

⁶⁴ Cabe aqui referir a obra de Oswald Ducrot, que realiza um importante trabalho sobre a argumentação, tomando como objeto de estudo os implícitos e os operadores argumentativos. Nas palavras do autor: “[...] la lengua, independientemente de las utilizaciones que podamos hacer de ella, se presenta fundamentalmente como el lugar del debate y de la confrontación de las subjetividades.” (DUCROT, 2001, p. 43). Ou seja, há que considerar, na língua, uma inclinação retórica intrínseca.

influência que tentamos ter sobre os outros com os quais nos relacionamos por intermédio da linguagem.

Por seu turno, Koch (2000, p. 19), em instigante trabalho, põe em relevo que a interação social mediada pela linguagem se caracteriza fundamentalmente pela argumentatividade. Cumpre transcrever a posição firmada pela autora a propósito desse tema:

Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor. Por outro lado, por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. É por esta razão que se pode afirmar que o **ato de argumentar**, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui um ato linguístico fundamental, pois **a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia**, na acepção mais ampla do termo [grifos da autora].

Isso significa dizer que a linguagem humana tem na busca da persuasão e do convencimento uma das suas principais razões de ser. De fato, é por meio da língua que o homem influencia e é influenciado; convence e é convencido; manipula e é manipulado. Em outros termos, a língua torna possível que ele exerça sua ação sobre o mundo e sobre as pessoas. Portanto,

Quando o enunciador comunica alguma coisa, tem em vista agir no mundo. Ao exercer seu fazer informativo, produz um sentido com a finalidade de influir sobre os outros. Deseja que o enunciatário creia no que ele lhe diz, faça alguma coisa, mude de comportamento ou de opinião etc. Ao comunicar, age no sentido de fazer-fazer. Entretanto, mesmo que não pretenda que seu destinatário aja, ao fazê-lo saber alguma coisa, realiza uma ação, pois torna o outro detentor de um certo saber (FIORIN, 1998, p.74).

De conformidade com esses autores, por meio de atos linguísticos, agimos no mundo: expressamos sentimentos, críticas, juízos, valores, crenças, etc. Desvelamos o que somos e o que pensamos. Não raras vezes, quando formulamos enunciados/textos, manifestações concretas de linguagem, produzimos sentidos com vistas a influir sobre os outros. Desejamos que nossos destinatários adiram a ideias que veiculamos, pelo que podemos dizer que a natureza da linguagem humana é essencialmente marcada pelo desejo de convencimento e de persuasão.

Olivier Reboul (1998, p. XIV), numa tentativa de restringir o estudo da Retórica a gêneros persuasivos, sustenta que o objeto dessa disciplina, definida por ele como “[...] a arte de persuadir pelo discurso.”, deve se circunscrever àqueles gêneros, cujo intento seja

explicitamente persuasivo. Descarta de sua análise, a título de exemplo, os poemas líricos, as tragédias, os romances, as piadas.

Não obstante, cumpre questionar se existe, de fato, algum discurso totalmente esvaziado de argumentatividade, sem manifestação ideológica de qualquer espécie. Não estaria um autor lírico cobrando uma postura responsiva de seu leitor para seu ato de linguagem? Da mesma forma, o humorista não estaria esperando alguma reação de seu interlocutor frente ao que enuncia? E por trás dessas manifestações não estaria presente, em maior ou menor grau, uma tentativa de convencer e/ou persuadir?

Para Koch e Elias (2013, 2017), as manifestações textuais trazem consigo um “querer-dizer” implicado, um projeto de dizer bem definido. E este se direciona invariavelmente a exercer alguma influência sobre o interlocutor – queremos que ele sorria, se enraiveça, conteste, se emocione, seja detentor de um saber, faça algo. Sempre queremos, pois, mudar um certo estado de coisas. Por essa razão, tendemos a concordar com os autores que sustentam ser a linguagem essencialmente voltada ao convencimento e à persuasão.

Tomemos a nota seguinte, com vistas a demonstrá-lo:

Globo verde

Os Estúdios Globo (ex-Projac), em Jacarepaguá, no Rio, terão, este ano, 96% de toda a energia consumida produzida por... fontes renováveis. É que sobre 3 mil m² dos telhados estão nada menos do que uns 1,5 mil painéis de energia solar.

O Globo. 04 de julho de 2017, p. 10.

Esta nota foi publicada pelo jornalista Ancelmo Gois, no jornal *O Globo*. Compete perguntar se podemos tomá-la como mera manifestação referencial de linguagem, quer dizer, como um texto que tem na imparcialidade sua marca essencial, almejando a simples transmissão de informações. Por outras palavras, será este texto isento de argumentatividade?

Acreditamos que não. A despeito de quase não conter marcas explícitas que denunciem a presença de um argumentador, um olhar que vai além da materialidade linguística dos enunciados, de sorte a considerar suas condições sócio-históricas, os participantes da interação, suas intenções no discurso, seu contexto, entre outros fatores, pode nos fornecer elementos para uma análise mais precisa do texto em exame.

De início, vale dizer: a seleção temática já nos parece uma atitude argumentativa. Observa-se, nesse aspecto, o reforço ao propalado “discurso verde”, segundo o qual devemos, num mundo dominado por interesses capitalistas e despreocupado com questões ambientais,

tornarmo-nos cidadãos conscientes, de modo a atuar na preservação do meio ambiente. O título da nota, por si só, já se movimenta no sentido de influenciar o leitor a compactuar com a ideia de que a opção por energias renováveis é uma preocupação legítima nos nossos dias. Desse modo, empresas que assim procedem estariam cuidando do futuro da humanidade.

No jogo interativo, o produtor do texto toma para si a atitude responsiva de reforçar esse discurso, posto que não manifeste declarada concordância com ele no corpo do enunciado. Com isso, ele busca construir a imagem (*ethos*) de um colunista consciente, que tem preocupações legítimas com o futuro da humanidade. Por pertencer à instância jornalística, e por estar numa posição hierárquica superior em relação aos leitores – lugar social legitimado pela própria esfera jornalística –, a seleção do tema da nota nos leva, como leitores, a pensar sobre a importância de grandes empresas adotarem medidas similares, sem o que causarão mais destruição ao planeta.

Se estivermos corretos em nosso raciocínio, pode-se pensar em duas teses implícitas a partir da leitura da nota. Primeiro, parece haver a tese de que a preocupação ambiental deva fazer parte da agenda das empresas. Depois, por complementaridade, sustenta-se que empresas com esse perfil não se preocupam somente com o dinheiro, mas com a qualidade de vida dos clientes e das gerações vindouras.

A considerar o que até aqui foi dito, os números trazidos pelo colunista também têm caráter argumentativo. Os Estudos da Globo terão 96% da energia renovável, número que pode causar espanto, na medida em que chega quase à totalidade da energia consumida pelos Estudos. Somem-se a isso os mil e quinhentos painéis de energia solar usados, o que nos faz deduzir o grande investimento feito pelos donos da empresa. Embora consideremos que, em certo tempo, o dinheiro será recuperado, pois não se gastará mais com energia elétrica, essas ações provavelmente terão um efeito positivo sobre nós, leitores. Assim, essas informações factuais (porcentagem e demais dados numéricos) podem, com efeito, atuar sobre a razão do leitor (convencimento), uma vez que os fatos costumam trazer consigo uma carga de neutralidade, objetividade e de incontestabilidade (FIORIN, 2015), o que conduz o auditório a aderir mais facilmente às teses expostas, sendo estas legítimas ou não.

Por outro lado, vale destacar, mais pormenorizadamente, o uso do sintagma “Globo verde” como título da nota. Lembremo-nos de que o adjetivo “verde”, por extensão semântica, qualifica, em nossos dias, pessoas, instituições ou empresas que, de alguma forma, têm preocupações com o meio ambiente. De fato, a seleção dessa palavra, posta estrategicamente no título negrito, traz um juízo de valor positivo para empresa, destacando-a entre outras concorrentes. Tendo isso em vista, essa estratégia pode também

tocar o leitor emotivamente – veja que o consumo consciente é um apelo universal. Trata-se uma evidência que coloca o mundo em alerta para questões como a finitude dos recursos naturais como a água, por exemplo. Parece-nos razoável ponderar que há, na estruturação do texto, uma tentativa de atuar também sobre a emoção do leitor, de modo a levá-lo a sensibilizar-se com a atitude da empresa envolvida. Engendra-se, portanto, uma imagem positiva da rede Globo, a qual mostra concretamente sua contribuição para o futuro do planeta.

Em verdade, cremos ser uma estratégia muito perspicaz do produtor do texto. Ele dá publicidade ao fato por meio de nota de inclinação mais informativa – e sabemos que notas veiculadas por um jornal como *O Globo* e escritas por um jornalista como Gois parecem angariar certa credibilidade – de modo a não se instaurar uma discussão explícita. Mas, se considerarmos o enunciado ancorado em seu tempo e lugar históricos, no qual se difunde e se fomenta um “comportamento verde” da população, é plausível admitir que o texto busque exercer alguma influência sobre o leitor, conduzindo-o, mais facilmente, a aderir às teses implícitas.

Um outro aspecto a considerar: se assimilarmos, com Bakhtin (2011), que todos enunciados constituem um elo na cadeia da comunicação discursiva, poderemos chegar à conclusão de que a nota de Gois é imbuída de ecos e ressonâncias de outros enunciados aos quais se liga, em especial, na esfera jornalística. Assim, “Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 297, grifo do autor). Se levarmos essas ponderações para o campo da argumentação, não será difícil concluir que o colunista se opõe e refuta a tese de que grandes empresas só se centram no capital, esquecendo-se de questões ambientais. Vale dizer – e esse dado nos parece fundamental – que o próprio colunista pertence às organizações Globo. Faz muito sentido que ele, de alguma forma, aja conforme os interesses de sua empresa.

Face ao exposto, fica difícil não reconhecer o valor axiológico desse enunciado, pois resulta dele um posicionamento social valorativo em relação ao que se enuncia. Por trás do texto, “[...] há sempre um sujeito, uma visão de mundo, um universo de valores com os quais se interage.” (FARACO, 2009, p. 43). Tendo em vista tal reflexão, como não entender o sintagma que dá título à nota “Globo verde” a partir de uma valoração positiva para a empresa? Como não entender os números aduzidos pelo colunista como resultantes de um esforço da Globo em favor da preservação ambiental? Como não entender o enunciado, tomado em sua globalidade de significação, como um elogio maroto, aparentemente despretensioso à empresa da qual faz parte o sujeito responsável pelo texto?

Para fixar a tese de que a linguagem abre-se fundamentalmente à argumentatividade, convém referir esta passagem de Fiorin (2015, p. 09):

Todo discurso tem uma dimensão argumentativa. Alguns se apresentam como explicitamente argumentativos (por exemplo, o discurso político, o discurso publicitário), enquanto outros não se apresentam como tal (por exemplo, o discurso didático, o discurso romanesco, o discurso lírico). No entanto, todos são argumentativos: de um lado, porque todo o modo de funcionamento real do discurso é o dialogismo; de outro porque sempre o enunciador pretende que suas posições sejam acolhidas, que ele mesmo seja aceito, que o enunciatário faça dele uma boa imagem.

Seguindo Citelli (2003), podemos, dessa maneira, admitir que haja graus de persuasão/convencimento. Quer dizer, notar-se-á o caráter argumentativo de forma mais forte e explícita em alguns enunciados, ao passo que em outros essa característica se apresentará em menor grau, por vezes quase imperceptível, constatação que, frise-se, não exclui a argumentatividade dessas atividades languageiras.

4.3 As notas e o dialogismo constitutivo

Retomando as palavras de Fiorin (2015, p. 09) antes citadas, quando pensamos em enunciados concretos, em especial no campo da argumentação, pensamos de imediato nas relações dialógicas. Adotando metáfora do diálogo, do simpósio universal para explicar o modo real de funcionamento da linguagem humana (FARACO, 2009), Bakhtin pondera que os enunciados dialogam ininterruptamente com outros ditos antes dele, visando, ademais, a responder a outros que ainda serão ditos no fio do discurso. Enunciar é, portanto, estabelecer relações com outros ditos – ou ainda não ditos, mas passíveis de réplica – no universo do discurso. Todo enunciado, por essa razão, está em relação dialógica com outros do complexo universo sociocultural humano.

Em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2015, p. 209) deixa clara sua percepção a respeito do real funcionamento da linguagem na complexa rede das relações humanas. O pensador russo assevera que a linguagem tem a propriedade de ser essencialmente dialógica. Em vista disso,

A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida*

da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.) está impregnada de relações dialógicas [grifo do autor].

As relações dialógicas, consoante Bakhtin (2015), ocorrem entre enunciados – e não entre frases isoladas. Estes contestam, concordam, assimilam, polemizam velada ou explicitamente com outros enunciados na rede de discursos elaborada no seio de uma sociedade. O dizer, nesse sentido, volta-se a outros com os quais entra em consonância ou em discordância. Desse modo, “Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados.” (BAKHTIN, 2011, p. 272). Mais ainda: cada enunciado solicita uma resposta que ainda se está por construir. Espera ele uma reação responsiva ativa do interlocutor.

Em outro texto, o filósofo russo reforça a natureza essencialmente dialógica do enunciado, argumentando que

Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado. Entre os enunciados existem relações que não podem ser definidas em categorias nem mecânicas nem linguísticas (BAKHTIN, 2017, p. 26).

Faraco (2009) salienta que Bakhtin muito se preocupou com a dialogização das vozes sociais, ou seja, com o encontro social dessas vozes e com a dinâmica que se instaura a partir dessas relações. Os enunciados nunca são fragmentos soltos no espaço discursivo. Pelo contrário, eles pertencem a sujeitos sociais que têm no seu discurso crenças e valores que, não raras vezes, se colocam aos interlocutores com intenções persuasivas. O enunciado é, então, “[...] uma unidade da interação social”, [...] um complexo de relações entre pessoas socialmente organizadas.” (FARACO, 2009, p. 66), estabelecendo sempre relações dialógicas.

Por seu turno, Fiorin (2006) assinala que os enunciados são sempre espaços de luta entre as vozes sociais. Há uma tensão entre os diversos posicionamentos axiológicos circulantes na sociedade, os quais estão inevitavelmente em conflito ou em concordância. Os pensamentos são díspares, os interesses também o são. Por isso, não apenas o consenso, senão também a contradição, o embate, as discordâncias estão no âmago das relações dialógicas.

Olivier Reboul (1998, pp. XVIII-XIX), numa reflexão sobre a arte retórica, aproxima-se das reflexões bakhtinianas, de modo a salientar o caráter essencialmente interativo e dialógico daquele ramo de saber. Na observação do autor,

Se a retórica é a arte de persuadir pelo discurso, é preciso ter em mente que o discurso não é e nem nunca foi um acontecimento isolado. Ao contrário, opõe-se a outros discursos que o precederam ou que lhe sucederão, que podem mesmo estar implícitos, como o protesto silencioso das massas às quais se dirige o ditador, mas que contribuem para dar sentido e alcance retórico ao discurso. A lei fundamental da retórica é que o orador – aquele que fala ou escreve para convencer – nunca está sozinho, exprime-se sempre em concordância com outros oradores ou em oposição a eles, sempre em função de outros discursos.

Isto posto, pelo que temos observado, as colunas de notas são um espaço privilegiado para o estabelecimento de relações dialógicas essencialmente marcadas pela argumentatividade. Há um sem número de discursos que ali se entrecruzam materializando-as das mais diversas formas.

A princípio, observa-se um diálogo interno, por assim dizer, entre as notas de uma mesma coluna, conferindo dinamicidade aos pequenos enunciados que as compõem. Trata-se de um entrecruzar de discursos num mesmo tempo e num mesmo espaço. Tal expediente é uma estratégia constante na coluna de Gois, pois instiga o leitor a prosseguir com a leitura. É comum, nesse processo, uma nota complementar outra, acrescentando dados, refutando o objeto temático da outra, polemizando com ela. Observemos:

Temer gosta de apanhar

O Itamaraty alertou ao presidente Temer, antes da viagem à Noruega, que o país cortaria pela metade o fundo para a Amazônia, por causa do aumento do desmatamento da região, que, diga-se a seu favor, ocorreu no governo Dilma, que reduziu o orçamento nos órgãos de fiscalização. Ainda assim, ele manteve a viagem.

Só que...

Embora o aumento do desmatamento seja indesculpável, Temer poderia ter lembrado, em Oslo, da atriz britânica Emma Thompson (vencedora do Oscar por “Retorno a Howards End”, em 1993). Ela, ativista ambiental, tem criticado a política da Noruega pela perfuração de novos campos de petróleo no Ártico.

O Globo. 02 de julho de 2017, p. 18.

A segunda nota, acima, estabelece com a anterior um diálogo interno, prestando-se ao complemento da primeira. Esta repreende Temer pela má decisão de manter a viagem à Noruega, mesmo sabendo da restrição financeira imposta pelo país europeu. Aquela, iniciada pelo operador argumentativo “só que”, que apresenta um valor opositivo, lembra um argumento que ele poderia ter utilizado no encontro com os noruegueses em Oslo. As notas ressaltam, com isso, que o desmatamento ocorrido no Brasil é, sim, “indesculpável”, no

entanto é igualmente criticável a perfuração de campos de petróleo no Ártico pela Noruega. Isto é, questiona-se se este país tem autoridade para criticar o Brasil pelo desmatamento quando, na verdade, procede de modo parecido – sem preocupação com o meio ambiente – nas perfurações.

Vale-se, aqui, do chamado *argumentum tu quoque* (FIORIN, 2015, p. 174), por meio do qual se promove a desqualificação do argumento do adversário, por considerá-lo hipócrita, já que sua posição é incoerente ou suas práticas não sustentam o que ele condena. É exatamente essa a cobrança do colunista. Ele contesta a autoridade moral dos noruegueses, que parecem não estar tão preocupados com questões ambientais, haja vista os danos ao meio ambiente provocados por eles nas perfurações de novos poços de petróleo.

Ocorre também um diálogo entre notas de dias diferentes, mas que mantêm uma unidade temática, concretizando uma posição socioideológica em relação a outros discursos presentes na sociedade⁶⁵. As quatro notas seguintes tematizam a tentativa de proibição da exposição do Queermuseu, cuja proposta foi refletir, por meio de mais de 270 obras, acerca da diversidade de gênero. A exposição, que ocorreria entre os meses de agosto e outubro de 2017, em Porto Alegre, foi suspensa pelo Santander Cultural após protestos contra a mostra na instituição. Em São Paulo, houve reações parecidas quando da exibição da mostra no Museu de Arte Moderna (MAM). Os insurgentes alegaram que a exposição estaria apoiando a zoofilia e a pedofilia. No Rio de Janeiro, igualmente, houve protestos. Entre os opositores nesta cidade, estava o prefeito Marcelo Crivella. Vamos aos textos.

⁶⁵ Evidentemente, as notas frequentemente dialogam com textos de outros gêneros discursivos presentes no mesmo jornal e em outros veículos. Interessante referir o artigo de opinião “Sexo dos anjos”, escrito por Cora Rónai em 05/10/2017 (Segundo Caderno, p. 08). A articulista comenta o alvoroço ocorrido por ocasião da exposição, nas redes sociais, das imagens de uma menina interagindo com um artista nu. O vídeo foi divulgado amplamente na internet. A divulgação foi objeto de crítica de Rónai, que assim se expressou: “A performance [do ator interagindo com a criança] seria apenas uma performance, mas como alguém filmou a cena e como o vídeo foi espalhado sem qualquer preocupação com a criança, ela será perseguida por isso até o fim da vida: seu rostinho e o rosto da sua mãe foram expostos para multidões. Se a mãe errou ao levá-la ao museu é questão para ser decidida pela legislação, e não pelo tribunal da internet.” A articulista argumenta que a exposição da criança nas redes é crime e “isso deveria ser investigado com rigor.” Na mesma página do jornal, há uma reportagem intitulada “Combate à censura na raça”, em que se informa que alguns artistas, após o veto do prefeito Marcelo Crivella à exposição do Queermuseu, estavam se mobilizando para obter recursos para que a exposição viesse para o Rio de Janeiro. Ao que tudo indica, o diálogo, no sentido bakhtiniano do termo, é, com efeito, uma realidade no uso concreto da linguagem.

Calma, gente

Adriana Varejão foi uma das muitas artistas que postou, nas redes sociais, no fim de semana, este panfleto eletrônico, em apoio ao MAM de São Paulo, acusado de incitação à pedofilia.



Lê-se no cartaz:

CULTURA RESISTE
CULTURA ENSINA
CULTURA TRANSFORMA
CULTURA REFLETE

Tudo por causa da performance do artista carioca Wagner Schwartz, cujas fotos e vídeos, onde ele aparece nu interagindo com uma criança, provocaram a maior celeuma.

O Globo. 02 de outubro de 2017, p. 08.

Abaixo a censura...

Também no fim de semana, as diretorias de vários museus brasileiros se mobilizaram para enfrentar o que eles chamam de uma “nova onda de cerceamento da liberdade de expressão”. Lembraram ainda a censura do Santander à exposição sobre diversidade “Queermuseu”, em Porto Alegre, mês passado.

O Globo. 02 de outubro de 2017, p. 08.

A maré conservadora

Veja como o prefeito Crivella faz o Rio repercutir lá fora. O jornalão francês “Le Monde” publicou, ontem, matéria com o seguinte título: “O prefeito evangélico do Rio de Janeiro censura exposição sobre a diversidade”. Diz ainda que Crivella tem apoio dos ultraconservadores.

O Globo. 18 de outubro de 2017, p. 12.

Queermuseu X Crivella

Após notificar Crivella, Gaudêncio Fidelis, curador da “Queermuseu”, resolveu formalizar o processo contra o prefeito por ele ter proibido a exibição da polêmica exposição no MAR. A ação está na 10ª Vara de Fazenda Pública do Rio.

O processo quer “desmistificar a ligação entre os componentes artísticos com a promoção da pedofilia e zoofilia” e mostrar que a censura de Crivella é ilegal.

O Globo. 19 de outubro de 2017, p. 12.

Com a publicação das notas, o colunista parece dar voz àqueles que lutam contra a censura à exposição. Ao mesmo tempo, percebe-se a oposição a vozes que insurgem contrárias à mostra de arte. Tal se materializa no discurso do colunista por meio do título “Calma, gente”, que sugere a celeuma ser desnecessária no contexto artístico em que foi apresentada a obra.

É de notar que o autor usa uma técnica argumentativa bastante eficaz no texto. Como ensinam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 348), há tipos de argumentos condicionados pelo prestígio. É o caso do chamado argumento de autoridade, “[...] o qual utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese.” Com base nesse princípio, cita-se no texto “Calma, gente” o apoio de Adriana Varejão, uma das artistas brasileiras mais conhecidas no cenário internacional, à mostra de arte do Queermuseu. Da mesma forma, na nota “Abaixo a censura...”, traz-se o apoio das diretorias de museus que se uniram num movimento contra a censura à exposição. E, no texto “A maré conservadora”, menciona-se uma matéria de um importante jornal francês que tece críticas à reprimenda feita por Crivella à apresentação artística.

Com uma estratégia eficaz, contrasta-se a voz da artista, das diretorias dos museus e da instituição jornalística *Le Monde* com a do prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, que, diga-se, foi um dos alvos preferidos de alguns colunistas em 2017. As notas indicam, implicitamente, que Crivella contribui para que o Rio repercuta negativamente em outros países por defender ideias ultrapassadas e destoantes das liberdades conquistadas, em especial pelas mulheres e pelo público LGBT nos últimos anos.

Dessa forma, a dialogização das vozes sociais aponta para divergências que se estabelecem numa dada sociedade entre grupos sociais díspares em ideias e posicionamentos. Nesse sentido, “O discurso é sempre a arena em que lutam esses pontos de vista em oposição.” (SAVIOLI; FIORIN, 2005, p. 30). O papel assumido pelo colunista, ao que tudo indica, em favor da arte, mostra também as funções maiores da esfera de comunicação e do

suporte do qual ele faz parte⁶⁶. Recorrendo ao Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (Associação Brasileira de Imprensa)⁶⁷, lemos que “A obstrução direta ou indireta à livre divulgação da informação e a aplicação de censura ou autocensura são um delito contra a sociedade.” Mais adiante, vemos que é dever do jornalista “Lutar pela liberdade de pensamento e de expressão.” Espera-se, pois, consideradas essas especificidades, que o colunista, no fio ininterrupto do discurso, apoie as manifestações artísticas.

Não raras vezes, as notas dialogam com um superdestinatário (FIORIN, 2006) implícita ou explicitamente. Este pode ser a igreja, um partido político, a “correção política”, a “ética social”, a segurança pública, a família, etc. É o que ocorre na nota seguinte sobre o filho do ex-governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral. Vale lembrar que Cabral foi condenado por lavagem de dinheiro em 2017, notadamente por ação da operação da Lava-Jato.

La Dolce vita

Treze alunos da Escola Britânica do Rio viajaram para uma colônia de férias nos EUA. Doze foram de classe econômica e um (filho de Sérgio Cabral) de classe executiva.

O Globo. 02 de julho de 2017, p. 18.

Em tom marcadamente irônico, o autor inicia o texto com uma expressão italiana (*la dolce vita*), cujo sentido aponta para um viver tranquilo, farto, abastado. Tal é confirmado com a menção da viagem, em “classe executiva”, do filho de Cabral. É possível que a expressão, dialogicamente, estabeleça uma conexão com o conhecido filme italiano *La Dolce Vita*, de Federico Fellini, de 1960. Em síntese, a película narra a vida ambígua do jornalista de fofocas Marcello Rubini, que, se por um lado desfruta dos requintes da vida social da elite na Roma dos anos 1950, por outro angustia-se face à futilidade desse trabalho. Uma vez que o filme mostra um mundo de futilidade, de falsidade presente nas altas classes da época, o autor da nota, possivelmente, valeu-se dessa referência de modo a construir uma corrosiva crítica a

⁶⁶ Pensando mais amplamente na esfera midiática, releva mencionar duas matérias que saíram à época em duas redes de televisão rivais no Brasil. A primeira delas, publicada pela rede Globo de televisão, não por acaso, segue uma orientação parecida com a do jornal *O Globo*: fala-se na matéria em “intolerância”, “preconceito”, com respeito às variadas expressões artísticas. Em posição conflitante, a rede Record de televisão critica severamente a exposição, falando em incentivo à “pedofilia”. A matéria da Globo pode ser vista em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lmYaEi70Rgw>>. A da Record, em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sqx0HBSnmtY>>. Acesso em 28/10/2017.

⁶⁷ Disponível em: <<http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>>. Acesso em 28/10/2017.

Cabral, que se deslumbrou com o dinheiro, com a vida de luxo e com o fascínio das altas rodas.

Se, então, acionarmos nossos conhecimentos prévios, os quais retomam a trajetória do ex-governador Sérgio Cabral, envolvido em um megasquema de corrupção, as variadas notícias que saíram na mídia sobre a sua família – por exemplo, as viagens a Paris, o gosto de sua mulher, Adriana Ancelmo, por joias de alto custo, pelos bons restaurantes, pelas roupas de grife, pela “dolce vita” –, poderemos subentender que *la dolce vita* pode estar sendo custeada com o dinheiro do povo do Rio de Janeiro, assoberbado de problemas básicos como saúde, educação e segurança pública. Ao mesmo tempo em que se desenha um cenário de crítica por parte do autor da nota, o ressoar temático do enunciado é direcionado ao leitor da coluna, esperando dele a mesma resposta indignada face aos casos de apropriação indevida do dinheiro público.

Veja que os números trazidos pelo colunista também saltam aos olhos como estratégia argumentativa que conduz às reflexões anteriormente esboçadas. Dos treze alunos tripulantes, somente o rebento de Cabral voou na classe executiva, o que sugere a necessidade de distinção, de demonstração de poder até entre os que, em tese, pertencem a uma classe social privilegiada.

Nesse sentido, dialogando com as vozes sociais da “correção política” e da “ética social”, o enunciado é uma réplica ao discurso de muitos políticos que afirmam e reafirmam sobre sua idoneidade, retidão, quando, a exemplo de Cabral, estão envolvidos com a corrupção e com falta de ética que grassam na política brasileira.

Outro exemplo interessante a respeito de superdestinatário é o seguinte texto:

Tempos sombrios

Veja como voltamos ao início do século passado. PMs em três viaturas entraram na Praça Tiradentes, ontem, e proibiram a realização da feira de samba da roda Pede Teresa. Apesar de o evento estar autorizado pela prefeitura, os PMs do 5º BPM acabaram com a festa.

A diferença de cem anos para cá, é que, agora, os policiais usam fuzis para isso.

O Globo. 21 de outubro de 2017, p. 10.

Interessante pontuar, a princípio, que o enunciado conecta-se a outros relativos ao Queermuseu antes enfocados, atuando no sentido de denunciar a repressão a eventos populares e artísticos. Contesta-se qualquer tipo de repressão, argumentando-se em favor das liberdades individuais.

Dito isso, “Tempos sombrios” abre a nota já indicando o tom de discordância do colunista em face do ocorrido. O título remete a outras épocas da História brasileira, a exemplo das primeiras décadas do século XX, nas quais a força reprimia livres manifestações da cultura popular, como o samba. No início do texto, interpela-se o leitor por meio da forma verbal “Veja”, usada no modo imperativo. Trata-se de uma indicação da gravidade da situação, para a qual se deve olhar com cuidado e se posicionar. O que se quer dele, leitor, é uma reação/resposta ao que os policiais fizeram.

A referência ao “século passado” indica um retrocesso de pensamentos, de ideias, sinalizando o absurdo da ação policial ao proibir uma roda de samba, gênero tão brasileiro, em uma Praça do Rio de Janeiro. Desse modo, a tese é sustentada por meio de uma ilustração que materializa a repressão policial. Tal estratégia “[...] visa aumentar a presença, concretizando uma ideia abstrata por meio de um caso particular [...]” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 410). Além disso, o fechamento da nota potencializa a indignação do enunciador, desvelando, por meio de um pressuposto instaurado pelo item lexical “agora”, a diferença que marca as forças policiais ao longo do tempo: diferentemente do passado, hoje, os policiais, fortemente armados, usam “fuzis” para obstar a roda de samba. Dito de outro modo, ao passo que houve avanços com relação à capacidade bélica dos policiais, o mesmo não se deu em relação ao reconhecimento da pluralidade de ideias e da legitimidade das manifestações culturais.

É de observar que “Tempos sombrios” não entra em conflito somente com os policiais que reprimiram a roda de samba. Entendemos que a oposição se dá a toda uma classe, a dos policiais do Rio de Janeiro, que, por vezes, usa a repressão ou a força desmedida, de sorte a coibir manifestações culturais como as que encontramos na nota. Além disso, rebate-se o discurso de que o estado apoia a cultura popular, valorizando-a.

Neste momento, importa fazer menção à conhecida canção de Nelson Sargento, “Agoniza mas não morre⁶⁸”, de 1978, com a qual a nota estabelece uma relação dialógica. Por meio dos versos “Samba/ Agoniza mas não morre/ Alguém sempre te socorre/ Antes do suspiro derradeiro/ Samba/ Negro, forte, destemido/ Foi duramente perseguido/ na esquina, no botequim, no terreiro [...]”, o eu lírico manifesta a crença na força do samba como manifestação popular robusta, que, a despeito dos reveses pelos quais passou e passa, mantém-se vivo. Os discursos se unem, se robustecem em defesa do samba e em reprimenda à atitude truculenta dos policiais.

⁶⁸ Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/nelson-sargento/2001487/>>. Acesso em 30/08/2018.

Face ao exposto, diremos, com Brait (2013a, p. 51), que a teoria bakhtiniana, como teoria do discurso, “[...] trabalha com enunciados situados, sempre em tensão [...]”. Por essa razão, as relações dialógicas representam uma categoria fundante do funcionamento real da linguagem. Tendo isso em conta, em nossa análise das colunas de notas do *corpus*, percebemos serem frequentes três orientações dialógicas, cuja função vai ao encontro da vocação argumentativa desse gênero discursivo. Nós assim as denominamos:

- *Orientação dialógica argumentativa de apoio* (ODAA), por meio da qual o colunista reforça certos posicionamentos, certos discursos, apoiando-os, concordando com eles.
- *Orientação dialógica argumentativa de contestação* (ODAC), em que o autor busca refutar, por vezes muito sutilmente, certos posicionamentos com os quais não concorda.
- *Orientação dialógica argumentativa de mediação* (ODAM), na qual o colunista se coloca numa posição ponderada, de sorte a atuar como mediador de conflitos entre vozes dissonantes.

Nas linhas que seguem, buscaremos compreender como tais orientações se estruturam verbalmente nas notas.

4.4 A dimensão verbal das notas: um movimento argumentativo

No capítulo anterior, versamos sobre as notas em sua dimensão social. Para tanto, abordamo-las no interior da esfera da qual emergem, enfocando sua relação com o espaço midiático, sua função no conjunto da vida social. Nessa dinâmica, também analisamos a situação de interação do gênero, na qual evidenciamos peculiaridades atinentes à autoria, ao interlocutor visado, à finalidade discursiva, para citar alguns aspectos. Agora, tendo em vista as relações dialógicas constitutivas das notas jornalísticas, importa verificar como as orientações dialógicas anteriormente apresentadas são construídas verbalmente no gênero, já que os elementos estilístico-composicionais regulares que integram o enunciado desvelam a posição valorativa dos falantes em relação ao que dizem⁶⁹. Decerto, é por meio da

⁶⁹ Esclareça-se que, malgrado procedamos a uma análise dos elementos linguísticos, o que poderia dar uma ideia de fragmentação ou centralização em um ou outro aspecto da língua, não podemos prescindir da visão de “conjunto”, o que implica considerar, a propósito do gênero, sua temática, sua estrutura composicional e seu estilo, seus objetivos enunciativos, as relações com o outro mediadas por ele, etc. Lembremo-nos de que, para Bakhtin (2011, p. 282, grifo do autor), “A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero de discurso*.” Quando, então, propomo-nos a estudar os elementos estilístico-composicionais da argumentação, estudamos, mais amplamente, o estilo do gênero, estilo este indissoluvelmente ligado ao projeto

materialidade verbal do enunciado que podemos reconhecer o projeto de dizer ali implicado, estreitamente articulado à escolha do gênero do discurso apropriado à situação comunicativa.

4.4.1 Marcas estilístico-composicionais: sucintas considerações

Com vistas à concretização dos movimentos dialógicos aludidos, o colunista tem recorrido a variados expedientes. Em nossa análise, privilegiaremos estes recursos por entendermos que são eles importantes instrumentos estruturantes das relações dialógicas no gênero em tela: (a) índices de modalização; (b) palavras e expressões avaliativas; (c) implícitos; (d) operadores argumentativos; (e) discurso de outrem; (f) figuras de linguagem como metáfora e metonímia; e (g) ironia. Tais recursos são, sucintamente, definidos/descritos a seguir. Procede dizer que, sendo possível, também abarcaremos, em nossa análise, outras técnicas argumentativas regulares usadas nas notas por entendermos que esse procedimento enriquece a exposição. Por essa razão, trazemos comentários sobre estratégias como recurso aos valores, uso dos fatos, dos exemplos, das ilustrações, etc., que se afiguram como importantes mecanismos de persuasão e convencimento nas notas jornalísticas.

- **A modalização** remete aos interesses diversos dos interlocutores na produção do enunciado. Azeredo (2008, p. 91, grifo do autor) explica que a modalização alude “[...] à expressão das intenções e pontos de vista do enunciador [...]” diante de um conteúdo proposicional. Nesse sentido, o enunciador se coloca na mensagem escrita ou falada emitindo suas impressões, julgamentos, opiniões, de modo a deixar, ao seu interlocutor, vestígios para o reconhecimento do efeito de sentido pretendido no texto. Nas notas jornalísticas, a modalização desvela marcas de autoria, deixando inscrita a participação do sujeito na construção do enunciado. Como recursos estilístico-composicionais, podem dar-nos, pois, pistas acerca do horizonte apreciativo dos textos. Além disso, por meio de modalizadores, podem se antecipar possíveis réplicas dos interlocutores no discurso, como mais adiante

de dizer do produtor do texto. Vale, aqui, citar as palavras de Brait (2016b, p. 94-95, grifo da autora), a qual retoma a importância do estilo na obra do Círculo de Bakhtin: “[...] constata-se que o estilo, assim colocado, entra como um elemento na unidade de gênero de um enunciado. O estilo pode ser objeto de um estudo específico, especializado, considerando-se, dentre outras coisas, que os estilos têm a ver, também, com o gênero, o que implica coerções linguísticas, enunciativas e discursivas próprias da atividade em que se insere. Além disso, um outro aspecto constitutivo e inalienável é o fato de o enunciado *dirigir-se* a alguém, de estar voltado para o destinatário.”

mostraremos. Variados recursos são utilizados com tal propósito, a saber: verbos auxiliares modais (“dever”, “poder”), modos do verbo (indicativo, subjuntivo e imperativo), expressões cristalizadas (“é possível”, “é necessário”, “é preciso”), advérbios ou locuções adverbiais (“possivelmente”, “necessariamente”, “de fato”), orações modalizadoras (“tenho dúvida de que”, “tenho certeza de que”, “suponho que”).

- **Palavras e expressões avaliativas** evidenciam a atitude ou estado psicológico com que o produtor do texto se representa ante os enunciados que produz. Alguns advérbios (“felizmente”, “prazerosamente”), adjetivos (“ótimo”, “belo”, “extraordinário”), substantivos (“lástima”, “absurdo”), formas intensificadoras (“demais”, “extremamente”) e expressões avaliativas (“que pena!”, “meu Deus!”) são exemplos. De modo geral, a maioria desses recursos assinala avaliação ou valoração dos fatos, estados ou qualidades dos referentes. Na construção das notas, expressam a valoração pessoal do autor em relação a ideias, pessoas, lugares, atitudes, etc. que são objetos de apreciação no gênero.

- **Implícitos.** Não raro, um enunciado veicula informações implícitas que devem ser recuperadas pelo leitor a fim de que se faça uma leitura proficiente do texto. Podem ser consideradas implícitas aquelas informações veiculadas por uma sentença “[...] sem que o falante se comprometa explicitamente com seu valor de verdade.” (ILARI, 2002, p. 85). A considerar a perspectiva argumentativa do gênero em análise, a presença dos implícitos é nelas uma constante. Basicamente, podemos apontar estas razões: primeiro, porque os autores possuem espaço físico, em geral, diminuto no jornal, o que os obriga a um exercício de síntese considerável; segundo, porque essas informações implícitas são relevantes para a argumentação em função de sugerirem certa orientação argumentativa do enunciado, desvelando, sem compromisso explícito, certo posicionamento axiológico dos colunistas. Nesse processo, destacaremos dois tipos de informações não constantes da superfície do texto:

(a) aquelas que têm sua motivação acionada por algum elemento linguístico do enunciado: os pressupostos. Nas notas, o uso da pressuposição conduz o leitor a aceitar certas ideias do enunciador, tornando-o cúmplice de sua perspectiva (FIORIN, 2015). De fato, aquilo que é pressuposto não suscita discussão, pois é apresentado como algo certo. Assim, busca-se impor uma verdade, sem muita margem para contestações. São marcadores de pressuposição: adjetivos ou palavras similares (“segundo”), verbos que indicam permanência ou mudança de

estado (“transformar-se”, “virar”), alguns advérbios (“mais”, “novamente”), alguns prefixos (“re-”, “des-”), entre outros;

(b) as que apontam para a situação de fala, envolvendo não apenas traços linguísticos, senão também o contexto, os conhecimentos prévios dos falantes: os subentendidos. Para Fiorin (2015), o subentendido é uma forma de dizer sem se comprometer. Não se afirma, apenas se sugere, transferindo a responsabilidade interpretativa ao interlocutor. Não raras vezes, vale-se dos subentendidos na construção das notas para a inserção de conteúdo polêmico, capciosamente sugerido nas entrelinhas.

● **Operadores argumentativos** se definem como elementos que, além de funcionarem como um elo coesivo que permite a progressão textual, dão ao enunciado uma direção argumentativa (KOCH, 2000, 2013, 2017). Noutros termos, têm por função mostrar a direção, indicar o sentido para o qual aponta determinada proposição, conduzindo o leitor/ouvinte a chegar a uma dada conclusão⁷⁰. Pensando nas relações dialógicas constitutivas dos enunciados, assume-se que os operadores configuram-se como instrumentos que marcam nossa relação com a palavra do outro, servindo, dentre outras funções, à construção de argumentos de causalidade usados na interação verbal ou como sinalizadores de contraposição a discursos que destoam da posição do colunista. São, por conseguinte, parte importante de um enunciado, porquanto contribuem decisivamente para a instauração de relações persuasivas entre os parceiros da comunicação.

● O **discurso de outrem** é frequentemente utilizado com diferentes propósitos nas notas. A recorrência ao discurso alheio ocorre ora com a explícita demarcação (aspas, travessões, etc.), ora sem ela. No primeiro caso, citem-se em especial o discurso direto, o discurso indireto, as aspas e a negação. No segundo, destaque-se o discurso indireto livre, ao que Bakhtin (2015) chama de discurso bivocal, no qual não há nítida separação das vozes sociais que integram o enunciado.

⁷⁰ Os operadores argumentativos foram estudados por Oswald Ducrot em sua *Semântica Argumentativa* (KOCH, 2013; FIORIN, 2015). Para o estudioso francês, há certos elementos da gramática que têm por função indicar a força argumentativa dos enunciados. Os operadores são, por excelência, representantes desses elementos. Para Fiorin (2015), as postulações de Ducrot em relação aos conectores centraram-se no encadeamento dos enunciados. Nossa análise, porém, busca considerá-los como instrumentos dialógicos, os quais servem ao falante para a execução de ações linguísticas que visam, acima de tudo, à persuasão. Analisamo-los, portanto, na perspectiva do enunciado, em seus aspectos internos e externos. No Brasil, dedicaram-se ao estudo dos operadores argumentativos, entre outros: Abreu (2001) e Koch (2017).

– No gênero em tela, comumente se recorre aos discursos direto, indireto e indireto livre para reforçar uma opinião dos autores ou para refutar, desqualificar certo posicionamento socioideológico. Em termos argumentativos, a palavra de outrem é usada frequentemente como argumento de autoridade para sustentar uma tese.

– No que se refere às aspas, vale-se desse recurso também com o fito de demarcar certo distanciamento do colunista em relação ao que é dito.

– Finalmente, por meio da negação, conforme salienta Rodrigues (2001, p. 179), “[...] apresenta-se a manifestação de confronto entre duas diferentes posições ideológicas em torno de um determinado objeto discursivo.” A negação marca, sobretudo, refutação a posicionamentos com os quais o autor entra em choque.

• **Comparação** (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005). Figuras como o **símile**⁷¹ e a **metáfora** trazem força expressiva aos enunciados, de modo a potencializar sua orientação dialógica. Por essa razão, tais expedientes desvelam-se vigorosos instrumentos do estilo e do discurso, porquanto atuam expressivamente na construção de variados gêneros discursivos emprestando a eles vigor expressivo que a linguagem denotativa por si só não seria capaz de exprimir.

– Nas notas, gênero de forte pendor argumentativo como vimos demonstrando, a metáfora e o símile, decerto, são ricamente explorados, com vistas à obtenção dos mais variados efeitos de sentido, direcionando a argumentatividade. Fundam-se na associação entre dois termos em função de uma relação de semelhança entre eles. Tais recursos, por meio de uma intersecção sêmica, materializam e sintetizam ideias, podendo intensificar ou dissimular fatos (MARTINS, 2000). Têm, segundo Fiorin (2015), forte papel pedagógico na argumentação por concretizarem abstrações.

• **Metonímia**. Se a metáfora e o símile se pautam por uma relação de semelhança, de identidade de significado, a metonímia opera com uma relação de implicação, inclusão, contiguidade. É igualmente um forte recurso discursivo, pois, nos dizeres de Fiorin (2016, p.

⁷¹ A comparação, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), é uma técnica argumentativa fundada na aproximação de dois objetos por semelhanças. Para nos referirmos à figura de linguagem, ao tropo, caracterizado por tal aproximação, mas estruturado sintaticamente com um conector que explicita o procedimento comparativo (“como”, “tal qual”, “tanto... quanto”, etc.) utilizaremos o termo símile.

119), provoca, tal qual a metáfora, uma “impertinência semântica”, um deslocamento de sentido, atuando como forte elemento persuasivo nos textos em que é usada.

- Comumente, a **ironia** é definida como um tropo que consiste em dizer o contrário do que se quer dar a entender. Para Rodrigues (2001), a ironia, ao passo que mostra o discurso do outro, enquadra-o mostrando sua contradição. Há, assim, um distanciamento do produtor do texto relativamente ao que se enuncia. Nas notas, esse recurso é utilizado mormente na *orientação dialógica argumentativa de contestação* para firmar uma posição valorativa contrária do colunista ao que se diz. Nesse sentido, ultrapassando o plano denotativo da expressão, a ironia permite-lhe enunciar no plano sintático certa posição com a qual ele não concorda. Como lembra Fiorin (2015), a ironia é um recurso que também pode ser usado para desestabilizar o adversário, expondo-o ao ridículo.

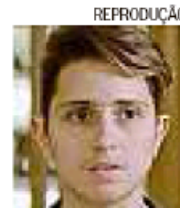
4.4.2 Orientação dialógica argumentativa de apoio (ODAA)

Na orientação argumentativa dialógica de apoio (ODAA), o colunista manifesta sua posição valorativa, imprimindo aos enunciados uma apreciação de orientação positiva, com vistas à persuasão e ao convencimento do interlocutor acerca da validade de uma tese. Busca-se, assim, no material semiótico, sustentação para uma tese propalada por ele no enunciado. É comum, na coluna de Ancelmo Gois, a anuência a pautas que valorizem a arte, a diversidade sexual, a pluralidade cultural, a literatura, o cinema, entre outros. Tal é uma forma de construção do *ethos* do colunista, que se encaminha para a instauração da imagem daqueles que argumentam em favor das liberdades (sexual, individual, de imprensa, de escolha, etc.), da igualdade, da ética, posicionando-se em contrário a qualquer manifestação que venha a ferir esses valores. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que se apoiam esses valores, contrariam-se outros de posição valorativa oposta.

A considerar o nosso exemplário, a seguinte nota explicita a contento a ODAA:

É ele ou ela?

Suponha que um transgênero, vítima de violência, procure a delegacia. Como o policial deve se referir à vítima: ele ou ela? Botafogo será o primeiro bairro do Rio onde policiais militares e civis, e guardas municipais, usarão, além de treinamento, um aplicativo da Secretaria de Segurança para ajudar nessa abordagem. É assim: para um transgênero que se veste e age como homem — como a personagem Ivana/Ivan (foto), sucesso de “A força do querer” —, mas cujos documentos ainda exibem o nome de batismo, feminino, o agente deve perguntar: “Qual o seu nome social?”. “É para evitar que a pessoa, que já foi vítima de violência, seja vítima novamente”, diz o secretário de Segurança, Roberto Sá. E não abrangerá só os LGBTs, mas também mulheres, crianças e adolescentes, vítimas de intolerância religiosa e de discriminação racial. Maravilha



O Globo. 08 de novembro de 2017, p. 14.

No texto, variados recursos indiciam o apoio peremptório do produtor do texto à equipe de segurança de Botafogo, no Rio de Janeiro, em função do investimento em uma abordagem mais humanizada das vítimas. A nota simboliza um alento à população que tanto sofre com casos de violência policial na cidade, sobretudo os LGBTs, que costumam ser violentados duplamente em função de sua orientação sexual.

O título do texto, uma pergunta retórica, já convoca o leitor a participar da discussão. Para Rodrigues (2005, p. 178), tal estratégia faz parte do “movimento dialógico de engajamento”, no qual “O leitor é alçado à posição de coautor” do enunciado⁷². É, pois, um chamariz para ele, uma maneira de inseri-lo no debate. Da mesma forma, por meio do verbo modalizador “suponha”, o colunista, de forma diretiva, busca deixar ainda mais claro para os interlocutores que a reflexão acerca do problema enfrentado pelos LGBTs deve ser construída conjuntamente. O texto segue com a repetição expandida da pergunta retórica contida no título (“Como o policial deve se referir à vítima: ele ou ela?”), buscando envolver o público-alvo de vez na discussão.

Em seguida, o numeral “primeira” instaura um interessante pressuposto, alertando para o fato de que somente a equipe de segurança de Botafogo dispõe de treinamento e do aplicativo para realizar adequadamente a abordagem. Dito de outra forma, se Botafogo é o

⁷² Em seus estudos sobre o gênero artigo de opinião, Rodrigues (2001, 2005) identifica três movimentos dialógicos orientados para o interlocutor. Primeiro, há um *movimento dialógico de engajamento*, no qual o articulista usa estratégias para frisar que o leitor é também coautor do artigo. Podem ser citadas como exemplos as perguntas retóricas, o uso da 1ª pessoa do plural bem como o pronome “todos”. Em seguida, destaca-se o *movimento dialógico de refutação*, em que o articulista prevê possíveis reações do leitor ao seu texto e neste já se encarrega de “abafar” possíveis vozes contrárias. Esse movimento pode ser observado quando dizemos, por exemplo, “essas ideias até podem parecer absurdas, mas...”. Por fim, a autora alude ao *movimento dialógico de interpelação*, por meio do qual dado ponto de vista é apresentado como uma verdade a que o leitor deve se sentir persuadido a aderir. Destaca-se nesse último movimento a modalização. Em razão de serem frequentes esses movimentos também nas notas jornalísticas, houvemos por bem sinalizá-los, quando necessário, nesta pesquisa.

primeiro bairro a preparar-se para o atendimento humanizado, isso implica que outros bairros ainda não dispõem dos recursos necessários para realizá-lo. Desse modo, ao mesmo tempo em que se constata certo otimismo do autor da nota quanto ao avanço dos procedimentos da polícia, aponta-se para a urgência de outros bairros também aderirem à medida.

No texto, dois substantivos também apresentam um grau de valoração positivo, funcionando, de certa forma, como instrumentos avaliativos: falamos de “treinamento”, que sugere preparo, estudo necessários para o adequado desempenho da função – providências que estão sendo tomadas pelas forças policiais –, e “aplicativo”, o qual indica o uso positivo da tecnologia no aperfeiçoamento da polícia. Ao mesmo tempo, sinaliza-se para a necessidade das unidades policiais de outros bairros se prepararem adequadamente para as abordagens nesses casos específicos.

É de notar também a repetição do substantivo “vítima”, que, na cadeia de referenciação – transgênero -> vítima de violência -> vítima –, rememora constantemente o problema sofrido, em especial, pelos LGBTs.

Por outro lado, importa destacar a modalização expressa pelo verbo auxiliar modal “dever” em “Como o policial deve se referir à vítima: ele ou ela?” e “[...] o agente deve perguntar [...]”. Esses usos indicam, do ponto de vista do autor, a necessidade, a importância de o policial respeitar a identidade social do cidadão que o procura. Cumpre observar que a modalização se volta para o leitor, interpelando-o. Apresenta-se determinado ponto de vista categoricamente, de modo que interlocutor se sinta persuadido a compartilhar das convicções do colunista, consistindo tal expediente, no dizer de Rodrigues (2005, p. 179), num “movimento dialógico de interpelação”.

De modo a dar prosseguimento à análise, importa citar o discurso de outrem. Vale-se de um argumento de autoridade reforçador do compromisso das autoridades do Bairro com o respeito à diversidade e à pluralidade. Por isso, convoca-se a voz do Secretário de Segurança Roberto Sá, o qual explicita a importância dos procedimentos adotados para a modernização das polícias no tratamento dos cidadãos já tão vitimados por suas escolhas: “É para evitar que a pessoa, que já foi vítima de violência, seja vítima novamente”. Repare ainda que, na mesma passagem, o uso do advérbio “novamente” deixa pressuposto que as medidas tomadas evitarão que as vítimas sofram dois tipos de violência: aquela que a motivou procurar a polícia, e outra relativa ao choque que pode haver entre a identificação oficial e o nome social assumido pelo indivíduo.

Os operadores argumentativos também desempenham importante função no texto. Destaque-se a sequência coordenativa enfática “Não só... mas também”, a qual soma dois

argumentos, dando prosseguimento aos efeitos positivos das medidas tomadas pelas autoridades policiais. Noutros termos, reforça-se que as medidas não beneficiarão somente os LGBTs, mas também se estenderá a outros grupos sociais constantemente vítimas de violência na sociedade brasileira. Outro operador de que se vale o colunista é o comparativo “como” em “[...] como a personagem Ivana/Ivan (foto), sucesso de ‘A força do querer’[...]”. Reforça-se, por meio da comparação entre os transgêneros vitimados e Ivan, a importância do tratamento humanizado às vítimas de violência. Traz-se à baila a positiva discussão que a aludida novela – não por acaso da rede Globo – tem proposto acerca dos transgêneros. A palavra valorativa “sucesso” desvela indiretamente a apreciação do público telespectador pelo personagem citado, pelo que se sugere que as medidas tomadas pela polícia, de certa forma, se afinam com as demandas populares por uma sociedade mais justa e igualitária.

O enunciado finda com a palavra valorativa “Maravilha”, um item lexical resumitivo, cuja função textual-discursiva é manifestar apoio irrestrito a essas ações da polícia – e também às vozes sociais que clamam por uma abordagem mais humanizada dos agentes de segurança pública –, frequentemente alvo de críticas em razão da truculência e da violência nas abordagens.

Passemos a outro exemplo.



O DOMINGO É DE...

...Sophie Charlotte, a atriz, que vive Alice na série "Os dias eram assim", da TV Globo. A talentosa está concorrendo a duas estatuetas no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, terça, agora, no Teatro Municipal: Melhor Atriz por "Reza a lenda", de Homero Olivetto, e Melhor Atriz Coadjuvante por "BR716", de Domingos Oliveira. Palmas para ela! ●

O Globo. 03 de setembro de 2017, p. 16.

O texto em exame, de forte conotação elogiosa, mas também exortativa almeja destacar qualidades da atriz, conduzindo o leitor à conclusão de que ela merece, em virtude de sua competência, as palmas que lhe são destinadas pelo autor no final da nota.

Para iniciarmos, compete destacar a progressão referencial como um interessante índice de valoração usado no texto. O sintagma nominal "A talentosa" reporta-se à Sophie Charlotte externando o reconhecimento ao bom trabalho desenvolvido pela atriz. Observe-se a substantivação do adjetivo "talentosa", que adquire no sintagma nominal maior relevo de significado, pois reúne nomeação e qualificação num só vocábulo, conferindo a ele maior autonomia e concretude (MONTEIRO, 1991). A retomada do item lexical, então, não contribui somente para progressão textual, senão também indica, na atividade discursiva, propósitos comunicativos bem definidos. O acento de valor (RODRIGUES, 2005) explicita a

posição assumida pelo sujeito no evento discursivo, de modo a considerar o objeto da nota a partir de um posicionamento ideológico.

A tese proposta é, ainda, sustentada pela menção aos prêmios aos quais Charlotte concorre no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro (Melhor Atriz e Melhor Atriz Coadjuvante). Usam-se esses fatos (FIORIN, 2015), isto é, esses dados objetivos que sugerem a competência da atriz com o intento de justificar tanto as “Palmas”, das quais ela é merecedora, como a dedicatória implícita em “Domingo é dia de... [...]”.

Valendo-se desses expedientes, espera o produtor do texto persuadir e convencer o seu leitor levando-o a concordar com tal fato. Mais: para além da concordância, objetiva-se impulsionar a admiração do seu interlocutor pela artista. O período que finda o texto (“Palmas para ela!”) tem sua orientação direcionada para o leitor buscando, assim, sua participação na construção do texto. Importa frisar que, na coluna de Gois, aparecem, não raras vezes, celebridades ligadas à rede Globo de televisão. As notas relativas a elas quase sempre assumem orientação apreciativa positiva. Uma reflexão pode aqui ser aduzida: pertencendo o autor a uma mesma organização empresarial, a Globo, espera-se que ele, por meio de sua competência discursiva, ajude a impulsionar, a divulgar casos bem-sucedidos dos funcionários da empresa. Veja-se, a propósito, a citação explícita da aludida rede de televisão.

Observemos, agora, a nota abaixo:

Na ilha do Domício

A Ilha de Paquetá vai aderir à onda, e que bela onda, de lugares, que, quase sempre a partir da Flip, começaram a fazer festas literárias. A Flipa será entre os dias 18 e 20, com a presença do presidente da ABL, Domício Proença Filho, que foi criado na ilha.

O Globo. 03 de novembro de 2017, p. 08.

Por meio desse enunciado, manifesta-se o assentimento à proliferação das festas literárias impulsionadas, mormente, pelo sucesso da Festa Literária de Paraty (FLIP). Dessa vez, fala-se da Flipa (Festa Literária de Paquetá), que contará com a presença de um convidado ilustre: Domício Proença filho.

O texto inicia-se com um recurso textual-discursivo interessante: em “Na ilha do Domício”, a utilização do artigo definido “o” nos faz supor certa proximidade e certo afeto de quem escreve a nota em relação a Filho. O mesmo se pode dizer acerca da referência ao presidente da ABL apenas pelo primeiro nome “Domício”, o que pressupõe certa intimidade, familiaridade com o acadêmico.

Siga-se com a interessante metáfora “[...] aderir à onda [...]” (isto é, fazer propagar as festas literárias) e com a antecipação do adjetivo avaliativo “bela” na passagem “[...] e que bela onda [...]”, revestindo-se de afetividade. Semelhantes recursos apreciam positivamente a adesão à ideia de propagar as festas literárias pelo país. Pode-se depreender o apoio do autor à difusão da arte, da literatura, alçando-as ao posto de importantes manifestações culturais de um país.

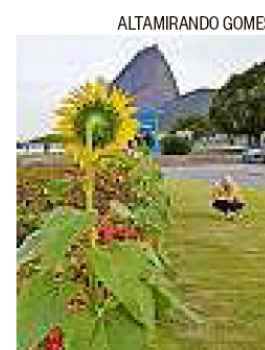
Há um interessante pressuposto acionado pelo verbo “começar”, indicador de mudança de estado. Se muitas cidades começaram a fazer festas literárias, quer dizer que anteriormente elas não faziam. E se não faziam, não proporcionavam aos moradores esses enriquecedores eventos de cultura. Conforme esse raciocínio, manifesta-se o apoio à iniciativa dessas cidades. Da mesma forma, destaca-se o pioneirismo da Festa Literária de Paraty (FLIP), cujo sucesso serviu de inspiração para outras cidades organizarem seus próprios eventos, de sorte a promover a valorização da cultura e da arte literária.

Os verbos indicadores de modalização também merecem ser mencionados. Em “A Ilha de Paquetá vai aderir [...]” e “A FLIPA será [...]”, indica-se ter certeza da realização do evento, o que revela maior adesão do produtor do texto em relação ao conteúdo da nota. Com isso, ele objetiva fornecer uma informação já factual – que deseja ver propagada por apoiar a iniciativa – ao seu leitor.

Este outro exemplo demonstra a aprovação a ações de pessoas, as quais, apesar de anônimas, merecem destaque, porquanto têm apreço pela cidade do Rio de Janeiro. Leiamos:

Rio que cuida do Rio

Um casal de moradores do Flamengo, Altamirando (Lando para os amigos) e Mônica, plantou, veja só, umas 200 mudas de girassóis (*Helianthus annuus*) no Aterro, o cartão-postal do Rio, na altura do imóvel da antiga churrascaria Porcão. É que, depois que a unidade faliu e fechou, a área ficou abandonada. O casal procurou a prefeitura e... disseram que não era com eles. Com a ajuda de outro morador, Gilmar, o casal plantou as mudas, regou e, hoje, veja na foto como ficou bonito.



O Globo. 28 de outubro de 2017, p. 16.

A nota veio em momento oportuno para sustentar duas ideias, ambas subentendidas. Primeiro, sugere-se que o cuidado com a cidade onde moramos deveria ser ação de todos nós, administradores públicos ou não. Relativamente a essa tese, traz-se uma ilustração como argumento (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005), ou seja, relatam-se as ações do

casal de moradores com o fito de fortalecer a ideia a ser provada. Segundo, também se valendo da ilustração, dá-se uma mostra de como órgãos públicos, no caso a prefeitura do Rio de Janeiro, além de gerir mal seus espaços, pouco ajudam aqueles que desejam contribuir para mudar a realidade.

Façamos uma alusão à personificação contida no título. Em “Rio que cuida do Rio”, atribui-se a “Rio”, um ser inanimado, uma ação própria dos seres humanos, a saber: cuidar de alguém. Ainda no título, um aspecto sintático de relevo é a utilização da oração adjetiva restritiva, que engendra uma informação implícita (um pressuposto): a de que há um Rio que não cuida do Rio. Ou seja, separam-se os cidadãos e os órgãos públicos e/ou privados em dois grandes grupos: de um lado, estão aqueles que realizam ações que ajudam a preservar a beleza da cidade; de outro, estão os que parecem não se preocupar em intervir na realidade com a qual se deparam. Ainda no campo dos pressupostos, é de notar que o item lexical “hoje” contribui para a demarcação de dois momentos: um anterior, cujo cenário apontava para uma churrascaria abandonada, sem vida; e um recente, em que a plantação dos girassóis revitalizou a paisagem, trazendo mais beleza ao local.

A cadeia referencial – Rio -> Um casal de moradores do Flamengo -> Altamirando (Lando) e Mônica -> casal – leva-nos a constatar o posicionamento valorativo do autor que vê com simpatia o companheirismo dos dois moradores e as atitudes deles diante dos problemas da cidade. Porque, sendo moradores do bairro, eles fazem parte das pessoas que cuidam do Rio. Mostra-se, assim, que as pequenas ações devem inspirar os demais moradores a serem proativos, para usar um termo em voga, na construção de uma sociedade melhor. Com relação à sequência Flamengo -> Aterro -> o cartão postal do Rio -> área, percebe-se que, nomeadamente a expressão nominal definida valorativa “o cartão postal do Rio” reforça a importância da revitalização da paisagem, a julgar pela localização da área.

Dois operadores argumentativos são particularmente importantes para a concretização do projeto de dizer do colunista: “É que” explicita o motivo pelo qual o casal tomou a atitude de plantar as mudas de girassol, a saber, o abandono da área, o que valora positivamente a atitude deles. Por sua vez, o conector “e”, presente em “O casal procurou a prefeitura e... disseram que não era com eles.”, engendra, juntamente com as reticências, um efeito de expectativa. Ao lermos o texto, o operador parece indicar um valor semântico aditivo, apontando para um possível apoio da prefeitura. No entanto, essa possibilidade de leitura é quebrada com a passagem que vem depois das reticências: “[...] disseram que não era com eles”. Considerando as hipóteses possivelmente levantadas pelo leitor da nota, parece razoável ponderar que o elemento em análise produz uma espécie de ambiguidade, pois, no curso da

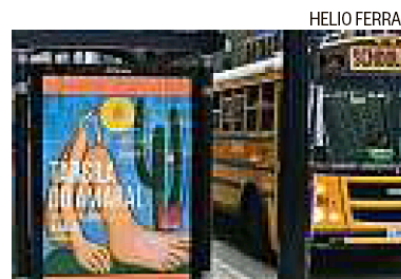
leitura, pode indicar o valor semântico de adição ou de contraposição. No fim, é este último que prevalece, colocando em relevo o argumento mais forte: o de que a prefeitura não apoia ações nobres como as do casal.

A situação é tão insólita que se revela certo espanto ante o fato noticiado por meio da expressão modalizadora “veja só”, a qual se volta ao leitor buscando sua adesão. Tal exalta, mais uma vez, as ações do casal. Diante da situação desoladora que se apresenta, materializada por vocábulos alusivos à falência da churrascaria, como “faliu”, “fechou” e “abandonada”, houve quem se preocupasse em reavivar a paisagem daquele lugar que se encontrava abandonado. O adjetivo “bonito”, assim como a imagem selecionada arrematam a aprovação, conduzindo o leitor a compartilhar da posição valorativa do autor do enunciado.

Conforme já exposto, o apoio às manifestações artísticas e à representatividade dos artistas nacionais no país e fora dele é uma das “bandeiras” da coluna. Veja como a nota abaixo é construída de modo a colocar em relevo o sucesso da arte nacional nos Estados Unidos:

Tarsila ganha os EUA

Veja o “Abaporu” (1928), uma das mais famosas obras de Tarsila do Amaral (1886-1973), estampado num ponto de ônibus de... Chicago. É para chamar para a exposição no Instituto de Arte de Chicago, que começou sábado e vai até janeiro — a primeira nos EUA, veja só, totalmente dedicada à artista brasileira. Em fevereiro, a exposição vai para outro dos principais museus americanos: nada menos do que o Museu de Arte Moderna, o MoMA, de Nova York.



O Globo. 09 de outubro de 2017, p. 10.

A hipérbole contida no título-tese já confere grandiosidade ao feito da artista brasileira Tarsila do Amaral. Nesse sentido, “ganhar os EUA” é ter uma obra artística nacional reconhecida num dos principais celeiros da arte do mundo. Deixa-se entrever certo sentimento de orgulho manifesto nas palavras do colonista.

A cadeia referencial também o confirma. A palavra “Abaporu” é retomada pela expressão nominal indefinida “uma das mais famosas obras de Tarsila do Amaral”, que valora positivamente a obra da artista, agora em exposição em museus dos Estados Unidos. No interior da expressão nominal indefinida, é de observar o pressuposto instaurado pela expressão “uma das mais famosas”, deixando-se implícito que há outras obras da artista que obtiveram o devido reconhecimento. Ainda sobre essa expressão, o advérbio de intensidade

“mais” e o adjetivo “famosas” são palavras avaliativas, cuja função é fortalecer a tese implícita de que a obra de Tarsila é um orgulho para a arte nacional.

A utilização do numeral “primeira” aciona um pressuposto que vai ao encontro da tese anteriormente aludida. Se essa é a primeira exposição dos quadros da artista nos Estados Unidos, pressupõe-se que haverá outras no país, o que decerto confere destaque à obra de Tarsila do Amaral no cenário artístico internacional. As reticências são usadas no texto para que se crie um efeito de suspense no leitor, revelando até certa incredulidade em face do que ocorreu. A surpresa é também manifesta pela expressão modalizadora “veja só” – que interpela o leitor, pondo em relevo o feito de Tarsila – seguida da informação de que a exposição será “totalmente” dedicada à brasileira. O advérbio delimita o alcance da exposição, servindo para elevar ainda mais a importância da obra da pintora, que terá sua arte exposta “nada menos” do que no Museu de Arte Moderna de Nova York, caracterizado positivamente no texto como um dos “principais” museus norte-americanos.

O uso do verbo “ir” (“[...] vai até janeiro [...]” e “[...] vai para outro dos principais museus americanos [...]”) assinala a certeza do enunciador, mostrando seu engajamento em relação ao que é dito. Sublinha-se, assim, a importância da obra da artista brasileira que tem seu reconhecimento internacional concretizado pelas exposições. A menção destas, aliás, são argumentos factuais que solidificam a tese posta. Os fatos, salienta Fiorin (2015), produzem um efeito de objetividade, razão pela qual se tem a impressão de não haver muita margem para contraposição a eles no discurso. Dessa forma, se Tarsila tem suas obras expostas em dois importantes museus norte-americanos, parece inquestionável, ao menos na proposição da nota, a grandeza de sua obra.

É de observar que a voz popular frequentemente aparece como apoio à tese exposta pelo colunista, mobilizando a memória textual e discursiva do interlocutor (BRAIT, 2011). Lança-se mão de expressões populares, ditados, adágios, anexins presentes na memória social dos leitores, conforme se observa no título da nota seguinte:

‘O bom filho...’

Luís Roberto Barroso, do STF, vai a Vassouras (RJ) amanhã. A convite da OAB-RJ, ele dará palestra gratuita para advogados sobre “Os desafios do Brasil na atualidade”. Barroso é o 3º ministro vassourense. Antes, houve Sebastião Lacerda (avô de Carlos Lacerda), em 1912, e Edgard Costa, em 1945.

O Globo. 10 de novembro de 2017, p. 14.

As aspas indicam se tratar do discurso alheio demarcado (FIORIN, 2006), que, nesse caso, é indicador do *vox populi*, materialização do saber popular. Tem-se, pois, no entender de Fiorin (2015), o recurso aos valores, expediente argumentativo que consiste em utilizar certas balizas morais tidas como verdade por uma dada sociedade. No exemplo, tece-se uma valoração positiva sobre o ministro Barroso, considerado um filho ilustre da cidade de Vassouras. As reticências apelam para a memória discursiva do leitor, que deve retomar o anexo para que ele faça sentido no texto: “O bom filho... [a casa torna].” Cabe dizer que a expressão, tal como é usada no enunciado, celebra a volta do ministro a sua cidade de origem, indicando o tema da nota, ou seja, a apreciação valorativa face ao objeto do texto.

O enunciado a seguir utiliza, similarmente, o recurso aos valores. Para tal, vale-se de um trecho da música “O sol nascerá”, do cantor e compositor brasileiro Cartola: “Finda a tempestade/O sol nascerá [...]”⁷³ Na letra, o artista, possivelmente, faz alusão ao provérbio “Depois da tempestade, vem a bonança.”, recriando-o poeticamente. As referências apontam para uma ideia tida como certa, como verdadeira em nossa sociedade. Eis o texto:

‘Finda a tempestade...’

Após dois anos de queda, a venda de livros finalmente voltou a crescer no Brasil e teve até agora, este ano, quase 2 milhões de obras a mais do que no mesmo período de 2016. No total, são 31,1 milhões de exemplares este ano, ante 29,3 milhões no ano passado. A conta é do Sindicato Nacional de Editores de Livros.

O Globo. 26 de outubro de 2017, p. 17.

Procede fazer menção, ainda, à fusão de gêneros que, por vezes, ocorre nas colunas de notas. Nesse caso, a nota, como gênero secundário de base, é reforçada pela inserção de outros gêneros – em geral, primários – na cadeia discursiva. Noutros termos, há uma absorção de outros gêneros pelas notas com diferentes fins (ilustração, reforço de tese, etc.), a exemplo do que ocorreu com os provérbios acima ou com a nota abaixo, na qual se usa um anúncio do desaparecimento de um cão como elemento estruturante do gênero:

⁷³ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/cartola/392191/>. Acesso em 22/08/2018.

O mascote da Escola de Desenho Industrial

Alunos, professores e demais funcionários da Escola Superior de Desenho Industrial (Esdí) da Uerj, na Lapa, estão se mobilizando para encontrar Scooby, o mascote da unidade, um vira-lata de 12 anos que está desaparecido desde terça passada, 17. Fizem, veja na foto, um cartaz com fotos do bichinho em vários momentos — inclusive de “roupinha”, por causa do frio. E, por ser já “de idade”, Scooby tem artrose e, por isso, precisa ser medicado diariamente.

Quem encontrar o bichinho pode ligar para um dos cinco números que estão no blog da coluna.



O Globo. 25 de outubro de 2017, p. 15.

Ainda com respeito à recorrência à voz de outrem, não raras vezes a voz do colunista parece se unir a outras no discurso sem que isso seja demarcado formalmente no texto. Trata-se, ao que tudo indica, de um reforço a certas ideias, uma potencialização do “coro” de vozes, de modo a concretizar uma reacentuação valorativa do falante relativamente ao conteúdo do texto, o que nos parece um sinal de bivocalidade. Portanto, nesse caso, “As palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornam-se bivocais.” (BAKHTIN, 2015, p. 223). Dito de outra forma, no discurso bivocal, explica Rodrigues (2005), as palavras pertencem formalmente aos autores, porém observa-se o ressoar de outra(s) voz(es). Observe:

Fora Temer

Será lançado, hoje, às 19h, o site www.342agora.org.br. É resultado de reuniões de uma centena de intelectuais e artistas, como Caetano Veloso, contra Temer. Veja: 342 é o número mínimo de votos para afastar o presidente. No site, há um placar com as intenções de voto e uma ferramenta indicando os contatos de cada deputado.

O Globo. 10 de julho de 2017, p. 08.

Principiemos por observar que a riqueza de detalhes da nota impressiona. Temos a menção do *site* contrário à permanência de Temer no governo, o horário em que passará a funcionar, sua motivação e o número de votos necessários para afastar o presidente. Não bastasse isso, ainda se indica que haverá um placar com as intenções de voto dos deputados e os seus contatos, pelo que se infere uma incitação indireta aos leitores para, caso adiram ao “Fora Temer”, interpelarem os deputados que eventualmente votarem pela permanência do presidente. Ao que nos parece, essas informações fazem reverberar as vozes contidas no título

da nota. Melhor dito: o “Fora Temer” é consenso entre os artistas capitaneados por Caetano Veloso e o colunista. As vozes, pois, se fundem no enunciado num apoio mais robusto à saída de Temer.

Interessante observar que, dias depois, surge esta outra nota rememorando o caso, agora numa manifestação contrária à atitude de alguns deputados que excluíram suas contas nas redes sociais temendo a pressão popular do movimento:

Coisa feia, deputado

Tem deputado se sentindo acuado pela força da campanha “#342Agora”, aquela lançada pela classe artística para pressionar os parlamentares a aceitarem a denúncia contra Michel Temer.

Pelo menos quatro deles, Danilo Forte (CE), Norma Ayub (ES), Thiago Peixoto (GO), e Brunny (MG), estão apagando comentários e fechando seus perfis nas redes sociais. O site da campanha, como se sabe, é o 342agora.org.br.

O Globo. 13 de julho de 2017, p. 24.

Outra ocorrência da “diluição” de vozes pode ser vislumbrada no enunciado abaixo. Igualmente, a voz do autor parece se fundir com a dos artistas, num coro contrário a qualquer tipo de censura. Observe que o título também se reporta a uma expressão popular corrente na modalidade informal da língua que de certa forma representa um valor socialmente instituído, qual seja, a liberdade de expressão:

Cala boca já morreu

Se o ministro Sérgio Sá Leitão mantiver a ideia de reproduzir na Instrução Normativa da Lei Rouanet dispositivos de artigos do Código Penal — sem uma vírgula a mais ou a menos, como disse — para vetar projetos que possam “vilipendiar ato ou objeto religioso”, o #342artes #CensuraNuncaMais vai apelar ao STF.

Trata-se do movimento que reúne artistas de várias áreas, que se encontrou, quinta, na casa de Paula Lavigne, no Rio.

O Globo. 07 de outubro de 2017, p. 12.

4.4.3 Orientação dialógica argumentativa de contestação (ODAC)

Nessa orientação argumentativa, o colunista refuta ideias, posicionando-se contrariamente a elas no discurso. Trata-se de uma reação-resposta a outros discursos que circulam na sociedade, mas destoantes de seus posicionamentos socioideológicos. Por essa perspectiva, o autor toma certos objetos do discurso (truculência policial, violência urbana, má gestão da educação, corrupção política, etc.), de modo a imprimir nesses temas o seu acento de valor. Ademais, por meio de expedientes que têm por função convencer e persuadir, busca-se conduzir o leitor à adesão a certas teses, incitando-o a adotar uma atitude responsiva frente às questões discutidas. Uma vez que a contestação vincula-se estreitamente à argumentatividade, vale destacar a utilização de alguns recursos estilístico-composicionais regularmente encontrados nas notas pesquisadas: (a) figuras de linguagem como a metáfora, metonímia e ironia; (b) palavras e expressões avaliativas; (c) modalização; (d) implícitos; (e) operadores argumentativos; e (f) inserção do discurso alheio.

Iniciemos esta exposição com uma nota que parece bem ilustrar a ODAC, dada a riqueza de recursos contestatórios. O texto surge numa reação-resposta aos comentários do deputado Wladimir Costa sobre os artistas Orlando Moraes e Glória Pires. Observe:

EM DEFESA DE GLÓRIA E ORLANDO

RAFAEL MEDINA

O filósofo Umberto Eco (1932-2016) disse que as redes sociais deram voz aos idiotas — a transmissão pela TV dos debates na Câmara, também. Veja o deputado Wladimir Costa — considerado um fora da lei pelo TRE do Pará, que chegou a cassar o seu mandato — na CCJ. Depois de dizer que sua colega Benedita da Silva teve de “usar calcinhas de plástico”, insultou (bem diferente de criticar) os artistas que fazem campanha contra Temer: “Glória Pires, uma verdadeira puxa-saco do PT. Ela sustenta aquele marido dela que nunca fez sucesso na carreira dele”, afirmou, referindo-se ao músico Orlando Moraes, um dos artistas brasileiros mais conhecidos na França, por exemplo. Caetano Veloso, um dos líderes do grupo contra Temer, lembrou em vídeo (veja no blog da coluna) que o tal deputado, além de preconceituoso — cá entre nós, qual o problema, por exemplo, de um homem ser sustentado por uma mulher? —, mente:



Glória nunca foi próxima do PT (“De onde ele tirou isso?”). Caetano elogiou Orlando (“Canta bem, toca piano, é da música”) e também negou que ele seja sustentado pela mulher

(“Ele era rico desde antes de conhecer Glorinha”). Em tempo: Wladimir, antes de ser político, tentou ser cantor. Mas faltou plateia. Optou, então, pela carreira de... pulha ●

O Globo. 15 de julho de 2017, p. 12.

Neste texto, por meio de um movimento de contestação progressivo, o autor esforça-se para deslegitimar a voz do deputado, que, para ele, procedeu de modo irresponsável e mentiroso ao ofender o casal de artistas. Variados recursos estilístico-composicionais foram utilizados para a concretização desse projeto de dizer, desvelando o acento de valor que se imprime ao enunciado. Vamos a eles.

Principiemos observando a utilização do discurso de outrem, que bem marca o contraste de vozes presente no texto. Tendo isso em vista, o autor retoma, por meio do discurso indireto, um dito do consagrado filósofo italiano Umberto Eco sobre a popularização das redes sociais, as quais, para ele, teriam dado voz a muitos idiotas. O colunista lança mão da citação reformulando-a, de modo a acrescentar que a transmissão dos debates, na Câmara, igualmente dera voz a idiotas – veja-se a elipse em “[...] a transmissão pela TV dos debates na

Câmara, também [deu voz aos idiotas].” Usa-se, pois, um argumento de autoridade que visa à sustentação da tese de que o deputado, tal qual muitos internautas que não dispõem de argumentos convincentes, limita-se a agressões verbais contra os artistas.

Para desautorizar a fala de Costa, usam-se suas próprias palavras por meio do aspeamento. O recurso, nesse caso, reforça o distanciamento entre as ideias do colunista e do adversário. Primeiro, o autor recorda-se de que o político já havia insultado uma colega parlamentar, Benedita da Silva, afirmando, em alusão ao passado pobre da deputada, que ela teve de “[...] usar calcinhas de plástico [...]”. Em seguida, explicita-se a crítica feita à dupla de artistas por meio destas palavras: “Glória Pires, uma verdadeira puxa-saco do PT. Ela sustenta aquele marido dela que nunca fez sucesso na carreira dele [...]”. As palavras citadas revelam posicionamentos elitistas e machistas, motivadores da pergunta retórica contida na nota: “[...] qual o problema, por exemplo, de um homem ser sustentado por uma mulher?”. Tal questionamento coloca o leitor da nota como co-autor do texto, estimulando o seu engajamento frente à questão discutida (RODRIGUES, 2005).

O enunciador parece considerar a estratégia argumentativa de Costa como frágil, visto ela se estruturar, basicamente, com o argumento *ad hominem* (FIORIN, 2015), por meio do qual se busca desqualificar o casal de artistas com ataques pessoais, de modo a desviar-se do curso lógico da discussão. Distintamente do parlamentar, nessa passagem o produtor do texto traz ilustrações concretas para fortalecer a ideia de que é prática de Costa o insulto em vez da argumentação com base em dados. Cita-se ainda o reconhecimento de Moraes em países como França. O exemplo particular fundamenta a generalização de que o artista tem qualidades apreciadas em território internacional. Tal se contrapõe aos ataques gratuitos feitos contra ele, notadamente os que sustentam seu fracasso como artista.

Para rebater as ideias do político, vale-se, em acréscimo, de outro argumento de autoridade. Agora, são trazidas as palavras de Caetano Veloso, importante artista da música popular brasileira, que questiona a proximidade de Glória Pires com o PT (“De onde ele tirou isso?”), assim como a alegação de que Moraes é sustentado pela mulher (“Ele era rico desde antes de conhecer a Glorinha”). O cantor tece, ainda, elogios a Orlando Moraes: “Canta bem, toca piano, é da música”. As vozes de Eco e de Veloso desqualificam as informações do deputado, desautorizando seu ponto de vista.

Veja que a referenciação, assim como os adjetivos qualificativos desempenham função relevante no enunciado. A cadeia de vocábulos alusiva a Wladimir Costa contrasta fortemente com a relativa a Orlando Moraes. Após a introdução do deputado no discurso, ele é retomado por expressões nominais definidas e indefinidas de cunho pejorativo: Wladimir Costa → “um

fora da lei” → “o tal deputado”. Para Orlando Morais, porém, temos uma expressão nominal indefinida de cunho elogioso: “um dos artistas brasileiros mais conhecidos na França”. Da mesma forma, a adjetivação, como instrumento avaliativo, mostra claramente a posição valorativa dos autores: Costa é qualificado como “preconceituoso” e “pulha”, ao passo que, para Morais, é utilizado o adjetivo “rico” (palavra de Veloso também assumida pelos colonistas), que desmente a alegação de que Glória Pires o sustenta. Formam-se, por conseguinte, dois polos antitéticos: um em favor de Orlando, outro contrário a Wladimir.

Vale referir também a seleção de alguns verbos, indicadores do posicionamento assumido pelo colunista no enunciado. Para ele, o deputado “insultou” (“[...] bem diferente de criticar [...]”) Orlando Morais. A forma verbal em destaque, usada no modo indicativo, o qual, de modo geral, sinaliza certeza do falante em relação ao que diz/escreve, confere caráter factual à ação de Costa. A partir do discurso relatado, afirma-se, com base nas palavras de Caetano, que o parlamentar “mente”. Semelhante forma verbal, usada no presente do indicativo, denota convicção do enunciadador alusivamente à conduta moral do parlamentar. Consideram-se essas ações (insultar e mentir) reprováveis para o posto ocupado por ele no congresso, razão pela qual suas palavras não são dignas de crédito. Ainda tendo como objeto de reflexão os verbos, “veja” é usado no modo imperativo como estratégia de modalização para interpelar o leitor a ver o disparate da situação, instando-o a assumir um posicionamento ativo face ao que se enuncia.

Fortemente conotados são também os adjetivos substantivados “idiota” e “pulha”, concernentes ao parlamentar. Como já dissemos, as substantivações reúnem nomeação e qualificação num só vocábulo, conferindo a ele maior autonomia e concretude, servindo à intensificação da crítica feita pelo colunista.

Nessa ODAC, é de notar, em complemento, a função discursiva dos operadores argumentativos “além de”, “mas” e “então”. “Além de” reúne duas características que desqualificam o deputado, a saber: preconceituoso e mentiroso, contribuindo com a intenção crítica do colunista. Já o conector “mas”, no texto, indicador de contraexpectativa (“Mas faltou plateia.”), sinaliza implicitamente um possível “recalque” do deputado, que, em razão de não ter logrado êxito na carreira de cantor, desvela a inveja que tem de cantores que, como Orlando Morais, tiveram maior notoriedade que ele na carreira. Em verdade, o autor se vale de uma estratégia bem interessante: opta por deixar os períodos separados para aumentar a expectativa dos leitores. Por essa razão, afirma-se num período que Waldemar Costa tentara ser cantor. Em seguida, inicia-se outro com o “mas” – que indica o argumento mais forte na cadeia argumentativa –, quebrando qualquer possibilidade de inferência positiva por parte do

leitor sobre a carreira dele na música, porque lhe “[...] faltou plateia”, possível sinal da incompetência de Costa como músico. A conclusão da nota é devastadora: o conector “então” arremata as considerações anteriores, conduzindo-nos a pensar que, além de ter fracassado como músico, perde muito a política brasileira, e, por corolário, a população brasileira, por ter em seu quadro um “pulha”, quer dizer, um “canalha”.

Pontuemos que a nota não insurge somente contra os insultos contra Glória Pires e Orlando Moraes levados a público pelo deputado. Mais que isso: é uma reação-resposta a qualquer pessoa ou instância que, sem argumentos, tenta silenciar a voz daqueles que pensam diferentemente. No caso, salienta-se que a oposição dos artistas ao governo é legítimo exercício do livre pensamento e uma postura cidadã da classe artística. Por isso o título subjetivo da nota: “Em defesa de Glória e Orlando”.

Passemos a outro exemplo. Os grandes eventos esportivos ocorridos no Brasil nos últimos anos (a Copa do mundo em 2014 e as Olimpíadas em 2016) deixaram ainda mais exposta a dificuldade de nossos gestores em realizar obras em tempo hábil, com competência e a um custo minimamente razoável. A suspeição de obras superfaturadas, os indícios de má gestão dos recursos e a falta de planejamento colocaram o país entre os que mais gastaram com os eventos, sem que se tivesse um forte impacto positivo na vida prática da população brasileira, como atestam algumas matérias veiculadas pela imprensa nacional⁷⁴. A propósito desse assunto, vieram a público questionamentos acerca da obra da ferrovia Transnordestina, conduzida na gestão do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. Esta é a temática da nota que segue.

Fator Steinbruch

Mal ou bem, a transposição do Rio São Francisco avança. Mas outro projeto mamute do tempo de Lula, também no Nordeste, a ferrovia Transnordestina, num total 1.728 km, parece obra de igreja.

É tocado por uma subsidiária da CSN, de Benjamin Steinbruch. Dez anos depois do início das obras, pouco mais da metade do projeto foi concluído.

O Globo. 14 de março de 2017, p. 08.

⁷⁴ Veja-se, a título de ilustração, a matéria do jornal mineiro Hoje em Dia, disponível em: <http://hojeemdia.com.br/primeiro-plano/investimentos-de-r-66-bilh%C3%B5es-em-copa-e-olimp%C3%ADada-contribu%C3%ADram-pouco-para-avan%C3%A7o-do-pa%C3%ADs-1.381036>>. Acesso em: 04/10/2017.

No texto, distancia-se dos discursos de euforia – mormente os governamentais – que vieram a público por ocasião da obra da Ferrovia Transnordestina⁷⁵, promovida pelo Governo Lula. Algumas estratégias argumentativas são usadas para explicitar que os alardeados benefícios de que gozaria a população com o término da obra – geração de empregos e de renda, melhoria da competitividade dos produtos nordestinos, por exemplo – ainda estão longe de chegar de fato aos cidadãos. Vamos a elas.

Para Fiorin (2015), na argumentação, a aproximação de dois objetos em função de uma relação de semelhança entre eles tem forte caráter pedagógico, pois dá corporeidade a uma abstração. Considerando esse princípio, duas metáforas são pinçadas no enunciado com fins persuasivos, de sorte a conduzir o leitor à conclusão de que é um disparate uma obra, mesmo sendo de grandes proporções, levar um tempo superior a dez anos para ser finalizada. Reforça-se o questionamento com a informação factual de que “[...] pouco mais da metade do projeto foi concluído.”, abrindo-se um horizonte para a leitura de que ainda haverá alguns anos de espera até a finalização da obra.

Com fundamento nessas considerações, diremos que o sintagma lexicalizado “obra de igreja” reporta-se metaforicamente àquelas construções que, estando ou não no campo religioso, são lentas, ficando, em algumas ocasiões, inacabadas. O termo, tão caro ao registro informal da linguagem, imprime força persuasiva ao discurso, de modo a trazer para o campo do conhecido o objeto comparado. Manifesta-se, assim, uma voz dissonante que se insurge contra a gestão da obra, a cargo da subsidiária da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), possivelmente com o aval do ex-presidente. Abominam-se gastos públicos irresponsáveis, empregados em uma obra da qual a população não poderá se servir, ao menos num tempo próximo.

Adicionalmente, é de interesse para nós o qualificativo “mamute” (“Mas outro projeto mamute do tempo de Lula [...]”). Em sua acepção literal, “mamute” denota grandes elefantes dotados de presas longas e curvadas para cima e para trás. Na relação sintagmática com o vocábulo “projeto”, surge um novo significado. Lembremo-nos de que a gestão de Lula se notabilizou pela tentativa de levar grandes projetos a cabo. Houve quem visse nisso certa

⁷⁵ “A **Ferrovia Nova Transnordestina** (EF-232 e EF-116) é uma ferrovia brasileira, em bitola mista, projetada para ligar o Porto de Pecém, no Ceará, ao Porto de Suape, em Pernambuco, além do cerrado do Piauí, no município de Eliseu Martins, com extensão total de 1.728 km. No futuro se conectará com a ferrovia Norte-Sul em Porto Franco (MA). O projeto desta ferrovia intenciona elevar a competitividade da produção agrícola e mineral da região Nordeste, com uma logística eficiente que une uma ferrovia moderna de alto desempenho e portos de calado profundo que podem receber navios de grande porte. A bitola mista permite a união da alta capacidade da bitola larga e a ligação com as outras ferrovias regionais com a bitola métrica.” Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Transnordestina>. Acesso em 10/05/2018.

vocação megalomaniaca, para usar um termo bastante difundido na mídia brasileira. Nessa direção, por meio de um movimento associativo, é possível compreender “projeto mamute” como um projeto de grandes extensões, muito propagandeado, porém não levado a cabo pelos executores da obra. Por conseguinte, o termo conota pejorativamente projetos como esse, questionando sua viabilidade.

Releva fazermos aqui um paralelo com outra expressão muito usada por ocasião dos grandes eventos sediados pelo Brasil. Referimo-nos a “elefante branco”, cujo significado remonta a obras pouco funcionais, sem grande relevo para a população. A considerar esses elementos comparativos, o colunista leva-nos a colocar Lula entre os representantes da classe política que se arvoram de grandes feitos, mas que, na verdade, tem seu discurso, ou parte dele, contrariado pelos fatos.

Note, a propósito, novamente o uso do conector “mas”, que imprime força argumentativa ao segundo período (“Mas outro projeto mamute do tempo de Lula [...]”). O locutor insere um argumento, admitindo parcialmente sua validade: “Mal ou bem a transposição do Rio São Francisco avança.”, o que pode ser considerado, nos termos de Rodrigues (2005, p. 178) um “movimento dialógico de refutação”, visto que antecipa uma possível indagação do leitor, contrapondo-se a ela. Em seguida, insere outro argumento mais forte manifestando, com respeito a este último, sua adesão. Noutras palavras, muito embora se admita que outra obra de Lula está aos poucos avançando, cobra-se incisivamente um posicionamento dos governantes diante de outra que se arrasta no tempo sem legar benefícios à população.

Cabe ainda mencionar a referência à extensão da ferrovia: 1728 km. Do ponto de vista argumentativo, esse fato, além de impressionar o leitor, deixa subentendido que uma obra dessa magnitude teria muito a contribuir para a melhoria de vida da população nordestina. Se apelarmos para nosso conhecimento de mundo, trazendo para análise a paixão declarada do colunista-chefe pelo nordeste, em virtude de ser ele natural de Frei Paulo, município de Sergipe (Aracaju), talvez encontremos mais uma razão para a “descompostura” direcionada ao ex-presidente Lula que, mesmo tendo raízes nordestinas e, portanto, conhecendo de perto a realidade daquele povo, não finalizou a obra.

A recorrência à comparação, ou seja, à aproximação de dois objetos por alguma semelhança entre eles é, com efeito, um recurso argumentativo bastante usado nas notas jornalísticas do *corpus*. Outro enunciado que se vale desse expediente pode ser visto a seguir. Analogamente à nota anterior, destaca-se a relevância de figuras como símile e metáfora como vigorosos mecanismos expressivos na ODAC.

No mais

Nada é mais batido no meio do que aquela frase de Magalhães Pinto (1909-1966) de que política é como nuvem. Você olha, e ela está de um jeito. Olha de novo, e ela já mudou. Mas, hoje, para usar outro chavão político, devemos dizer que a correlação de forças políticas no Congresso favorece que Temer fique, mesmo sangrando. Até quando — e a que preço para o país — é outra história.

O Globo. 15 de julho de 2017, p. 12.

A nota, sutilmente, parece contrapor-se à permanência de Michel Temer na presidência do Brasil. De início, atente para a presença da voz do outro, Magalhães Pinto, que reforça a instabilidade das relações políticas, concretizada pelo símile usado por ele (“[...] política é como nuvem [...]”). Na visão do autor, a máxima, a julgar pela situação política na qual o Brasil se encontrava à época, poderia ser positiva à política brasileira, notadamente no que toca à situação da presidência da República, assumida por Michel Temer depois do *impeachment* de Dilma Rousseff. Dito de outra forma, até que não seria ruim, na perspectiva do colunista, que as palavras de Magalhães Pinto se fizessem valer para o quadro político naquele momento, culminando em uma possível mudança positiva para a nação.

Seguidamente, quebra-se uma provável expectativa do leitor, usando-se o operador “Mas” como índice de que a mudança muito provavelmente não ocorrerá no governo Temer. Nesse sentido, o verbo auxiliar modal “devemos” (“[...] devemos dizer que a correlação de forças políticas no Congresso [...]”), ao mesmo tempo em que denota, a contragosto do colunista, reconhecimento acerca da provável permanência de Temer na presidência muito em função do apoio que tem no Congresso, também coloca o leitor como coparticipante do texto, sugerindo que ele compactue com o fato de que as forças políticas sustentarão o presidente no cargo – veja-se o uso da primeira pessoa do plural.

Remete-se, posteriormente, a outro termo metafórico (“sangrando”) para dar concretude ao cenário de que Temer tende a manter-se no poder, a despeito da debilidade do seu governo – para se ter uma ideia, à época, apenas 7% da população considerava o governo do presidente bom ou ótimo, segundo dados do Datafolha⁷⁶. Dito isso, “mesmo sangrando”, uma estrutura concessiva reduzida de gerúndio, cuja função é contrapor as ideias de permanência do presidente e o enfraquecimento do seu governo, resulta em certa decepção por parte do enunciador, visto que só mesmo os arranjos políticos justificariam a continuidade

⁷⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/aprovacao-de-temer-de-7-menor-marca-em-28-anos-diz-datafolha-21515257>. Acesso em 22/04/2018.

de um governo sem representatividade popular. A nota é finalizada trazendo um horizonte temporal de incerteza (“Até quando”), ao qual se agrega outra metáfora sugestiva, dialogizada com a expressão popular “pagar o preço”, isto é, sofrer consequências por aquilo que se fez. Tais indícios permitem-nos subentender possíveis impactos negativos para o país ocasionados pela continuidade do governo.

Dando sequência aos tropos, na nota abaixo, observamos a força expressivo-discursiva da metonímia. Tal ocorre pela substituição de um temo concreto (“capitalistas”) por um abstrato (“capitalismo”), que engendra um significado mais vigoroso ao texto por fazer menção a um sistema cuja intenção é a todo custo gerar lucro. Em verdade, o sintagma “capitalismo selvagem”, dialogicamente, já constitui um já-dito que aponta para a voracidade de um sistema que, não raro, alça o dinheiro para além das relações humanas. Tem-se, assim, novamente uma ODAC. Vejamos:

Capitalismo selvagem

Veja como tem gente que fatura com a violência. Teve mototaxista da Rocinha, ontem, cobrando R\$ 10 pela corrida dentro da comunidade. Normalmente, custa R\$3.

O Globo. 23 de setembro de 2017, p. 16.

Tendo isso em vista, a voz do colunista rebate essa prática indiferente aos sentimentos e necessidades humanas. Para tal, lança-se mão do argumento por ilustração, que, nesse caso, concretiza a ideia aceita de que o capitalismo, de alguma forma, produz a exploração dos mais vulneráveis. Salienta-se que a atitude dos mototaxistas é ainda mais censurável, por causa da situação de conflitos em que estão algumas comunidades do Rio de Janeiro, entre as quais a Rocinha. Quer dizer, lamenta-se que, a considerar a situação angustiante pela qual passam os moradores da comunidade, haja mototaxistas aproveitando a oportunidade para aumentar abusivamente o valor da corrida.

Repare a utilização, bastante comum como já se pôde constatar, do verbo “veja” no imperativo, cuja função interpelativa já foi anteriormente indicada. Além disso, o advérbio modalizador “normalmente” contribui para que estabeleçamos um contraste entre o preço da corrida em situações habituais (R\$ 3,00) e o valor da corrida em situações de “quase guerra”, mais de três vezes mais cara (R\$ 10,00). Demarca-se, do ponto de vista do produtor do texto, a ausência de constância no que se refere ao valor de um serviço importante para os

moradores da comunidade. Sinaliza-se, assim, a ruptura com um estado natural das coisas, o que gera o sobrepreço do serviço, procedimento contra o qual se insurge na nota.

Outro recurso importante usado nessa orientação dialógica é a ironia. Como dissemos, a estratégia permite enquadrar o discurso do outro, desvelando sua contradição. Produz-se, ademais, um efeito de distanciamento (RODRIGUES, 2001). Vejamos:

Parabéns ‘pra’ você

Veja como a coisa é lenta no setor público. Fez um ano, dia 16, que a Odebrecht manifestou ao governo do Rio interesse em devolver o Maracanã. Até agora... nada.



O Globo. 02 de julho de 2017, p. 18.

A empreiteira Odebrecht, a empresa IMX, de Eike Batista, e o grupo americano AEG venceram, em 2013, a concorrência para administrar o Maracanã por 35 anos. Em 2016, a Odebrecht, detentora de mais de 90% das ações do consórcio, manifestou o desejo de não mais seguir com a administração do estádio, em razão dos prejuízos já contabilizados pela empresa. Como no contrato estava prevista uma multa caso houvesse o rompimento do compromisso, a empresa estava disposta a pagar a multa rescisória para se livrar de danos financeiros maiores.

Mais uma vez emprega-se o argumento por ilustração. Agora, relata-se um fato com vistas a confirmar a tese já aceita de que a burocracia emperra, não raras vezes, o setor público no Brasil.

Destaque-se, na condução argumentativa, a proposição irônica já manifesta no título “Parabéns ‘pra’ você”. Este segmento retoma dialogicamente uma conhecida canção popular para afirmar o contrário do que originalmente significa. A recorrência a esse outro enunciado é feita com vistas ao reforço da crítica, direcionada à morosidade do setor público que, um ano depois da sinalização da Odebrecht em devolver o estádio, ainda não deu continuidade ao processo. Muito embora esteja incorporado sintaticamente ao discurso do colunista, a congratulação, tomada em sentido literal, não coaduna com seu ponto de vista sobre o desempenho do setor público.

O adjetivo qualificativo “lenta” denota, igualmente, a posição assumida pelo colunista no discurso. Por fim, as reticências ensejam certo efeito de expectativa, a qual é desfeita

quando se insere o pronome indefinido “nada”. Esse último vocábulo conduz o leitor, inevitavelmente, a uma reflexão negativa acerca da situação, pelo que se justifica a congratulação irônica no título da nota.

Ainda a propósito da ironia, estas notas merecem ser mencionadas:

Poemas danadinhos

O ator Thiago Lacerda vai declamar, segunda, na Biblioteca Pública de BH, poemas eróticos de Carlos Drummond de Andrade (foto), do livro “Amor natural”. Faz parte de uma programação, produzida por Afonso Borges, pelos 115 anos do poeta mineiro. Alguns versos: “Ao delicioso toque do clitóris,/já tudo se transforma, num relâmpago./Em pequenino ponto desse corpo,/a fonte, o fogo, o mel se concentraram.”



Perguntar não ofende...

O que diriam Crivella e João Dória sobre estes versos, digamos, danadinhos do mestre? Com todo o respeito.

O Globo. 28 de outubro de 2017, p. 2017.

Recursos como a citação do discurso alheio (trechos provocativos do poema de Carlos Drummond de Andrade), os vocábulos avaliativos (“Poemas *danadinhos*”, “[...] versos, digamos, *danadinhos* do mestre?” [grifos nossos]), a progressão referencial valorativa (“do mestre”) e o efeito de expectativa das reticências no título da segunda nota balizam a ironia contida em “Com todo o respeito”. Parece que estamos diante de um dito que, somado aos recursos mencionados, rebate, com sarcasmo, a “onda” de conservadorismo que se instaurou na sociedade brasileira nos últimos tempos, materializada no texto por dois políticos tidos como conservadores: João Dória e Marcelo Crivella.

Para a construção da segunda nota, busca-se o recurso dos valores, trazendo uma frase cristalizada em nossa cultura: “Perguntar não ofende...”. Nesse sentido, o autor “blinda-se” com o auxílio da sabedoria popular, que o protege de uma possível investida dos conservadores perante esse assunto polêmico.

Na expressão de ironia, por vezes as aspas são utilizadas. Na nota seguinte, o vocábulo “cultura” é claramente ressignificado pejorativamente pelo colunista, de sorte a rebater o

discurso oficial de que há, no Governo Pezão, uma preocupação com a cultura em seu sentido amplo. Acresce que as aspas indicam afastamento do discurso alheio, colidindo-se com este, conforme já expusemos anteriormente:

A ‘cultura’ de Pezão

Sabe quem se apresentará, amanhã,
no Teatro Municipal do Rio? Bispa
Sônia Hernandez, aquela da Igreja
Renascer em Cristo, que, em 2007, foi
presa nos EUA, junto com o marido, o
apóstolo Estevam, acusada de entrar no
país com US\$ 56 mil não declarados.

O Globo. 04 de outubro de 2017, p.12.

Examinemos, agora, estas notas:

Intelectual revelado

O deputado Newton Cardoso Jr. saiu de uma conversa com Temer, quarta, reacendendo o rumor de que ele iria para o Ministério da Cultura ou o da Defesa (os dois foram originalmente reservados ao PPS, que abandonou o governo).

Mas pouco se sabe sobre a bagagem, o gosto cultural ou o entender militar do cotado.

Aliás...

Como o nome indica, Junior é filho de Newton Cardoso, ex-governador mineiro (1987-1991), cuja “intelectualidade” foi saudada por Millôr, que publicou, em 1987, um poemeto, no “Jornal do Brasil”.

Um trecho: “A nenhum súdito/Eu nunca disse/Que era um erúdito/Mas sei os bixos/Que são canorus,/Amo a pintura/Do Thomas Morus,/E como a escolagem/Está nos meus porus,/Chamei o Darci/Pra fazer Siepis/Botar os minino/Mais serelepis/E os rapazinho/Fora do tóchico/ Tudo limpinho/Aprendendo o léchico.”

O Globo. 07 de julho de 2017, p. 12.

Expedientes como os operadores argumentativos “mas” e “aliás”, o advérbio avaliativo “pouco” (“Mas pouco se sabe [...]”), a ironia impressa nas aspas em “intelectualidade” e no uso do verbo “saudada” reforçam a tese irônica contida no título da nota (“Intelectual revelado”), segundo a qual o deputado não tem competência para ocupar nenhuma das pastas que almeja. Em outros termos, por meio da ironia o autor opõe-se à velha

prática fisiológica – muito presente na política brasileira – que consiste na distribuição de cargos menos pelo mérito do que pelo interesse político.

Há um pressuposto engendrado pelo prefixo “re-” (“reacendeu”), que põe em relevo a prática ruínosa de se fazerem as indicações a cargos estratégicos do governo não pela competência dos postulantes à função, mas pelos benefícios políticos que essa ou aquela escolha possa gerar ao nomeador. Por certo, se “reacendeu” o rumor de que Cardoso Jr. poderia trabalhar na pasta da Cultura ou da Defesa, isso quer dizer que já se havia cogitado tal possibilidade. E se se agiu assim novamente, ainda que estejamos no campo das hipóteses, é sinal de que a política, na visão do enunciador, continua a insistir em ações que não visam ao bem comum.

Ao que nos parece, dois operadores argumentativos são importantes para a desqualificação do deputado: “mas” e “aliás”. O primeiro coloca como argumento mais forte a provável inaptidão do político para ocupar um cargo em qualquer um dos Ministérios aludidos. O segundo insere um argumento decisivo que atua na desqualificação do deputado. Para tanto, rememora-se que seu pai, o ex-governador de Minas Gerais Newton Cardoso, já havia sido motivo de chacota em texto de Millôr Fernandes, multitalentoso jornalista e escritor brasileiro. No poema, satiriza-se poeticamente a “intelectualidade” do ex-governador. Com isso, implicitamente, faz-se valer o ditado popular: “Filho de peixe, peixinho é”. Nesse sentido, a citação direta do poema de Millôr Fernandes, cuja proposta é claramente desvirtuar as qualidades intelectuais do pai de Cardoso Jr. – observe as inadequações ortográficas expressas pelo eu lírico (no caso, atribuídas a Newton Cardoso), insinuando-se certo DNA néscio transmitido ao filho – atua como argumento de autoridade que dá vigor à crítica feita aos políticos da família.

As estratégias mencionadas são utilizadas para nos conduzir, em última instância, à aceitação da tese de que a indicação de cargos públicos não deve obedecer à prática do “toma lá dá cá”, isto é, da troca de favores políticos. Pelo contrário, é o mérito que deve reger tais escolhas.

Sigamos com mais algumas considerações. Como já pudemos demonstrar, algumas palavras avaliativas são cuidadosamente selecionadas com vistas à concretização, quer da ODAA, quer da ODAC. Forneçamos mais alguns exemplos. Como se sabe, em 2017, realizou-se o megaevento de rock intitulado *Rock in Rio*, na cidade do Rio de Janeiro. Na ocasião, houve denúncias acerca do aumento do preço das passagens cobradas por algumas companhias aéreas em virtude da atração. A nota abaixo se refere a esse fato:

Cartel do rock

Um carioca que mora em São Paulo reclama que, por causa do Rock in Rio, as aviadoras brasileiras estão cobrando mais caro pela passagem na ponte aérea.

O equivalente a uns US\$ 500.

O Globo. 19 de setembro de 2017, p. 12.

Recorrendo ao dicionário Houaiss (2009), a palavra “cartel” alude a um acordo comercial entre empresas, com vistas à distribuição entre elas de cotas de produção e do mercado com o fito de determinar preços e limitar a concorrência. Noutras palavras, trata-se de um combinado entre empresas que fixam preços – o que aprisiona o consumidor obrigando-o a pagar via de regra mais caro por um produto –, de maneira a eliminar a livre concorrência.

Por certo, a palavra selecionada pelo colunista possui forte teor de criticidade, uma vez que as ações das empresas lesam o consumidor demonstrando de maneira inequívoca sua preocupação unicamente com o lucro. Desconsidera-se, pois, o tão alardeado respeito pelo cliente visto em anúncios publicitários das mesmas companhias aéreas. Quer dizer, como o evento geraria mais procura pelas passagens aéreas, aumentar o preço delas seria, na posição do enunciador, – que reverbera a indignação dos consumidores – uma desonestidade, em especial, com os passageiros que precisam fazer a ponte aérea com certa regularidade.

Importa salientar o uso do discurso relatado. Por meio do discurso indireto (“Um carioca que mora em São Paulo reclama que [...]”), o colunista, de algum modo, se exime da responsabilidade pelo que enuncia ao mesmo tempo em que traz para o texto o conhecimento de causa de quem vivencia o problema. Argumentativamente, o verbo de dizer “reclama” agrega nuances semântico-discursivas de insatisfação/não concordância que balizam a tese da prática de cartel.

Adicionalmente, é interessante pontuar que um dia depois, na mesma coluna, surge outra nota sobre o mesmo tema. Essa ação de linguagem materializa o apoio à nota do dia anterior, pois se traz, no fio ininterrupto do discurso, outro argumento no intuito de reacentuar a tese de que as empresas aéreas formam, de fato, um cartel, cujo propósito é o lucro em detrimento das necessidades do consumidor:

Cartel no ar

Não foi só a ponte aérea (Rio-SP) que reajustou preço por causa do Rock in Rio. O pessoal de Brasília também sofre. Uma passagem de ida e volta, entre a capital e o Rio, no próximo fim de semana, pulou para uns R\$ 3 mil.

O Globo. 20 de setembro de 2017, p. 14.

A negação indica certo distanciamento da perspectiva de que o aumento da passagem possa ter sido um evento isolado (“Não foi só a ponte aérea Rio-SP que reajustou o preço por causa do Rock in Rio.”). Da mesma forma, já se antecipa em relação a uma possível contrapalavra dos opositores na argumentação. O operador argumentativo “também”, por sua vez, une argumentos em favor da conclusão de que, consideradas as práticas das operadoras, estamos, sim, diante de um cartel – observemos que foram duas mudanças significativas no custo dos voos por ocasião do evento. O marcador de pressuposição “pulou” permite-nos inferir uma impactante mudança no preço das passagens em razão do evento. Por fim, o verbo no presente do indicativo (“sofre”) indicia convicção dos autores em relação aos impactos negativos na vida dos clientes das companhias aéreas as quais praticam cartel.

Vejamos este outro exemplo em que a palavra “desvalores” imprime ao enunciado força persuasiva peculiar, desvelando o posicionamento ideológico de quem enuncia.

Em defesa dos ‘desvalores’

Mestre Gilberto Gil, 75 anos de muito saber, vê esta onda conservadora — “e não só no Brasil” — como reação de uma parte da Humanidade às rápidas transformações dos últimos 20, 30 anos no campo dos direitos, da igualdade entre os sexos e da própria sexualidade. “Diante deste avanço, os conservadores se agarram a seus ‘desvalores.’”



O Globo. 11 de outubro de 2017, p. 10.

Nos últimos anos, o conservadorismo se acentuou no Brasil, motivado, sobretudo, pela forte crise político-econômica em que o país mergulhou no governo de Dilma Rousseff e Michel Temer. Houve parlamentares, a exemplo de Jair Bolsonaro, que angariaram imensa popularidade nesse período em defesa de bandeiras como a preservação da família em sua estrutura tradicional, a diminuição da maioria penal, a revogação do estatuto do desarmamento, entre outros temas de forte apelo popular.

Na nota, o colunista alude a esse fato recorrendo à voz de um dos ícones da música popular brasileira: o cantor e compositor Gilberto Gil. Essa incorporação explícita da voz de outrem, um argumento de autoridade, fortalece a tese do colunista dando a ela mais credibilidade, como já mostramos. Na verdade, ele parece fazê-lo para reafirmar uma convicção própria. Essa outra voz corrobora a orientação argumentativa que o autor quer imprimir ao seu discurso. Dito de outro modo, busca-se na voz do outro a reafirmação de sua própria voz.

Nesse movimento dialógico, os posicionamentos valorativos se harmonizam, de modo a fortalecer a ideia implicitamente sustentada de que as conquistas das minorias representam um “avanço” – vocábulo de avaliação positiva – e não um retrocesso. Há na nota a insurgência contra a onda conservadora, nomeadamente sustentada pelas citações e por outros dois recursos: uma palavra (“mestre”) e uma expressão avaliativas (“75 anos de muito saber”), assim como o uso do vocábulo “desvalores”. Concernentemente à expressão qualificativa e à palavra “mestre”, desvela-se o apreço do autor por Gil, além de reforçar qualidades como experiência e sapiência, atribuídas normalmente aos idosos na cultura brasileira. Reforça-se, pois, que a velhice traz consigo um saber acumulado, credibilidade, ainda mais quando se refere a pessoas como o cantor. Assim é que os idosos são dotados de competência discursiva para falar sobre as coisas da vida, o que é comprovado por ditos populares como “Se queres viver são, faz-te velho antes do tempo”.

O neologismo “desvalores” agrega criticidade ao enunciado, na medida em que o prefixo “des-”, cuja carga semântica é opositiva, reforça que aqueles conservadores insistem em não acompanhar os avanços e conquistas, em especial das mulheres e dos LGBTs. Isto é, o que eles praticam, na realidade, é o avesso de valor, definido pelo dicionário Houaiss (2009) como “qualidade humana física, intelectual ou moral, que desperta admiração ou respeito”. Contrapõem-se assim duas vozes: a daqueles que, de fato, têm valores e a daqueles que, não os tendo, cultivam “desvalores”.

A considerar mais especificamente os operadores argumentativos, vejamos mais alguns exemplos que corroboram sua importância na orientação dialógica de contestação.

Saiu no meio

Terça passada, o secretário estadual de Cultura, André Lazaroni, foi ao Teatro João Caetano ver a Orquestra Afro-Brasileira.

Fez belo discurso, sentou-se na primeira fila, mas, na terceira música, deu a mão à mulher e se mandou.

O Globo. 20 de outubro de 2017, p. 08.

Registra-se uma atitude censurável de uma importante autoridade, a qual, durante um evento cultural, se retira durante a apresentação. É sabido que a figura do político brasileiro resulta certa imagem negativa vinculada à corrupção, à malandragem, ao gosto pelo conchavo, à vocação pelo exibicionismo, para citar alguns possíveis estereótipos. Como que para dar mostras dessa visão, aduz-se um argumento de ilustração que busca confirmar a tese aceita de que a política, no Brasil, é comandada, não raro, por pessoas descompromissadas com os cargos ocupados por elas.

O enunciado parece corroborar essa percepção que, ordinariamente, temos da classe política brasileira. É de notar, mais uma vez, o uso do operador argumentativo “mas” como uma estratégia discursiva inteligente de refutação. Atentemos para o encaminhamento do enunciado. No segundo parágrafo, o locutor habilmente começa ressaltando as ações positivas do secretário “Fez belo discurso, sentou-se na primeira fila [...]”, encaminhando o leitor a crer na brilhante participação do político no evento. Não obstante, o operador “mas” contraria tal expectativa, denunciando a saída dele durante a apresentação. O encadeamento do discurso nos leva a perceber a postura exibicionista do político, interessado menos na atividade cultural que na promoção do governo de que faz parte ou de si mesmo.

Vale mencionar também o verbo gírio “se mandar”. Ao que tudo indica, essa opção linguístico-discursiva confirma nossas ponderações em função de agregar ao texto certa informalidade, um tom de esperteza, malandragem, particularizando as ações do secretário.

Ao que parece, tendo em vista as relações dialógicas, o texto indicia a falta de ética e de compromisso do Secretário, que, ao menos em tese, deveria se preocupar com as atividades promotoras da cultura no estado. Reforça-se um conjunto de discursos que denunciam o descompromisso dos representantes da classe política, os quais, por vezes, não cumprem a contento suas obrigações à frente dos cargos para os quais foram designados.

O operador argumentativo “apesar de” é usado, igualmente, com fins argumentativos no texto abaixo:

Apesar do Crivella

O site de viagens Trazee Travel, dos EUA, elegeu, como “Melhor evento do mundo”, o... carnaval do Rio. A premiação será hoje. Esta é a 3ª edição do prêmio, que, nos anos anteriores, escolheu por duas vezes a Oktoberfest, na Alemanha.

Este ano, depois do carnaval do Rio, vieram, nesta ordem, a corrida de touros de Pamplona, a Oktoberfest, a Festa da Lua Cheia, na Tailândia, e o festival “South by Southwest”, nos EUA.

O Globo. 19 de julho de 2017, p. 10.

O título do texto “Apesar do Crivella” é formado por uma estrutura concessiva que denota contraste, remetendo-se à limitação financeira imposta pelo prefeito às escolas de samba do Rio de Janeiro. Lembremo-nos de que, em 2017, o político anunciou que reduziria pela metade a subvenção dada às escolas do Grupo Especial, sob a alegação de que usaria o dinheiro para investir em creches na cidade.

É significativa também, no propósito de desvirtuar o discurso de Crivella, a presença da voz alheia demarcada. Busca-se o apoio de uma organização empresarial especialista em viagens dos Estados Unidos para sustentar a tese de que o carnaval carioca (eleito o “Melhor evento do mundo”), além de ser uma festa popular de suma relevância cultural para o povo brasileiro, é também uma das festas mundiais que podem trazer turistas ao Brasil, o que impulsionaria a economia.

A ODAC é manifesta no sentido de rebater discursos sociais que sustentam serem dispensáveis e/ou não tão relevantes os gastos com eventos culturais, notadamente quando áreas prioritárias como saúde, educação e segurança pública carecem de melhorias. Argumenta-se em favor de eventos como o carnaval, cuja importância para o povo brasileiro é claramente reconhecida.

No texto a seguir, dois operadores argumentativos têm papel de destaque na condução argumentativa proposta: “mas” e “ou”.

‘Cheese bread’ é o cacete!

Veja só este anúncio de página inteira do governo de Minas na revista de bordo da American Airlines, em seus voos nos EUA. O texto exalta a boa culinária mineira, mas, em nenhum momento, cita que Minas fica no... Brasil.

Das três, uma: ou o governo mineiro confia muito que o estado é assim tão reconhecido fora do Brasil; ou o petista Pimentel não quer aproveitar para fazer propaganda “de graça” para o governo federal de Temer; ou... foi desleixo mesmo.



O Globo. 09 de setembro de 2017, p. 10.

O operador “mas”, conforme já dissemos, contrapõe enunciados de orientações argumentativas distintas. Nesse encadeamento, prevalece a ideia de que, apesar de o anúncio exaltar a culinária mineira, ele não menciona o detalhe fundamental de que Minas é um estado brasileiro. Perde-se, com isso, a oportunidade de divulgar internacionalmente a culinária nacional. Já “ou” insere argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes, provocando o leitor a refletir sobre o motivo pelo qual o governo de Minas deixou de fazer menção a um detalhe importante no anúncio. Teria sido presunção do governador? Manobra política? Ou incompetência? Nesse caso, lança-se mão de um recurso argumentativo similar ao denominado *dilema* (FIORIN, 2015), cuja função é prender o leitor num círculo vicioso em que só se admitem as possibilidades elencadas. Se repararmos bem, todas elas convergem para a tese de que, seja qual for o motivo, não há justificativa plausível para se omitir informação tão relevante que poderia influenciar positivamente a divulgação da culinária brasileira noutros países.

A nota seguinte, intitulada “Noite Vazia”, explora a relação de causalidade. Tal relação, estruturada com o operador argumentativo “por causa de”, tem por meta sustentar a tese de que a violência na Rocinha interfere negativamente na vida social das pessoas e, por corolário, no comércio local. Leiamos-la:

Noite Vazia

Por causa da guerra na Rocinha, uma parte do Rio não saiu de casa, logo numa sexta à noite, sempre dedicada à bebedeira. Não teve agito no Baixo Gávea. A praça Santos Dumont estava silenciosa.

O Braseiro, aliás, em vez de vender sete barris de chope, como de costume numa sexta, só vendeu dois.

E mais...

O Restaurante Frontera do Jardim Botânico vendeu 50% menos refeições no dia e a filial de Ipanema teve queda de 30% no movimento. Uma das maiores entregas em domicílio na região, a Pizza L.I.T, no Vidigal, reduziu a praticamente zero os pedidos.

O Globo. 25 de setembro de 2017, p.10.

No curso da argumentação, também se acrescentam fatos que dão mais robustez à proposição: os pontos de encontro vazios, assim como a queda nas vendas são colocados como consequências da violência instalada na localidade. Na conexão dos fatos, destaquem-se

os operadores “aliás” e “e mais”. “Aliás” insere, na primeira nota, um argumento decisivo que une impactos sociais e econômicos da violência na vida das pessoas: o medo de sair de casa e o prejuízo do comércio. Abrindo a segunda nota, “E mais” agrega outros argumentos em favor da tese dos impactos da insegurança na vida dos cariocas, nesse caso com foco nos comerciantes.

Para finalizar esta seção, trazemos alguns exemplos que nos pareceram oportunos para ilustrarmos, mais detidamente, o papel dos implícitos, da negação e da palavra de outrem na estruturação da ODAC. Vamos a eles.

A Carioca agoniza

Mais uma loja da vetusta Rua da Carioca não resistiu à pressão do Opportunity, o fundo de investimento do banco de Daniel Dantas que, em 2012, comprou uma porção de lojas e, desde então, vem aumentando o valor dos aluguéis.

Desta vez, foi o restaurante Cataroca, no nº 47, que não aguentou pagar R\$ 20 mil por mês e fechou, em 31 de julho. Também no lado ímpar da Carioca, outras duas lojas caminham para o mesmo fim: uma de equipamentos sonoros e a Mariu's, fundada nos anos 1970, de artigos esportivos.

O Globo. 03 de agosto de 2017, p. 16.

Nessa nota, faz-se menção ao comércio da Rua da Carioca, registrando-se a preocupação do produtor do texto com as lojas que não têm conseguido se manter, muito em razão dos altos aluguéis praticados pelo fundo Opportunity, do empresário Daniel Dantas.

Importa mencionar o pressuposto instaurado pelos marcadores “mais” (“Mais uma loja [...] não resistiu à pressão [...]”) e “Desta vez” (“Desta vez, foi o restaurante Cataroca [...]”), que indicam haver outras lojas que já fecharam por causa da “pressão” do fundo. A informação implícita assinala a recorrência de um problema que, de certa forma, é ocasionado pelas ações “predatórias”, por assim dizer, do grupo empresarial. Ademais, a locução verbal implicativa “vem aumentando”, por sua vez, permite-nos pressupor que o aluguel tem sido reajustado com certa continuidade, o que tem sido um obstáculo para as lojas da Carioca.

As dificuldades financeiras pelas quais passam os estabelecimentos são confirmadas, ainda, pelo verbo avaliativo “agoniza” (“A Carioca agoniza”), cujo sentido remete a sofrimento, penúria e pelo operador argumentativo “também”, por meio do qual se agregam outros exemplos de lojas que, em virtude dos problemas financeiros, correm risco de fechar. Por outro lado, importa observar o adjetivo avaliativo “vetusta” (“Mais uma loja da vetusta Rua da Carioca não resistiu à pressão [...]”). Em uma de suas acepções, “vetusto”, no Houaiss

(2009), qualifica algo ou alguém que, em razão do passar do tempo, merece ser venerado e respeitado. O adjetivo em exame contribui para fortalecer a oposição manifesta à práxis do empresário, que não leva em conta a história do comércio carioca.

Semelhantes estratégias almejam nos conduzir à conclusão de que a prática do grupo do banqueiro é danosa para o comércio da Carioca. Mais amplamente, talvez esteja implícita a tese de que os anseios capitalistas não devem se sobrepor à memória e à história do comércio da cidade.

Passemos ao papel da negação na ODAC. Nessa orientação, também é importante o uso desse expediente, que marca distanciamento de determinado ponto de vista no processo de refutação de uma ideia. O exemplo abaixo ilustra bem o que foi dito.

Diploma sem validade

O STJ editou súmula, semana passada, resolvendo um imbróglio de, digamos, “nível superior”. É que tem faculdade que oferece curso não reconhecido pelo MEC, mas não deixa isso claro aos alunos. Depois, com um diploma sem reconhecimento em mãos, os formados vão à Justiça.

Agora, o STJ deixa claro que essas universidades estão sujeitas a possíveis pedidos de indenização por danos material e moral.

O Globo. 30 de outubro de 2017, p. 10.

Assinale-se, inicialmente, a ironia contida na utilização das aspas em “nível superior”, cuja proposta é ao mesmo tempo distanciar-se dos discursos de algumas faculdades que alardeiam ensino de qualidade, quando em verdade nem reconhecidas pelo MEC são, questionando também as práticas de instituições que omitem informações imprescindíveis aos seus alunos.

A ODAC fortalece-se nesse enunciado por meio da negação, que contribui para estruturar a oposição a essas práticas das faculdades. Por essa perspectiva, os ditos “Diploma sem validade”, “[...] curso não reconhecido pelo MEC [...]” e “[...] não deixa isso claro aos alunos.” realçam a prática nociva aos estudantes que, sem ter o devido reconhecimento dos seus estudos, não podem exercer suas práticas profissionais. Além disso, a negação opera refutando possíveis discursos de faculdades que, como as mencionadas, costumeiramente propagandeiam oferecer credibilidade e qualidade em seus cursos quando, verdadeiramente, “vendem ilusões” aos estudantes.

Nas notas seguintes, a negação é utilizada de forma bastante persuasiva para frisar o caos que se instalou em terras cariocas, sobretudo em 2017:

Rio sem lei I

Lembra que, como saiu aqui, um caminhão da Coca-Cola por dia teve sua carga roubada no Grande Rio?

Pois bem. Entre 2014 e 2016, roubos de carga no Estado do Rio cresceram 67,5%, de 5,8 mil para 9,8 mil. A estimativa é que, este ano, o total chegue a 12 mil, com um prejuízo à economia do estado de R\$ 800 milhões. Os dados são da Federação Nacional de Seguros Gerais.

Rio sem lei II

O ex-jogador Branco, 53 anos, um dos heróis do Tetra, nos EUA, em 1994 (que, aliás, completou 23 anos, ontem), se cansou da violência no Rio.

Após ser assaltado quatro vezes — na última, saiu no braço com o bandido e, por pouco, não tomou um tiro —, o craque está praticamente morando em Florianópolis.

Rio sem lei III

O NY Times fez matéria, no fim de semana, sobre a violência na América Latina — que, apesar de ter 8% da população, concentra um terço dos assassinatos do mundo. E abriu o texto usando como exemplo... o Rio. Mais especificamente, a Baixada, com uma média de seis homicídios por dia.

Rio sem lei IV

O padre da Igreja N. S. da Vitória, na Barra, avisou que a missa de domingo será antecipada das 20h30 para as 20h, a pedido de fiéis que têm medo de voltar para casa mais tarde.

O Globo. 18 de julho de 2017, p. 10.

Os títulos “em torrentes” conduzem o leitor a aderir à ideia de que a segurança pública e a justiça têm faltado aos cariocas. Neles, a negação é manifesta pela preposição “sem”, cuja carga semântica expressa falta de algo (no caso, ordem). Com tal procedimento discursivo, distancia-se de discursos que sustentam ainda haver, apesar de problemas pontuais de segurança ocorrentes também em outras metrópoles, o predomínio da pacificidade e da ordem no Rio de Janeiro. Adicionalmente, insurge-se contra as promessas de campanha do governador Luiz F. Pezão, o qual, em 2014, preanunciou, como se sabe, forte investimento na área de segurança pública.

Mencionem-se, para complementar, mais algumas estratégias. O paralelismo sintático observável no título adquire importância retórica peculiar, pois tende a impactar o leitor, que

recebe informações similares em sequência, sendo conduzido a concordar com a tese de que o Rio de Janeiro flerta com a desordem e o caos na área de segurança pública. Também contribuem para a comprovação da tese os fatos (dados numéricos sobre o impacto da violência na economia da cidade), as ilustrações (roubos de carga, assaltos ao jogador de futebol Branco e a antecipação da missa em razão da violência) e o argumento de autoridade (recorrência a dados da Federação Nacional de Seguros Gerais).

Por fim, falemos mais especificamente da presença da voz de outrem, um elemento de relevo para a concretização da ODAC. Seja este texto:

Isto é Pelé

O prefeito de Três Corações (MG), Cláudio Pereira, contou numa roda, esta semana, que fez um museu para o filho ilustre da cidade, Pelé:

— Mandei um convite para Pelé vir à inauguração e ele pediu R\$ 1 milhão de cachê para ir à festa.

O Globo. 17 de setembro de 2017, p. 12.

No seriado americano *The Simpsons*⁷⁷, há um episódio em que Pelé é caracterizado como mercenário, isto é, um cidadão que costuma agir movido por interesses financeiros. No episódio, o rei do futebol é convidado a dar o pontapé inicial numa partida entre México e Portugal no estádio de Springfield, cidade em que moram as personagens protagonistas da série. Em cena, o ex-atleta fala algumas palavras ao patrocinador, anunciando um determinado produto. Ao sair, recebe uma sacola com dinheiro e vai embora.

Em que pese a caricatura trazida à tona pelo seriado – tida, por alguns, como exagerada –, a representação de Pelé como alguém que goza de sua posição, menos para promover o futebol em si que para obter vantagens financeiras, percorre a grande mídia mais ou menos como uma ideia já afixada. Tendo isso em conta e considerando a nota em tela, busca-se conduzir o leitor a compactuar com a ideia segundo a qual Pelé é guiado unicamente por interesses financeiros. Elementos como esses, os quais envolvem dados da situação de comunicação, autorizam a inferir essa informação.

Prossigamos com mais algumas considerações. O texto inicia-se com o título “Isto é Pelé”, reportando-se à atitude dele frente ao convite feito pelo prefeito da cidade em que nasceu o ex-atleta. Importa perceber as vozes sobrepostas do texto. No título, trata-se da voz do prefeito não marcada explicitamente por aspas ou da voz do colunista cuja proposta é a

⁷⁷ A cena, em espanhol, pode ser vista em: <https://www.youtube.com/watch?v=KL38CL6a1pA>. Acesso em 26/09/2017.

reafirmação do mercenarismo de Pelé? Ou das duas vozes usadas em simbiose interativa (bivocalidade)? Essa dupla interpretação é intencional? Parece-nos que sim. Pensando dessa maneira, chegaremos à proposição de que Pelé interessa-se mais por sua situação financeira que por quaisquer outros eventos culturais por meio dos quais, com seu prestígio e seu nome, poderia impulsionar o gosto dos jovens pelo esporte, por exemplo. Acresce que a crítica ao ex-jogador é reforçada quando se relata na nota que o evento seria uma homenagem ao “filho ilustre da cidade”, instrumento referencial avaliativo que lhe presta honrarias, transferindo-lhe certa responsabilidade como nome importante de Três Corações. Quer dizer, mesmo com a homenagem explicitamente direcionada a Pelé, o que seria motivo suficiente para acariciar seu ego, pede ele uma alta quantia para comparecer ao evento.

No elo da cadeia discursiva, procede-se à ruptura com outros discursos segundo os quais o futebol hoje é visto como “balcão de negócios”. Destarte, assume-se uma posição valorativa por meio da qual se exerce um exercício de crítica a essa prática, de certa forma disseminada por Pelé nessa situação, de quem, infere-se, deveria vir uma voz que fosse de encontro a essa prática. Em outros termos, o autor, sem deixá-lo muito claro, mas conduzindo o leitor a essa interpretação, parece posicionar-se contrariamente ao mercenarismo pelo qual se orienta o futebol e os eventos a ele relacionados modernamente.

Ganha destaque nesse movimento opositivo a assimilação da voz do outro. A citação tende a conferir credibilidade ao enunciado, já que o prefeito, mentor da exposição, ao menos em tese, tem conhecimento de causa a respeito do assunto sobre o qual discorre. Diremos, com Rodrigues (2005, p. 174-175), que o enunciado já dito dialogiza a nota, conferindo credibilidade à fala do colunista, “[...] pois traz consigo outras opiniões, verdades, fatos, dados com os quais o autor mantém relações dialógicas que vão dar corporeidade e sustentação a sua opinião.” Assim entendendo a dialogização do enunciado, a voz do prefeito consubstancia a crítica dirigida à figura do rei e, mais amplamente, a toda prática que enxerga o futebol somente como indústria, em detrimento de tudo mais que o envolve.

Vale dizer, para finalizar, que no exemplário, encontramos algumas notas parecidas que expressam a bivocalidade no título do texto, a exemplo desta:

Isto é Crivella

Há anos, a Prefeitura do Rio contrata atrações musicais e fornece estrutura — como palco e banheiros químicos — para a Festa de São Roque, na Ilha de Paquetá. Este ano, será diferente. O padre Nixon Bezerra de Brito, da igreja de lá, conta que a prefeitura não ajudará a festa do padroeiro da ilha, que começa dia 16.

— Disseram que não têm dinheiro para investir neste tipo de evento. Esta festa é feita há 300 anos — lamenta.

O Globo. 06 de agosto de 2017, p. 16

4.4.4 Orientação dialógica argumentativa de mediação (ODAM)

Na ODAM, o colunista busca admoestar outros discursos, os quais, em sua visão, mostram-se equivocados. Coloca-se na posição de “guru” das pessoas, das empresas, etc. advertindo-as por decisões erradas, por omissões, por descuido, etc., demonstrando que uma mudança de atitude é necessária. Assume-se, pois, um *ethos* professoral, que busca instaurar uma imagem de confiabilidade e parceria. Aqui, pode até haver, em certa medida, uma contestação, mas esta desvela mais uma preocupação fraterna do que propriamente uma crítica corrosiva conforme vimos na orientação dialógica argumentativa de contestação. Assim procedendo, essa atitude discursiva concorre para a construção de uma imagem positiva do autor, que se coloca como “parceiro” dos admoestados. Nessa prática discursiva, observou-se uma preocupação com temas que tocam mais de perto os leitores como o problema do radicalismo político-ideológico, o bem-estar familiar (saúde física e mental, “saúde financeira”), educação, trabalho, entre outros. Passemos a alguns exemplos.

No enunciado que segue, o colunista, por meio de uma intervenção discursiva, mostra-se preocupado com o a saúde do “Brasil”, rebatendo discursos que colocam a depressão como um problema menor no país. Tal contribui para a construção de uma imagem positiva do jornalista perante os seus leitores. Ao mesmo tempo, implicitamente, a denúncia do problema manifesta na nota sugere o engajamento do autor no tocante ao combate à doença. Veja:

Brasil no divã

Entre 2015 e 2016, aumentou 37,5% o número de consultas de brasileiros que têm planos de saúde com psicólogos. E as internações psiquiátricas cresceram 10,7% no período. Uma das responsáveis pelo aumento é, pena!, a depressão. Os dados são da FenaSaúde.



O Globo. 24 de setembro de 2017, p. 16.

Sabe-se que a depressão é causada por variados fatores, alguns deles ligados ao estilo de vida moderno. Nesse sentido, problemas conjugais, desemprego e estresse, por exemplo, possivelmente influenciam o aumento do número de pessoas com essa doença. No Brasil, país com severa desigualdade social e desemprego, a preocupação da mídia parece ser constante, a julgar pela quantidade de matérias, reportagens, notícias, artigos que se dedicam ao tema. Sensível ao problema, o construtor do texto assume uma posição axiológica bem definida, materializada, notadamente, pela expressão modalizadora “é pena!”, a qual externa um acentuado lamento face ao problema. A menção dos dados numéricos, que são informações factuais extraídas de uma fonte competente (um argumento de autoridade), tende a reforçar a importância de se dar a devida atenção ao tema, apontando para a necessidade premente de combate à doença.

A palavra “Brasil”, que substitui “brasileiros”, superdimensiona o problema da depressão no país. A substituição metonímica, usada não por acaso no título, confere ao discurso um tom de gravidade em função da generalização do distúrbio. Dito de outra forma, poder-se-ia afirmar que o continente (Brasil) foi usado no lugar do conteúdo (brasileiros), motivado por uma posição valorativa do locutor, o qual intenta acentuar a generalização dos casos de depressão na sociedade brasileira, despertando a atenção da população para o alastramento desse mal.

Esta outra nota, que tem motivação similar à da anterior, igualmente nos pode servir de exemplo:

Apaga isso, gente

Pesquisa inédita do INCA perguntou a 1.358 fumantes e 470 não fumantes: caso o governo forneça tratamento para ajudar as pessoas a deixarem de fumar, você seria a favor da proibição total dos produtos de tabaco? E, entre os fumantes, a maioria (68%) disse que... sim. Entre os não fumantes, foram 77%. Os dados fazem parte do Projeto ITC, realizado em 25 países, e serão apresentados no congresso pelos 80 anos do INCA, hoje, em Copacabana.



O Globo. 29 de setembro de 2017, p. 10.

O texto dirige-se aos fumantes, visando a desconstruir discursos, hoje raros, mas ainda existentes, em favor do tabagismo. Dados porcentuais são trazidos para demonstrar que, até entre os fumantes, há o consenso de que, caso tivessem apoio para largar o vício, concordariam com a proibição da venda de produtos de tabaco. O colunista, então, se porta como íntimo do público-alvo, aconselhando, por intermédio do verbo modal no imperativo (“apaga”), os dependentes a largarem o vício.

No texto a seguir, desvela-se uma posição ponderada do produtor do texto. Ele, a despeito dos variados e sucessivos casos de corrupção na política brasileira, esforça-se por evitar certa generalização que possa desconsiderar a possibilidade de haver, entre os políticos, pessoas idôneas e competentes que queiram, de fato, contribuir para o desenvolvimento do Brasil.

Calma, gente!

O slogan “¡Que se vayan todos!”, dos protestos populares de 2001 na Argentina, exigindo a demissão em massa dos políticos, começa a se repetir por aqui.

Nas redes sociais brasileiras, já há uma campanha forte que diz: “Não vote em quem tem mandato”.

Aliás, há um outro slogan de lá que se repete por aqui. Diz assim: “No falta dinero, sobran ladrones” (não falta dinheiro, sobram ladrões).



O Globo. 11 de julho de 2017, p. 10.

Notemos que o uso do discurso alheio é aspeado no intuito de demonstrar distanciamento do enunciador, que parece querer evitar apoio a qualquer ideário radical no

campo político, alertando para a falta de discernimento que não possibilita “separar o joio do trigo”.

A preocupação parece ser mais acentuada quando se instauram dois pressupostos no texto. Primeiro, usa-se a locução verbal “começa a se repetir” (“[...] começa a se repetir por aqui.”), sinalizando-se que as manifestações não eram tão frequentes quanto agora. Constatase, portanto, o fortalecimento dos protestos. Da mesma forma, o segundo pressuposto é ativado pelo item lexical “já” (“[...] já há uma campanha forte [...]”), indício de que essas manifestações começam a se acumular nas redes sociais, daí o receio de que esse movimento se alastre e, de alguma forma, impeça as pessoas de raciocinarem com a necessária ponderação acerca dos candidatos.

Nesse sentido, o operador argumentativo “aliás” insere um argumento decisivo que justifica o receio manifesto pelo colunista, ressaltando-se a repetição de outro *slogan* dos argentinos que tem ganhado adeptos no solo brasileiro. Subjacente às preocupações está a tese de que é preciso ter uma posição serena e racional no que respeita à política, sob pena de eliminarmos nas urnas políticos que efetivamente poderiam contribuir com o crescimento do país.

4.5 As notas e a multimodalidade

Como já se pôde perceber, o gênero discursivo com o qual lidamos nesta tese é estruturado, em alguns casos, por meio de uma articulação verbo-visual. O material semiótico imagético, quando usado, contribui significativamente para produção de sentidos das colunas, potencializando seu efeito retórico. Da mesma forma, as imagens recorrentemente são trazidas para abrir novas possibilidades de leitura, apontando dialogicamente para outros discursos. Para nós, tendo em conta as notas jornalísticas, há o entendimento de que os elementos visuais enriquecem a mensagem verbal, de sorte a integrá-la (BRAIT, 2011, 2013a).

Para Dionisio (2011, p. 138), notadamente no mundo moderno, em que as novas tecnologias estão à palma da mão, “Imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada.” Por certo, tal articulação exige um refinamento de competências dos leitores e dos produtores de textos não apenas no que se refere a habilidades relativas à palavra escrita, mas também a outros códigos semiológicos. À vista disso, todos os expedientes (verbais e imagéticos) utilizados na construção dos gêneros discursivos “[...]”

exercem uma função retórica na construção de sentidos dos textos.” (DIONISIO, 2011, p. 138). Por essa perspectiva, afirma-se que a imagem pode apresentar-se como um poderoso aliado da argumentação discursiva (MATEUS, 2016).

Na mesma direção, Paes de Barros (2009) reconhece a importância da representação pictórica da informação. Quer dizer, para além de fotos, imagens, do texto verbal em si, considerados em sua integralidade, a disposição diagramática, gráfica de construção dos textos também é interveniente na produção de sentidos, devendo, por isso, ser considerada pelo leitor proficiente nas atividades responsivas de leitura.

Pensando, agora, nas relações dialógicas, no texto como enunciado concreto, Brait (2011; 2013a; 2013b) observa que o pensamento bakhtiniano muito tem a contribuir com a análise verbo-visual. Por essa razão,

[...] deve-se destacar a composição semiótico-ideológica de texto, que, ultrapassando a dimensão exclusivamente verbal, reconhece visual, verbo-visual, projeto gráfico e/ou projeto cênico como participantes da constituição de um enunciado concreto, de sua arquitetônica de responsabilidade, de sua inerente propriedade de constituir-se resposta que necessariamente engendra perguntas (BRAIT, 2013b, p. 39).

Ancorados nas palavras da autora, percebemos que os aspectos imagéticos, pois, são relevantes para a produção de sentidos, para a condução argumentativa do texto, para o estabelecimento das relações com a palavra do outro, notadamente se considerarmos o enunciado “[...] a partir dos mecanismos dialógicos que o constituem, dos embates e tensões que lhe são inerentes [...]” (BRAIT, 2013b, p. 39).

Ainda seguindo a estudiosa, insistimos na articulação verbo-visual como elemento estruturante dos sentidos de um enunciado. Em vista disso,

[...] tanto a linguagem verbal como a visual desempenham papel constitutivo na produção de sentidos, de efeitos de sentido, não podendo ser separadas, sob pena de amputarmos uma parte do plano de expressão e, conseqüentemente, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado [...]. (BRAIT, 2013a, p. 44).

Tendo em conta tais considerações, vejamos como a articulação de linguagens se manifesta nas colunas. Para iniciar, observemos dialogicamente estas três notas, duas delas publicadas em 06/07/2017 e a outra, em 07/07/2017. Nas duas primeiras, chama-se às falas o governador do Rio de Janeiro Luiz Fernando Pezão, que se calou após a trágica situação em que uma mulher teve o ventre grávido atingido por uma bala em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. O ocorrido representou metonimicamente a tragédia pela qual passam os cariocas no dia a dia, notadamente no ano de 2017.

No mais

Na série “Designated survivor”, da Netflix, sempre que acontece uma tragédia, o presidente dos EUA, vivido por Kiefer Sutherland, pega o telefone e liga para a família da vítima, dá declaração pública e, por vezes, até se desculpa. Aqui, até agora, Pezão não se solidarizou publicamente com a família da criança baleada no ventre da mãe.

É bem verdade...

Se o governador tivesse que fazer isto sempre talvez não sobrasse tempo para fazer mais nada — dada a quantidade de tragédias que enlutam o carioca quase que todo dia.

O Globo. 06 de julho de 2017, p. 12.

O jornalista, numa atitude engajada, cita a série americana “Designated survivor” para ilustrar a conduta exemplar de um político face às tragédias que ocorrem na localidade em que governa. A ilustração é diametralmente oposta à atitude do governador do Rio, que preferiu o silêncio ao pronunciamento público. O dêitico “aqui” reporta-se ao Rio de Janeiro, demarcando a diferença entre o comportamento elogiável do político de “lá” (EUA), e o reprovável do político daqui (Brasil). O título da segunda nota sugere que será feita uma ressalva em favor do governador – as reticências intensificam essa possível inferência –, mas uma quebra de expectativa ocorre deflagrando mais fortemente a situação de insegurança que se abate sobre a cidade. Isto é, não é possível que o governador se compadeça das vítimas, porque, na verdade, são muitas as tragédias cariocas – em parte, gestadas no governo do próprio Pezão – que desnudam uma realidade que não lhe permitiria dedicar-se a outras funções.

Em contraposição às notas acima, publicou-se no dia seguinte a reação/resposta de Pezão:



‘EU PREFIRO QUE VENHA DINHEIRO DO QUE EXÉRCITO’

A coluna reclamou, ontem, do que seria a omissão de Pezão nestas tragédias recentes que enlutam o Rio, cobrando que, pelo menos, o governador levasse um pouco de conforto pessoal às famílias das vítimas. Pezão reagiu dizendo que tem feito isso, na medida do possível, e que esteve em Nilópolis, na Baixada Fluminense, prestando solidariedade a familiares do bebê baleado dentro da barriga da mãe. Contou ainda que, diariamente, recebe um relatório sobre o estado da criança, “que está se recuperando, se Deus quiser”.

O governador reconhece que o estado de calamidade financeira do Rio agravou a segurança pública. “Sem dinheiro, eu não posso, por exemplo, pagar o bico dos policiais”. Ele se refere ao Regime Adicional de Serviço (RAS), que permite ao militar trabalhar para a PM em suas folgas, como é comum o policial fazer para empresas privadas. “Eu costumo dizer que prefiro que Brasília mande dinheiro do que Exército. Afinal, a nossa polícia, mal ou bem, conhece melhor o terreno da criminalidade do Rio”.

Pezão insiste que não foge de sua responsabilidade: “Mas tem hora em que eu me sinto enxugando gelo”. É que o governo federal pouco faz sua parte para evitar a entrada de drogas e armas por terra e mar. “Desde que assumi, vou a Brasília a cada 40 dias, pelo menos, cobrar o aumento de fiscalização nas estradas. Estava entrando fuzil da Venezuela e, depois, das Farc. O ‘Zé’ Eduardo (José Eduardo Cardozo, ministro da Justiça de Dilma) tinha me prometido reforçar a Polícia Rodoviária com 300 policiais e, até agora, nada”.

Pezão também reclama da legislação e lembra que o estado já apreendeu 2.500 fuzis nos últimos dez anos: “Só que o cidadão é preso, condenado a três anos e, no primeiro ano, já está solto”.

Aliás, a “The economist”, a revista inglesa, publicou, esta semana, que o aumento do uso do Exército no Brasil, para fazer patrulhamento de rua, pode fazer com que a população dê menos valor à PM. Mas essa é outra história ●

O Globo. 07 de julho de 2017, p. 12.

É evidente que os componentes imagéticos desempenham papel de relevo na construção do projeto de discurso do colunista, que intenta chamar a atenção para os problemas atinentes à segurança pública do Rio, situação que tem deixado o governador desconcertado. A imagem de Pezão, flagrado com os olhos arregalados, com o semblante assustado, denota a reação apavorada do governador diante dos seguidos casos de violência que têm acontecido no Rio de Janeiro. A foto, assim sendo, confirma a impotência do governador para lidar com os problemas de segurança pública, que praticamente chegam a níveis insustentáveis naquela cidade. A nitidez da foto permite que vejamos, nas marcas de expressão e nas olheiras de Pezão, a simbolização do cansaço, do abatimento. Observe-se que Pezão aparece sozinho, isolado, o que suscita melancolia, solidão de uma autoridade pública perdida diante do descontrole da violência do Rio de Janeiro. A imagem, pois, parece representar, metonimicamente, o sentimento do carioca aturdido e perdido em meio à desordem.

Por outro lado, vale mencionar a citação usada como título na nota. Lança-se mão da voz governador, para quem o socorro financeiro ao estado é mais importante que o reforço dado pelo exército, que, como se sabe, enviou homens de seus quadros para ajudar na promoção da segurança no Rio. Repare que as palavras são escritas em negrito e em caixa

alta, a fim de atrair o leitor para o texto. Tal nos remete à composição de uma manchete jornalística.

Koch e Elias (2013, p. 28) ensinam que há fatores importantes para a compreensão da leitura, entre os quais estão os “aspectos materiais” do texto. Nesse sentido, tamanho e clareza das letras, fonte e projeto gráfico podem contribuir ou mesmo colocar obstáculos para uma boa compreensão leitora. Entendemos que esses recursos, além disso, servem para despertar a atenção do leitor, conduzindo-o a certas interpretações. Da mesma forma, Dionisio (2011) destaca a disposição gráfica do texto no papel e a tipografia como elementos semioticamente significativos para a interação leitor-texto.

A propósito da diagramação, é de observar as letras garrafais negritadas que materializam a voz de Pezão (“**EU PREFIRO QUE VENHA DINHEIRO DO QUE O EXÉRCITO**”), por intermédio das quais se reconhece, em primeira pessoa, índice máximo de subjetividade, a tragédia financeira que se abate sobre a cidade governada por ele. A voz de Pezão assim destacada representa o fracasso do estado em fornecer ao cidadão o mínimo de segurança. Por conseguinte, parece-nos razoável ponderar que a articulação precisa entre várias linguagens tem função de relevo na construção de sentidos do enunciado.

Sigamos com outro exemplo. Na nota abaixo, o alvo é o prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella. O direcionamento interpelativo começa pelo título (“Alô, Crivella”), escrito em letras maiores negritadas, pelo que se sinaliza a diferença enfática do título em relação ao corpo do texto. Trata-se de uma estratégia multimodal para capturar a atenção do leitor no intuito de imputar certa responsabilidade ao prefeito, que parece alheio ao problema. Fato de importância capital para as colunas é o trabalho cuidadoso com o título das notas. O trabalho esmerado com essa parte do texto é, sem dúvida, um dos fatores que mais contribuem para o sucesso do gênero entre os leitores. Vejamos:

Alô, Crivella

Veja que absurdo. Em plena Orla Conde, um dos novos cartões-postais do Rio, um bueiro, bem na área de lazer das crianças, está sem tampa, ameaçando os miúdos que brincam por ali.

É em frente ao Espaço Cultural da Marinha, pertinho da Praça Quinze.



No que concerne à imagem, é ela um imprescindível argumento de apoio para sustentar a tese implícita de que a prefeitura tem sido relapsa ao cuidar das áreas de lazer da cidade. Talvez seja a metonímia do descaso de Crivella para com tais áreas, porquanto traz à tona um fragmento dessa negligência. Conforme já dissemos, esse é mais um dito que confronta o discurso de campanha do prefeito, cuja proposta central foi resumida no *slogan* “Cuidar dos cariocas”. Repare que a imagem potencializa o poder retórico do texto verbal quando expõe crianças, símbolos culturais da pureza, da alegria e da inocência, flertando com o perigo perto de um buraco destampado, expondo cruamente a irresponsabilidade do poder público. Com isso, toca-se a emoção do leitor, persuadindo-o a construir uma imagem negativa de Crivella.

Persistindo na temática da política, esta outra nota expõe acuradamente as relações entre o verbal e o não verbal. Desta vez, o construtor do texto, valendo-se da intercalação dos gêneros, traz a reprodução da obra do artista plástico Victor Arruda, que adota a paródia como recurso de crítica corrosiva:

Inspirado em Sérgio Cabral

O artista plástico carioca Victor Arruda prepara, veja só, pinturas inspiradas na política brasileira, recheada de casos de corrupção, como os das denúncias da Lava-Jato. Na obra da foto, Arruda trocou a ordem de uma frase dita pelo ex-governador Sérgio Cabral, em depoimento à Justiça Federal: “Nunca pedi propina, eu sempre pedi apoio”. Caraaaambá!



O Globo. 15 de novembro de 2017, p. 12.

A obra do artista carioca dialogiza com o discurso de Cabral, de sorte a corroê-lo por meio do riso, da ridicularização, reforçando o absurdo da declaração que, eufemisticamente, busca atenuar o delito do ex-governador. Em vez de abrandá-la, busca-se expor mais cruamente seu disparate. Por trás da (aparente) simples informação trazida pela nota, evidencia-se, na combinação das duas materialidades (texto e texto-imagem), a intenção conjunta de fazer troça, de manifestar a indignação relativa à corrupção tão presente na administração de Cabral. Tem-se, assim, a adesão do autor da nota à arte do outro, à palavra-imagem do outro. São vozes que, juntas, dialógicamente, descontroem, por meio do humor, as

palavras do político. No processo de intercalação dos gêneros, ocorre um “reavivamento” do gênero absorvido, pois este passa a figurar noutras situações de interação. Com isso, atingem-se novos auditórios, constroem-se outras orientações axiológicas (RODRIGUES, 2005), de sorte a possibilitar novas significações.

A reação de surpresa/euforia do colunista é, ainda, manifesta pelos recursos suprasegmentais. A palavra “Caraaaaaamba!” o expressa por meio de uma tentativa de reprodução da oralidade, trazendo mais expressividade ao enunciado.

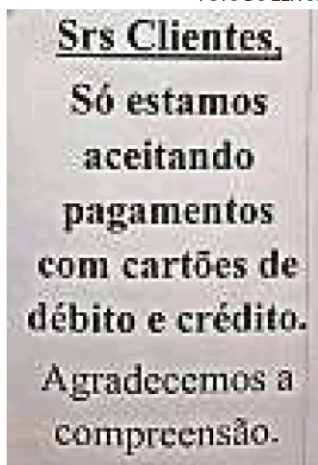
É de ter em conta também a composição da obra artística. A articulação das cores não é, de forma alguma, irrelevante. A começar pelo amarelo de fundo, intenso, forte, uma das cores quentes mais chamativas, que tende a prender a atenção do espectador. Já a moldura em cereja traz vivacidade, alegria à obra. As letras em azul escritas em fundo branco contrastam com as outras cores, sugerindo calma, serenidade. O jogo de cores, aparentemente “anárquico”, parece reportar-se, ironicamente, à situação instável em que se encontra Cabral: ao mesmo tempo em que goza de boa situação financeira, abastança, encontra-se trancafiado por corrupção. Ou ainda: a mistura das cores e a falta de simetria das letras sugere certa ambientação circense, o que nos faz retomar o senso comum de que a política brasileira nada tem de seriedade. Ademais, “APOIO” e “PROPINA” retomam, em caixa alta, as palavras de Cabral, potencializando-as ao avesso para colocar à mostra a práxis política corrente no Brasil. A dissimulação linguística objetivada por Cabral é, assim, desconstruída por meio do riso, da sátira.

Uma das características mais interessantes da coluna de Gois é, sem dúvida, a preocupação com a interação com o público-alvo. O espaço, por vezes, se abre para os anônimos, os quais contribuem significativamente com a construção de sentidos dos textos. É a concretização da ideia segundo a qual os jornais não são feitos só *para* os leitores, senão também *pelos* leitores. A título de ilustração, a nota que segue foi motivada por uma foto de um leitor. Sua motivação crítica se apoia nas palavras de outrem para evidenciar o problema de segurança pública que se abateu sobre o Rio de Janeiro, em especial, no ano de 2017. Proceda observar que o gênero nota “absorve” o gênero aviso para a concretização de um projeto de discurso crítico e criativo. Veja:

Terra sem lei

Este cartaz na unidade das Lojas Americanas do Jardim Botânico, no Rio, é um retrato sem retoque da tragédia que se abateu sobre o Rio (aliás, não só aqui). A tradução cruel do que está escrito é: só aceitam cartão porque dinheiro vivo é... um chamariz aos ladrões. Não é justo.

FOTO DO LEITOR



O Globo. 07 de julho de 2017, p. 12.

Ainda tendo a participação do leitor como foco, concentremo-nos, agora, nesta interessante metáfora visual, expositora da criatividade do carioca. A imagem remete aos “figurões” da política carioca, todos eles acusados de crimes contra o patrimônio público do Rio de Janeiro. Da mesma forma, a fotografia foi enviada pelo leitor.



COMO O CARIOCA REAGE À LAVA-JATO

Veja só o que este pet shop, que também fabrica gaiolas, colocou na sua fachada, na Taquara, Zona Oeste do Rio. Estão “engaioladas” as fotos de Sérgio Cabral, Anthony Garotinho, Rosinha Matheus e Jorge Picciani. Faz sentido ●

O Globo. 25 de novembro de 2017, p. 16.

Tencionado trazer o inusitado, o criativo, o pictórico para a coluna, faz-se uma combinação verbo-visual rica em sentidos, a qual tende a nos levar, mais uma vez, ao riso indignado. A mensagem adquire vigor persuasivo pela articulação semiótico-ideológica que se impõe para o leitor como retrato fidedigno do fazer político no Brasil. Desse modo, recorda-se que a operação Lava-Jato tem exposto as “entranhas” da política brasileira, dando um sopro de esperança ao desolado povo brasileiro. Em verdade, uma semiose não parece sobreviver sem a outra, tamanha é a interdependência entre elas. Noutros termos, texto verbal e imagem se abraçam, diluem-se.

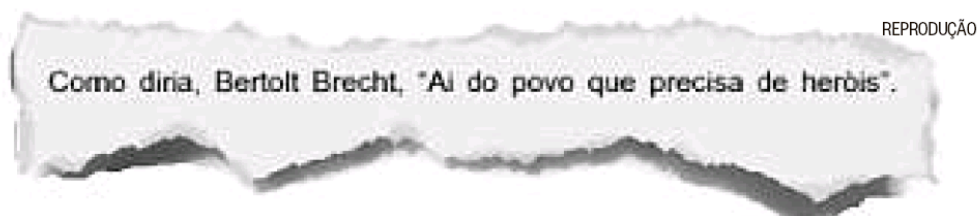
As gaiolas e as fotografias, metaforicamente, representam prisão e prisioneiros. Tal é confirmado pela palavra “engaiolados”, presente no texto verbal. As gaiolas, posicionadas lado a lado, colocam em pé de igualdade inimigos declarados como Anthony Garotinho e

Sérgio Cabral. Sabe-se que, em seu programa de rádio na Transamérica, Garotinho obstinadamente acusava Cabral de corrupção. A imagem, então, faz significar que, na verdade, acusado e acusador agem de forma análoga no que se refere às práticas políticas.

A ridicularização dos personagens políticos não cessa na coluna de Gois. A nota que se segue faz menção à sessão em que se votou pela soltura de Jorge Picciani e de alguns deputados, acusados de crimes de corrupção, associação criminosa, lavagem de dinheiro e evasão de divisas. Supunha-se, à época, que eles haviam recebido propinas de empresas de ônibus do Rio de Janeiro e de empreiteiras, como Andrade Gutierrez e Odebrecht. Mas tocou-se num ocorrido inusitado: André Laroni, secretário de Cultura do Rio de Janeiro, comete uma gafe em um discurso em que defendia a soltura dos acusados. Vejamos:

Bertoldo Brecha

Lembra que, na vergonhosa sessão que libertou, sexta, Picciani e cia., o secretário estadual de Cultura do Rio, André Laroni, teve seus 15 minutos de fama ao chamar, por pelo menos três vezes, o poeta alemão Bertolt Brecht (1898-1956) de Bertoldo Brecha, o personagem da “Escolinha do professor Raimundo”? Na transcrição do discurso, publicada ontem no Diário Oficial, a Alerj omitiu a gafe.



O Globo. 22 de novembro de 2017, p. 14.

O colunista, então, rememora o fato, manifestando sua discordância em relação às mudanças feitas na transcrição. Observe-se que a reprodução, um dito retomado de um documento oficial, traz a prova de que as alterações foram feitas de modo a isentar o deputado do deslize. Não se institucionaliza, pois, o erro de Laroni, potencializado pelo lugar social que ocupa. Noutros termos, não se dá publicidade institucional a uma falta que é vexatória para um secretário de cultura, que deveria ter certo saber na área comandada por ele. A coluna, então, toma para si a responsabilidade de expor a confusão abafada pela Alerj.

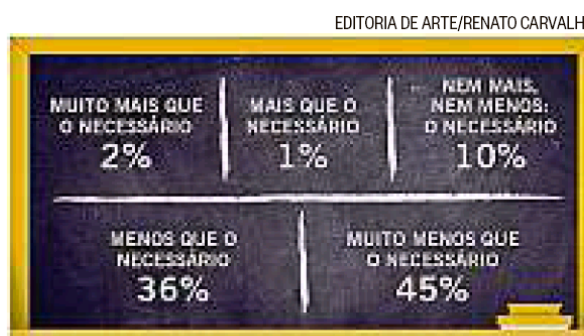
Com clareza, percebemos outros elementos multimodais que nos conduzem a essa interpretação. O título em letras negritadas expõe com relevo a gafe, conferindo a ela

importância na confecção do enunciado. Na verdade, tal parte do texto abaliza a motivação para o surgimento dessa nota, isto é, a vexaminosa confusão entre os nomes do poeta alemão Bertold Brecht e do personagem da Escolinha do Professor Raimundo, Bertoldo Brecha.

Vamos a outro texto. Para além dos contratempos locais, a preocupação com os problemas sociais mais amplos é uma constante da coluna de Gois. A nota subsequente dedica-se a uma reflexão sobre a situação do professorado brasileiro. Ela foi publicada intencionalmente no dia dos professores, com vistas a evidenciar que, a julgar pelos dados elencados no quadro negro abaixo, há pouco a celebrar.

Dia do professor

O resultado não chega a ser uma surpresa. Mas nunca é demais chamar atenção para a tragédia. Veja, segundo o Data Script, de Guto Graça, o que brasileiro acha sobre os investimentos dos governos em educação:



O Globo. 15 de outubro de 2017, p. 14.

Logo se há de perceber, com destaque, a imagem do quadro negro. A disposição da figura, com os tradicionais traços de divisão do quadro com giz branco, faz ressoar uma voz contrária às políticas educacionais no país. O jornalista, em tom professoral materializado semioticamente pela lousa, suporte tradicional de saberes, parece querer mostrar, didaticamente, a discrepância existente entre o que se investe em educação e o que se deveria investir. Constatemos que a pesquisa traz justamente a voz daqueles a quem mais interessa o investimento em educação, como pagadores de impostos e usuários do serviço público. Tal confere legitimidade ao questionamento feito pelo autor da nota.

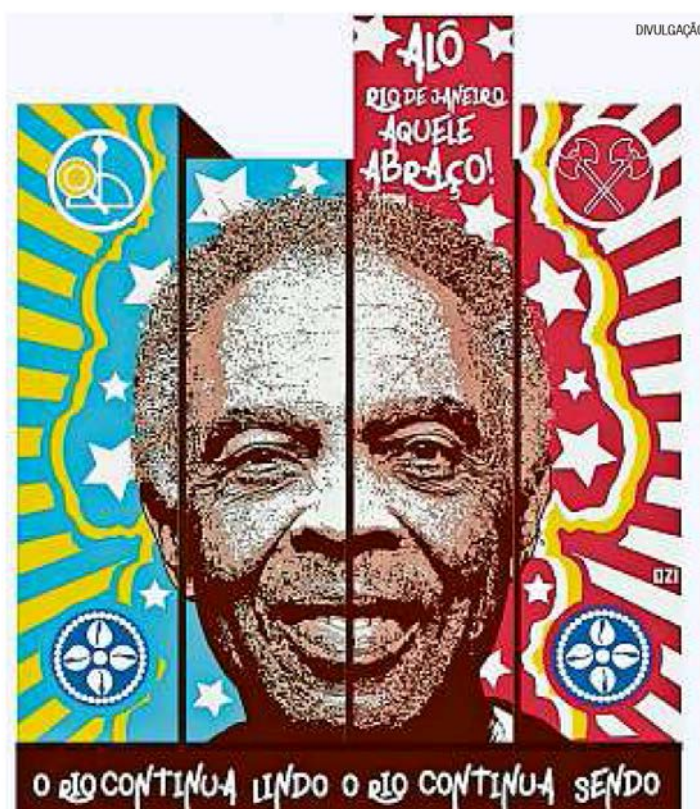
Atente-se aos aspectos gráficos usados na composição do texto imagético. As letras grafadas em caixa alta (maiúsculas), assim como os números expostos em tamanho maior dão relevo aos dados da pesquisa, visando não apenas a impactar o leitor, como também levá-lo a aderir à tese de que os investimentos em educação no Brasil ainda estão muito distantes do necessário.

Pensando de outro modo, poder-se-ia dizer que o quadro negro engendra um efeito de atraso, coadunando-se com o parco investimento em educação reportado pela pesquisa. Isso porque se vincula a métodos tradicionais de ensino e aprendizagem, em contraste com as

múltiplas tecnologias disponíveis modernamente, as quais enriquecem o processo educacional.

De qualquer forma, o alvo da mensagem é, com efeito, não somente os leitores, mas também um superdestinatário, o governo brasileiro, responsável por direcionar as verbas ao setor educacional, decidir quanto se gastará com ele.

Esta próxima nota assume um acento de valor diferente das anteriores. Nela, celebra-se a homenagem recebida por um ícone da música popular brasileira: Gilberto Gil.



'AQUELE ABRAÇO'

O Metrô do Rio irá, enfim, devolver à Cinelândia um painel em homenagem a Gilberto Gil. Em 2012, no respiradouro da estação que fica na praça, a dupla italiana Orticanoodles (Wally e Alita) fez um imenso mural com o rosto do músico baiano. A arte foi pintada, ano passado, pelo metrô, alegando que as paredes tinham sido pixadas. Pois bem. Esta semana, começa a ser produzido o painel temático "Aquele abraço" (acima), título da icônica canção do cantor. Com 8 metros de altura por 6 metros de largura, a obra de arte será criada por Ozi e pelo coletivo Nata Família. Em harmonia com os versos, o painel contará também com as imagens de Chacrinha ("Velho guerreiro"), Tia Surica ("todo mundo da Portela") e Zico ("a torcida do Flamengo"). Viva Gil, viva a arte urbana! ●

Daniel Brunet

O Globo. 09 de outubro de 2017, p. 08.

No texto, os sentidos são construídos, de sorte a reforçar que a reverência a Gil é merecida, muito embora tenha chegado tarde, conforme é possível inferir a partir do texto verbal. Salta-nos aos olhos a riqueza de cores da imagem, representante da arte urbana, igualmente celebrada pelo colunista na parte verbal da nota. O rosto estampado de um Gil sorridente traz, inevitavelmente, alegria, contentamento, cativando os interlocutores/apreciadores. O jogo de cores, ao que nos parece, exerce certo fascínio, inebriando o público-alvo da obra. Reflete, pois, um Brasil diverso, multiforme, colorido. Por outro lado, a presença de Gil simboliza também o sucesso de um negro num país no qual o tema da escravidão ainda se faz presente, num país onde o preconceito ainda é um problema bastante sensível.

As letras disformes cravadas na obra de arte remetem dialogicamente a uma conhecida canção do artista (Aquele Abraço), feita em homenagem ao Rio de Janeiro. Rememora-se, com isso, a homenagem de Gil à cidade maravilhosa. Como recurso multimodal, destaca-se também o título do texto verbal, em letras maiúsculas, cujo aspeamento demarca explicitamente a citação da canção do músico baiano. Todas essas estratégias das quais lançam mão os artistas – replicadas pelo colunista – concorrem para imprimir força à homenagem feita ao cantor.

Já no enunciado abaixo, lança-se luz sobre a ascensão feminina no mercado de trabalho do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que se podem inferir questões de desigualdade salarial entre os gêneros.

A turma de saia é mais preparada

Veja estes dados fresquinhos do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (Iets). As mulheres são mais preparadas do que os homens, no mercado de trabalho do Rio. Por aqui, são 983.322 empregados formais com curso superior completo. Desses, 560.789 (57%) são mulheres e 422.533 (43%) são homens. Ou, como diz o economista Manuel Thedim, diretor executivo do Iets, “os homens estão levando um banho”.



O Globo. 03 de agosto de 2017, p. 15.

Os dados não deixam de remeter a um problema peculiar à sociedade brasileira: a desigualdade salarial entre homens e mulheres em certos setores. Informações do Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁷⁸ apontam que mulheres ganham aproximadamente 72,3% do salário que é pago aos homens para fazerem exatamente o mesmo serviço. Mais que isso: as informações elencadas evidenciam o paradoxo salarial existente no Rio de Janeiro. Se as mulheres têm mais preparo que os homens, por que ainda ganham menos que eles em determinadas ocupações? A nota, assim, traz à baila o problema, colocando o questionamento apoiado em dados numéricos. Trazendo cor à discussão, evoca-se, no texto imagético, a personagem Tina, da turma da Mônica, quadrinho criado pelo cartunista brasileiro Maurício de Sousa. Tina simboliza a mulher destemida, estudiosa, que se lança ao mundo em busca de realizar seus projetos. Por essa perspectiva, a imagem, que retoma a personagem em momento de labuta intelectual, reforça o poder e a dedicação feminina em relevo no texto.

Por meio dessas análises pontuais, esperamos haver demonstrado que os textos não verbais desempenham função significativa nas estratégias de persuasão e convencimento usadas no gênero em tela, de sorte a contribuir, pois, para a configuração do processo argumentativo.

⁷⁸ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/14187-asi-salario-das-mulheres-permanece-28-inferior-aos-dos-homens-nos-ultimos-tres-anos.html>. Acesso em 26/12/2017.

5 GÊNEROS JORNALÍSTICOS, LEITURA E ESCRITA: IMPLICAÇÕES DIDÁTICAS

Nos capítulos anteriores, esperamos ter validado a hipótese de que o gênero em tela, face a sua riqueza estrutural, temática e estilística, pode ser objeto de exploração didática, com vistas ao aperfeiçoamento das habilidades linguísticas dos educandos. Neste e nos próximos capítulos, buscaremos discutir as possibilidades de inserção do gênero em sala de aula. Ainda: encontrar-se-á nesta segunda parte do trabalho a proposição de uma sequência didática, tal qual aplicamos em nossos alunos do ensino médio do Cefet-RJ (*campus* Valença).

5.1 Os gêneros discursivos como unidade de ensino

Pode-se evidenciar, nos documentos oficiais do ensino fundamental e médio, a necessidade de se contemplar os gêneros discursivos em situações de ensino-aprendizagem de língua materna. Em verdade, essa é uma preocupação que parece ser generalizada na escola, nomeadamente depois da publicação dos PCN (BRASIL, 1998), a despeito de a prática cotidiana de muitos professores desvelar um trabalho pouco sistemático e pouco produtivo com esses conteúdos, como frisam Coscarelli (2007) e Alves Filho (2011).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 23-24), lê-se que é

[...] necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social.

Do mesmo modo, recorrendo às Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006, p. 36), lemos:

Dessa forma, o que se propõe é que, na delimitação dos conteúdos, as escolas procurem organizar suas práticas de ensino por meio de agrupamentos de textos,

segundo recortes variados, em razão das demandas locais, fundamentando-se no princípio de que o objeto de ensino privilegiado são os processos de produção de sentido para os textos, como materialidade de gêneros discursivos, à luz das diferentes dimensões pelas quais eles se constituem.

Com efeito, as propostas aduzidas pelos documentos oficiais anteriormente citados, centradas na linguagem em uso e, portanto, em gêneros e textos, têm nos permitido trilhar caminhos mais condizentes com uma formação mais produtiva e cidadã. Isso porque tem nos possibilitado fazer a articulação da linguagem com as práticas sociais por ela mediadas, fundamental para o desenvolvimento da competência comunicativa dos discentes. Nessa direção, assumimos, com Dolz, Gagnon e Decândio (2010, p. 39-40), que “[...] as práticas languageiras significantes e socialmente reconhecidas [os gêneros] são uma referência indispensável para orientar o ensino”. Tal nos permite afirmar que a inserção definitiva e sistemática dos gêneros discursivos na sala de aula não é somente uma escolha didática importante, mas também imprescindível ao fazer docente do professor de Língua Portuguesa visto que “É no manejo deles que se revela e se confirma o conhecimento efetivo de uma língua.” (AZEREDO, 2008, p. 86).

Por esse ângulo de observação, se, de uma perspectiva didática, entendermos os gêneros como megainstrumentos de que dispomos para agir em situações languageiras (DOLZ; GAGNON; DECÂNDIO, 2010), concluiremos que é relevante munir os alunos de conhecimentos que lhe permitam manejá-los adequadamente, tendo em conta suas condições de produção e de recepção, seus aspectos estilístico-composicionais, sua estruturação, suas funções sociocomunicativas, entre outros aspectos vinculados a uma ideia de linguagem como prática social situada. Assim procedendo, cremos, formar-se-ão, em vez de escritores de frases descontextualizadas e destituídas de função social, melhores leitores e produtores de textos mais competentes, aptos a intervir significativamente na sociedade.

Nesse quadro, Alves Filho (2011, p. 14) pontua que operar com a noção de gênero pode lançar luz a metodologias de ensino que se fundem

[...] (i) em atividades práticas e procedimentais; (ii) na compreensão da linguagem como fenômeno multidisciplinar; (iii) no trato da linguagem como fenômeno que pode ser pesquisado e observado na vida real; (iv) na convicção de que a diversificação equilibrada do domínio de gêneros pode dotar os jovens com mais poder de participação (influência e decisão) na vida política, profissional e cultural.

Confere-se, assim, o devido destaque ao trabalho com gêneros em sala de aula, pois tal opção didática nos permite pôr em relevo as práticas sociolinguageiras que abarcam situações concretas de uso da língua e, conseqüentemente, abandonar ou revisar práticas

descontextualizadas e centradas unicamente na metalinguagem. Passamos, pois, a contemplar gêneros e textos em eventos sociocomunicativos, alçando-os ao posto de objeto primeiro no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

Dito de outro modo, o que se está propondo aqui é que os gêneros e os textos – trabalhados, em muitas ocasiões, de forma assistemática e fragmentária – ocupem um lugar central nas aulas de língua materna, para que, de fato, contemplemos, em classe, o “[...] caráter sócio-histórico/ideológico [da linguagem], materializado nas interações entre os homens.” (COSTA-HÜBES; SIMIONI, 2014, p. 16-17).

Diante do exposto, é preciso pensar em estratégias de ensino que não somente tragam os gêneros para a sala de aula, mas também os coloquem como elementos nucleares, referenciais nesse espaço. Se o fizermos com método e sistematicidade, estaremos mais perto de atingir um dos objetivos centrais do ensino de Língua Portuguesa: proporcionar aos educandos um salto qualitativo no que toca às competências atinentes à leitura, à escrita, à fala e à escuta, de sorte que eles manejem com competência a linguagem nas diversas situações de comunicação de que participam em seu cotidiano.

A esse respeito, Koch e Elias (2013, p. 102) propõem o conceito de “competência metagenérica”. Derivada do que se convencionou chamar de competência comunicativa (TRAVAGLIA, 2006), a competência metagenérica consiste na habilidade que possibilita ao falante produzir e compreender os gêneros do discurso, interagindo adequadamente com seus interlocutores, à medida que se envolve em diversas práticas sociais. O aprimoramento de tal competência coloca o desafio de trazer a pluralidade de discursos para a sala de aula, como sugeriram Fonseca e Fonseca (1977). E, para tal, faz-se necessário proporcionar o encontro do aluno com múltiplos gêneros e textos para que este aprenda a usá-los em situações concretas de interação.

Importa observar que o desenvolvimento da competência metagenérica coaduna-se com a proposta trazida pelos PCN. Consta do documento que é papel da escola tornar o aluno capaz de compreender e “[...] interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações.” (BRASIL, 1998, p. 19). Da mesma forma, no que respeita às OCEM (2006), salienta-se que a disciplina de Língua Portuguesa deve possibilitar, por meio de procedimentos sistemáticos, o desenvolvimento das ações de produção de linguagem em diferentes situações de interação verbal. Tal assertiva nos conduz a pensar, inevitavelmente, em um trabalho com os gêneros, os quais se apresentam como dispositivos sócio-históricos que moldam nosso dizer em práticas socialmente situadas, consoante vimos defendendo. Centrar, portanto, o ensino de

língua materna nos gêneros pode inserir os alunos em eventos reais de comunicação e, a partir daí, melhor prepará-lo para uma intervenção responsável e ética na sociedade.

Em que pese a importância conferida pelos aludidos documentos aos gêneros discursivos no ensino de linguagem, é de notar que, muito provavelmente por não receberem destaque dos PCN, alguns deles ficam à margem, por assim dizer, de um possível trabalho a ser desenvolvido na sala de aula. Com isso, muita vez, deixamos de explorar gêneros que contribuiriam sobretudo com o aprimoramento da competência comunicativa dos discentes. É o que acreditamos estar acontecendo com o gênero nota jornalística, que, apesar de figurar em variados jornais e revistas brasileiros, ainda carece de exploração teórica e, notadamente, prático-aplicativa, como já enfatizamos em capítulos anteriores.

Procede dizer que, em pesquisa realizada em três coleções de livros didáticos de relevo em território nacional, curiosamente, atestamos não haver uma abordagem específica, ainda que superficial, do gênero⁷⁹. Talvez isso se deva ao fato de os PCN (BRASIL, 1998, p. 54-57) não colocarem as notas entre os “gêneros privilegiados” ou “gêneros sugeridos” para o trabalho com escrita e leitura em classe. Por não constarem do documento, elas ficam em segundo plano, muitas vezes sendo completamente ignoradas em situações que contemplem o ensino da Língua Portuguesa. Outra hipótese a ser considerada: em razão de certo desconhecimento acerca do gênero, de suas metamorfoses, de sua relevante função sociocomunicativa na esfera jornalística, acreditamos ser possível que autores e professores ainda as vinculem à futilidade, à boataria que durante muito tempo acompanharam as chamadas colunas sociais, das quais as notas se originaram.

No entanto, acreditamos que notadamente os capítulos 03 e 04 já nos deram mostras de que as notas se apresentam como um campo fértil à exploração didática, podendo contribuir significativamente com o aperfeiçoamento das habilidades linguísticas dos educandos. A exploração constante do humor, a criteriosa seleção vocabular, os recursos imagéticos, a forte presença da argumentatividade, as sugestões maliciosas, entre outras peculiaridades, parecem confirmá-lo, uma vez que exigem do leitor habilidades refinadas de leitura e do produtor do texto sensibilidade e destreza alusivas ao trabalho com os recursos de linguagem.

⁷⁹ Consultamos três obras didáticas, a saber: Abaurre, Abaurre e Pontara (2008); Cereja, Vianna e Codenhoto (2016); e Faraco, Moura e Maruxo Jr. (2010). Note-se, além disso, que até em trabalhos específicos sobre a abordagem didática do jornal na sala de aula pouco ou nada se comenta sobre as notas. As análises, em regra, centram-se naqueles gêneros privilegiados pelos PCN, como notícias, reportagens, artigos de opinião, entre outros. Leia-se, a propósito, os trabalhos da professora Maria Alice Faria, citados na bibliografia deste trabalho.

5.2 Sobre a inserção dos gêneros jornalísticos em sala de aula

Façamos, agora, um breve comentário sobre a inserção dos gêneros jornalísticos no ensino de Português. Por certo, avolumam-se as pesquisas que têm demonstrado a importância da exploração pedagógica dos gêneros jornalísticos em sala de aula, a exemplo de Alves Filho (2011), Bonini (2011), Faria (1996, 1997), Gadotti (2007) e Lozza (2009). Tais estudos colocam, direta ou indiretamente, os gêneros jornalísticos como mecanismos eficientes de ensino-aprendizagem de língua materna, apontando a necessidade de se desenvolverem práticas que os contemplem em sala de aula. Em verdade, é difícil sustentar posição em contrário, em virtude da importância da mídia impressa numa sociedade letrada como a nossa.

Em sua exposição sobre o trabalho com o jornal na sala de aula, Faria (1996, p. 11) lembra que um dos principais papéis dos docentes consiste em “[...] estabelecer laços entre a escola e a sociedade.”, a fim de que se promova uma aprendizagem mais significativa. Sem dúvida alguma, uma das maneiras mais eficientes de proporcionar essa ponte entre o mundo e a escola é reservar no currículo um espaço generoso para o trabalho com jornais e revistas. Tendo isso em conta, o contato direto dos discentes com tais meios de comunicação seria, nos dizeres da autora, uma maneira de “[...] trazer o mundo para dentro da escola.” (FARIA, 1996, p. 11). A partir de tal iniciativa, contemplar-se-ia não apenas o aprendizado da língua a partir de textos concretos criados em situações reais de interlocução, mas também se ampliaria o universo do saber dos educandos, promovendo, ademais, o desenvolvimento do espírito crítico e questionador.

Em virtude do que foi dito, a pesquisadora atribui aos jornais uma função primordial na prática pedagógica: o de mediador entre a escola e o mundo. Argumenta a autora que a escola tem sido um ambiente hermético, dirigindo suas preocupações quase sempre para aspectos internos, o que leva, inevitavelmente, ao isolamento dos alunos da sociedade, que evolui ininterruptamente, de modo a colocar questões para as quais não podemos fechar os olhos, se pensarmos, como sugeriram Bagno e Rangel (2005), numa educação linguística efetivamente comprometida com a cidadania. Nesse quadro, essa articulação escola/mundo/sociedade, decerto, ganha relevo, pois abre as portas escolares para práticas que atuarão não só no âmbito da informação dos discentes, mas, sobretudo, no de sua formação.

Nessa direção, Alves Filho (2011) argumenta em favor da inserção de textos da mídia impressa no ensino, em razão de esta exercer grande poder de influência sobre nós, incitando

comportamentos, promovendo valores e contribuindo para sedimentar ideologias, muitas delas hegemônicas. De fato, partindo-se de um trabalho que seja a um só tempo regular, sistemático e produtivo com textos da mídia impressa, pode-se concorrer com o desenvolvimento de habilidades discentes de escrita e de leitura nesse domínio discursivo, conferindo-lhes maior capacidade de discernimento e compreensão crítica da realidade que os cerca.

Face ao exposto, estamos de acordo com o autor quando afirma que

[...] na escola é possível simular e mesmo levar a cabo formas de participação dos alunos na vida política e cultural através de atividades de leitura guiadas pelos modos de funcionamento particulares de conjuntos de gêneros. Se isso é feito com uma adequada compreensão de como funcionam os gêneros do discurso em nossa sociedade e do papel ideológico e comunicativo da mídia impressa, mais chances haverá de os alunos desenvolverem seu enorme potencial comunicativo e crítico (ALVES FILHO, 2011, p. 14).

Da mesma forma, Faria (1997) parece também crer no papel (in)formador dos textos da mídia impressa. Por meio de estratégias bem definidas que envolvam a prática dialética de leitura e de escrita de gêneros jornalísticos, podem-se estimular as trocas sociais, o intercâmbio socioverbal, permitindo que os alunos tenham uma visão mais ampla de mundo, bem como adquiram saberes que lhes permitam uma intervenção ativa na sociedade, de sorte a prepará-los para agir consciente e relevantemente em suas trocas verbais.

Para Gadotti (2007, p. 29), a imprensa tem um relevante papel educador na sociedade contemporânea. Lembra ele que “Ninguém se educa sem informações. A informação mexe com a vida das pessoas. Nesse sentido, **toda imprensa é educativa**, constrói um sentido para a vida.” [grifo do autor]. E é por esta razão que devemos trazê-la para sala de aula: para construir sentidos.

É evidente, porém, que não basta inserir gêneros jornalísticos nas aulas de Língua Portuguesa. É preciso ensinar a ler lucida e criticamente os textos publicados. Como ensina Lozza (2009), o jornal – e aqui podemos falar das mídias em geral – nos apresenta uma interpretação particular da realidade. Portanto, é preciso que o leitor saiba “[...] interpretar a interpretação do jornal.” (LOZZA, 2009, p. 25). Tal implica, por exemplo, discutir o viés ideológico dos textos, ler implícitos, detectar intenções, silêncios perceptíveis nos textos midiáticos.

De outro lado, no que respeita à escrita de textos, outra habilidade linguística extremamente relevante, o trabalho com gêneros jornalísticos pode contribuir para o desenvolvimento de diversos saberes estruturais, estilísticos, temáticos e sociocomunicativos

alusivos a importantes gêneros presentes no dia a dia dos educandos. Com isso, procura-se abrir caminhos para que estes, imersos na esfera em que circulam os gêneros, possam fazer uso da língua escrita com competência, consciência, ética e responsabilidade.

Sob outra perspectiva, quando pensamos mais estritamente no ensino da variedade padrão, constatamos com facilidade que os textos jornalísticos nos fornecem material profícuo para tal fim. Nos dizeres de Faria (1997, p. 11), apresentam-se “[...] como um modelo equilibrado para orientar os professores de português, perdidos entre o ranço tradicionalista inoperante e as novidades que de tempos para cá vêm despencando intempestivamente em suas cabeças.” Por essa razão, encontramos nos textos da mídia impressa uma espécie de português modelar que muito pode contribuir com o professor na tarefa de instrumentalizar os discentes no uso da variedade padrão.

Ainda, o trabalho constante com *corpora* jornalísticos conduz o aluno a se tornar um leitor e um escritor mais competente, na medida em que o estimula a pesquisar, realizar inferências, levantar dados, organizá-los, fazer escolhas, ordenar ideias, verificar hipóteses, comparar, comprovar, tomar notas, planejar o texto, argumentar, contra-argumentar, etc. Semelhantes atividades o levam a “aprender a aprender” (FARIA, 1996, p.14), abrindo caminhos para a necessária autonomia intelectual.

Como vemos, não é difícil aduzir argumentos em favor de uma abordagem sistemática dos gêneros jornalísticos no ensino de Língua Portuguesa. Parece inegável que, quando bem utilizados, podem ser eles instrumentos eficazes de ensino que (a) atuam adequadamente na formação do cidadão e do estudante, preparando-o para exercer bem seu papel na sociedade; (b) permitem o desenvolvimento senso crítico, abrindo caminhos para o refinamento de habilidades de escrita e de leitura; e (c) articulam o aprendizado da linguagem a práticas sociais, elementos indissolivelmente interligados.

Isto posto, releva elaborar um projeto que, dentro do domínio discursivo jornalístico, forneça ao professor possibilidades de trabalho com as notas, para ajudá-lo na tarefa de aprimorar a capacidade discente de produzir e interpretar textos mais eficazmente. Tal implica considerar, inevitavelmente, as atividades de leitura e de escrita, sobre as quais falaremos nas seções subsequentes. Cumpre assinalar que as ponderações feitas a seguir, embora gerais, são importantes para o enquadre do ler e do escrever na perspectiva teórico-prática assumida nesta pesquisa.

5.3 A leitura como atividade interacional e dialógica

Leitura e escrita são ações que se interpenetram e se complementam. Se aquela se faz fortemente presente em nossas ações cotidianas com a linguagem, esta também nos acompanha em muitas delas, de sorte que o domínio dessa dupla habilidade tem sido primacial para a efetiva participação cidadã do indivíduo nas sociedades letradas, conforme sublinham os PCN (BRASIL, 1998, 2002), as OCEM (BRASIL, 2006), assim como variados autores que se dedicam ao tema, a exemplo de Kleiman (1995, 2011), Koch e Elias (2009, 2013) e Solé (1998). Nesta exposição, para fins didáticos, abordaremos leitura e escrita em seções separadas, muito embora reconheçamos sua complementaridade.

No que toca à leitura, Isabel Solé (1998, p. 18), em instigante trabalho, afirma:

Poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para a autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada.

Decerto, no dia a dia, é-nos exigida cada vez mais uma participação leitora ativa e responsiva (BAKHTIN, 2011). Para que participemos autônoma e integralmente da vida em sociedade, não raro precisamos entrar em contato com uma diversidade de textos pertencentes a uma infinidade de gêneros discursivos que direcionam nossas práticas sociais: lemos bilhetes, cartazes, anúncios, e-mails, listas, bulas de remédio, notícias, mensagens de celular, dentre tantos gêneros integradores de nossas práticas languageiras, os quais nos exigem muita vez competências refinadas de leitura. Por esse motivo, sustenta-se que a formação de leitores competentes é uma das metas mais relevantes da escola. E se assim pensamos, consideraremos, ao fim e ao cabo, que o trabalho sistemático com a leitura integra os saberes linguísticos necessários e imprescindíveis que concorrem para a formação integral dos discentes, não somente no concernente à disciplina de Língua Portuguesa, mas também a outras disciplinas do currículo, igualmente dependentes das capacidades leitoras dos educandos.

Porém, é de notar que, no contexto escolar, por mais que a atividade de leitura nos seja tão familiar, assistimos não raras vezes a práticas limitadoras, empobrecedoras que influenciam sobremodo a formação leitora dos alunos. A esse respeito, Kleiman (2011, p. 30) tece considerações críticas sobre tal atividade na escola, qualificando-a como “difusa e

confusa”, na medida em que não se tem normalmente propósitos bem definidos ou objetivos claros relativamente a essa prática.

Por vezes, o aluno até tem acesso a vários textos escritos, o que, sem dúvida alguma, é algo desejável. Entretanto, falta-lhe direcionamento, o “para que estou lendo isso?”, que torna o ato de ler, não raro, despropositado e sem sentido. Noutros termos, ler se tornou uma exigência escolar, muitas vezes apartada das necessidades da vida em sociedade. É como se a leitura se restringisse ao ambiente escolar, de modo a servir apenas a avaliações internas ou para cumprir uma obrigação curricular. São palavras da autora:

Cabe notar que a leitura que não surge de uma necessidade para chegar a um propósito não é propriamente leitura; quando lemos porque outra pessoa nos manda ler, como acontece frequentemente na escola, estamos apenas exercendo atividades mecânicas que pouco têm a ver com significado e sentido. Aliás, essa leitura desmotivada não conduz à aprendizagem [...] (KLEIMAN, 2011, p. 35).

Da mesma forma, Delia Lerner (2002, p. 17-18) argumenta em favor de uma leitura com sentido, de uma prática leitora que se ligue de imediato aos problemas concretos do mundo, a fim de que se ultrapasse a prática mecânica e enfadonha que por vezes ainda se presencia em classe:

O *necessário* é fazer da escola uma comunidade de leitores que recorrem aos textos buscando respostas para problemas que necessitam resolver, tratando de encontrar informação para compreender melhor algum aspecto do mundo que é objeto de suas preocupações, buscando argumentos para defender uma posição com a qual estão comprometidos, ou para rebater outra que consideram perigosa e injusta, desejando conhecer outros modos de vida, identificar-se com outros autores e personagens ou se diferenciar deles, viver outras aventuras, inteirar-se de outras histórias, descobrir outras formas de utilizar a linguagem para criar novos sentidos [...] [grifo da autora].

Conforme sublinham os PCN (BRASIL, 1998), lemos quando nossa qualidade de vida melhora com a leitura; quando enxergamos nela função e sentimos que crescemos com tal prática. Toda leitura impositiva, sem critério, sem método, sem propósito claro tende mais a afastar o leitor que o atrair para o mundo das letras. Nesse sentido, é preciso transformar a “tarefa”, o “dever” – aqui usados com a conotação negativa de “fardo” – tanto quanto possível, em “prazer” ou pelos menos em “mínima satisfação”.

Ao observarmos as atividades de leitura que se têm praticado na escola, percebemos que elas têm servido a muitos propósitos, quais sejam: análises sintáticas, treinos de ortografia, resumos (muitas vezes feitos sem um direcionamento de leitura e redigidos sem planejamento), prova do livro, resposta a questionários, etc. Nesse percurso, frequentemente

se esquece de que uma das finalidades básicas da leitura é a construção de sentidos (CAVALCANTI, 2015). E vinculadas a esta estão as emoções, as descobertas, as inferências, o estabelecimento de hipóteses, as antecipações (as confirmações e as frustrações) inerentes ao ato de ler. Por esse motivo, devemos nos perguntar sempre, como educadores que somos, se nossas atividades de leitura estão, de fato, contribuindo para a formação de leitores competentes ou, como disse Kleiman (1995), para a formação de não leitores.

Práticas como as descritas acima, não raro desmotivadoras, advêm de concepções limitadoras de linguagem e, por corolário, de leitura e de texto. Em vista disso, cremos ser útil tecer considerações sobre as concepções de leitura, as quais, evidentemente, terão consequências nas ações pedagógicas do professor. Observe-se que tais posturas pedagógicas estão atreladas àquelas concepções de linguagem descritas no capítulo primeiro⁸⁰.

Koch e Elias (2013) explicam que há, basicamente, três maneiras de se conceber a leitura, a saber: (a) a leitura com foco no autor; (b) a leitura com foco no texto; e (c) a leitura com foco na interação autor-texto-leitor. As duas primeiras estão centradas numa visão monológica de linguagem; a terceira, numa perspectiva dialógica e interacional.

Em (a), concebendo-se a linguagem como expressão do pensamento, a leitura é entendida simplesmente como atividade de captação das ideias do autor. Centraliza-se a preocupação nele, o único responsável pela produção de sentidos, bem como nas suas intenções manifestas no texto. Daí se depreende que ao leitor cabe somente a leitura quase passiva do texto, a fim de extrair as ideias propostas pelo produtor. Não se atribui ao leitor um papel de coautoria, nem se leva em conta seu saber prévio, uma vez que a leitura é quase sempre autorizada, competindo ao professor apontar o sucesso ou fracasso de compreensão de texto dos educandos tendo como norte as ideias de quem escreve.

Em (b), por sua vez, entendendo-se a linguagem como estrutura, como código a ser dominado pelo utente, postula-se que a leitura é uma atividade que se deve centrar no texto, nos seus elementos linguísticos composicionais e estruturais. O bom leitor é aquele que desenvolve bem a tarefa de decodificar o que está escrito, realizando atividades de reconhecimento e reprodução. Desse modo, “tudo está dito no dito” (KOCH; ELIAS, 2013, p. 10), de maneira a não sobrar espaço para discussões acerca das escolhas linguístico-discursivas do autor, das outras possíveis leituras que emanam do texto – aquelas que não se coadunam com a autorizada –, das hipóteses de leitura, por exemplo.

⁸⁰ O mesmo se pode dizer das atividades de produção de textos escritos, as quais refletem, via de regra, uma concepção de linguagem (ver seção seguinte).

Diremos, com Kleiman (1995, p. 23), que tais abordagens fazem emergir uma “concepção autoritária de leitura”, caracterizada pela impossibilidade de se trabalhar com o texto de variadas formas, estimulando-se a multiplicidade de leituras que, via de regra, muitos textos apresentam. Importa observar ainda que essas abordagens não aproveitam o conhecimento prévio do aluno, o qual, em verdade, é indispensável para a construção dos sentidos do texto, como lembra Solé (1998). Ao que parece, esses vieses, além de não refletirem a realidade plurissignificativa das composições textuais, tendem a conduzir erroneamente o aluno pelo caminho dos textos, em especial daqueles em que a pluralidade de sentidos representa o traço fundamental que os constitui. Deles não se espera uma leitura monológica e empobrecida, mas, sim, uma leitura dialógica e rica em sentidos.

Rompendo com as concepções anteriormente expostas, entendemos que é preciso ampliar a compreensão que se tem sobre o saber leitor, a fim de instaurarmos, em sala de aula, uma prática de leitura mais funcional, diversificada e afinada com as demandas sociais. Para isso, podemos recorrer a Koch e Elias (2013), que, calcadas numa visão dialógica e interacional da linguagem, propõem uma terceira maneira de conceber a leitura, a saber: aquela que leva em consideração a interação entre autor-texto-leitor.

Seguindo as autoras, diremos, assim, que a leitura é uma atividade complexa de produção de sentidos, a qual mobiliza diversos conhecimentos, entre os quais:

– O **conhecimento linguístico**, abarcando os saberes do leitor acerca do léxico e da gramática.

– O **conhecimento enciclopédico** ou **conhecimento de mundo**, alusivo ao saber geral sobre o mundo, sobre vivências pessoais, práticas sociais e culturais.

– O **conhecimento interacional**, que se reporta às formas de interação por intermédio da linguagem. Para as autoras, este é dividido em quatro outras subcategorias: (1) *conhecimento ilocucional*, que nos permite reconhecer propósitos e intenções na interação verbal; (2) *conhecimento comunicacional*, que regula a quantidade de informação, a variante linguística adequada, o gênero pertinente à situação de comunicação; (3) *saber metacomunicativo*, o qual possibilita ao locutor assegurar a compreensão do texto e conseguir a aceitação pelo parceiro dos objetivos com que é produzido; e (4) *conhecimento superestrutural ou sobre gêneros*, que permite, por exemplo, a identificação de textos como exemplares adequados aos eventos da vida social⁸¹.

⁸¹ A consulta feita por nós sobre o tema atesta que os autores, apesar de algumas diferenças, apontam o conhecimento de língua, de mundo, dos gêneros discursivos e dos textos como fatores importantes para a prática leitora. Ver, a título de ilustração, Cavalcanti (2015), bem como Santos, Riche e Teixeira (2015).

No processamento textual, valendo-se desses saberes, interagem autor, texto e leitor, sempre vistos como sujeitos ativos, construtores dos sentidos do texto e responsáveis por eles. Em outros termos, entende-se que o sentido de um texto se dá na interação dos sujeitos históricos e sociais com a materialidade textual. Portanto, não há espaço mais para entender o texto como mero produto da codificação de um emissor a ser decodificado por um leitor que espera passivo para exercer sua habilidade de recepção. Nesse sentido, é a leitura, nas palavras de Antunes (2003, p. 67, grifo da autora), “[...] *uma atividade de interação entre sujeitos*” [...]. Porque a construção de sentidos mobiliza conhecimentos tanto de quem escreve quanto de quem lê o texto, numa relação de troca mútua. Dito de outro modo, os sentidos dependem não só do escritor, mas também do leitor, ambos agentes do processo interativo.

Tem-se, pois, o que Cavalcanti (2015) chama de “leitura autoral”. O termo, o qual pressupõe uma participação ativa do leitor na construção de sentidos, relewa o caráter social, histórico e dialógico da atividade leitora. Esta, concebida dessa forma, “é construída [...] por sujeitos ativos, que dialogam com textos, que interagem com outras compreensões de mundo, avaliando e criticando diferentes pontos de vista.” (CAVALCANTI, 2015, p. 14). Dessa forma, imersos no caldeirão cultural tecido por múltiplas vozes sociais que nos acompanham na interação, produzimos textos e leituras atravessados por essas vozes. Em matéria de textos, portanto, nunca estamos sozinhos.

Kleiman (2011, p. 10), reforçando o caráter interacional da leitura, ensina que ela “[...] é um ato social, entre dois sujeitos – autor e leitor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados.” Ou seja, haverá um produtor que terá essa ou aquela expectativa em relação ao produto-texto. Este será estruturado consoante um projeto de dizer, assentado em estratégias regidas pelos usos sociais da linguagem, as quais envolvem, a título de ilustração, o interlocutor visado, o nível de linguagem adequado à situação de interação, o gênero discursivo apropriado, as escolhas linguístico-discursivas determinadas pela natureza do gênero. Mas, como se ressaltou acima, trata-se apenas de uma expectativa, pois quem dará o arremate e trará sua contribuição será o leitor, o qual mobilizará suas estratégias para construir os sentidos do texto.

Convém pôr em relevo, com Mikhail Bakhtin (2011, p. 271), o papel ativo do sujeito no tocante à construção de significados. Conquanto as palavras que seguem se refiram à comunicação face a face, o pensador russo reforça que tal postulado se aplica também às atividades de leitura e de escrita:

[...] o ouvinte, ao receber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante.

Como estrategista na atividade de leitura, o leitor proficiente entende que o ato de ler envolve diversos processos e estratégias que obedecem às especificações dos gêneros discursivos e às funções da leitura. Nessa direção, Antunes (2003, p. 77) argumenta que não há “leitura uniforme”, uma vez que em cada circunstância, a depender do tema, do nível de formalidade, do gênero, do interesse do leitor, dos objetivos visados, as estratégias serão sensivelmente diferentes. Postula-se que haja, assim, múltiplas funções para a leitura (leitura para se informar, para estudar, para fruir, para se divertir, etc.). Relativamente às atividades leitoras no contexto escolar, é de extrema importância atentar para essa multiplicidade de funções, porquanto traz ela implicações pedagógicas que influenciarão sobremaneira a formação de leitores mais competentes: um leitor que coloca objetivos claros para a atividade terá, por certo, mais chance de êxito.

De tudo que foi dito até agora, assume-se, então, a leitura como uma atividade cooperativa entre sujeitos envolvidos na interação. No ato de ler, o leitor recorre a vários saberes, mobiliza várias estratégias para construir a significação daquilo que lê, não sendo exagero considerá-lo coautor do texto. Demais, assume ele uma postura responsiva ativa diante do texto: concorda, discorda, se indigna, contra-argumenta, etc. Nesse percurso, o leitor proficiente, entre outras ações:

(a) coloca um objetivo claro e definido para a leitura: ler para se informar, para se entreter, para resumir, para revisar, para rebater um argumento, etc.;

(b) recorre ao seu conhecimento prévio para a construção de sentidos. Nesse processo, ativa seu conhecimento de mundo, busca informações, recupera dados que o auxiliarão na compreensão global do texto. Questionamentos sobre o autor do texto, o assunto acerca do qual se discorre, o contexto em que se deu a escrita, a posição ideológica de quem escreve, por exemplo, sinalizam a recorrência ao conhecimento prévio usado na leitura de um texto;

(c) estabelece hipóteses para a leitura, produz inferências, recuperando informações implícitas a partir das sinalizações textuais dadas pelo autor. Reconhece, por conseguinte, que nem tudo está dito no dito, razão pela qual é preciso um trabalho minucioso de “garimpagem” para extrair os sentidos ocultos;

(d) compara e confronta informações do enunciado com outras provenientes de variadas fontes, recorre a outros textos contemporâneos ou de épocas pretéritas a fim de chegar a uma compreensão mais ampla do que se leu. Noutros termos, reconhece o fenômeno da intertextualidade e, mais amplamente, identifica o dialogismo como realidade fundamental da língua. Ainda: capta as vozes sociais presentes no discurso, analisando-as com criticidade e discernimento;

(e) sabe diferenciar informações essenciais das secundárias em um texto, extraindo dele o que é relevante;

(f) reconhece o projeto de dizer presente em um enunciado, em consonância com a finalidade sociocomunicativa do gênero;

(g) identifica recursos que garantem a progressão textual e, mais amplamente, a coerência de um texto, assim como recursos estilístico-composicionais que conferem expressividade a ele;

À vista disso, compete ao professor proporcionar situações em que se aperfeiçoem essas e outras habilidades. Para tal, no nosso entender, o docente poderá contribuir para a formação de leitores se:

- propiciar-lhes o contato com variadas esferas, suportes, gêneros discursivos e textos autênticos, que têm autor, interlocutor, função sociocomunicativa e projeto de discurso;

- elaborar estratégias de leitura/análise específicas para os gêneros discursivos, atentando para questões relativas à estrutura composicional, conteúdo temático, estilo e função sociocomunicativa de cada gênero;

- estabelecer um trabalho sistemático para, tanto quanto possível, concorrer para a ampliação dos conhecimentos linguísticos, enciclopédicos e interacionais dos discentes, preferencialmente direcionado para a leitura/análise dos gêneros discursivos e dos textos a eles pertencentes. Tendo em vista tais saberes, levar os alunos a compreender o texto globalmente, detectando seu tema nuclear, sua finalidade, sua orientação socioideológica, as várias vozes nele presentes, os recursos estético-composicionais usados em sua confecção;

- estimular a leitura crítica e autoral, de modo a levar os discentes a captar intenções implícitas no discurso, interpretar pistas deixadas pelo autor na superfície textual. E, a partir daí, perceber crenças/valores, refrações, para usar um termo bakhtiniano, manifestas, por exemplo, no uso de mecanismos retóricos pinçados para persuadir e convencer;

- explicitar com clareza os objetivos de cada atividade de leitura, detalhando inclusive os ganhos que os discentes terão se o fizerem adequadamente;

- reconhecer e valorizar o saber prévio dos alunos, entendendo-o como fator primacial para o processo de compreensão do texto, considerando-o como ponto de partida para a elaboração de atividades de leitura (SOLÉ, 1998);

- levar em conta a pluralidade de leituras e de sentidos e, a partir dessa premissa, valorizar a leitura que os alunos fazem do texto de acordo com seu conhecimento de mundo, ainda que destoante de razoabilidade interpretativa;

- reservar espaço e tempo para a leitura “descompromissada”, sem qualquer cobrança posterior.

Por certo, essas ações não esgotam as possibilidades de trabalho com a leitura. Entretanto, colocam em evidência a leitura numa perspectiva dialógica e interacional. Tais postulados, se levados a efeito, tendem a subsidiar a prática do professor no que concerne ao desenvolvimento da competência linguística dos educandos, tal como a concebemos nesta tese. Tanto é assim que as diretrizes curriculares nacionais também se coadunam com tais ideias sobre leitura, quando argumentam que

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre linguagem, etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência (BRASIL, 1998, p.69).

Em síntese, nessa concepção de leitura, tem-se, segundo Cavalcanti (2015, p. 13, grifo da autora), “[...] um *leitor ativo*, um sujeito que interage, via texto, com outras vozes, dentre elas a voz de quem produz o texto objeto de leitura.”

5.4 A escrita como atividade interacional e dialógica

Tal qual a leitura, é evidente a onipresença da escrita⁸² em nossas ações cotidianas com a linguagem. De fato, valemo-nos do escrever nas variadas atividades languageiras, materializadas em diferentes gêneros discursivos (BAKHTIN, 2011), cada qual com suas especificidades sociocomunicativas, construcionais, temáticas e estilísticas. Assim, há prática

⁸² Muito embora trabalhemos com a língua escrita nesta tese, reconhecemos serem fundamentais as atividades com a oralidade em sala de aula. Fala e escuta, pois, representam habilidades fulcrais para o pleno desenvolvimento da competência comunicativa dos discentes.

escrita num bilhete deixado pela mãe para o filho, num recado enviado via WhatsApp, num e-mail de trabalho, num relatório, no preenchimento de um formulário, numa lista de compras, etc. Em tempos de comunicação instantânea, é bom frisar, intensifica-se o uso do código escrito, exigindo-se dos cidadãos uma sensível habilidade no que respeita à produção de textos escritos.

Por esse motivo, a produção escrita coloca-se como uma das finalidades centrais do ensino de línguas (DOLZ; GAGNON; DECÂNDIO, 2010), de modo que seu domínio tem sido quase uma pré-condição para (con)viver numa sociedade grafocêntrica como a nossa.

Se a importância da escrita na vida diária dos utentes é indiscutível, o mesmo não se pode dizer da maneira como a produção de textos tem sido abordada no ambiente intraescolar. No tocante a esse saber, a escola, conquanto já se vejam mudanças no horizonte, não raro centra suas preocupações na dicotomia certo/errado, elegendo alguns gêneros (a exemplo da redação dissertativo-argumentativa⁸³) como modelares, desprezando outros ou tratando deles de modo superficial.

Por vezes, como notou Antunes (2003), nega-se o texto em benefício da escrita artificial de frases, inibindo o desenvolvimento da competência linguística dos educandos, os quais tendem a se afastar progressivamente do prazer do texto. Este, o texto, é preciso reconhecer, tem se tornado, não raras vezes, um terreno estranho ao aluno. Não por acaso, em uma reflexão sobre práticas de escrita na educação básica brasileira, Ferrarezi Jr. e Carvalho (2015, p. 15) afirmam que, se olharmos a questão de uma perspectiva geral, “[...] não se ensina a escrever no Brasil.”, porque nos têm faltado método e sistematicidade; porque, raramente, se compreende a escrita como uma competência, cuja destreza pressupõe o domínio de certas habilidades. Por essa razão, argumentam os autores, “As coisas do redigir, ou seja, as habilidades implicadas na competência do escrever têm de ser ensinadas de forma sistemática [...], constante, metódica e progressiva.” (FERRAREZI JR.; CARVALHO, 2015, p. 17).

Nesse sentido, é de notar o exíguo trabalho com a efetiva produção de textos em muitas escolas (LEAL; MELO, 2007), substituída, em boa parte do currículo, pelo ensino de metalinguagem gramatical. E quando se propõe elaborar textos, é práxis a sugestão ou

⁸³ Em nossa atividade pedagógica, observamos que o signo “redação”, imbuído de uma carga semântica pejorativa, enseja uma prática automática, ritualizada no imaginário dos alunos que chegam ao Cefet-RJ (*campus Valença*) para cursar o primeiro ano do ensino médio e técnico. Ao que parece, trata-se de uma atividade que, para eles, se circunscreve a exigências escolares. Quando conversamos com os discentes acerca da produção textual, uma pergunta que nos é invariavelmente feita é esta: “professor, vamos ter de fazer redações?”. Decerto, as experiências que muitos desses alunos tiveram com a produção de textos não lhes atraíram para o mundo da escrita – e nem os convenceram acerca da relevância dessa modalidade de uso da língua.

imposição de temas, cujas habilidades a serem aperfeiçoadas e avaliadas quase sempre recaem na verificação da instrumentação gramatical de que dispõe o aluno. Em outro cenário, almeja-se prepará-lo (melhor dito: adestrá-lo) mecanicamente para as provas de concursos e vestibulares a partir das conhecidas fórmulas rígidas “introdução”, “desenvolvimento” e “conclusão”, bem como por meio de lições cristalizadas como “Não use a primeira pessoa”, “Evite ditados populares”, “Não ultrapasse as trinta linhas”, etc.

Em trabalho pioneiro, Percival Brito (1984, p. 118), ao aludir às práticas de escrita comumente realizadas na escola, assim se expressa:

Normalmente, nos exercícios e provas de redação, a linguagem deixa de cumprir qualquer função real, construindo-se uma situação artificial, na qual o estudante, à revelia de sua vontade, é obrigado a escrever sobre um assunto em que não havia pensado antes, no momento em que não se propôs e, acima de tudo, tendo que demonstrar (esta é a prova) que sabe. E sabe o quê? Escrever. E bem. Além disso, que seja claro que ele esteja sendo julgado, testado e, às vezes, até mesmo competindo.

Analogamente, Kleiman (1999, p. 70) alerta-nos para o que chama de “concepção escolar” da escrita, que a vê como um conjunto de ações que possibilitem o domínio do código. Salienta-se com tal percepção, utilitária por assim dizer, que o utente deve assenhorear-se do código escrito para produzir o que é pedido pela escola. A maneira como esta tem concebido o ensino de produção de textos tende a reforçar a ideia de que escrever consiste numa habilidade que se esgota no interior da sala de aula (o texto para ganhar nota), não sendo útil às demandas da vida. Na vida, muitas são as práticas mediadas pela escrita, como já frisamos: produzem-se bilhetes, e-mails, listas, cartas do leitor, entre outros gêneros. Noutras palavras, importa considerar o “[...] conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social.” (SOARES, 2014, p. 72).

Tendo em conta as palavras de Kleiman, tal qual fizemos com a leitura, pensamos ser útil discorrer neste momento acerca de algumas concepções de escrita que influenciam o professor, sobretudo, em sua prática em sala de aula. Reportando-se ao assunto, Koch e Elias (2009) dividem-nas em três abordagens, a saber: (a) a escrita com foco na língua; (b) a escrita com foco no escritor; e (c) a escrita com foco na interação.

No primeiro caso, postula-se que basta aos falantes o conhecimento das regras do sistema, principal saber necessário para a codificação e decodificação do texto. O sujeito “[...] é (pré)determinado pelo sistema, o texto é visto como simples produto de uma codificação realizada pelo escritor a ser decodificada pelo leitor, bastando a ambos, para tanto, o conhecimento do código utilizado.” (KOCH; ELIAS, 2009, p. 33, grifos das autoras).

Note-se não ser raro depararmos-nos com situações ilustradoras dessa mentalidade no cotidiano escolar. Por vezes, o aluno nos tenta surpreender com um vocábulo raro, com um conector inusual ou com uma construção sintática inusitada. Possivelmente, tem ele em mente que o texto se esgota nas questões linguísticas, as quais são, em verdade, parte do conhecimento necessário à interação verbal. Mais: sói ocorrer, não raro, de o educando qualificar seu texto pelo número de inadequações gramaticais e estruturais, pelo que é conduzido, muita vez, ao entendimento de que “não sabe português”, de que “não sabe escrever”. Em suma, valoriza-se, sobremaneira, o código, não levando em conta a complexa ordem de fatores interacionais que regem o evento sociocomunicativo da escrita.

As palavras de Ferrarezi Jr. e Carvalho (2015, p. 33) são-nos novamente úteis para fazermos a reflexão sobre essa concepção de escrita, ainda muito habitual nas práticas docentes:

[...] é comum ver um tipo de prática escolar no Brasil que se contenta com a correção de ortografia (uso de letras e acentos, mormente), pontuação (geralmente, há uma preocupação quase doentia com o uso da vírgula), concordância (principalmente nominal) e alguns casos de regência, como forma de avaliação de uma redação escolar. O conteúdo da redação em si, ou seja, aquilo que o texto exprime de socioideológico geralmente fica em segundo plano, ou em plano nenhum.

Por sua vez, a escrita centrada no escritor pressupõe um sujeito dono de suas ações e vontades no que se refere às práticas de linguagem. Compete-lhe construir um texto conforme suas ideias e pensamentos, o qual será destinado ao leitor para a decodificação. Por essa perspectivação, “[...] o **texto** é visto como um produto – lógico – do pensamento (como representação mental) do escritor.” (KOCH; ELIAS, 2009, p. 33, grifo das autoras). Aqui a produção de sentidos é teleguiada, por assim dizer. Há, pois, um “ego” que externa uma representação mental, a qual deve ser compreendida pelo interlocutor conforme ele, escritor, a mentalizou. A escrita se circunscreve basicamente à utilização individual da língua sem se levar em conta, novamente, fatores de ordem pragmática e interativa.

Pelo prisma interacional e dialógico, alargam-se essas visões, tendo em vista que a escrita, como uma forma de comunicação que possibilita diversas modalidades de ação social (DOLZ; GAGNON; DECÂNDIO, 2010), pressupõe a mobilização de diversos tipos de saberes e competências⁸⁴ materializados no texto por sujeitos sociais, por sujeitos ativos que

⁸⁴ Para Koch e Elias (2009), são diversos os conhecimentos envolvidos na escritura de textos, a saber: (a) o conhecimento linguístico, o qual abarca os saberes atinentes ao léxico e à gramática da língua; (b) o conhecimento enciclopédico, isto é, a recorrência a saberes que temos armazenados na memória, relativos ao mundo, às nossas vivências, às nossas práticas sociais; (c) conhecimento textual, que implica a ativação de certos

nele se constroem e são construídos. Nesse sentido, os interlocutores passam a ser estrategistas, que, no jogo da interação, negociam os sentidos texto, atribuem-lhe leituras, sempre no plural. Isto é, na construção de sentidos, entram em interação escritor-texto-leitor, sujeitos concebidos como coparticipantes da atividade comunicativa.

Quem escreve o faz tendo em vista seu auditório, as reações que nele espera despertar. Para tanto, na escrita do texto, usam-se estratégias de dizer (CAVALCANTI, 2015) que se consideram mais adequadas àquela situação de comunicação, àqueles interlocutores, àquele momento sócio-histórico específico. Isso equivale a dizer que a escrita é uma prática situada e atende a finalidades específicas, devendo ser trazida para a sala de aula, sempre que possível, ancorada nesse pressuposto. A atividade de escrita sem leitor, sem interlocutor, sem referência só faz o *outro*, tão imprescindível para a construção dos sentidos, desaparecer das aulas de português, conforme adverte Antunes (2003).

Convém transcrever as palavras da autora, com as quais concordamos:

[...] a escrita, pelo fato de não requerer a presença simultânea dos interlocutores em interação, não deixa de ser um exercício da faculdade de linguagem. Como tal, existe para *servir à comunicação entre sujeitos*, os quais, cooperativa e mutuamente, se ajustam e se condicionam. Quem escreve, na verdade, *escreve para alguém*, ou seja, *está em interação com outra pessoa*. Essa outra pessoa é a medida, é o parâmetro das decisões que devemos tomar acerca do que dizer, do quanto dizer e como fazê-lo (ANTUNES, 2003, p. 46, grifos da autora).

Na mesma direção, diz-nos Mikhail Bakhtin (2011, p. 301) acerca da importância do interlocutor na interação verbal:

O papel dos *outros*, para quem se constrói o enunciado, é excepcionalmente grande [...]. A quem se dirige o enunciado? Como o locutor (ou escritor) imagina seu destinatário? Qual força da influência deste para o enunciado? É disso que depende a composição e, sobretudo o estilo do enunciado. Cada um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero.

Considerar a escrita como um procedimento dialógico e interativo é reconhecer sua variedade de usos e suas funções comunicativas socialmente relevantes. Seguramente, a escrita é utilizada em diferentes esferas da comunicação humana, mas esses usos respondem a exigências sociais bem definidas, a que a escola deve lançar luz: redigir um bilhete exige

modelos textuais usados na interação verbal (gêneros discursivos e sequências textuais); e (d) o conhecimento interacional, que representa modelos cognitivos que nos orientam no uso efetivo da linguagem como atividade histórica e socialmente situada. Em (d), estão envolvidos, por exemplo, o balanceamento de informações adequado a cada situação interacional, a escolha acertada de cada variedade linguística de acordo com a situação, a seleção do gênero discursivo pertinente à situação comunicativa.

conhecimentos diversos de redigir um verbete de enciclopédia; o preenchimento de uma ficha de emprego é sensivelmente diverso da escrita de um diário. Assim, “[...] diferentes situações de escrita exigem diferentes capacidades e conhecimentos.” (LEAL; MELO, 2007, p. 15). Trazer a escrita verdadeiramente para as aulas de Língua Portuguesa é dar-lhe, sobretudo, uma função, isto é, possibilitar a realização de atividades sociocomunicativas, em relação com os variados contextos sociais em que os utentes atuam. Portanto, afirmam Dolz, Gagnon e Decândio (2010, p. 18), aprende-se a escrita “[...] em função dos textos a serem produzidos e das situações de comunicação em que são postos em funcionamento”.

Destarte, reconhecer esses aspectos funcionais da escrita implica considerá-la em sua multiplicidade de usos e funções, atentando para os gêneros discursivos que organizam essas práticas. Como vimos insistindo, os textos redigidos por nós na vida diária obedecem a padrões mais ou menos estáveis de realização, como ensinou Bakhtin (2011), o que implica uma atividade escrita multiforme e contextualizada, vinculada à natureza social dos usos linguísticos. Isto é, cada gênero vai exigir uma configuração estrutural, temática e estilística para ser funcionalmente relevante na sociedade.

Por oportuno, lembremo-nos, aqui, do célebre pensamento de Evanildo Bechara, para quem o aluno deve ser poliglota em sua própria língua, ou seja, deve saber fazer uso dela em variadas situações comunicativas. Considerando a lição do estudioso, compete também à escola (mas não só a ela!) promover situações de ensino-aprendizagem que tragam essa conscientização acerca da multiplicidade de usos da escrita. Em outros termos, uma prática escrita funcional e formalmente adequada deveria, a nosso ver, ser uma das preocupações centrais do professor na aula de linguagem.

Outro aspecto aludido por Antunes (2003) diz respeito às condições de produção e recepção da escrita, substancialmente diferentes das da fala⁸⁵. Em linhas gerais, é relevante ter em conta que a fala se desenvolve face a face, havendo alternância de papéis entre falante e ouvinte. Decerto, essa situação de copresença influi, sobretudo, na maneira de construção do discurso: um gesto, uma expressão facial, um olhar podem alterar sobretudo o que se irá dizer em seguida. Além disso, no texto falado há muitas referências implícitas que a situação comunicativa se encarrega de esclarecer, daí se ter, por vezes, a falsa noção de vagueza e incompletude do texto falado.

⁸⁵ Não se trata, aqui, de discorrer com vagar acerca das diferenças entre fala e escrita ou mesmo sobre seu contínuo. Almeja-se tão somente enfatizar que essas diferentes condições de produção têm implicações didáticas fundamentais para a prática do professor no ensino do escrever.

Diversamente, na atividade escrita, escritor e leitor não ocupam o mesmo espaço, não constroem *in loco* o discurso. Estão, portanto, distantes no tempo e no espaço. Isso confere ao escritor a possibilidade de pensar e repensar seu texto. A dialogicidade se firma numa relação, em tese, ideal, na qual o escritor considera a perspectiva do leitor, do seu interlocutor, prevendo suas respostas e reações (KOCH; ELIAS, 2009). Convém notar ainda que o texto escrito não dispõe de elementos situacionais esclarecedores do sentido (gestos, expressões faciais, etc.), pelo que se exige do produtor uma explicitação maior do conteúdo, de sorte a conduzir mais detidamente o leitor à produção dos sentidos.

Tais peculiaridades relativas às condições de produção da fala e da escrita interessam sobremaneira ao docente na aula de produção textual. Ainda é comum presenciarmos situações em que o aluno é conduzido a produzir um texto “do nada”, sem discussões temáticas, sem conhecimento das características dos gêneros, sem esclarecimentos maiores acerca da variedade linguística ou da modalidade da língua que usará. Ainda: situações há nas quais se deve produzir um texto como exercício até o fim da aula, exigindo-se uma capacidade de improvisação e rapidez, incompatíveis com a tarefa de escrever. Se, como asseveram Dolz, Gagnon e Decândio (2010, p. 16), “Nada é tão complexo quanto conseguir o gosto e a motivação para a escrita.”, um fazer docente improvisado, sem método, assistemático, pouco contribuirá para o desenvolvimento da competência escrita dos alunos. Decerto, raramente teremos a redação de um bom texto nessas condições.

Para Fonseca e Fonseca (1977, p. 93), a capacidade linguística é antes uma capacidade comunicativa – e por que não dizer “sociointerativa”? Quer dizer, o saber linguístico se manifesta na habilidade de construir discursos coerentes e adequados às demandas situacionais. Caso assim pensemos, chegaremos à conclusão de que práticas como as anteriormente referidas não têm favorecido o pleno desenvolver da capacidade verbal dos estudantes. Diversamente, não têm permitido aos alunos-escritores enxergarem função nos seus textos, porque as produções, destinadas, em regra, apenas a um interlocutor, acabam frequentemente na mesa do professor para a correção.

Tendo em conta as lições de Antunes (2003), Ferrarezi Jr. e Carvalho (2015) e Fonseca (2017), diremos que a natureza interativa da escrita pressupõe a articulação de ao menos cinco procedimentos interdependentes e complementares, os quais acompanham o escritor em seu projeto de dizer: **motivação, pesquisa, planejamento, execução e**

revisão/reescritura⁸⁶. O mestre, cômico da complexidade envolvida na produção de textos escritos, deve-se guiar por tais premissas. Falemos brevemente de cada uma delas.

Primeiro, há de se encontrar alguma motivação para a escrita. O esforço empreendido no escrever faz sentido se enxergarmos nele um propósito e termos, a partir daí, certa predisposição em redigir o texto, mesmo que tal implique o aperfeiçoamento da própria prática realizado na forma de exercícios pontuais. Ações como incomodar-se frente a algum fato ou aspecto da realidade, por exemplo, podem estimular o educando a envolver-se em alguma questão controversa, impulsionando-o à escritura de um texto (FONSECA, 2017). De acordo com este autor, em se tratando de textos de natureza argumentativa, trabalhar com temas da agenda social que estejam mais próximos aos alunos pode ser uma boa estratégia motivacional para a laboração com a escrita, na medida em que se estimula o debate, o confronto de posicionamentos sobre assuntos de interesse dos discentes, o que é essencial para o aperfeiçoamento da capacidade de convencer e persuadir.

Depois da tentativa de motivação, ainda antes de planejar o texto, cumpre ter em vista que o escritor proficiente busca se munir de informações acerca do tema e do gênero que irá escrever. Haverá, portanto, uma preparação que antecede inclusive o planejamento da escrita, para a qual a leitura e a análise de textos serão primordiais (FERRAREZI JR.; CARVALHO, 2015). Para tanto, em classe, é preciso ensinar a ler o gênero, de modo a entender sua funcionalidade comunicativa dentro da esfera de que faz parte, sua estrutura, sua temática e seu estilo, mesmo que de forma não tão aprofundada neste momento.

Finda a parte de pesquisa, vem a de planejamento do texto. Um produtor de textos competente sabe planejar como seu texto será escrito. Escolhe adequadamente o gênero e conhece suas funções sociocomunicativas. Ademais, elege a variedade linguística adequada, pensa nos recursos estilístico-composicionais pertinentes, de modo a considerar forma e função nos usos da língua. Com base nisso, traça objetivos, rascunha, projeta, imagina, etc. Pensa inclusive nas muitas reações que o seu texto poderá despertar em diversos leitores com quem interagirá. Sabe ele que o sucesso de sua empreitada passa por uma boa arquitetura do texto. Por conseguinte, é ele um “autor-estrategista”, nos termos de Fonseca (2017, p. 30).

Na próxima etapa, o aluno-escritor passa ao registro do que foi planejado. É o momento da execução do projeto, para o qual terá de fazer as escolhas morfológicas, lexicais sintático-semânticas e discursivas, de acordo com condições concretas da situação

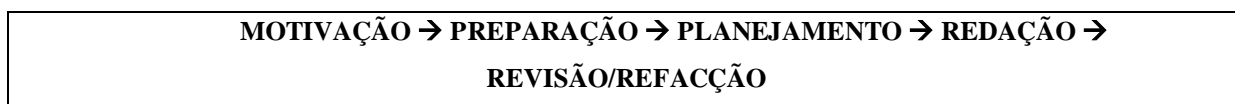
⁸⁶ Fonseca (2017) defende a tese de que há seis ações típicas de um escritor proficiente, a saber: (a) motivar-se para a escrita; (b) pesquisar; (c) estudar modelos; (d) planejar; (e) textualizar; e (f) revisar. Abordaremos com mais vagar o assunto no próximo capítulo, quando proporemos sequências didáticas para que o aluno possa se apropriar do gênero nota jornalística.

comunicativa. Isso implica ter em conta, entre outros tópicos, o gênero, os interlocutores, a variedade linguística pertinente, as intenções comunicativas, a coerência e coesão do texto.

Por fim, a última etapa, mas não menos importante: a revisão do texto e sua reescrita, habilidades fundamentais que integram a competência comunicativa dos utentes. Trata-se de uma análise – solitária, por vezes, todavia imprescindível –, a qual determinará a tomada de decisões acerca do produto final. Nesse momento, considera-se, a título de exemplo, se há adequação à temática, coerência de ideias e articulação adequada entre orações e períodos. Verifica-se também se o texto apresenta-se formal e funcionalmente adequado à situação e ao interlocutor, o que, seguramente, aumenta as chances de êxito do escritor na interação.

Esquemática e provisoriamente, assim podemos entender as etapas de produção textual:

Figura 03. Etapas de produção textual



Fonte: O autor, 2018.

Tomadas em conjunto, essas ações têm sido pouco exploradas em sala de aula. Basta lembrarmos, para ilustrar, que as tarefas de revisar e corrigir ficam basicamente com o professor ou que, muita vez, as atividades de redação não contemplam preparação e planejamento adequados. Como ressaltou Antunes (2003, p. 59), na escola, uma prática de produção de textos em que sobra improvisação e falta reflexão “[...] leva os alunos a produzir textos de qualquer maneira, sem um planejamento prévio e, ainda, sem uma diligente revisão em busca da *melhor forma de dizer aquilo que se pretendia comunicar.*” [grifo da autora].

Nessa esteira, os PCN (BRASIL, 1998, p. 76), alertando para a complexidade inerente à produção de textos escritos, reforçam que

Pensar em atividades para ensinar a escrever é, inicialmente, identificar os múltiplos aspectos envolvidos na produção de textos, para propor atividades sequenciadas, que reduzam parte da complexidade da tarefa no que se refere tanto ao processo de redação quanto ao de refacção.

Há, pois, de se contemplar todas essas etapas, de modo a conduzir o aluno com segurança na arte-tarefa de escrever textos multiformes, afinados com as situações comunicativas de que emergem. Agindo assim, podemos ensejar condições mais razoáveis que concorrerão, no mínimo, para a feitura de textos mais bem construídos e adequados às

demandas interativas. A escrita, a nosso ver, não pode ser vista como um “dom”, como um talento pretensamente quase inato. Pelo contrário, é uma habilidade que deve ser ensinada, aprendida e aprimorada em sala de aula.

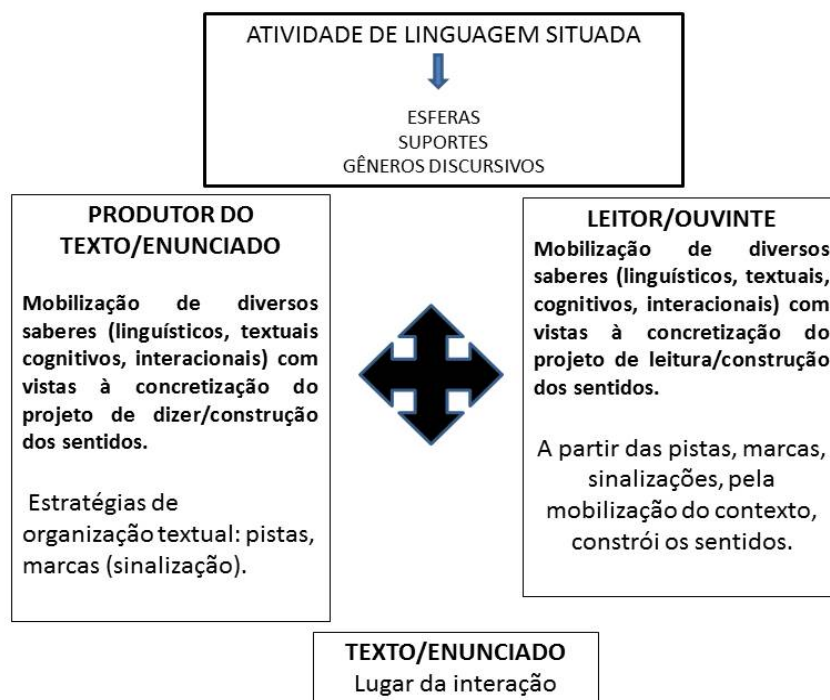
Vale lembrar as palavras de Silva e Melo (2007, p. 36-37):

Produzir textos escritos é um ato complexo, pois envolve o desenvolvimento da capacidade de coordenar e integrar operações de vários níveis e conhecimentos diversos: linguísticos, cognitivos e sociais. O escritor se depara com a necessidade de *gerar e selecionar ideias e conteúdos*, de *organizar linguisticamente tais ideias e conteúdos* – o que envolve escolhas linguísticas apropriadas (textualização) – e de *registrar o texto*, de modo que ele atenda à finalidade e ao interlocutor visados [grifos dos autores].

Em síntese, o que se está propondo é que as atividades de escrita tomem corpo em situações concretas de interação verbal. Para tal, importa ao aluno-escritor não apenas saber *o que escrever*, mas também *para quem* está escrevendo e *para que* o faz. As respostas que daí advirão muito provavelmente contribuirão para a maturação desse aluno-escritor, porquanto demonstrará a ele que as atividades escritas satisfazem as demandas da vida prática. Dir-se-á que, assim, a atividade de produção de textos ganha finalidade, leitores concretos, autoria, método e contexto, passando de um exercício escolar a uma preparação para a vida.

Do exposto nestas duas seções, conclui-se que leitura e escrita são atividades situadas em que os sujeitos da interação constroem solidariamente os sentidos. O esquema a seguir nos é útil para melhor compreendermos a interatividade entre os sujeitos da interlocução. Nele está a síntese do funcionamento interacional e dialógico das atividades de ler e produzir textos, consoante vimos descrevendo até aqui. Note-se que as setas põem em relevo que os participantes da atividade languageira estão em contínua interação no processo de produção/recepção de sentidos. Vejamos:

Figura 04 - Perspectiva dialógica e interacional das atividades de leitura e de escrita



Fonte: O autor, 2018.

6 UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O GÊNERO NOTA JORNALÍSTICA

Neste capítulo, almejamos dar corpo a uma proposta didática exequível para o gênero nota jornalística, que se aplicou a discentes do ensino médio técnico do Cefet-RJ (*campus Valença*). À luz das propostas pedagógicas de Costa-Hübes e Simioni (2014), Dolz, Noverràz e Schneuwly (2004) e de Lopes-Rossi (2011), buscou-se propor uma sequência didática que foi aplicada a alunos participantes do projeto de extensão *Cefet em Folha*, que deu origem ao jornal discente *Deu na Telha*. Para a execução da sequência, formularam-se módulos e procedimentos que proporcionaram uma melhor compreensão do gênero em exame.

Uma sequência didática⁸⁷ consiste num conjunto de atividades escolares organizadas sistematicamente, em torno de um gênero oral ou escrito (DOLZ; NOVERRÀZ; SCHNEUWLY, 2004). As sequências mostraram-se muito apropriadas para o procedimento que ora descrevemos, em razão de proporem uma maneira precisa e sistemática de se trabalhar com gêneros em sala de aula. Por meio da aplicação das sequências, pode-se, assim, fornecer instrumentos para que o aluno domine melhor um dado gênero, apropriando-se de saberes que o levarão a escrever ou falar mais adequadamente numa determinada situação comunicativa.

Os autores asseveram que há dois critérios a serem considerados na escolha do gênero: primeiro, deve optar-se por aqueles gêneros que os alunos não dominam ou o fazem de maneira insuficiente. Segundo, devem-se priorizar os que, por motivos vários, são inacessíveis para eles. Tendo isso em conta, a aplicabilidade das sequências pode possibilitar o acesso a novas práticas de linguagem ou àquelas cujo domínio se revele complexo.

Passemos, agora, às etapas da sequência.

⁸⁷ Lopes-Rossi (2011, p. 70) também fala de “projetos pedagógicos” que, tal qual os pesquisadores de Genebra, preveem ações em sequências e módulos, para que se domine um dado gênero. Esses procedimentos culminarão numa produção final que dá um sentido às produções discentes, a exemplo da elaboração de um jornal ou de uma revista, da elaboração de paródias para um concurso da escola, etc. Entendemos que as duas propostas se encaminham de modo análogo para um mesmo fim, motivo pelo qual as articulamos em nossa proposição.

6.1 Apresentação da situação e produção inicial

A apresentação da situação representa um momento precioso de exploração de uma efetiva situação interacional que gestará um produto a ser lapidado *a posteriori* por meio de módulos. Por meio dela, almeja-se preparar o aluno para a produção inicial de um texto oral ou escrito. Fornecem-se bases, posto que preliminares, que orientam a leitura e a produção do gênero em estudo.

Nessa fase dos trabalhos, apresentamos clara e detalhadamente a tarefa que os alunos iriam realizar. Para Dolz, Noverráz e Schneuwly (2004), é de fundamental relevância a apresentação de um problema comunicativo bem definido, a fim de que os discentes tenham uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a executar. Além disso, preparamos os conteúdos dos textos que seriam produzidos, de sorte a fornecer subsídios para uma produção consciente e, tanto quanto possível para essa redação inicial, eficaz.

Esclarecemos também que a sequência seria realizada tendo em conta um projeto de classe (DOLZ; NOVERRÀZ; SCHNEUWLY, 2004), cujo produto seria uma coluna de notas a ser divulgada no jornal discente da instituição. Adaptamos o projeto de classe às atividades de extensão que executamos no Cefet-RJ (*campus* Valença).

Isto posto, pensamos em aproximar os alunos da situação acadêmica em que estão inseridos no Cefet-RJ (*campus* Valença), pois intuímos que os discentes estariam mais engajados na realização da atividade. Para tal, articulamos a produção inicial do texto com a Semana de Pesquisa e Extensão que ocorreu em 2017 na instituição. A Semana é um evento de sucesso na região, trazendo a comunidade valenciana para dentro da escola. Trata-se de um momento em que há uma integração bastante positiva entre pesquisa, ensino e extensão. No evento, os alunos são estimulados a adotar o protagonismo das ações: apresentam-se experimentos científicos, teatros, saraus, palestras, além de outras atividades que os chamam a assumir a voz nesse contexto cultural.

A proposta delineou-se da seguinte maneira: em uma de nossas reuniões⁸⁸, propusemos a escritura de cinco notas que comporiam uma coluna a ser publicada no jornal discente *Deu na Telha*, fruto do projeto de extensão que coordenamos na instituição. A ideia central era fazer a divulgação do evento por meio da coluna. Dessa maneira, congregam-se iam

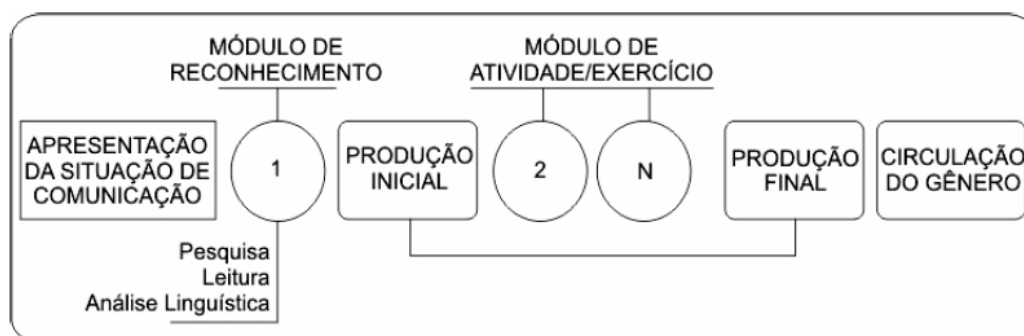
⁸⁸ No projeto de extensão, costumávamos fazer reuniões semanais ou quinzenais para a discussão de aspectos ligados ao jornal discente *Deu na Telha*.

aspectos informativos do gênero com a argumentatividade intrínseca das notas, de sorte a explorar seu potencial de convencimento e de persuasão. Dessa maneira, ao mesmo tempo em que se divulgaria o evento, buscar-se-ia trazer o público-alvo para ele.

Dividimos, então, os integrantes do projeto em dois grupos em função da disponibilidade dos alunos. Cada um dos grupos ficou responsável pela elaboração de quatro notas. Depois, acordou-se que a coluna seria formada pelos melhores textos de cada grupo, considerando-se a função sociocomunicativa do gênero, o conteúdo temático, a estrutura composicional e o estilo das composições. Nesse percurso, cuidamos para que os alunos obtivessem todas as informações para a realização do texto. Isso requereu esclarecimentos preliminares sobre o gênero e suas condições de produção.

Releva dizer que, em nossos primeiros contatos, os participantes do projeto, mediante o preenchimento de um formulário de pesquisa (ver anexo D), relataram ter pouco ou nenhum contato com o gênero, o que nos levou a adotar medidas que propiciassem uma aproximação deles com as notas, medida que se revelou essencial para atender a tarefa de produção inicial. A princípio, propusemos um “módulo introdutório⁸⁹”, que constou de duas reuniões para conversarmos com os estudantes sobre aspectos gerais do domínio jornalístico, do suporte e, mais restritamente, sobre as notas, sua função sociocomunicativa, seus recursos estilístico-composicionais, assim como sua relevância discursiva aos suportes de que faziam parte. Essa adaptação da sequência foi feita com base em Costa-Hübes e Simioni (2014, p. 26), as quais repensam a sequência didática dos pesquisadores de Genebra, tal qual exposto abaixo:

Figura 05. Sequência didática reformulada.



Fonte: COSTA-HÜBES; SIMIONI (2014, p. 26).

⁸⁹ O que chamamos aqui de “módulo introdutório” consubstancia também, de forma mais simplificada por se tratar de uma produção inicial, o primeiro módulo da proposta de Lopes-Rossi (2011). A estudiosa propõe os seguintes módulos para a produção escrita de gêneros discursivos: (a) leitura para a apropriação das características típicas do gênero discursivo; (b) produção escrita do gênero de acordo com suas condições de produção; e (c) divulgação ao público, de acordo com a forma típica de circulação do gênero.

Note que foi acrescido um módulo de reconhecimento por meio do qual se instrumentaliza o discente para a execução da primeira produção do gênero. Antes da primeira produção, portanto, foram realizadas pesquisas e leituras de variadas colunas, seguidas de comentários gerais sobre aspectos linguístico-discursivos de que os colunistas lançam mão para compor seus textos.

Nossas primeiras interlocuções desvelaram alguns dados imprescindíveis para a elaboração de estratégias para uma significativa abordagem pedagógica do gênero na perspectiva das sequências didáticas. A maioria dos discentes revelou não ter o hábito de ler jornais impressos. Como fontes de informação, preferiam recorrer a jornais e revistas *on line*, blogues, *sites*, redes sociais e vídeos do *Youtube*, em razão da facilidade de acesso e da praticidade. Relataram, ademais, que, em suas aulas de Língua Portuguesa, havia uma preocupação com os gêneros jornalísticos, porém as exposições se restringiam a gêneros mais frequentemente trazidos pelos livros didáticos, a saber: a notícia, a reportagem, o artigo de opinião, o editorial, a charge e os quadrinhos.

Nesse processo de “descoberta”, propuseram-se algumas perguntas acerca das notas jornalísticas que corroboraram o pouco contato dos alunos com as notas. Com efeito, poucas foram as manifestações de (re)conhecimento do gênero. Mesmo os que interagiram respondendo a alguns questionamentos constantes do formulário, o fizeram de modo impreciso. Sobre o conceito de nota jornalística, por exemplo, ouvimos respostas inadequadas ou genéricas como: “um resumo sobre um tema específico” ou “o relato de fatos ocorridos num evento” ou “a manifestação da opinião de alguém por meio de um texto”.

Considerando esse quadro, decidimos apresentar aos alunos variadas formas que as colunas assumem a depender do suporte. Nos dizeres de Lopes-Rossi (2011, p. 76), nessa etapa, pudemos dar-lhes, mesmo que de forma simplificada, “[...] a oportunidade de desenvolver sua competência comunicativa pela apropriação das características típicas do gênero.” Esse contato inicial dos discentes com o gênero nos serviu para reflexões posteriores, além de implicar decisões acerca da temática, estrutura composicional e estilo das colunas que produziriam para o jornal.

Dessa forma, levamos cinco fontes de informação aos estudantes para que eles entrassem em contato direto com o gênero. Tivemos o cuidado para não destacar os textos do suporte que os veiculava. Escolhemos, assim, levar aos alunos os jornais e as revistas impressos que publicaram as colunas, com o fito de que os alunos tivessem a percepção também dos aspectos discursivos que envolvem, além do gênero, o suporte e a esfera de

comunicação a que pertence cada coluna. Para que os educandos tivessem uma leitura mais global das notas, optamos por trazer-lhes textos com variados estilos, temáticas e estruturas composicionais.

Os materiais são assim descritos sucintamente⁹⁰:

Coluna *Gente* – Seção da revista *Veja* destinada a informações sobre a vida das celebridades de várias áreas (arte, cinema, televisão, esporte, política, etc.). Escrita em linguagem culta, acessível. Por vezes, apresenta traços de informalidade. Os textos verbais são sempre acompanhados de imagens. A coluna ocupa duas páginas da revista e é publicada num espaço destinado ao entretenimento.

Coluna de Anselmo Gois – Seção do jornal *O Globo* que veicula pequenas notas sobre variados temas: política, mercado imobiliário, esporte, arte, literatura, etc. Escrita em linguagem culta, concisa, acessível, despojada e irônica. Faz-se, comumente, o uso da informalidade com vistas a estabelecer uma aproximação com o leitor. Só se usam imagens para alguns textos. É publicada no Primeiro Caderno num espaço destinado a informações mais restritas ao Rio de Janeiro. Ocupa pouco mais de meia página do jornal.

Coluna *Babado* – Seção do jornal *Meia Hora de Notícias* que se limita, tal como *Gente*, a dar notas sobre a vida dos famosos. Vale-se de uma linguagem mais informal que a coluna de *Veja*, inserindo com frequência gírias, chavões, etc., com o fito de aproximar-se do leitor. Os textos verbais são sempre acompanhados de imagens. Ocupa uma página do jornal. A publicação se dá na seção de entretenimento.

Coluna *Extra, Extra!* – Espaço do jornal *Extra* que se destina a dar notas sobre variados assuntos, mas com especial enfoque à política do Rio de Janeiro. A linguagem atende a norma padrão, mas se recorre a recursos mais informais, a exemplo da seleção lexical. O uso de imagens é restrito. A publicação, que preenche meia página do jornal, ocorre num espaço do jornal *Extra* (relativamente parecido com o Primeiro Caderno de *O Globo*) em que se abordam os conteúdos relativos à política, economia, segurança pública, etc.

Coluna *Radar* – Seção da revista *Veja* cujo objetivo consiste em divulgar informações predominantemente políticas por meio de notas. Usa-se a variedade padrão, no entanto o estilo comporta também uso da linguagem figurada e de expressões populares. As imagens, poucas, parecem reportar-se às notas mais relevantes. Ocupa duas páginas da revista, mas as divide com anúncios publicitários.

⁹⁰ A proposta aqui é dar ao leitor a noção da variabilidade de fontes e de “formatos” de colunas que foram apresentados aos integrantes do projeto.

Nesse sentido, buscamos levantar informações acerca dos conhecimentos prévios dos alunos, além de dotá-los de informações temáticas, estruturais e estilísticas inerentes ao gênero no intuito de conduzi-los à aquisição das competências necessárias a uma primeira produção de uma coluna de notas. Como se tratou de uma produção simplificada, trouxemos a eles apenas o essencial para os primeiros textos. Com inspiração em Lopes-Rossi (2011), o roteiro que segue orientou as discussões primeiras acerca do gênero:

1. Qual a importância de jornais e revistas para a sociedade de que fazemos parte?
2. Por que recorremos a essas fontes de informação?
3. Que relevância as notas têm para o veículo informativo de que fazem parte?
4. Em que suporte costumam aparecer as notas jornalísticas? Que limites pode ter o redator em função desse dado?
5. Quem escreve (em geral) esse gênero discursivo?
6. Com que propósito se escreve o gênero?
7. Qual a periodicidade de publicação (diária, semanal, etc.)?
8. Com base em que informações?
9. Como o redator as obtém?
10. Quais materiais utiliza para obtê-las?
11. Que linguagem utiliza na redação?
12. Quais temas seriam interessantes para nossas notas?
13. Quem lê as colunas de notas?
14. Por que o faz?
15. Que tipo de resposta pode dar ao texto?
16. Que influência pode sofrer devido a essa leitura?
17. Em que condições esse gênero pode ser produzido e pode circular em nossa sociedade?

Uma vez lidas as colunas, realizamos as discussões tendo como base o roteiro apresentado. Nesse procedimento, buscamos conduzir os alunos a uma percepção a respeito de qual coluna mais se aproximaria dum modelo apropriado a uma produção de material afim com a instituição a que o jornal *Deu na Telha* pertence. Nesse sentido, propusemos reflexões que nos orientaram para as condições de produção do gênero, entre as quais: o propósito comunicativo do texto, o tipo de leitor visado, o registro a se adotar, as temáticas a privilegiar, etc. Algumas conclusões preliminares podem ser assim resumidas:

a) Considerando as especificidades do jornal *Deu na Telha*, bem como da instituição a que está vinculado, as colunas *Gente* e *Babado* foram de pronto rechaçadas pelos discentes,

em razão de destoarem da proposta do jornal. Revelaram ter uma preocupação com o tipo de informação que seria veiculada pela coluna, bem como com a imagem do produtor do texto (*ethos*), pois não gostariam de ver a coluna envolvida com a divulgação de fofocas ou com informações sobre a vida pessoal de ninguém relacionado ao *campus*. Nessas reflexões, surgiram nomes como o de Leão Lobo⁹¹, por exemplo, aos quais os discentes não queriam ter seus nomes relacionados. Por mais que tenhamos esclarecido que as suas identidades não seriam divulgadas, refutaram dizendo que a coluna também tinha um “nome” a zelar e que, portanto, essas fontes não poderiam nos servir de modelo.

b) Curiosamente, como leitores e telespectadores, parte dos alunos revelou gostar desse tipo de informação publicado pelas colunas *Gente* e *Babado*. No entanto, salientou-se que a falta de variabilidade temática, assim como a preferência por assuntos de pouca relevância cultural apresentam-se como limitadores dessas colunas. Cumpre dizer que os discentes reconheceram se tratar de um tipo de publicação específica que se destina a um público também específico.

c) Os participantes do projeto destacaram a diagramação dessas colunas (imagens, tamanho das letras, etc.) e a linguagem acessível como pontos positivos. Informaram também que as tentativas de estabelecimento de contato com leitor podem atraí-lo para a leitura.

d) Relativamente às colunas *Extra*, *Extra!* e *Radar*, as quais enfocam, sobremaneira, temas políticos, os discentes revelaram certo desinteresse por esse tipo de temática. Não obstante, reconheceram ser um tema de alta importância na agenda social. Aliás, alguns deles fizeram um mea-culpa, reconhecendo que deveriam ler mais sobre o tema. Ressalte-se que um dos elementos destacados pelos estudantes foi o alto grau de informatividade presente nas colunas. Perceberam que a leitura dos textos demanda certo conhecimento prévio do leitor, sem o qual certas notas ficam quase incompreensíveis em função das informações implícitas. Por outro lado, a restrição temática (foco em questões políticas) foi um dos aspectos criticados pelos discentes.

e) Os estudantes ressaltaram a linguagem acessível dos textos, a sintetização das informações, as provocações e ironias contidas nos títulos como fatores positivos dessas colunas.

f) Após a análise de aspectos estruturais, temáticos e estilísticos, pode-se dizer que a coluna de Ancelmo Gois foi, de longe, a leitura mais apreciada por eles. Os motivos foram vários: (a) cuidado com a formatação da coluna (diagramação, tamanho das letras, formatação

⁹¹ Jornalista, apresentador de televisão e escritor brasileiro. É conhecido, notadamente, por trabalhar em programas de fofocas sobre celebridades.

dos textos, cuidadosa seleção de imagens); (b) linguagem irônica, com traços de coloquialidade, sendo, portanto, mais atrativa para o leitor; (c) objetividade e concisão no tratamento dos temas; (d) variabilidade temática; (e) maior grau de informatividade; e (f) presença do humor. Apontaram a coluna como a leitura de maior relevância para eles como leitores.

g) Considerando o conjunto de textos, os discentes reconheceram com relativa facilidade o projeto de dizer neles contidos, inclusive a inclinação mais persuasiva de uns em comparação com outros. Porque já dispunham de certo saber sobre as notas jornalísticas, alguns deles apontaram haver textos, como os da coluna *Gente*, que privilegiavam a informação e outros, como os da coluna de Ancelmo Gois, que tratavam de modo mais equilibrado as informações e as opiniões.

h) Com relação à obtenção de material para a coluna, destaque-se que o “frescor” das informações e a importância das fontes eram traços das notas desconhecidos pelos discentes. Boa parte deles citou que as notas eram escritas com base em dados da internet. Foi uma ótima oportunidade para lhes proporcionar esclarecimentos sobre a relevância das fontes e sobre o valor do ineditismo das informações contidas nas notas. Aproveitamos o momento para discorrermos também acerca da figura do colunista, seu trabalho contínuo e incansável concernente à obtenção de informações. Já que manifestaram gosto pela coluna de Gois, falamos, sucintamente, acerca de sua coluna no jornal *O Globo*, sua rotina de trabalho, que, às vezes, pode chegar a dez horas por dia.

Após esse contato com o gênero, acordou-se que se inspirariam na coluna de Gois para produção das primeiras notas. Seguir-se-iam a função sociocomunicativa, a estrutura composicional, bem como o estilo característico da coluna. Mas, antes da produção, insistimos nestes pontos, a fim de que os textos se harmonizassem com as propostas do jornal *Deu na Telha*:

A quem se dirigirá o texto?

Qual o propósito comunicativo?

Que estilo adotar?

Quais as responsabilidades o produtor deve ter na esfera jornalística?

Que temáticas devem ser privilegiadas?

Em que suporte publicaremos? Que espaço teremos nesse suporte?

Que tom adotaremos na produção do texto (formal, informal, engraçado, irônico, etc.)?

De que materiais precisaremos para coletar informações (bloco de notas, caneta, gravador de áudio, celular)?

A quem recorreremos para obter tais informações?

Nossa produção inicial teve como resultado a coluna que consta do anexo 01.

No processo de feitura do texto, pudemos propor certas reflexões acerca de procedimentos de alta relevância para a produção de textos jornalísticos, em especial, no tocante às notas. Antes da redação, foi necessário pesquisar sobre a SEPEX, o que implicou ler materiais impressos e virtuais sobre o evento. Nesse percurso, levantaram-se dados, tomaram-se notas e fez-se uma entrevista com o coordenador da SEPEX. De posse do material, houve o planejamento do texto. Fez-se, inicialmente, a seleção e organização dos dados, escolhendo os que melhor comporiam a coluna. Na redação dos textos propriamente dita, os alunos puderam exercitar a capacidade de síntese, característica peculiar às notas. Considerando o projeto de dizer, tiveram de pensar em formas adequadas, mais expressivas de verbalizar o conteúdo, conforme o interlocutor visado. Por fim, houve o exercício da capacidade de argumentação, pois as notas foram escritas, com vistas à persuasão do público em potencial da SEPEX.

Por meio dessas atividades, corroboramos a afirmação de Dolz, Noverráz e Schneuwly (2004) de que essa etapa diagnóstica não leva o aluno ao insucesso com respeito à tarefa de produção textual. Consideramos, portanto, que a produção inicial demonstra que o problema comunicativo apresentado aos discentes foi, para uma primeira produção, suficientemente resolvido. Pudemos perceber, a julgar por essa experiência, que caminhos tomar para melhor formular estratégias facilitadoras da aprendizagem do gênero discursivo em tela. Em vista disso, formularam-se módulos para que trabalhássemos o gênero de forma sistemática e aprofundada. Nas linhas que seguem, apresentamo-los.

6.2 Módulos

Dolz, Noverráz e Schneuwly (2004) elucidam que os módulos são constituídos por atividades ou exercícios, realizados com sistematicidade e profundidade. Sua função precípua é proporcionar aos alunos instrumentos para o domínio satisfatório do gênero em estudo. Devem levar em consideração as dificuldades apresentadas pelos alunos na primeira

produção, como também a experiência do professor na condução das atividades. No fundo, é o mestre, com sua habilidade de observação e percepção, que organizará os módulos, conforme as demandas dos educandos.

Para os pesquisadores de Genebra, há, de certa maneira, a decomposição das atividades de produção com a finalidade de abordar separadamente os diversos elementos constituintes. Tal método permite ao aluno concentrar-se nessa ou naquela habilidade que menos domina para, depois, praticá-la no todo do texto com mais eficiência.

Tendo em vista a conceituação acima exposta, foram elaborados três módulos que foram aplicados aos discentes. Esse conjunto de atividades, a nosso ver, pôde prepará-los para a leitura e redação eficientes das notas. Nos módulos, estão previstos (a) a leitura e análise do suporte e do domínio a que pertencem as notas; (b) a exploração de saberes relativos ao conteúdo temático, estrutura composicional, estilo e funções sociocomunicativas do gênero; (c) o trabalho com habilidades de leitura/análise das notas; e (d) a aplicação de atividades de produção textual, com centralidade em recursos argumentativos regularmente usados na confecção das notas jornalísticas.

6.2.1 Módulo I – A leitura de jornais e revistas: conhecendo a esfera jornalística

Neste módulo, intentamos trazer aos alunos informações acerca da esfera jornalística, de onde emergem e onde circulam os textos que eles escrevem frequentemente no jornal. Propiciou-se, então, o contato direto com distintas fontes jornalísticas impressas, a fim de que lhes fornecêssemos saberes importantes para sua prática como “jornalista” no periódico discente.

O presente módulo foi organizado conforme a tabela abaixo:

Tabela 01 - Organização do módulo I.

Módulo I – A leitura de jornais e revistas: conhecendo a esfera jornalística	
Divisão de conteúdos e tempo de duração: duas oficinas perfazendo um total de 04 horas	
Objetivos do módulo	<ul style="list-style-type: none"> - Possibilitar aos discentes a compreensão da esfera jornalística em suas especificidades relativas, notadamente, à opinião e à informação, conduzindo-os a uma reflexão sobre o papel de revistas/jornais em circulação na sociedade; - Trazer à discussão conceitos/saberes essenciais para a prática jornalística como <i>ética, responsabilidade, liberdade de expressão, liberdade de informação, honestidade de informação, fake news, fato e versão.</i>

	<p>– Estimular a leitura crítica de fontes jornalísticas por meio (a) da análise de capas de jornais e de revistas; (b) da leitura de gêneros informativos e opinativos contidos nos cadernos; e (c) do reconhecimento de aspectos de diagramação usados na composição do jornal (tamanho de letras, cores, símbolos, etc.), essenciais para a construção dos sentidos dos textos.</p> <p>– Propiciar a redescoberta de jornais e revistas impressas como meios importantes de informação, servindo, inclusive, para a ampliação do conhecimento de mundo, imprescindível para a redação das notas.</p>
Recursos didáticos de base	<p>– Exemplares de fontes jornalísticas impressas: <i>O Globo</i>, <i>Extra</i>, <i>Meia Hora de Notícias</i>, <i>Expresso da Informação</i>, <i>Jornal Local</i>⁹², <i>O Dia</i>, <i>Veja</i> e <i>Carta Capital</i>.</p> <p>– Verbetes extraídos do dicionário Houaiss (2009), da Enciclopédia Intercom de Comunicação (2010) e do Dicionário de Comunicação de Rabaça e Barbosa (1995). Foram priorizados conceitos bem básicos que nos seriam úteis para a reflexão sobre a esfera jornalística, entre os quais: <i>jornal</i>, <i>revista</i>, <i>jornalismo</i>, <i>jornalista</i>, <i>jornalismo digital</i>, <i>jornalismo informativo</i>, <i>jornalismo opinativo</i>, <i>liberdade de expressão</i>, <i>liberdade de informação</i>, etc.</p> <p>– Artigos do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, disponível em: http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/. Acesso em 08/11/2017.</p> <p>– Texto <i>Fato ou versão</i>, disponível em: http://stoa.usp.br/xikoacis/files/2542/14011/018_FatoouVersao.pdf. Acesso em 08/11/2017.</p> <p>– Canetas de quadro, <i>slides</i>, canetas, lápis e borracha.</p>
Ações	<p>(a) Leitura e análise da primeira página dos jornais (doravante PP) e das capas de revistas; (b) leitura e análise de alguns cadernos componentes dos jornais e das seções que compõem as revistas; (c) leitura, análise e detecção do viés ideológico presente em cada periódico; e (d) debate sobre o papel do jornalista na sociedade moderna, sobre ética jornalística e <i>fake news</i>.</p>

Fonte: O autor, 2018.

De acordo com a tabela, nós desenvolvemos o módulo por meio de duas oficinas. Como as agendas dos alunos não coincidiam, foi necessário oferecê-las em dois momentos distintos, consoante a disponibilidade de cada um. As oficinas, com duração de duas horas, contemplaram os quatro momentos acima expostos. Tais etapas foram desenvolvidas por meio da apresentação do material aos alunos, leitura colaborativa dos periódicos, seguida de

⁹² Jornal veiculado em Valença-RJ. A ideia de trazer um jornal da cidade em que residem os alunos foi demonstrar-lhes que a prática jornalística não é algo distante. Pelo contrário, vincula-se à vida deles, à vida de amigos, familiares, conhecidos.

debates e proposição de atividades de fixação. Parte dos exercícios foi realizada concomitantemente à análise e leitura das fontes; os demais foram feitos em casa. Em razão do tempo diminuto, optou-se pelo trabalho com cinco fontes: três jornais (*O Globo*, *Extra* e *Meia Hora de Notícias*) e duas revistas (*Veja* e *Carta Capital*).

Importa considerar que os discentes já conheciam razoavelmente os periódicos. Primeiro, porque os professores trabalhamos com gêneros jornalísticos no primeiro ano do ensino médio na instituição. E é comum levarmos para sala de aula algumas dessas fontes. Segundo, pois, na motivação inicial, havíamos levado justamente alguns desses suportes, para que os educandos tomassem contato com o gênero nota jornalística antes das suas primeiras produções. Portanto, em certo sentido, consideramos esse módulo como um aprofundamento dos saberes que nossos alunos já detinham sobre a esfera jornalística.

Na primeira oficina, optou-se, num primeiro momento, por distribuir as fontes aos discentes, os quais, de maneira livre e intuitiva, foram instruídos a folheá-las e a manuseá-las, buscando os textos que lhe interessassem. Para Faria (1996), essa é uma etapa importante, pois proporciona o contato dos alunos com jornais e revistas, despertando sua curiosidade por esses impressos. Uma peculiaridade relativa aos alunos do projeto é que eles, conforme já dissemos, não tinham o hábito de ler jornais e revistas impressos. Afora o contato com os periódicos em sala de aula, a maioria deles não é leitor assíduo desses veículos. Esse “reconhecimento do terreno” possibilitou-lhes mais um contato direto com os periódicos, podendo despertar-lhes o gosto pela leitura desses impressos. Por essa razão, julgamos conveniente fazê-lo.

Relativamente ao trabalho com a PP, fizemos um exercício de comparação entre os jornais/revistas escolhidos. No entender de Faria (1997, p. 24), em se tratando especificamente dos jornais, essa parte dos periódicos tem de ser bem explorada, porquanto “[...] ali se estampam os assuntos principais da edição, servindo de chamariz ao leitor”. Seguindo a autora, buscamos esclarecer aos aprendizes noções basilares para a leitura da primeira capa como: cabeçalho, manchete e lide. Também fizemos o levantamento dos assuntos mais ocorrentes nas capas dos jornais, analisamos a estrutura e a linguagem usada pelos noticiosos. Por fim, concentramo-nos na diagramação dos periódicos, destacando as implicações desses recursos para a produção de sentidos. Analogamente, com respeito às revistas semanais, enfocamos as capas, visto representarem, no processo de construção dos sentidos, um trabalho cuidadoso com a matéria verbal e imagética, de modo a despertar a curiosidade do leitor, conduzindo-o à aquisição do periódico. A seguir, trazemos sugestões de atividades desenvolvidas nas oficinas.

● Sugestões para o desenvolvimento das habilidades trabalhadas

– **Habilidade 01. Comparar manchetes de diferentes veículos de informação, buscando verificar conteúdos temáticos predominantes.**

Questão proposta

Leia atentamente as manchetes contidas nas capas dos jornais *O Globo* e *Meia Hora de Notícias*, publicados no mesmo dia:

O GLOBO
 QUINTA-FEIRA, 14 DE SETEMBRO DE 2017 ANO XXXII - Nº 30719
 Zizeu Marinho (1870-1925) (1904-2003) Roberto Marinho
 RIO DE JANEIRO oglobo.com.br

CRISE SEM TRÉGUA

Lula e Temer na Justiça

A Moro, ex-presidente agora chama Palocci de calculista e simulador

No STF, presidente pede a suspeição de Janot, mas é derrotado

MIRIAM LETAO
 Dia de crítica destruiu a tese de que acusações são perseguições. **PÁGINA 22**

MERVAL PEREIRA
 Recado do STF é que investigações vão continuar, sob sua supervisão. **PÁGINA 4**

RICARDO NOBLAT
 Mais um dia exemplar do período de grande turbulência política. **PÁGINA 10**

ANGELMO GOIS
 Ex-procurador é acusado de atuar a favor da JBS em outra denúncia. **PÁGINA 11**

CARLOS ALBERTO SARDENBERG
 Defesas de Temer e Lula recorrem a tese do 'recolho, mas faz'. **PÁGINA 16**

LYDIA MEDEIROS
 Tradicional aliados do PT já não veem futuro com Lula. **PÁGINA 2**

EDITORIAL
'Supremo apóia Janot em mau momento de Temer' **PÁGINA 11**

Vista do Planalto:

— Tempo nublado...

Outro dono da JBS vai para a cadeia
 Wesley Batista, presidente do grupo JBS e irmão de Marcelo Batista, foi preso ontem pela Polícia Federal. O ex-vice-geral da JBS — não acusado de ter usado influência para obter o contrato de concessão de 100 milhões de dólares — foi levado para a cadeia após o julgamento do caso. **PÁGINA 10**

Prisão domiciliar: O ex-governador chega a Campos

Garotinho é preso com tornozeleira
 Condenado em primeira instância por compra de votos na eleição de 2010, o ex-governador Antônio Garotinho foi preso na cidade para ser julgado. O juiz determinou que ele seja preso em liberdade provisória, mas com o uso de tornozeleira eletrônica. **PÁGINA 12**

PGR sabia de ação de Miller na JBS, diz PF
PÁGINA 7

Prisões devem acelerar sucessão na empresa
PÁGINA 21

Aliado de Geddel quer colaborar com a PF
PÁGINA 9

LIBERTADORES BOTAFOGO E GRÊMIO NÃO SAEM DO O A O
 O Botafogo teve pontos cancelados, enquanto o Grêmio não conseguiu vencer. O jogo acabou empatado em 1 a 1. **PÁGINA 33 e 34**

Rock in Rio Festival APOSTA NA DIVERSIDADE
 Sexta edição do Rock in Rio começa amanhã, com Lady Gaga. Além do musical, o festival oferece mais espaço e opções. **PÁGINA 35**

RIO SHOW AGORA NO SEU E-MAIL
 Suplemento ganha newsletter com o melhor da programação da cidade. **PÁGINA 36**

2ª Edição • Propõe disse exemplar no Estado do Rio de Janeiro • R\$ 5,00

Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/capa/o-globo/2017-09-14.html>. Acesso em 22/11/2017.



Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/meia-hora/2017-09-14.html>.
Acesso em 22/11/2017.

Estabeleça uma comparação: os jornais *O Globo* e *Meia Hora de Notícias* apresentam em suas manchetes, constantemente, que conteúdo temático⁹³?

Resposta possível: *O Globo* opta, com frequência, por manchetes que contenham temas de interesse nacional como política e economia, o que o caracteriza como um jornal mais tradicional, que busca, com seriedade, construir uma imagem de credibilidade junto a seu público. O jornal *Meia Hora*, por sua vez, claramente de inclinação humorística, prefere temas – não raro, polêmico-cômicos – que presumidamente atendam ao anseio ou curiosidade popular, como criminalidade, escândalos envolvendo celebridades, falecimentos de famosos, futebol e assim por diante. Vale lembrar que o *Meia Hora* é considerado um tabloide, isto é, um jornal de formato diminuto, amplamente ilustrado, de apresentação leve, informal e bem-humorada. A publicação costuma ser vinculada ao que se chama de “imprensa marrom”, a qual se vale do sensacionalismo para a obtenção de audiência.

⁹³ Essa atividade comparativa foi feita com dez capas de cada jornal. Importa também fazer comparações entre manchetes desses jornais com outros “intermediários” como *O Dia* e *Extra*.

Comentário: A questão possibilita ao discente tecer comparações acerca de veículos de informação diferentes, notadamente quanto ao conteúdo temático selecionado por eles na confecção das manchetes, parte da capa a que se deseja dar mais relevo. Por meio da análise comparativa, é importante que o professor, já a partir desses cotejos, chame a atenção dos alunos para o fato de a preferência temática nos dar indícios dos objetivos comunicativos de cada jornal, além de nos dar pistas valiosas sobre o perfil da audiência desses periódicos.

Habilidade 02. Comparar manchetes de diferentes veículos de informação, buscando identificar o nível de linguagem usado e suas possíveis motivações de acordo com o leitor visado.

Questões propostas

a) Ao lermos as capas, percebemos que a linguagem dos dois veículos de informação é bem distinta quanto ao nível de formalidade. Indique, pelo menos, duas diferenças quanto ao nível lexical (vocabulário).

Resposta possível: De maneira geral, a leitura das capas permite-nos dizer que o jornal *Meia Hora*, intencionalmente, usa uma linguagem informal, rompendo, de certa forma, com o padrão redacional sugerido nos manuais de redação. Diferentemente, *O Globo* faz a opção por uma linguagem mais formal, mantendo o padrão redacional recomendado pelos manuais. Com relação ao léxico, podemos apontar variados exemplos de linguagem informal usados pelo *Meia Hora*, a começar pelas abreviações utilizadas com sufixo intensivo: “Mengão”, “Fogão”, que denotam certa afetividade pelos clubes. Citem-se, ademais, os truncamentos “Liberta” (Libertadores da América) e “Sula” (Sul-americana), também usados na linguagem popular para nomearem os torneios dos quais os times em tela participam. Por fim, mencione-se a metáfora contida no verbo “furam”, cuja significação aponta para uma expressão maior (furar o bloqueio), indicando que os times cariocas não foram capazes de fazer gols nos adversários.

Comentário: Nessa proposição, trabalha-se com diferenças observáveis quanto à seleção lexical usada nos periódicos. Esforçamo-nos por conduzir os alunos à percepção de que a

*opção dos redatores por usar as palavras em níveis de linguagem distintos têm motivações discursivas. Quando **O Globo**, por exemplo, opta por uma linguagem mais formal, tem em vista criar um efeito de credibilidade/seriedade, características apreciadas pelos leitores do veículo. Por outro lado, a questão mostra que a linguagem, apesar de ser utilizada em um domínio discursivo que busca cultivar a variedade padrão, evitando-se, por exemplo, gírias, jargões, frases de efeito, modismos, etc. não pode ser presa em inflexíveis registros, curvando-se às necessidades estilístico-discursivas, a exemplo do que ocorre no **Meia Hora**, noticioso aberto à informalidade.*

b) Ao produzirmos nossos textos, devemos ter sempre em vista nosso leitor/ouvinte, que, de certa forma, interfere em nossas escolhas linguísticas. Na verdade, podemos dizer que, de certa maneira, não escrevemos somente *para* o outro, mas *com* o outro, porque sempre fazemos uma imagem de nosso leitor, pressupondo certos conhecimentos compartilhados sobre o assunto de que estamos falando.

Formule hipóteses:

A que leitores, possivelmente, se dirigem os textos do jornal *O Globo*? E os do jornal *Meia Hora*?

Resposta possível: *O Globo* parece destinar-se a um leitor que busca material informativo/opinativo mais denso e aprofundado, relativamente confiável e escrito em linguagem jornalística tradicional. Hipoteticamente, trata-se de um leitor que detém certo conhecimento prévio de assuntos da agenda social como política, economia, mercado, diversidade, etc. e que dispõe de certo poder aquisitivo. O jornal *Meia Hora*, por sua vez, tem como foco leitores que precisam de informação acessível, rápida, bem-humorada e de fácil compreensão. É, pois, um jornal destinado às camadas mais populares. Vale observar que a versão impressa de *O Globo* custa, hoje, em dias de semana, R\$ 5,00 e R\$ 7,00 aos domingos. A do *Meia Hora* vale hoje R\$ 1,00 em dias de semana e R\$ 2,00 aos domingos.

Comentário: A partir dessa reflexão, demonstra-se que a produção de textos, como atividade interativa, nos conduz, inevitavelmente, a considerar o outro no processo de feitura do texto. Por mais que nosso interlocutor não esteja presente, a escolha do conteúdo temático, o nível de formalidade, as escolhas linguísticas e diagramais buscam atender aos propósitos do produtor do texto, o qual, por certo, considera também, em cada passo de confecção do texto, o leitor para quem escreve.

c) As capas de jornal buscam impactar ao máximo o leitor, já que é o primeiro contato dele com os periódicos. Releia as manchetes e indique quais estratégias (linguagem, diagramação, imagens, etc.) os dois jornais usam para chegar a tal propósito.

Resposta possível: *O Globo* vale-se de uma manchete curta, estruturada a partir de substantivos, que coloca o atual presidente Michel Temer e o ex-presidente Lula em evidência por estarem eles com problemas na justiça. Note que a manchete é escrita em letras sensivelmente maiores do que o restante do texto, além de estar em negrito, de maneira a conferir um destaque maior a essa parte do texto. Observe-se também que os objetos da manchete são chamados por seus nomes mais populares: Lula e Temer, ativando mais facilmente a memória do leitor.

Já o jornal *Meia Hora* confere destaque aos jogos de dois grandes times do Rio de Janeiro: Botafogo e Flamengo. Em leve tom de descontentamento, a manchete, escrita em maiúsculas e em negrito, traz o lamento por meio de uma pergunta retórica que divide a frustração com o leitor-torcedor, dada a informalidade e pessoalidade nela contida: “E o gol, galera?”. Como é comum nos tabloides, explora-se a imagem centralizada, cujo foco recai sobre os jogadores em plena ação, objetivando atrair a atenção dos leitores. As fotografias simbolizam a dificuldade dos jogos, pois, na foto da esquerda, mostra-se uma disputa acirrada pela bola; na da direita, focaliza-se um jogador marcado pelo adversário.

Comentário: A questão trabalha com algumas estratégias usadas pelos periódicos no intuito de persuadir os leitores a adquirir o material jornalístico. Reconhecer essas e outras “manobras” possibilita ao aluno o desenvolvimento de uma leitura mais crítica e autônoma desses veículos, abrindo-se caminho para uma apreensão mais ampla da informação veiculada, de modo a evitar possíveis manipulações. É importante que o professor demonstre como esses “sinais”, não raro, tentam conduzir o leitor a uma interpretação condizente com o que desejam os meios de informação.

Esse é um bom exercício a ser resolvido com os alunos. Pensando nisso, o docente pode, num exercício de construção conjunta de significado, despertar-lhes a atenção para essas pistas textuais que nos conduzem a uma leitura mais atenta da primeira página.

Habilidade 03. Reconhecer diversas formas de tratar uma informação por meio da comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido.

Questão proposta

As duas capas abordam o empate do Botafogo na Copa Libertadores da América, mas dão destaques diferentes aos jogos. Veja que no Jornal *O Globo*, embora apareça na capa, o jogo divide espaço com outras chamadas de capa. Por outro lado, no periódico *Meia Hora*, a partida de futebol é o assunto principal. Para você, por que isso acontece?

Resposta possível: Os jornais em análise possuem públicos e interesses (políticos, econômicos, ideológicos, etc.) diversos. Portanto, cada uma das publicações coloca em evidência o assunto que vai atender a suas demandas, bem como a de seus leitores em potencial. Desse modo, a temática é igual, mas a forma de tratar o assunto é bem diferente. Em *O Globo*, versa-se sobre o empate do Botafogo com menos relevo na capa, valendo-se de uma linguagem mais objetiva. Repare que o assunto é alocado no canto inferior esquerdo da primeira página. No *Meia Hora*, o resultado dos jogos é a manchete do dia, assumindo maior relevo na PP. Observe-se, ainda, que a manchete deste último noticioso é escrita com linguagem mais informal, com traços de subjetividade.

Comentário: Ao fazer a atividade, o aluno perceberá que uma mesma informação é trabalhada de forma diferente em veículos também diferentes. Isso ocorre em razão das condições de produção desses textos, ou seja, entram em cena o suporte em que o texto é veiculado, quem produz o texto, com que finalidade o faz, quem o recebe, etc. Assim, certos veículos dão mais relevo a determinadas informações, outros as frisam menos e ainda há aqueles que nem sequer se dão ao trabalho de publicá-las.

Habilidade 04. Identificar o viés ideológico/acento de valor contido em capas de revistas/jornais.

Questões propostas

Em outubro de 2017, a revista *Veja* estampou em sua capa uma chamada para a matéria principal da edição 2551 sobre o pré-candidato à presidência da república Jair Bolsonaro. Observe atentamente:



Disponível em: <https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/2551/>. Acesso em 12/10/2017.

Por mais que as mídias pretendam ser isentas, neutras em relação às informações que propagam, o conteúdo transmitido é atravessado pelas visões de mundo de quem faz o

jornalismo acontecer. Desse modo, a neutralidade absoluta em relação aos fatos abordados pelos jornalistas é um mito. Pensando nisso, responda:

a) A escolha das palavras em um texto possibilita ao escritor atingir certos objetivos planejados por ele em seu projeto de dizer. Quais palavras dão indícios de que Bolsonaro pode não ser um bom candidato à presidência da República?

Resposta possível: O substantivo “ameaça”, bem como os adjetivos “extremistas” e “insultuoso”. Ao se reportar a Bolsonaro como uma “ameaça”, sinaliza-se para o eleitor o perigo de o candidato estar bem colocado nas pesquisas, podendo vir a ser eleito. Os adjetivos, de certa forma, consubstanciam a advertência. Na esfera política, o signo “extremista” é usado para desqualificar aqueles que adotam medidas radicais para resolver problemas sociais, afastando-se de uma postura moderada. Vale lembrar que Bolsonaro é frequentemente acusado de defender ideias consideradas extremistas como “bandido bom é bandido morto”, “direitos humanos para humanos direitos”, entre outras. O adjetivo contido no sintagma “discurso insultuoso” sugere que Bolsonaro defende, com agressividade, seus ideais, nem sempre respeitando seus oponentes.

b) Que palavras, na sua visão, apresentam conotação negativa?

Resposta possível: As três palavras anteriormente citadas assumem, no contexto, conteúdo pejorativo.

c) Os textos não verbais são imprescindíveis para a composição das capas de revistas. Atentando-se para a foto em primeiro plano de Bolsonaro, você diria que ela reforça uma imagem negativa ou positiva que se quer construir sobre o deputado? Por quê?

Resposta possível: A fotografia tende a acentuar a imagem negativa que se deseja construir de Bolsonaro na PP. É de notar que a revista, ao centralizar a face do presidencial, ao mesmo tempo em que busca captar a atenção do leitor, não se preocupa em retocar o rosto do político, deixando as linhas de expressão, manchas de pele e rugas à mostra. Isso diminui a vivacidade, energia e jovialidade do candidato, características tidas como positivas em nossa cultura, na qual a estética é, sobremaneira, valorizada. A imagem em si não esboça alegria ou

simpatia, mas austeridade de alguém que, caso eleito, é capaz de colocar suas ideias extremistas em prática.

Comentário: As questões A, B e C permitem que façamos uma abordagem dos signos como produtos das ideologias. Por meio da análise da seleção lexical e da multimodalidade, levamos os alunos a perceber que os usos de diferentes códigos semiológicos estão fortemente ligados às nossas visões de mundo, àquilo em que acreditamos, às intenções que temos no discurso. Esses recursos nos permitem demonstrar que os significados são móveis, vivos, vinculados, não raras vezes, aos nossos desejos de persuasão/convencimento. Há, pois, um certo valor afetivo implicado no uso de certas palavras/imagens, para os quais devemos dirigir nossa atenção na produção de sentidos.

d) A relação entre substantivos e adjetivos é bastante íntima no uso efetivo da língua. Por vezes, um substantivo pode assumir funções de adjetivo, como em “conta fantasma”, estrutura na qual o substantivo “fantasma” atua como qualificador do termo “conta”, significando algo como “falsa”, “inexistente”. Semelhantemente, no sintagma “A ameaça Bolsonaro”, temos o arranjo de dois substantivos: “ameaça” e “Bolsonaro”. Você diria que eles apresentam a mesma função no sintagma? Explique.

Resposta possível: Não. O segundo substantivo (“Bolsonaro”) atua como qualificador do núcleo “ameaça”. Portanto, apresenta função adjetiva. O elemento central do significado do substantivo “Bolsonaro” pode ser tomado como algo próximo a “autoritário”, “ditatorial”.

Comentário: A questão busca sensibilizar os educandos para a relação estreita entre essas classes de palavras. Também busca fugir de exercícios simplórios, que adotam classificações rígidas para as palavras não levando em conta o contexto morfossintático em que elas figuram. Um outro ponto a ser explorado pelo professor é a possível motivação discursiva da construção. A força da qualificação por meio do substantivo é sempre maior, uma vez que é inesperada, inusual. Desloca-se a função primária do substantivo, isto é, a de designação para uma função secundária, a de qualificação, o que confere expressividade à construção.

e) Observe que o sintagma “A AMEAÇA BOLSONARO” aparece grafado com letras maiúsculas e em vermelho. Considerando o tamanho das letras, as cores e sua simbologia em

nossa cultura, tente explicar por que razão os jornalistas usaram essas estratégias na confecção da capa.

Resposta possível: O sintagma “A ameaça Bolsonaro” possui, ao mesmo tempo, o poder de síntese para reter a atenção do leitor, bem como certa dose de apelatividade, com vistas a persuadir/convencer o público-alvo, advertindo-o para a problemática possibilidade de o presidenciável vir a ser presidente do Brasil. De fato, o formato das letras (Arial clássico), escritas em caixa alta, confere o destaque necessário ao título. Ademais, a cor vermelha, em nossa cultura, pode estar associada a perigo e poder, simbologias perfeitamente cabíveis no contexto, a se considerar que Bolsonaro é pré-candidato à presidência do Brasil, representando, no entender da revista, uma ameaça.

Comentário: Nessa tarefa, procuramos mostrar como a feição gráfica é importante para a veiculação de conteúdo ideológico, em especial nas capas da revista em tela. Nesse sentido, o tamanho das letras, o tipo de letra usado, as cores escolhidas, dentre outros recursos diagramais devem ser considerados pelo leitor no processo de interpretação. Como as capas antecipam os conteúdos principais da semana, sendo também o primeiro contato do público-alvo com a revista, almeja-se nesta parte, rápida e concisamente, fazer com o que o leitor se interesse pelo periódico.

e) Insatisfeitos com a abordagem de *Veja*, internautas refizeram à sua maneira a capa da revista. Observe:



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3yTptHeLjio>. Acesso em 20/11/2017.

Compare a capa originalmente publicada pela revista *Veja* e a sua releitura. Indique as principais mudanças observáveis na linguagem verbal. Faça o mesmo em relação à linguagem não verbal.

Resposta possível: Quanto à linguagem verbal, as principais mudanças ocorreram em nível lexical. As substituições *ameaça* – *esperança*, *extremistas* – *realistas*, *insultuoso* – *contagante* redirecionam o viés ideológico proposto por *Veja*, visando a construir uma imagem positiva do presidencial. No que se refere à linguagem não verbal, há visíveis interferências estéticas na foto de Bolsonaro. Na releitura, sua face aparece mais clara e jovial. Os óculos escuros têm dupla função: primeiro, escondem as fortes marcas de expressão na região dos olhos do político. Segundo, porque remetem à imponência, poder, modernidade, potencializados, por exemplo, pelo uso corrente desse acessório por pessoas ilustres como atores de cinema associados à virilidade como Sylvester Stallone, Arnold Schwarzenegger e Jason Stathan. Se ainda quisermos retomar eventos históricos, podemos citar uma mudança intencionalmente feita pelo internauta. Na capa original, no centro superior, noticiam-se os 100 anos da Revolução Russa, que implantou o regime socialista a que Bolsonaro francamente se opõe. Na releitura, noticia-se a participação do exército brasileiro na 2ª guerra

mundial, evento que, decerto, deixa-o orgulhoso, haja vista sua carreira militar ser constantemente objeto de discurso desvanecido por parte do político.

Comentário: A releitura do texto deu-nos a oportunidade de apresentar aos alunos conteúdos com valores ideológicos radicalmente opostos. As mudanças pontuais permitiram que pudessemos estabelecer uma antítese entre as duas capas, para que atestássemos a imprescindibilidade de considerarmos estratégias verbais e não verbais intervenientes na produção de sentidos. Na oportunidade, pudemos, mais uma vez ressaltar as condições de produção dos textos.

Habilidade 06. Identificar a orientação dialógica de contestação (ODAC) presente também nas capas de revistas/jornais, de modo a perceber o encaminhamento argumentativo do texto.

Questões propostas

Leia este fragmento:

Como uma sociedade é sempre dividida em grupos sociais com interesses divergentes, não há uma perspectiva única sobre uma dada questão. Os indivíduos, em seus textos, defendem uma ou outra posição gerada no interior da sociedade em que vivem. O discurso é sempre uma arena em que lutam pontos de vista em oposição.

In: SAVIOLI, F. P.; FIORIN, J. L. *Lições de texto: Leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2005, p. 30.

a) Para você, esse fragmento de Savioli e Fiorin comprova ou nega a releitura da capa de *Veja* feita pelo internauta? Explique.

Resposta possível: Sem dúvida, as palavras dos autores são comprovadas por meio da releitura da capa de *Veja*. Percebemos isso, pois, claramente, há duas perspectivas em relação à candidatura de Jair Bolsonaro. Uma que a vê como “ameaça”, como perigo; e outra que a vê como “esperança”. Há, portanto, um conflito de posicionamentos, de grupos sociais que defendem ideias distintas.

b) Vimos que constantemente os textos dialogam uns com os outros. E os motivos para que se estabeleça esse diálogo são vários: ora fazemos alusão a outro texto para refutá-lo, ora para adverti-lo, ora para repreendê-lo, ora para concordar com ele, etc. O certo é que sempre que produzimos um texto deixamos nele marcas de outras leituras.

Qual a motivação que levou o internauta a recriar a capa da revista?

Resposta possível: A recorrência ao texto de *Veja* se dá, porque, na visão dos internautas que reelaboraram a capa, a revista buscou enfraquecer/manchar a candidatura de Bolsonaro, que à época já se mostrava um forte candidato. O texto-resposta, considerado a “verdade” do internauta, é produzido, então, para contestar a posição assumida pela publicação.

Comentário: As propostas A e B buscam demonstrar que o dialogismo é a realidade fundamental da linguagem. Assim, os textos têm a propriedade de se constituírem a partir de outros textos. Por isso, tudo que falamos ou escrevemos é atravessado, inevitavelmente, pela palavra do outro. Sempre quando assumimos a palavra, colocamo-nos em interação com o outro, movidos por objetivos os mais variados: refutar, ordenar, concordar, advertir, etc.

Habilidade 07. Refletir sobre a importância da honestidade de informação e sobre os danos causados pelas chamadas *fake news*.

Questões propostas

A notícia a seguir foi publicada pelo *site Globo.com*:

Mulher espancada após boatos em rede social morre em Guarujá, SP

Ela foi agredida após ser acusada de praticar magia negra com crianças. Moradores registraram vídeos mostrando a agressão e postaram na web.

A dona de casa Fabiane Maria de Jesus, de 33 anos, morreu na manhã desta segunda-feira (5), dois dias após ter sido espancada por dezenas de moradores de Guarujá, no litoral de São Paulo. Segundo a família, ela foi agredida a partir de um boato gerado por uma página em uma rede social que afirmava que a dona de casa sequestrava crianças para utilizá-las em rituais de magia negra. (...)

Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-espacada-apos-boatos-em-rede-social-morre-em-guaruja-sp.html>. Acesso em 29/11/2017.

O texto chama a atenção do leitor para um problema muito recorrente hoje, principalmente depois da popularização das redes sociais: as notícias falsas ou *fake news*, em inglês. Feita a leitura da notícia, responda a estas questões:

a) O que causou as agressões que provocaram a morte de Fabiane Maria de Jesus?

Resposta possível: Um boato divulgado em uma rede social.

b) Apesar de o texto ser basicamente informativo, ele deixa implícito um alerta sobre a divulgação de notícias falsas. Explícite-o.

Resposta possível: Depreende-se do texto que é preciso que tenhamos cuidado com a veracidade das informações que replicamos na internet, visto tal atitude poder prejudicar seriamente outras pessoas envolvidas.

c) No código de ética dos jornalistas da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), lê-se o seguinte:

Artigo 7º. O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação.

O artigo trata especificamente da conduta do profissional de jornalismo. No entanto, tendo em vista o potencial de dano que uma notícia falsa pode causar, deveríamos, como cidadãos comuns, adotar esse preceito descrito no artigo 7º do código antes de repassar informações duvidosas? Comente.

Resposta pessoal. Espera-se que o aluno responda positivamente. Falsas notícias podem ser potencialmente danosas a quem é vítima delas, como demonstra a notícia. Por outro lado, podem servir de mecanismo de manipulação do público-alvo, como aconteceu nas últimas eleições dos EUA. Vale lembrar que, na ocasião, a candidata Hillary Clinton fora acusada de

usar uma pizzaria de fachada para esconder uma rede de pedofilia. Portanto, ter cuidado com o que se divulga nas redes é fundamental. Voltando ao artigo, percebe-se que ele valoriza a honestidade de informação, que deveria ser não só um preceito do jornalista, mas um preceito de vida. A fim de diversificar a discussão, o professor poderá abordar um caso denominado Escola Base, ocorrido aqui no Brasil. Escola Base era uma instituição de ensino particular localizada em São Paulo. Em 1994, seus proprietários foram injustamente acusados pela imprensa de abuso sexual contra alguns alunos de quatro anos da escola. A consequência danosa dessa *fake news* foi o encerramento das atividades da instituição, além dos prejuízos físicos e psicológicos dos proprietários, execrados publicamente.

*Comentário: A proposta busca fazer o aluno refletir sobre o poder danoso das notícias falsas, enfatizando suas possíveis consequências. Ao mesmo tempo, reforça-se a importância da honestidade de informação, da responsabilidade e da ética, não somente na prática jornalística, mas também na vida. Tais reflexões são relevantes para a formação geral dos discentes, pois lhes proporciona saberes ligados à ética e à responsabilidade profissional. São também igualmente importantes para as funções deles no jornal **Deu na Telha**, em virtude de eles fazerem, no periódico, trabalhos análogos aos dos jornalistas, como pesquisar, coletar informações, verificar sua veracidade, redigir textos, etc.*

Habilidade 08. Identificar projetos de dizer implicados em gêneros opinativos e em gêneros informativos.

Questão proposta

Os textos que você vai ler pertencem ao domínio jornalístico: o primeiro deles é uma notícia extraída do site de *Veja*; o segundo, uma carta de leitor publicada pelo mesmo veículo, só que em versão impressa.

Texto I

William Waack é acusado de racismo após vazamento de vídeo

Internautas afirmam que ele usou a expressão "coisa de preto" ao reclamar de buzinas antes de transmissão; Globo e jornalista ainda não comentaram o assunto

O apresentador **William Waack** está sendo acusado de **racismo** após a publicação de um vídeo nas redes sociais.

A cena parece ter sido gravada minutos antes de o apresentador do *Jornal da Globo* entrar no ar, em uma transmissão em frente à Casa Branca, em Washington. “Tá buzinando por que, seu m... do c...?”, diz, reclamando de uma buzina que soa na rua. Em seguida, ele balbucia ao convidado, o comentarista Paulo Sotero, que está ao seu lado: “Você é um, não vou nem falar, eu sei quem é...” E depois continua com um trecho em que parece dizer: “É preto, é coisa de preto”. (...)

Disponível em: <https://veja.abril.com.br/entretenimento/william-waack-e-acusado-de-racismo-apos-vazamento-de-video/>. Acesso em 22/10/2017.

Texto II

William Waack é um dos profissionais mais brilhantes do jornalismo brasileiro. Inteligente, culto — até por isso mesmo odiado por muitos nas redes sociais. É claro que o comentário dele feito em vídeo divulgado recentemente foi odioso e deve ser repudiado por qualquer um de bom-senso (“O poder fulminante”, 15 de novembro). Entretanto, uma questão ficou no ar: por que o senhor Diego Pereira guardou sua indignação por um ano para, somente agora, expô-la? Um fato grave como esse merecia uma repercussão imediata. Espero que Waack receba punição justa. Condená-lo ao ostracismo é abrir mão de tudo o que ele já fez e ainda pode fazer pelo bom jornalismo.

Carlos Alberto de Siqueira
Belo Horizonte, MG

Veja. 22 de novembro de 2017, p. 28.

Os textos tratam do mesmo tema, mas possuem funções sociocomunicativas, isto é, propósitos, finalidades distintas. Por quê?

Resposta possível: A notícia (texto I) busca a transmissão mais objetiva e impessoal dos fatos, quer dizer, o gênero se ocupa mais com a informação em si (o que aconteceu? Com quem? Onde? Quando? etc.) do que com um juízo de valor sobre o que é noticiado. Muito embora saibamos que as notícias não são de todo neutras, o autor do texto costuma não assumir ponto de vista explícito em face do que relata. É o que ocorre no texto em exame, cuja proposta central é informar ao leitor sobre a acusação de racismo feita a Waack. A carta do leitor (texto II), diferentemente, é um gênero argumentativo, com manifestação explícita de autoria e com linguagem mais subjetiva, que possibilita aos leitores de determinado veículo de informações manifestarem suas opiniões sobre o conteúdo divulgado pelos periódicos. No caso, questiona-se se o “deslize” que ocorreu com o jornalista é suficiente para acabar com

uma carreira brilhante como a dele. Defende-se que a punição ao jornalista seja justa, mas sem exageros motivados pela repercussão do caso.

Comentário: O exercício comparativo entre gêneros do discurso favorece a delimitação entre eles, por meio de certas propriedades como estrutura, conteúdo temático e estilo, mas, principalmente, pelas funções sociocomunicativas que cada gênero desempenha na esfera jornalística. Pode-se, assim, destacar o papel dos gêneros nas relações sociais mediadas pela linguagem.

Habilidade 09. Reconhecer as principais características da esfera jornalística.

Apresentam-se a seguir características de algumas esferas de comunicação humana. Marque a opção em que as caracterizações se harmonizem com a esfera jornalística:

- a) Beleza, efeito estético e singularidade.
- b) Convencimento, persuasão e apelatividade.
- c) Confiabilidade, ética, agilidade e novidade de informação.
- d) Proximidade, afeição, amor e respeito.

Resposta: C.

Em uma visão de conjunto, a alternativa que preenche adequadamente as características da esfera jornalística é a C. Confiabilidade e ética são atributos dos profissionais dessa esfera, ao passo que agilidade e novidade de informação são uma condição quase indispensável para o exercício competente do jornalismo. Importante salientar que as características descritas nas outras opções também podem estar presentes na esfera jornalística (vide opção B), no entanto, em C, reúnem-se as que são assumidamente essenciais para o jornalismo acontecer.

Comentário: A questão aborda características primordiais de esferas distintas. Em (a), temos particularidades da esfera ficcional; em (b), da esfera da publicidade; em (c), da jornalística; e, em (d), da pessoal. Consideramos importante que o aluno saiba diferenciá-las, apreendendo suas principais particularidades, porque os gêneros, como práticas sociais situadas, são produzidos em determinadas instâncias discursivas, sendo, de certa forma, moldados por elas. Saber sobre a esfera nos ajuda a dominar os gêneros ali gerados.

6.2.2 Módulo II – As notas jornalísticas: leitura e análise de textos

No presente módulo, objetivamos trazer aos alunos do projeto conhecimentos acerca do gênero nota jornalística, tendo em conta suas especificidades temáticas, estruturais, estilísticas e sociocomunicativas. Trata-se, aqui, de fazê-los perceber que, como gênero do discurso, as colunas são práticas de linguagem situadas que obedecem a rotinas mais ou menos estáveis de interação, estabelecendo-se, com isso, uma relação intrínseca entre usos da linguagem e práticas sociais. Além disso, buscou-se conduzir os discentes a uma leitura/análise autoral das notas, em especial no que se refere a recursos argumentativos usados na sustentação de uma tese.

Este módulo se organiza de acordo com a seguinte tabela:

Tabela 02. Organização do Módulo II.

Módulo II – O gênero nota jornalística: leitura e análise de textos	
Divisão de conteúdos e tempo de duração: duas oficinas perfazendo um total de 04 horas	
Objetivos do módulo	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalhar as funções sociocomunicativas do gênero no espaço jornalístico, a fim de que os alunos reconheçam os propósitos para os quais as notas são escritas. - Proporcionar aos discentes saberes sobre as propriedades temáticas, estruturais e estilísticas do gênero em tela, importantes não somente para a atividade de leitura/análise das notas, mas também para a sua produção. - Propor ações que conduzam os discentes a uma leitura/análise autoral das notas, sobretudo no que respeita às estratégias argumentativas usadas na defesa das teses apresentadas nos textos. - Trazer aos alunos informações sobre a labuta do colunista: rotina, relação com as fontes, importância dos “furos”, etc. Pensamos que esses conhecimentos lhes seriam úteis para sua função como colunistas do jornal escolar, porquanto dão a dimensão de todo trabalho envolvido na procura de dados, planejamento do texto, redação e publicação das notas.
Recursos didáticos de base	- Colunas de notas extraídas de duas fontes: <i>O Globo</i> e <i>Veja</i> . Fizemos a opção pelas colunas de Ancelmo Gois e de Maurício Lima (Radar).

	<ul style="list-style-type: none"> - Entrevista concedida por Ancelmo Gois. Está disponível no <i>Youtube</i>: https://www.youtube.com/watch?v=a3k-7riZsxA. Acesso em 01/12/2017⁹⁴. - Excertos do texto <i>Colunas Sociais</i>, de Ana Maria Ramalho, que consta da bibliografia de nossa pesquisa. - Canetas de quadro, <i>slides</i>, canetas, lápis e borracha.
Ações	<ul style="list-style-type: none"> - Ler e analisar, notadamente por meio da leitura colaborativa, as notas jornalísticas, com destaque para seus aspectos sociocomunicativos, temáticos, estruturais e estilísticos. - Debater sobre o papel do colunista, tendo como base a entrevista de Ancelmo Gois.

Fonte: O autor, 2018.

Na primeira oficina deste módulo, insistimos na função sociocomunicativa do gênero, enfatizando suas finalidades dentro da esfera de que faz parte. Trabalhamos também com a identificação dos eventos deflagradores dos textos (ALVES-FILHO, 2011), isto é, com as forças factuais ou discursivas que motivam o seu surgimento. De início, propusemos a leitura colaborativa de duas colunas selecionadas, a fim de que os alunos retomassem o contato com o gênero, buscando intuir os objetivos comunicativos dos textos, bem como seus eventos deflagradores. Depois dessas ações, adotando procedimento similar ao do outro módulo, exibimos o material condensado nos *slides*, estimulando o debate sobre as propriedades funcionais das notas.

Procede relatar que foi particularmente interessante a exibição de partes da entrevista de Ancelmo Gois, pois os discentes puderam ver o profissional falando de suas funções como colunista, o que julgamos ser uma experiência relevante para a prática deles no jornal *Deu na Telha*.

A outra oficina ocupou-se da leitura/análise das notas, com foco nos aspectos estruturais, temáticos e estilísticos do gênero, bem como nas estratégias argumentativas usadas pelos colunistas em seus textos. As atividades propostas almejavam conduzir os

⁹⁴ Em razão de a entrevista ser longa, selecionamos apenas as partes em que Gois fala de sua função como colunista. Há no *Youtube* – e na grande rede, em geral – interessantes materiais que podem ser usados pelo professor para inserir seus alunos no mundo dos colunistas. Cite-se esta entrevista, ao mesmo tempo curta e interessante, com Mirella Martins, colunista do Jornal do Commercio: <<https://www.youtube.com/watch?v=SViFJ5WdJ-s>>. Acesso em 03/12/2017.

discentes à percepção não somente das regularidades do gênero, mas também de suas irregularidades, tendo em conta, por exemplo, a diagramação dos textos, os recursos linguístico-discursivos usados para fins argumentativos e as preferências temáticas.

• **Sugestões para o desenvolvimento das habilidades trabalhadas**

Habilidade 01. Inferir propósitos comunicativos predominantes no gênero coluna de notas.

Questão proposta

Todo texto tem um propósito comunicativo, quer dizer, uma finalidade para a qual é escrito/falado. Sua tarefa é reconhecer, nas notas que seguem, os propósitos comunicativos de cada uma delas.

Texto I

Legislativo soltador

É festa. A decisão do Senado em não afastar Aécio, com base no STF, estimulou os Legislativos a soltarem seus parlamentares encarcerados.

A Assembleia do MT mandou soltar o deputado Gilmar Fabris, envolvido num esquema de propina. Já a Assembleia do RN suspendeu o afastamento do deputado Ricardo Motta e a Câmara de Natal (RN), o do vereador Raniere Barbosa.

O Globo. 03 de novembro de 2017, p. 08.

Texto II

Isto é Brasília, isto é Brasil

Veja como a Segurança Pública não é só uma questão de recursos financeiros — mas, também, de saber usá-los. Pelas contas do ex-secretário nacional de Segurança Pública José Vicente da Silva Filho, “é provável que Brasília tenha o maior efetivo policial (proporcional à população) em todo o mundo, maior até do que o de Nova York, com seus 60 milhões de turistas e aguda preocupação com o terrorismo”. O Distrito Federal tem um efetivo 50% maior do que o de Santa Catarina, por exemplo, um estado com mais do que o dobro da população. Mas, mesmo com todo esse recurso — além do maior salário das polícias brasileiras —, o índice de homicídios na capital é 47% maior do que no estado sulista. Em tempo: no DF, ao contrário de outros estados, é o Tesouro Nacional quem arca com boa parte das despesas de Segurança.



O Globo. 12 de novembro de 2017, p. 14.

Texto III

‘Transfobia’

A partir de agora, todos os casos de violência motivada por discriminação contra LGBTs no Rio serão registrados, nos boletins de ocorrência, com termos como “homofobia”, “transfobia” ou “lesbofobia” no campo de “motivo presumido”. É para que os casos fiquem mais claros nas estatísticas, e não “escondidos” entre outros tipos de crimes. A mudança foi publicada ontem em portaria pelo Chefe da Polícia Civil do Rio, delegado Carlos Augusto Leba.

O Globo. 30 de novembro de 2017, p. 12.

Resposta possível: Os textos I e II, de feição opinativa, buscam criticar e avaliar atores sociais e instituições da vida pública. No primeiro texto, a crítica se dirige à instância legislativa, que, na visão do colunista, agiu de forma incorreta por se aproveitar de uma decisão do STF – que soltou o senador Aécio Neves da prisão – para soltar parlamentares envolvidos em irregularidades. No segundo texto, tece-se uma avaliação crítica à administração pública, na medida em que as falhas de gestão têm colocado obstáculos ao oferecimento de segurança pública eficiente. Por fim, o texto III, de inclinação informativa, busca relatar sucintamente fatos atuais que ocorrem recentemente na vida social, a exemplo da medida contra a transfobia tomada pela Polícia Civil.

Comentário: A proposta permite ao aluno inferir objetivos comunicativos recorrentes nas notas. É importante pontuar-lhe que o gênero não possui um objetivo apenas, mas objetivos, uma vez que se vale, constantemente, do tripé informação/opinião/entretenimento. Com base nisso, por meio dos textos, costuma-se questionar, refutar argumentos, informar, denunciar, divulgar artistas, obras, etc. Trabalhar a feição sociocomunicativa do gênero faz com que os discentes reconheçam suas funções reais na vida social.

Habilidade 02. Identificar o evento deflagrador que motivou a escrita dos textos.

Questões propostas

a) O evento deflagrador consiste na razão mais ou menos imediata que leva alguém a usar a palavra em busca da interação com outras pessoas. Por exemplo, o que motiva um jornalista publicar uma determinada notícia? Certamente, é o surgimento de algum fato atual e relevante que possa interessar o leitor do jornal. Sabendo disso, releia os textos I, II e III, indicando o evento deflagrador de cada um deles.

Resposta possível: Com relação ao texto I, o colunista toma como mote as decisões do Legislativo em favor dos parlamentares encrencados. Quanto ao texto II, toma-se como ponto de partida um estudo demonstrativo de que os problemas da segurança pública não passam somente pelo dinheiro, mas, principalmente, pela má gestão. Finalmente, o texto III é motivado pela decisão da polícia civil em notificar, com mais clareza, a violência contra os LGBTs.

Comentário: A questão mostra ao aluno como é importante, na análise e produção de textos, a motivação que leva alguém a tomar a palavra para interagir por meio da linguagem. Textos não surgem do nada. Pelo contrário, são impulsionados por diversos acontecimentos factuais ou discursivos. É um precioso momento para deixar claro para os alunos que as notas jornalísticas, por serem multitemáticas e assumirem diversos propósitos comunicativos, possuem, igualmente, variados eventos deflagradores.

b) Imagine que você, caminhando por sua rua, nota haver um grande buraco que coloca em risco a integridade física das crianças que costumam brincar no local. Para você, que gêneros poderiam ser usados para tentar resolver o problema?

Resposta possível: Alguns gêneros como carta do leitor, abaixo-assinado e nota jornalística poderiam ser usados como forma de cobrar das autoridades a resolução do problema. Trata-se de textos adequados a fazer cobranças, reclamações, objetivando-se melhorias locais, como pede a situação relatada.

Comentário: Com esse exercício, apresentamos aos alunos um evento deflagrador, motivando-os a pensar sobre quais gêneros seriam adequados à resolução de um problema prático. Faz-se a ponte entre situações e gêneros, visando ao aprimoramento da capacidade dos discentes em adequar o gênero à situação de comunicação. Interessa notar que o mestre pode estimular os alunos a pensar numa possível produção textual a partir de questões como estas: se fôssemos escrever o texto, em que suporte ele circularia? Quem seria o interlocutor? Que tipo de linguagem seria adequada? Qual gênero teria maior poder de impacto, sendo o mais apropriado para resolver o contratempo?

Habilidade 03. Identificar regularidades temáticas do gênero nota jornalística.

Questões propostas

a) Os gêneros apresentam um conjunto de assuntos mais ou menos previsível. Por essa razão, antes mesmo de entrar em contato com os textos pertencentes a um dado gênero, costumamos criar certas expectativas em relação ao que vamos encontrar em relação ao conteúdo temático dos textos. Se pensarmos, por exemplo, nas charges, logo nos vem à mente a crítica a algum acontecimento atual ou a “satirização” de um personagem público. E no caso das notas? Você saberia indicar as temáticas predominantes nos textos seguintes⁹⁵?

⁹⁵ O exercício apenas dá uma pequena dimensão de como se trabalhar com os temas das notas. Importante para que os alunos tenham uma visão de conjunto é a leitura de colunas em sua integridade, de modo a possibilitar, a nosso ver, uma melhor apreensão da regularidade com que se apresentam os temas.

Texto I

Crivella vs Iemanjá

A Prefeitura do Rio decidiu que não apoiará o “Barco de Iemanjá”, a procissão em homenagem ao orixá. Esta será a 13ª edição do evento — a primeira sem apoio da prefeitura. Para manter o cortejo, no dia 16, a Congregação Espírita Umbandista do Brasil está promovendo uma vaquinha virtual (veja o link no blog da coluna).

O Globo. 28 de novembro de 2017, p. 10

Texto II

Rio: vanguarda do atraso

O Rio, sempre ele, deve ser o lugar que tem mais políticos com foro privilegiado, o que — a prática vem demonstrando — dificulta prisões de gente acusada de assaltar cofres públicos; dinheiro meu, seu, nosso.

É que a Constituição do Rio estende a prerrogativa a vice-prefeitos e vereadores de todo o Estado. No Brasil, regalia como essa só em Piauí e Roraima.

O Globo. 26 de novembro de 2017, p. 18.

Texto III

Guia contra o sexismo

A Rocco lança, em 2018, o livro da recém-contratada editora para assuntos de gênero do “The New York Times”, a jornalista Jessica Bennett. Em “Feminist Fight”, Bennett escreve um guia de como sobreviver ao sexismo no ambiente de trabalho, com dicas bem-humoradas para mulheres. Tudo em tom informal.

O Globo. 30 de outubro de 2017, p. 10.

Resposta possível: Em se tratando das notas, esperamos normalmente, tal qual a notícia, a divulgação sucinta de acontecimentos reais e recentes, que tenham algum relevo para a comunidade, como ocorre no texto I, em que se registra a falta de apoio da prefeitura do Rio à tradicional procissão em homenagem a Iemanjá. No entanto, o gênero também assume, com regularidade, uma feição opinativa, permitindo que os colunistas expressem seu ponto de vista em face do que é divulgado, como ocorre no texto II, por meio do qual se critica o foro privilegiado, que tem dificultado as prisões de políticos envolvidos em corrupção.

Curiosamente, o texto III assume as características de uma pequena resenha, cujo tema normalmente abarca lançamentos de obras artísticas, literárias, etc. a serem tratadas de modo crítico pelo escritor.

Comentário: A atividade traz alguns dos principais temas das colunas, quais sejam: (a) fatos reais ocorridos recentemente; (b) acontecimentos políticos, econômicos e sociais relevantes para a sociedade, vistos de forma analítica ou crítica; e (c) avaliações sobre obras artísticas, literárias, etc. Possibilita-se ao aluno o reconhecimento dos temas sobre os quais ele poderá escrever em suas atividades como colunista do jornal discente.

b) Leia atentamente os dois textos que seguem:

Texto I

Todo cuidado é pouco

O contrato de empréstimo de R\$ 2,9 bilhões do banco BNP Paribas ao governo do Rio, em fase final de elaboração, é cheio de regras de compliance, as tais normas voltadas ao respeito às leis e à ética. Diz lá, por exemplo, que o tomador (Rio) não pode se envolver com propinas.

O Globo. 28 de novembro de 2017, p. 10.

Texto II

Parando a Bicicleta

Joãozinho para na frente da Câmara de Deputados, encosta a bicicleta e um segurança logo aparece e diz:

- Ô menino, tire logo a bicicleta daí que os políticos vão passar.

E Joãozinho responde:

- Não se preocupe, coloquei o cadeado!

Disponível em: <https://www.osvigaristas.com.br/piadas/politicos/>. Acesso em 02/02/2018.

Por mais que abordem temáticas semelhantes, ou seja, a corrupção política, o tratamento dispensado a esse tema é bem diferente nos dois textos. Comente.

Resposta possível: O texto I, uma nota, trata de forma factual e crítica da corrupção no meio político, pois esta representa não só uma afronta à ética, como também uma possibilidade real

de o Rio de Janeiro, em grave crise financeira, perder o empréstimo bancário de que precisa. O texto II, pertencente ao gênero piada, deprecia, faz uma caricatura do político brasileiro, cuja imagem frequentemente é associada à corrupção.

Comentário: O exercício mostra como temas iguais recebem tratamento diferente, conforme o gênero discursivo. No caso da nota, busca-se um tema político de relevo para o cidadão carioca, com vistas a alertar os envolvidos nas negociações sobre a possibilidade real de perda do empréstimo, haja vista os graves casos de corrupção que assolaram a cidade nos últimos tempos. Em relação à piada, trabalha-se com uma generalização segundo a qual todo político é ladrão, com o fito de fazer rir, de ridicularizar a classe política. Note-se que os alunos talvez não disponham do conhecimento de mundo necessário para a compreensão cabal da nota, o que, aliás, é muito comum em se tratando do gênero. Portanto, é significativa a colaboração do professor, o qual poderá retomar esses fatos para um melhor entendimento da questão.

Habilidade 04. Identificar marcas de estilo presentes nas colunas de notas.

Questões propostas

É muito comum nas colunas de notas o uso de gírias e de expressões populares. Veja:

Calma, gente!

Desde sábado, “bomba” nas redes a entrevista à GloboNews da professora da UFF Jacqueline Muniz, especialista em segurança, com críticas à intervenção.

Pois um professor da ENSP/Fiocruz, Carlos Otávio Fiúza, postou no Facebook que a Jaqueline “merece ajuda de psiquiatra”, “é agressiva e muito feia”.

Ontem, o Fórum dos Estudantes da ENSP fez carta aberta repudiando a postura “intolerante e machista” de Fiúza: “atitudes arcaicas e preconceituosas que vão contra toda a ideologia de inclusão social”.

O Globo. 22 de fevereiro de 2018.

a) Destaque, no primeiro parágrafo, uma gíria usada pelo colunista.

Resposta: Trata-se da gíria “bombou”, usada na linguagem informal com o sentido de “fazer sucesso”.

b) Nos manuais de relação jornalística, costuma-se recomendar que não se usem gírias nos textos. Mesmo assim, alguns gêneros jornalísticos, como as notas, se valem desse expediente com bastante frequência. Qual(is) o(s) efeito(s) de sentido desse uso linguístico no texto, considerando-se que se trata de um texto jornalístico?

Resposta possível: Muito provavelmente, o autor usou a gíria no intuito de trazer um toque de modernidade, de atualidade para o texto, visando a uma aproximação com o público leitor, que busca nas colunas uma leitura leve e agradável. Pode-se argumentar também que a seleção dessa palavra tem papel eufemístico, o que deixa o texto mais brando em contraposição à densidade do tema, qual seja, a discussão agressiva impulsionada pela intervenção militar no Rio de Janeiro.

c) Pense na seguinte situação: o redator-chefe do jornal recebe esse texto do colunista para a apreciação e o lê. Em seguida, elogia a nota, mas sugere que não se use a gíria por considerá-la não adequada aos textos jornalísticos. Sua tarefa é reescrever o parágrafo, de modo a tornar o texto mais formal. Depois, decida: você, como colunista, manteria a gíria ou a substituiria? Por quê?

Resposta possível: “Desde sábado, faz sucesso/repercute fortemente nas redes a entrevista à Globo News da professora da UFF Jacqueline Muniz, especialista em segurança, com críticas à intervenção.” A gíria provoca um efeito de sentido importante para o texto, deixando-o mais “leve”, de maneira que retirá-la pode causar prejuízos ao colunista em relação ao seu projeto de dizer. Vale lembrar que o estilo do gênero é caracterizado por traços de informalidade, considerados marcas importantes dos textos. Não usá-los, simplesmente a pretexto de formalidade, pode desfigurar o gênero, empobrecendo-o concernentemente à expressividade.

*Comentário: As questões mostram como as escolhas lexicais são subordinadas às atividades discursivas. Nesse sentido, usamos a linguagem, conforme o gênero do discurso, para obter certos efeitos de sentido. Uma circunstância oportuna para insistir com os alunos que a seleção de palavras está subordinada a questões como: **o que se tem a dizer? A quem se destinará o texto? Quais são os propósitos de quem toma a palavra na atividade de linguagem? E, a partir disso, pensar: que palavras selecionar para cumprir tais objetivos?***

Habilidade 05. Reconhecer os elementos estruturantes das notas, atentando-se para suas especificidades.

Questões propostas

Leia a nota seguinte e depois responda às questões propostas.

Novela sem final feliz

Carolina Ferraz entrou com uma ação trabalhista (e milionária) contra a Globo, onde trabalhou de 1992 a janeiro deste ano. O processo corre em segredo de justiça, mas basicamente a atriz pede direitos de funcionária. A emissora argumenta que ela era pessoa jurídica.

Veja. 08 de novembro de 2017, p. 35.

a) Aponte os elementos estruturais da nota.

Resposta possível: A nota possui dois elementos estruturadores: o título e o corpo do texto.

b) Releia o título da nota. Ele foi inspirado em uma expressão popular. Retome-a e indique sua significação.

Resposta possível: Costuma-se dizer na linguagem popular que “uma novela tem final feliz” quando, numa situação embaraçosa, repleta de desdobramentos, de elementos complicadores, o imbróglio teve um desfecho positivo. O colunista reestrutura a expressão para, num jogo dialógico de linguagem, expor que a atriz e a emissora, depois de tantos trabalhos conjuntos, agora se digladiam na justiça, isto é, vivem uma “novela” na justiça. Metaforicamente, ambas estão em uma batalha judicial que, diferentemente do que costuma acontecer nas novelas, muito provavelmente não acabará bem.

Comentário: A proposta conduz aluno à identificação dos elementos regulares que entram na composição das notas. Também se almeja destacar o papel central dos títulos das notas na produção de sentido dos textos. Importa frisar, com os educandos, o cuidado dos colunistas com relação à escolha dos títulos, pois eles, por certo, atuam como um eficaz chamariz para o leitor. Os títulos das notas são simples, concisos, provocativos, atrativos. Em tempos

agitados como os nossos, o leitor busca consumir informação em um tempo cada vez menor. Muitas vezes, folheia o jornal lendo basicamente os títulos que mais lhe interessam. Por esse motivo, pensar nos títulos é das tarefas fundamentais do jornalista.

Habilidade 06. Identificar efeitos de ironia ou humor usados nas notas com finalidade argumentativa.

Questões propostas

Leia os textos que seguem:

Bateu saudade

O deputado Julio Lopes, ex-secretário de Transporte do Rio, fez post, no Instagram, em homenagem a Luiz Carlos Velloso, seu braço direito na secretaria, preso há três meses, acusado de participar de esquema de corrupção na linha 4 do metrô do Rio.

Diz assim...

— Ter um amigo é um tesouro sem preço, um gostar sem distância, de alguém presente em nosso caminho, nas horas de dúvida, de alegria, de lágrima. Demais para ser perdido, importante ao extremo para ser esquecido. Que falta a sua presença e alegria me faz (SIC). Contando as horas para estarmos juntos. Grande abraço, irmão.

É fofo?

O Globo. 27 de julho de 2017, p.10.

a) A ironia é um importante recurso argumentativo, pois tende a desestabilizar o adversário, provocando o riso do auditório, o que favorece o orador. Destaque uma passagem irônica no texto.

Resposta possível: A ironia está contida na indagação que finda o texto: “É fofo?”. A expressão ressalta a relação espúria entre o deputado Júlio Lopes e Luiz Carlos Velloso, da qual aquele parece se orgulhar. No contexto, “É fofo?”, a ser entendido como “Não é ridículo?”, poderia ser interpretado como um repúdio do colunista ao fato de o deputado manter relações próximas com alguém preso por corrupção em sua gestão na Secretaria de Transporte.

b) Ao ser irônico, o locutor se distancia do ponto de vista do outro, mostrando sua contradição ou satirizando-o. A que o autor do texto se opõe e por que ele o faz?

Resposta possível: O colunista se opõe à relação amistosa que Lopes mantém com um de seus comandados, preso por corrupção. Esperar-se-ia de um deputado com um mínimo de ética e respeito pela coisa pública uma postura implacável contra qualquer ato de corrupção, independentemente da relação que tenha com seus funcionários.

Comentário: A ironia consiste em um poderoso recurso argumentativo, pois busca desconstruir o discurso do outro por meio do riso, da desqualificação, mostrando sua contradição ou absurdo. Trata-se de um procedimento que nos permite distanciar do discurso de outrem, firmando, na atividade discursiva, nossa posição. Reconhecer passagens irônicas detectando sua motivação é função do leitor competente. Por essa razão, é importante que se trabalhe esse recurso em sala de aula.

Habilidade 07. Reconhecer a importante função social do colunista.

Questão proposta

Em uma de suas entrevistas disponíveis no *Youtube*, o colunista Ancelmo Gois relata ao entrevistador que, durante parte de sua juventude, quis mudar o mundo. Depois, o tempo lhe mostrou que isso não era possível. Com a maturidade, ele passou a se admirar a partir de suas pequenas conquistas, das conquistas que obtinha com a coluna diária que escrevia no jornal *O Globo*. O jornalista cita um interessante exemplo: na rua Paisandu, no Rio de Janeiro, havia uma árvore com galhos soltos que poderiam cair a qualquer momento. Ocorre que ali perto havia uma escola. E as crianças transitavam bastante por debaixo das árvores, correndo muito perigo. Isso o incomodou tanto, que ele publicou uma nota cobrando medidas das autoridades. Para sua surpresa, no dia seguinte, a prefeitura retirou os galhos. Nas palavras do colunista, “(...) eu senti que tinha feito rigorosamente uma coisa espetacular...”.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a3k-7riZsxA>. Acesso em 02/02/2018.

Esse é um dos exemplos do importante papel social do jornalista e, mais especificamente, do colunista. Considerando esse relato, indique quais os impactos que as notas podem ter na vida prática dos cidadãos?

Resposta possível: O jornalista, ordinariamente, tem o importante, mas complexo trabalho de trazer ao grande público o relato de fatos que possam ser de interesse dos leitores. Com respeito às colunas de notas, em especial as “bairristas” a exemplo da de Gois, o colunista tem o “poder” de atuar como uma voz presente que representa, em certa medida, as necessidades da população local, consoante atesta o feito de Ancelmo Gois. Além disso, as notas podem impactar a sociedade de variadas formas, sobrepondo-se a essa função mais utilitária por assim dizer. Por exemplo, o gênero pode contribuir para a (in)formação política do cidadão ou mesmo para o seu entretenimento.

Comentário: A atividade visa a mostrar ao aluno que a palavra pode ser usada para mudar realidades. Podemos, assim, tomá-la para intervir na sociedade em que vivemos, pois ela nos permite realizar ações: denunciar, criticar, reivindicar, elogiar, manifestar apoio, entre tantas outras. Nessa perspectiva, o gênero em estudo pode ser usado com alguns desses propósitos no sentido de possibilitar a participação cidadã do aluno em sua comunidade.

6.2.3 Módulo III – As notas jornalísticas: estratégias de escrita

Neste módulo, almejou-se preparar os discentes para a escrita proficiente das notas jornalísticas. Para tanto, proporcionaram-se atividades que tiveram como foco conhecimentos linguísticos, enciclopédicos e interacionais, os quais, como defendemos no capítulo anterior, são importantes para a prática do colunista do jornal *Deu na Telha*. Por meio de tais atividades, o aluno pôde entrar em contato direto com a rotina do colunista, assumindo as funções decorrentes dessa prática jornalística. Por essa razão, insistimos, para além das habilidades específicas de escrita, em atividades essenciais para o desempenho da função, como a pesquisa criteriosa, a seleção das fontes, a checagem das informações, etc.

O módulo se apresenta segundo esta tabela:

Tabela 03. Organização do Módulo III.

Módulo III – As notas jornalísticas: estratégias de escrita	
Divisão de conteúdos e tempo de duração: duas oficinas perfazendo um total de 04 horas	
Objetivos do módulo	- Possibilitar o desenvolvimento da capacidade de escrita das notas a partir de atividades que contemplem conhecimentos linguísticos, enciclopédicos e interacionais importantes para o domínio do gênero.

	<ul style="list-style-type: none"> - Estimular a pesquisa, o levantamento de informações, a verificação dos dados, a reflexão sobre a confiabilidade das fontes, entre outros pontos relevantes para a redação das notas. - Possibilitar aos discentes o reconhecimento de estratégias de escrita importantes para a redação das notas. Nesse sentido, dar a conhecer a eles instrumentação linguístico-discursiva adequada à produção dos textos que pertencem ao gênero, com centralização na argumentatividade. - Levar os discentes à compreensão de que a atividade de escrita, em razão de sua complexa natureza, envolve variadas etapas, a saber: motivação, preparação, planejamento, redação e revisão.
Recursos didáticos de base	<ul style="list-style-type: none"> - Bloco de notas, canetas esferográficas, lápis, borracha, celular para a gravação de entrevistas, computadores ou celulares com acesso à internet.
Ações	<ul style="list-style-type: none"> - Reuniões de pauta, decisão sobre as fontes, checagem das informações. - Apresentação do material coletado, preparação, planejamento dos textos, redação e revisão.

Fonte: O autor, 2018.

● Sugestões para o desenvolvimento das habilidades trabalhadas

Tarefa geral 01. Coletar e selecionar informações que possam ser objeto de uma coluna de notas.

Habilidade: Reconhecer a importância da pesquisa, da seleção de informações e do registro dos dados como etapas imprescindíveis para o exercício consciente de redação das notas jornalísticas.

Questão proposta

Para a redação de nossa coluna, pesquise três assuntos que estão sendo muito discutidos atualmente em âmbito nacional, regional ou local. Você poderá recorrer a diversas fontes de informação, como jornais impressos (ou *on line*), *Youtube*, *Facebook* ou mesmo conversar com pessoas do *campus* Valença para assuntos pertinentes à escola. Registre-os em seu bloco de anotações e traga para a próxima reunião.

Comentário: Neste exercício, buscou-se dar autonomia ao aspirante a colunista para propor temas que fizessem parte da coluna. Com isso, pôde-se trabalhar a pesquisa, o registro, o filtro de informações como parte integrante do planejamento do texto. Pensamos também que, ao darmos a possibilidade de escolha dos temas, o aluno se sentiria mais motivado a produzir os textos. Desse exercício, surgiram os temas que foram a base da coluna (ver anexo B): o caso do assassinato da vereadora Marielle Franco, os cursos de extensão da instituição em que os alunos estudam e o mutirão de limpeza realizado também na escola.

Tarefa geral 02: Redação de uma nota que mescla informação e comentário a partir de uma informação de base.

Habilidades: (a) Recorrer à relação de causalidade para a fundamentação de um ponto de vista; (b) usar estratégias de impessoalização na redação das notas; (c) fazer uso estratégico da modalização; (d) estabelecer relações entre as partes de um texto por meio de conectores, tendo em vista as relações lógico-discursivas envolvidas e a orientação argumentativa assumida; (e) reconhecer a importância do trabalho criterioso do título e, a partir dessa percepção, valer-se de recursos que conduzam o leitor à leitura das notas.

– Nota: “É fake, mano!” (ver anexo B).

Questão geral proposta

Tendo em vista a informação seguinte, coletada por você sobre o caso Marielle Franco, redija uma nota jornalística que, paralelamente à informação, alerte as pessoas para o perigo das *fake news*.

Informação de base da nota:

– Perto de duas mil *fake news* sobre a vereadora Marielle Franco circularam na internet.

Fonte: Jornal O Globo *on line*.

Comentário: Essa atividade permite que o aluno, partindo de uma informação que ele mesmo selecionou (chamada aqui de “informação de base”), redija uma nota que mescle informação e comentário, como é bem característico do gênero. É importante que o aluno transite razoavelmente pelos modos textuais narrativo (relato de fatos, acontecimentos, ações) e argumentativo (defesa de ponto de vista, de opinião) para que passe da informação ao comentário. Isso ocorreu, por exemplo, na nota intitulada “É fake, mano”, na qual, no primeiro período, temos a informação de base (um período narrativo), seguida de períodos argumentativos que visam à persuasão do leitor acerca do potencial destrutivo das notícias falsas. Partindo da proposta, foi possível sugerir alguns exercícios específicos que auxiliaram os educandos na redação desta nota em particular e de outras. A seguir, apresentamos alguns deles.

Questões específicas propostas

a) É muito comum, em textos jornalísticos, as informações serem dadas de forma mais impessoal. Para tal, costuma-se não se explicitar o agente da ação verbal, o que dá ao texto um efeito de neutralidade. Uma das formas de fazer isso é com o uso da voz passiva pronominal, em que se lança mão de um verbo transitivo direto seguido da partícula “se” (“**Relatou-se** que ninguém ficou ferido no acidente.”). Use essa estrutura para iniciar a informação de base. Lembre-se de que, como não temos certeza do número exato de notícias falsas usadas contra Marielle Franco, o verbo a ser selecionado tem de dar a noção de não exatidão.

Resposta possível: Estruturas como “calcula-se que”, “estima-se que”, “considera-se que”, entre outras, podem ser utilizadas para trazerem ao texto o efeito de neutralidade.

Comentário: A questão é particularmente interessante, pois dá ao discente a possibilidade de avaliar em quais contextos é viável ou não a presença de um agente explícito. Conhecer estratégias de impessoalização pode ajudar ainda em outros textos de natureza argumentativa, em que se julgue necessário criar uma imagem discursiva de objetividade e neutralidade. Além disso, exercícios como esse – e como outros que propusemos – dão-nos a oportunidade de avançarmos para um trabalho com uma gramática centrada no uso, para além de uma orientação prescritiva, que se limita a demarcar o “certo” ou “errado”. Na atividade, a gramática ganha apoio no uso da língua, voltando-se para a produção de textos reais, de sorte a enfatizar usos que são relevantes na interação verbal. Por fim, cumpre frisar que, caso o professor deseje, poderão ser abordadas outras formas de impessoalização, como o uso do sujeito indeterminado.

b) Agora que já temos nossa informação de base redigida, é o momento de fazermos um comentário tentando persuadir o leitor a ter cuidado com o que compartilha nas redes. As orações substantivas são muito importantes na expressão de modalização, ou seja, na indicação de pontos de vista do falante em relação a algo que diz ou escreve. É com uma dessas orações que vamos sugerir que você comece o segundo período do seu texto. Veja um exemplo em que o redator chama a atenção para um problema atual, começando seu parágrafo com uma estrutura oracional substantiva:

– **É importante que** sejamos conscientes de que, se não desenvolvermos atitudes sustentáveis hoje, poderemos nos arrepender disso no futuro.

Pense, agora, em uma estrutura substantiva para começar o segundo período. Nela, você deverá dar ênfase, chamando a atenção do leitor para a reflexão sobre as notícias falsas.

Resposta possível: Pode-se usar, por exemplo, estruturas como “importa observar que”, “é relevante ponderar que”, “vale ressaltar que”.

Comentário: Por meio desse exercício, o aluno poderá perceber que as estruturas oracionais substantivas podem contribuir para a expressão de pontos de vista do enunciador face ao que diz ou escreve. Os alunos escolheram usar, no texto “É fake, mano”, “vale ressaltar que”, oração principal que encerra uma noção de importância, de ênfase ao que virá no conteúdo

proposicional expresse na subordinada. Como estrategistas, consideraram que essa estruturação conferiria mais ênfase ao problema a ser discutido, ou seja, ao perigo de se compartilhar informação falsa na internet.

c) Redija, em rascunho, dois motivos pelos quais as notícias falsas são potencialmente danosas. Para isso, você deverá selecionar um conector de causa/consequência.

Você pode complementar esta frase:

As *fake news* são potencialmente danosas, **porque** (pois, visto que, já que)...

Resposta pessoal: Nessa questão, os aprendizes, por meio da relação argumentativa de causalidade, justificaram o potencial de dano das notícias falsas com dois argumentos: (a) o dano à imagem pessoal do caluniado e (b) os perigos físicos e psicológicos que podem assolar as vítimas.

Comentário: Com a proposta, foi possível trabalhar a relação de causalidade, a qual contribui, sobretudo, para a sustentação de pontos de vista do comunicador. Tendo em conta que argumentar é uma atividade discursiva que busca influenciar nosso interlocutor por meio de argumentos, usar com proficiência a causalidade é uma habilidade importante para o fazer argumentativo, uma vez que se expõem razões, motivos para que o que estamos defendendo faça sentido. Importante para a expressão de causa/consequência são os operadores argumentativos, que garantem a progressão textual, direcionando o leitor no sentido de determinadas conclusões, como é o caso dos conectores de causa abordados no exercício. Uma tendência que notamos em nossos alunos é a utilização de conectores mais empregados na oralidade como “e” (adição), “mas” (contraposição) e “porque” (causa/explicação). É desejável que o professor amplie o repertório dos discentes, para que possam escolher o conector que melhor lhes aprouver no contexto.

d) Em seguida, una as duas razões valendo-se de um conector de adição.

Resposta possível: Este foi o período composto pelos alunos:

“Vale ressaltar que o compartilhamento desse conteúdo é demasiado danoso, pois contribui para a difamação dos envolvidos **e** para a exposição deles a sérios riscos.”

Comentário: O exercício é uma ótima oportunidade para o professor trabalhar os operadores argumentativos que ligam argumentos em favor de uma mesma conclusão. E, dentro desse universo, explicar as diferenças de uso entre esses elementos. Um interessante exercício de refacção textual foi possível a partir dessa atividade. Na primeira versão do texto, os colunistas optaram pela conexão aditiva mediada pelo operador “e”. Como sugestão, apresentamos a opção das aditivas enfáticas, que potencializam os argumentos, deixando o texto com mais poder de retórica. Como o leitor poderá notar, na versão final da produção, optou-se pelo conector “não só... mas também”.

e) Nas notas jornalísticas, o título desempenha função importante na interação entre o colunista e o leitor, uma vez que representa o primeiro contato que este tem com o texto, podendo levá-lo ou não à leitura do texto. Sabendo disso, sua tarefa é criar um título para a nota que acabamos de escrever. Nessa tarefa, é possível usar expressões populares, gírias ou outros recursos que você considere interessantes para captar a atenção do leitor.

Resposta pessoal: Escolheu-se o título “É fake, mano”, unindo-se o impacto do estrangeirismo “fake” com o efeito de modernidade e de informalidade da gíria “mano”, vocábulo de certa forma mais identificado com o grupo social mais jovem.

Comentário: A questão nos dá, aos professores, a oportunidade de mostrar que a seleção lexical é uma estratégia fundamental da argumentação, ainda mais em se tratando da elaboração do título dos textos. O título, chave para a interpretação de um texto, é parte estratégica dele, pois sugere sentidos, desperta a atenção do leitor, firma vínculos com informações dentro e fora do texto, sintetiza posicionamentos, orienta o leitor para certas conclusões. É importante reforçar que a escolha das palavras deve subordinar-se ao gênero do discurso, ao suporte em que o texto aparecerá, ao destinatário e aos propósitos do colunista. Assim estaremos mais próximos de elaborar títulos mais adequados, mais aptos a produzirem os efeitos desejados.

Tarefa geral 03: Redação de uma nota que mescla informação e comentário a partir de uma informação de base.

– Nota: “De grão em grão” (ver anexo B).

Habilidades: (a) compreender o uso e a importância do argumento de autoridade para a produção das notas; (b) utilizar palavras e expressões avaliativas em conformidade com o projeto de dizer elaborado; e (c) recorrer, com adequação, ao recurso argumentativo dos valores para a defesa de um ponto de vista.

Questão geral proposta

Com base na informação que segue, redija uma nota jornalística que ressalte a importância da ação coletiva de limpeza organizada pelos funcionários e alunos do Cefet-RJ (*campus Valença*).

Informação de base da nota:

– No mês de abril, foi realizado um mutirão de limpeza na área externa do Cefet-RJ (*campus Valença*).

Comentário: Atividade similar à da questão geral anterior. A experiência com nossos alunos nos mostrou que eles desempenham melhor a tarefa de produzir notas partindo sempre de uma informação de base.

Questões específicas propostas

a) Um dos recursos que usamos para fundamentar um ponto de vista é o chamado argumento de autoridade. Este imprime ao nosso texto maior grau de credibilidade, pois traz a ele um reforço de alguém de renome que pensa similarmente a nós. Sua tarefa, nessa questão, é pesquisar alguma citação que ressalte a importância da cooperação e da união na realização de tarefas. Depois, de encontrá-la, insira-a no texto.

Resposta possível: A citação escolhida foi esta, de Mahatma Ghandi: “Você deve ser a mudança que quer ver no seu mundo.” Os alunos optaram por começar o texto por ela para, em seguida, fazerem a inserção da informação de base.

Comentário: A atividade teve por meta exercitar a inserção de argumentos de autoridade, um recurso de muito relevo em se tratando de textos argumentativos. Optou-se pela citação direta, pelo que se fez necessário a demarcação formal pelas aspas ou por outro sinal que o indicasse. Para facilitar o trabalho dos alunos, o professor poderá disponibilizar para a consulta um livro de pensamentos e máximas, a exemplo do título **Frases inteligentes para lembrar e usar: citações, provérbios e aforismos**, cujos autores são Osvandré Lech e Marilise Lech (ver referências bibliográficas). Destaque-se que, na escrita da coluna, os alunos foram estimulados a usar o recurso em outras notas, a exemplo de “Futuro em extensão” e “Abre aspas” (ver anexo B).

b) Para finalizar o texto, poderíamos pensar em uma palavra avaliativa (um adjetivo, um substantivo etc.) que expressasse nossa avaliação sobre a mobilização ocorrida na escola. Mas veja: é só uma opção que você considerará adequada ou não para a nota. Caso opte por inseri-la, procure ser sucinto e pense no impacto que essa palavra terá sobre seu leitor. Se desejar, você poderá reforçá-la com um sinal de pontuação que expresse mais claramente seu estado emocional.

Resposta pessoal: O vocábulo selecionado foi “inspirador”, seguido de um ponto de exclamação, indicador de alegria, orgulho. É importante salientar que a inserção do vocábulo é opcional. A questão visa a estimular a autonomia dos alunos. Concebendo-os como sujeitos produtores de textos, incita-os a pensar sobre o impacto de suas escolhas em situações reais de interação.

Comentário: Palavras/expressões avaliativas são bastante usadas no gênero nota, com vistas a expressar pontos de vista dos colunistas. O aluno, como sujeito discursivo, poderá perceber, por meio de exercícios como este, que seu projeto de dizer está fortemente ligado às palavras que seleciona para compor seu texto. Poderá compreender também que a seleção lexical é, em certa medida, “governada”, como já o afirmamos, pelo gênero discursivo, pelo suporte em que figuram os textos do gênero, dentre outros fatores ligados ao contexto de

produção do texto. O exercício também dá a oportunidade para o professor fazer uma reflexão em classe sobre os adjetivos, que, muito além de “indicar a qualidades dos seres”, podem também enquadrar a referência numa determinada perspectiva do sujeito comunicante. Tal se pode observar a partir do vocábulo selecionado pelos educandos, qual seja, “inspirador”, o qual avalia positivamente o ato promovido pelo Cefet-RJ (campus Valença).

c) Em nossa leitura das notas, pudemos perceber o uso recorrente de frases ou expressões cristalizadas, ou seja, de estruturas já fixas na língua que não devem ser lidas “ao pé da letra”. Dentre essas expressões/frases feitas estão os adágios populares, provérbios etc. Eles são muito eficientes na argumentação, pois representam certo saber acumulado pela nossa civilização, expressando valores relativamente aceitos pela sociedade. Conforme a temática do texto, escolha uma dessas frases para um título a ele.

Resposta possível: O colunista poderia ter optado por frases cristalizadas que reforçassem a importância da união e da cooperação como “Uma andorinha só não faz verão” ou, como ocorreu na nota, “De grão em grão a galinha enche o papo”, que pode ser entendida como metáfora no contexto, indicando a importância de pequenas ações para que se conquiste algo maior em favor da escola na qual estudam.

Comentário: A proposta permite ao docente trabalhar com o dialogismo inerente às notas jornalísticas. Se preferirmos, a questão dá margem para que falemos sobre os conceitos de intertextualidade e interdiscursividade. Recorrendo aos valores, ao passo que podemos estabelecer um diálogo mais estreito com nosso leitor, uma vez que, potencialmente, trabalhamos com conteúdo compartilhado culturalmente, usamos um recurso retórico que deixa o texto com maior poder de persuasão. O professor pode, como fizemos, sugerir aos alunos que deixem a expressão incompleta seguida de reticências, mobilizando o leitor a fazer um esforço cognitivo para completá-la. Essa estratégia é bastante utilizada pelo colunista Ancelmo Gois. Vale destacar ainda que a questão possibilita a abordagem da metáfora como poderosa estratégia de persuasão nas notas. Para tal, faz-se necessário explorarem-se os sentidos possíveis da expressão “De grão em grão a galinha enche o papo”. Um último ponto a se observar: muitos dos provérbios, adágios podem não fazer parte da memória discursiva dos alunos, como aconteceu em nossos exercícios. Para sanear

a lacuna, é desejável que o professor apresente-os a eles, explicando a funcionalidade do gênero e as utilizações mais comuns desses textos contemporaneamente.

Tarefa geral 04. Produzir duas notas em complementaridade a partir de um texto imagético, com apoio de dados numéricos e de exemplos.

Habilidades: (a) Articular texto verbal e texto não verbal, com vistas à persuasão e ao convencimento do público-alvo; (b) reconhecer a importância dos dados e das estatísticas como elementos que produzem um efeito de objetividade e de credibilidade em textos argumentativos; (c) reconhecer a enumeração de exemplos como instrumento didático e vigoroso da argumentação; e (d) usar com proficiência elementos de coesão entre as notas jornalísticas.

Questões propostas

a) Em 14 de março deste ano, faleceu a vereadora Marielle Franco, vítima de assassinato no Rio de Janeiro. Como homenagem à trajetória dela, o artista plástico valenciano Wesley Monteiro criou esta tela:



a) Tendo em vista a imagem do quadro, proponha uma informação de base para uma nota que escreveremos, destacando a obra do artista e a motivação de sua criação.

Resposta possível: O artista plástico Wesley Monteiro produziu uma magnífica tela em homenagem à trajetória da vereadora Marielle Franco, assassinada no Rio de Janeiro em março de 2018.

Comentário: A proposta visa a levar o aluno a articular as linguagens verbal e não verbal, muito presentes na confecção das notas jornalísticas. A elaboração de informações de base a partir de imagens é uma habilidade que deve ser explorada, sobretudo em se tratando do gênero em tela, em face do potencial persuasório dos textos imagéticos, os quais, como vimos, atuam, não raras vezes, como um argumento que fortalece a tese exposta.

b) Sabemos que o Rio de Janeiro passa por um momento delicado em relação à segurança pública. Um exemplo disso foi a morte de Marielle Franco. Para darmos maior visibilidade à tese de que é preciso que se elaborem novas estratégias de combate ao elevado número de homicídios no Brasil, podemos redigir uma segunda nota que alerte para esse problema. Para isso,

- Colete informações de pessoas que foram assassinadas em 2018. A enumeração de exemplos nos ajudará a dar maior visibilidade e sustentação a nossa tese.

c) Dados numéricos e estatísticas são poderosos instrumentos da argumentação, pois dão aos nossos textos um caráter de objetividade e credibilidade. Desse modo,

- Faça um levantamento do número de homicídios dolosos (com intenção de matar) ocorridos no Rio de Janeiro em 2017. Você pode recorrer ao *site*: <http://www.ispdados.rj.gov.br>.

- Pesquise, no mesmo *site*, o número de mortos ocorridos na mesma cidade, em janeiro de 2018, vítimas de letalidade violenta.

Resposta possível das questões b e c: Recorrendo à mídia, os alunos encontraram outros casos dramáticos de homicídios no Rio de Janeiro no ano de 2018, conforme se pode ler na nota “Ainda” (ver anexo B). Buscou-se diversificar o perfil das vítimas para que se tivesse noção de que a violência é um problema que afeta praticamente todos os cariocas. Com

relação ao levantamento de dados numéricos, apurou-se que, de acordo com o *site ispdados*, houve, em 2017, 6731 homicídios dolosos na cidade e 674 mortes por letalidade violenta só no mês de janeiro de 2018.

Comentário: Com essas questões, foi possível abordar dois importantes instrumentos da retórica e da argumentação, quais sejam: a enumeração de exemplos e a utilização de dados numéricos. Além disso, estimulou-se a pesquisa, o registro e a discussão sobre esses dados, os quais confirmam o estado de violência em que vivem os cidadãos do Rio de Janeiro.

d) Selecione um conector (ou outro elemento de transição) que permita a continuidade entre as duas notas. Você o usará no título do segundo texto.

Resposta possível: Pode-se fazer a opção por variados conectores que possibilitem a adição de informações, a exemplo de “além disso”, “ainda”, “ademais” ou de outros instrumentos que indiquem continuidade, como “segue”, “seguindo”, “avante”, entre outros.

Comentário: A questão buscou dar aos alunos a possibilidade de pensar em estratégias de continuidade do texto, muito usadas nas notas. Compete ao mestre pôr em evidência o importante papel desses elementos como estratégia de interação com o leitor desse gênero, o qual se vê persuadido a continuar o trabalho de leitura a partir da utilização desse recurso.

6.3 A produção final e a circulação do gênero

Na produção final da coluna, os alunos puderam praticar habilidades que aprenderam individualmente nos módulos. Foi o momento de unir o material pesquisado e já redigido em rascunho para que chegássemos à redação definitiva dos textos. Nesse sentido, cumpre notar que muito do que praticamos, em especial no terceiro módulo, já nos dera uma direção bastante consolidada de como se apresentariam nossas notas quanto ao estilo, estrutura composicional, conteúdo temático e função sociocomunicativa.

Também se promoveu uma avaliação somativa, a qual, de certa forma, averiguou, na produção final, se os alunos haviam adquirido, dentro de um conjunto de propostas de atividades pontuais realizadas durante a aplicação dos módulos, as habilidades adequadas para a redação das notas jornalísticas. Nesse momento, foi possível verificar, por exemplo, o grau

de compreensão do alunado face a alguns conteúdos essenciais para uma competente redação de textos argumentativos, como a utilização de argumentos de autoridade – e, mais amplamente, do discurso de outrem –, da modalização, da seleção lexical, da exemplificação, dos dados e estatísticas para promoção da adesão a certas teses, dentre outras estratégias que foram enfatizadas no percurso. Conforme já dissemos, a avaliação não teve vinculação com a nota bimestral por se tratar de um projeto de extensão em que o aluno participou voluntariamente.

Os textos abordaram, basicamente, questões relativas à agenda local e à agenda nacional. O assassinato da vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco, pauta do momento em que a coluna foi redigida, é um exemplo de tema de interesse nacional trazido à baila pelos alunos. Relativamente à agenda local, versou-se sobre temas de interesse dos alunos que estudam na instituição, tal qual os projetos de extensão disponíveis na escola ou as ações que nela se promoveram, a exemplo do mutirão de limpeza. A proposição de assuntos que abordassem o cotidiano dos estudantes foi, conforme supusemos, um elemento motivacional para a redação das notas.

Em nossa avaliação, os módulos proporcionaram aos discentes bases para uma produção satisfatória das notas. Estas, em sua produção final, demonstram que o alunado adquiriu ou aperfeiçoou habilidades centrais para a produção de textos argumentativos, as quais os ajudarão inclusive na elaboração de outros textos assentados nessa tipologia. Se tomarmos, para exemplificar, a utilização da palavra de outrem, veremos que algumas notas publicadas se valem com competência de tal artifício, como “Abre aspas” e “De grão em grão”. Na primeira, abre-se espaço para outra voz que dialoga com notas anteriores, críticas ao pouco cuidado para com a informação que se divulga. Observemos:

Abre aspas

“Nunca houve, como hoje, um momento com mais informação e menos conhecimentos.”

George Steiner, ensaísta e crítico francês.

Deu na Telha. Ano 02, número 01, p. 03.

Na segunda, traz-se uma voz de um conhecido líder político que corrobora a tese exposta no título da nota, que, aliás, reacentua a voz da sabedoria popular:

De grão em grão...

Dizia Mahatma Ghandi: “Você deve ser a mudança que quer ver no seu mundo”. Movida por esse espírito, a comunidade cefetiana demonstrou união e cooperação ao realizar mutirão de limpeza da área externa. A ação contribuiu para melhor integração entre alunos e funcionários do campus. Inspirador!!

Deu na Telha. Ano 02, número 01, p. 03.

Se, por outro lado, observarmos a seleção lexical, veremos que a escolha cuidadosa de palavras avaliativas como “brutalmente” e “magnífica”, usadas na redação da nota “Comoção artística”, demonstram o emprego consciente desse recurso como importante estratégia argumentativa, uma vez que o projeto de dizer almejado no texto foi o de avaliar positivamente a obra do artista, assim como frisar a violência não só física, mas também simbólica do homicídio. Vejamos:

Comoção artística

Inspirado pela bela trajetória de Marielle Franco, ativista e defensora dos direitos humanos morta brutalmente em 14 de março deste ano, o artista plástico valenciano Wesley Monteiro expressa sua homenagem à vereadora por meio desta magnífica tela.

Deu na Telha. Ano 02, número 01, p. 03.

Momento importante nesse percurso foi a revisão individual e coletiva dos textos, bem como a refacção que propusemos. Dois momentos na revisão/refacção ilustram bem sua relevância. Relativamente à nota “Ainda...”, a redação inicial do texto não dava ênfase aos homicídios, uma vez que os discentes, na elaboração do enunciado, haviam alocado os exemplos justapostos:

Ainda...

Foram vítimas: O motorista Anderson Pedro Gomes, Jeovany de Carvalho Brito, policial militar morto em combate em 2018, em Arraial do Cabo, Benjamin, bebê de 01 ano, morto no morro do Alemão, em 2018, em razão de uma troca de tiros entre a polícia e bandidos.

Partindo dessa proposta, sugerimos que os alunos fizessem uso do paralelismo sintático, quer dizer, da repetição de certas estruturas, mas com preenchimentos lexicais diferentes. Nesse caso, os exemplos diferentes, assim como os dados coletados sobre

homicídios preencheriam as lacunas nas estruturas. Então, usou-se a estrutura “por” (pelo/pela), para que se salientasse que a manifestação não se restringia ao assassinato da vereadora. Pelo contrário, fazia alusão a muitos outros ocorridos no Rio de Janeiro, o que reforçou a dramaticidade da situação. O tom de gravidade foi intensificado pelos pontos finais usados entre a citação dos casos, de modo a impactar mais o leitor da nota pelo ritmo produzido. A recorrência sintática contribuiu para que se reforçasse a premissa de que a segurança pública no Rio de Janeiro precisa, com urgência, de prioridade entre as políticas públicas. Vejamos:

Ainda...

Pela vereadora Marielle Franco. **Pelo** motorista Anderson Pedro Gomes. **Por** Jeovany de Carvalho Brito, policial militar morto em combate em 2018, em Arraial do Cabo. **Por** Benjamin, bebê de 01 ano, morto no morro do Alemão, em 2018, em razão de uma troca de tiros entre a polícia e bandidos...

Pelo estarrecedor número de 6731 homicídios dolosos no Rio de Janeiro só em 2017.

Pelos 649 mortos, só em Janeiro de 2018, em decorrência de letalidade violenta, também na cidade maravilhosa.

Deu na Telha. Ano 02, número 01, p. 03

Outro momento que consideramos importante no processo de reescrita envolveu o uso de operadores argumentativos. Na primeira versão do texto “É *fake*, mano”, os colunistas optaram pela conectividade aditiva mediada pelo operador “e”.

É *fake*, mano!

Estima-se que circularam cerca de duas mil fake news sobre Marielle Franco na internet. Vale ressaltar que o compartilhamento desse conteúdo é demasiado danoso, pois contribui para a difamação dos envolvidos **e** para a exposição deles a sérios riscos.

Como sugestão para a refacção, apresentamos a opção das aditivas enfáticas, que potencializam os argumentos, deixando o texto com mais poder de persuasão e/ou convencimento. Como o leitor poderá notar, na versão final da produção, optou-se pelo conector “não só... mas também”, que busca dar relevo aos argumentos expostos pelos educandos.

É fake, mano!

Estima-se que circularam cerca de duas mil fake news sobre Marielle Franco na internet. Vale ressaltar que o compartilhamento desse conteúdo é demasiado danoso, pois contribui **não só** para a difamação dos envolvidos, **mas também** para a exposição deles a sérios riscos.

Deu na Telha. Ano 02, número 01, p. 03.

No que respeita à circulação do gênero, etapa importante para os alunos, uma vez que dá sentido às produções feitas por eles, os textos ganharam “vida” no suporte denominado *Deu na telha*, jornal discente do Cefet-RJ (*campus Valença*), distribuído nas plataformas digitais. A experiência com o jornal *on line* tem nos mostrado que esse é um momento de euforia e satisfação por parte dos envolvidos, que veem seus textos saírem das paredes da sala de aula, sentindo-se estimulados a prepararem material para a próxima edição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas propostas, práticas e aplicações atinentes ao gênero nota jornalística – incipientes, mas potencialmente executáveis, como esperamos haver demonstrado – buscaram oferecer caminhos para exploração teórica e didática que se pode fazer de um gênero muito pouco contemplado, quer na literatura linguística teórica, quer na prática pedagógica envolvendo gêneros discursivos. Ao fim e ao cabo, cremos haver contribuído para o exame descritivo do gênero, paradoxalmente rico em possibilidades linguístico-discursivas, mas carente de tentativas de análise, sobretudo se comparado a gêneros mais “badalados”, como a notícia ou o artigo de opinião. Ademais, nossa experiência evidenciou que importantes habilidades alusivas à escrita e à leitura podem ser enfocadas por meio de um trabalho sistemático com as notas em sala de aula.

Relativamente à descrição do gênero, a perspectiva do Círculo de Bakhtin, essencialmente dialógica e interacional, revelou-se adequada para a consecução de tal tarefa. Com efeito, o dialogismo inerente às manifestações languageiras permitiu-nos vislumbrar uma rede de relações de base argumentativa que se constituem entre sujeitos na dinâmica interativa das notas, tanto em suas relações internas, ou seja, formais, quanto nas externas, as quais reclamam um olhar atento para as interações humanas mediadas pela linguagem, notadamente aquelas que apresentam, de forma mais explícita, uma inclinação ao convencimento e à persuasão.

Já no que respeita a nossas proposições para a sala de aula, os direcionamentos do Grupo de Genebra foram, para nós, um norte seguro para a consecução dos nossos objetivos. Isso porque nos permitiu implementar um trabalho ao mesmo tempo sistemático e gradativo, de modo a respeitar o ritmo peculiar dos aprendizes integrantes do jornal *Deu na Telha*, assim como “atacar” as dificuldades mais proeminentes que surgiram no andamento do processo. Constatou-se que o trabalho com as sequências didáticas e com os módulos têm muito a contribuir para que tracemos planos mais sólidos para o ensino dos gêneros discursivos, visto que nos possibilita centralizar as ações em um gênero por vez, ou de um mesmo gênero progressivamente, de sorte a detectarmos problemas pontuais a serem resolvidos com a aplicação de atividades pensadas para diferentes fins. Portanto, sustentamos que a adoção das sequências didáticas pode nos auxiliar a organizar um currículo centrado em gêneros e textos, permitindo, a nosso juízo, um ensino mais coerente e eficaz da expressão oral e escrita.

Na direção das hipóteses levantadas nesta tese, foi possível perceber que as notas se apresentam como um campo profícuo para o estabelecimento das relações dialógicas de base argumentativa, prestando-se, não raras vezes, à tentativa de convencimento e de persuasão do público-alvo. Para tal, vale-se o colunista de estratégias selecionadas para cumprir esse fim. Em nossa abordagem, privilegiamos o estudo de alguns pontos que nos pareceram fundamentais para entendermos melhor a interação mediada pelos textos do gênero, a saber: (a) índices de modalização; (b) palavras e expressões avaliativas; (c) implícitos; (d) operadores argumentativos; (d) discurso de outrem; e (e) figuras de linguagem, em especial, a metáfora, o símile, a metonímia e a ironia.

Além disso, pudemos confirmar que o gênero em exame apresenta diversificado material de exploração no que toca a aspectos sócio-históricos, dinâmica interativa e elementos estruturantes, a saber: estrutura composicional, conteúdo temático e, em especial, estilo. Dessa maneira, a defesa de que o gênero pode concorrer para que se aperfeiçoem habilidades de escrita e de leitura dos educandos parece-nos bastante plausível ao fim desta jornada. Nessa direção, as notas possibilitaram um trabalho com a argumentatividade bastante consistente, conforme se pode atestar na produção final da coluna, que reúne estratégias argumentativas praticadas nos módulos, usadas com competência pelos educandos. Serviram também para a sensibilização de que, mesmo em textos que, em sua materialidade, se apresentem com uma aparente aura de neutralidade, há por trás uma intenção de provocar a adesão a certas teses.

Ainda tendo em conta nossas hipóteses de trabalho, a inserção dos alunos em um projeto de extensão como o que desenvolvemos na instituição conferiu sentido e estímulo às atividades de leitura e de escrita. Com efeito, a leitura/escrita de textos reais, que apresentam autoria, projeto de dizer, leitores, ou seja, textos que têm em vista a interação verbal, promoveu um positivo influxo aos discentes que participaram do jornal. Estes foram realmente autores, sujeitos sociais que se envolveram com a produção de textos socialmente relevantes em situações de comunicação concretas.

No projeto, foi possível criar um ambiente no qual os alunos foram instados a pesquisar, tomar notas, levantar dados, organizá-los, decidir pautas, planejar textos, defender pontos de vista, buscar estratégias linguístico-discursivas (ou imagéticas) que melhor se adaptassem a cada texto, revisar suas produções. Tal lhes deu a oportunidade de ampliar suas potencialidades comunicativas em situações efetivas de interação verbal.

Gostaríamos de destacar, assim como fazem Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), que as sequências não são manuais rígidos a serem seguidos. Toda proposta nesse sentido deve

levar em conta a sensibilidade do professor e, sobretudo, os aprendizes, os quais serão seus guias soberanos nas escolhas que fará. A sequência aqui aplicada foi pensada para nossos alunos do Cefet-RJ (*campus* Valença), os quais participaram de um projeto de extensão ofertado por nós na instituição. Cabe salientar que, mesmo no percurso pensado e planejado, com alunos já conhecidos e com condições infraestruturais adequadas, foram necessárias modificações que implicaram, por exemplo, a inserção de conteúdos que não estavam inicialmente no roteiro ou mesmo o abandono de outros que não se fizeram necessários na aplicação dos módulos. Dificuldades surgiram, como de hábito na prática pedagógica.

Não obstante, acreditamos que muito do que propusemos neste estudo pode ser levado para sala de aula com algum sucesso. Foi por essa razão que, em cada módulo, não apenas fizemos a inserção das respostas de cada exercício, como também tivemos o cuidado de comentar as questões, o que, cremos, ajudará o professor a pensar sua própria experiência com as notas em sala de aula, caso ele deseje abordá-las em sua prática.

Vale dizer que as respostas ganharam, quase sempre, o qualificativo “possível” por admitirmos não haver somente uma leitura dos textos. Pelo contrário, a leitura é uma atividade eminentemente cooperativa e multiforme, consoante sustentamos no correr desta tese. Pelo exposto, o texto se abre em possibilidades interpretativas que levam em conta, por exemplo, o saber prévio do leitor, sua bagagem cognitiva, seu repertório sociocultural, seu conhecimento da língua e dos eventos de interação, por meio dos quais ele constrói os sentidos dos textos que lê. Daí a importância de o professor avaliar criteriosamente as respostas dos educandos, mesmo as que parecem incoerentes para o que foi proposto na questão. Nossas limitações – talvez haja aí um “quê” de prepotência às vezes – podem nos privar de considerar proposições que guardam processos cognitivos complexos que muito têm a nos ensinar sobre a aprendizagem dos nossos alunos. Logo, um aparente “erro” pode trazer consigo algo primordial a ser aprendido e compartilhado.

É preciso acentuar que algumas possibilidades de trabalho foram cogitadas, mas não contempladas. Ficarão, por certo, para outro momento. Uma delas previa atividades com as mídias sociais a partir de plataformas como o *Twitter* e *Youtube*. Este, a título de exemplo, possui canais que divulgam notas e notícias que poderiam ser objeto de exploração didática. Pensamos na gravação de um programa em áudio e vídeo com notas e notícias elaboradas pelos alunos, com vistas a estimular não só a escrita, mas também a oralidade. Propostas como essas envolvendo textos multimodais, com produção de áudio e vídeo, têm nos dado bons frutos no Cefet-RJ (*campus* Valença). São elas bem acolhidas pelos alunos, pois promovem momentos que unem descontração, ludicidade, interação face a face e

aprendizagem, de sorte a permitir a integração até mesmo daqueles alunos que se mostram mais alheios às aulas.

Finalmente, a aposta em uma leitura e escrita autorais, de cuja importância falamos com alguma insistência no decorrer deste trabalho, desvelou-se tanto acertada quanto auspiciosa em nossa experiência. Leitura e escrita são atividades que permeiam a vida e dela não podem se descolar. Por trás das manifestações languageiras estão sujeitos sociais em toda sua complexidade e dinâmica. Têm eles projetos de discurso, intenções, motivações, afetos e ideologias que não devem ser ignorados sob qualquer alegação. É nosso papel, como professores, proporcionar o encontro do aluno com o mundo linguístico em que vive, fazendo-o perceber a conexão indissociável da linguagem com a vida. Aqui se apresentou uma tentativa.

A travessia há de continuar.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. L. M.; ABAURRE, M. B. M.; PONTARA, M. *Português: contexto, interlocução e sentido*. São Paulo: Moderna, 2008. 3v.
- ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 9. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.
- ABREU, A. S. *Curso de redação*. 11. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- ALVES FILHO, F. *Gêneros jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental*. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANTUNES, I. *Gramática contextualizada: limpando “o pó das ideias simples”*. São Paulo: Parábola, 2014.
- ANTUNES, I. *Território de palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ANTUNES, I. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- ANTUNES, I. *Língua, texto e ensino: uma outra escola é possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ANTUNES, I. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Disponível em: https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/aristoteles_-_retorica2.pdf. Acesso em: 22 maio 2017.
- AVVAD, M. *Os neologismos na coluna Gente Boa: um estudo lexicográfico*. 2007. 125f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- AZEREDO, J. C. de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- AZEREDO, J. C. de. A quem cabe ensinar a leitura e a escrita? In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, I. (Org.). *Da língua ao discurso*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 30-42.
- BAGNO, M.; RANGEL, E. O. Tarefas da educação linguística no Brasil. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 63-81, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v5n1/04.pdf>. Acesso em: 12 out. 2017.
- BAKHTIN, M. M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, M. M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BATISTA, S. G. *O gênero discursivo fofoca, da coluna social sobre bastidores da política: tendências do discurso midiático e formação de leitores críticos na educação básica*. 2016. 137f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2016. Disponível em: http://www.uems.br/pos_graduacao/detalhes/letras-campo-grande-mestrado-academico/teses_dissertacoes . Acesso em: 2 mar. 2018.

BERNARDO, G. *Redação inquieta*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

BONINI, A. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, A.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial: 2011. p. 53-68.

BONINI, A. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 208-236.

BONINI, A. Gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 4, n. 1, p. 205-231, jul./dez., 2003. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/263 Acesso em: 22 ago. 2017.

BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto: 2016a.

BRAIT, B. Estilo. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto: 2016b. p. 79-103.

BRAIT, B. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto: 2014a.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto: 2014b. p. 09-31.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, jul./dez., 2013a.

BRAIT, B. Reflexões dialógicas: de olho no verbal, piscando para a imagem. In: MACHADO, I.; LIMA, H.; LYSARDO-DIAS, D. (Org.). *Imagem e discurso*. Belo Horizonte: FALE, 2013b. p. 38-56. E-book.

BRAIT, B. Polifonia arquitetada pela citação visual e verbo-visual. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n.5, p. 183-196, 1º semestre, 2011.

BRANDÃO, H. N. Texto, gêneros do discurso e ensino. In: BRANDÃO, H. N. (Coord.). *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 17-45.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Orientações curriculares nacionais para o ensino médio*. Brasília: MEC: SEB, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf. Acesso em: 3 abr. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC, SEMTEC, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, P. L. Em terra de surdos-mudos: um estudo sobre as condições de produção de textos escolares. In: GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula*. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 1984. p. 109-120.

CAMARA, T. M. N. L. *Pontuação: perspectivas e ensino*. 2006. 196f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

CAVALCANTI, J. *Professor, leitura e escrita*. 1. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2015.

CEREJA, W. R.; VIANNA, C. D.; CODENHOTO, C. D. *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*. São Paulo: Saraiva, 2016. 3v.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. Trad. Angela S. M. Corrêa. 1. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2009.

CITELLI, A. *Linguagem e persuasão*. 15. ed. São Paulo: Ática, 2003.

COSCARELLI, C. V. Gêneros textuais na escola. In: *Revista Veredas (Ensino)*, Juiz de Fora-MG, v.11, n. 2, p. 78-86, 2007. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo051.pdf>. Acesso em: 2 maio 2017.

COSTA-HÜBES, T. *O processo de formação continuada dos professores no oeste do Paraná: um resgate histórico-reflexivo da formação em língua portuguesa*. 2008. 382f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR, 2008.

COSTA-HÜBES, T.; SIMIONI, C. Sequência didática: uma proposta metodológica curricular de trabalho com os gêneros discursivos/textuais. In: BARROS, E. M.; RIOS-REGISTRO, E. (Org.). *Experiências com sequências didáticas de gêneros textuais*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014. p. 15-41.

- COUTINHO, I. Colunas jornalísticas de notas: representação na imprensa. In: MOTTA, L. G. (Org.). *Imprensa e poder*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 275-298.
- DARNTON, R. Rede de intrigas – fofocas, folhetins – as notícias da França do século XVIII. In: MOTTA, L. G. (Org.). *Imprensa e poder*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 227-246.
- DIONISIO, A. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, A.; GAYDECKZA, B.; BRITO, K. (Org.) *Gêneros Textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 137-152.
- DOLZ, J.; GAGNON, R.; DECÂNDIO, F. *Produção escrita e dificuldades de aprendizagem*. Trad. Fabrício Decândio e Anna Rachel Machado. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.
- DORNELLES, B. Características de produção da Coluna Social ao longo do século XX: dos EUA ao RS. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10., 2015, Porto Alegre-RS. *Anais...* Porto Alegre, RS, UFRGS/ALCAR, 2015. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-imprensa/caracteristicas-de-producao-da-coluna-social-ao-longo-do-seculo-xx-dos-eua-ao-rs/view>. Acesso em: 25 ago. 2017.
- DUCROT, O. *El decir y lo dicho*. Buenos Aires: Edicial S.A., 2001.
- EMERICH, D. O beijo de Mangabeira: o jornalismo político das colunas de notas. In: MOTTA, L. G. (Org.). *Imprensa e poder*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 261-274.
- FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FARACO, C. A. *Relatório sobre gêneros do discurso*. Projeto Agp CNPq/CEFET-PR/PUC-PR. Inédito, 2000. Mimeografado.
- FARACO, C. E.; MOURA, F. M.; MARUXO JR., J. H. *Língua portuguesa: linguagem e interação*. São Paulo: Ática, 2010. 3v.
- FARIA, M. A. *O jornal na sala de aula*. 9. ed. São Paulo, Contexto, 1997.
- FARIA, M. A. *Como usar o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1996.
- FERRAREZI JR., C.; CARVALHO, R. S. de. *Produzir textos na educação básica: o que saber, como fazer*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FERREIRA, M.; MESQUITA, C. Os anos JK no acervo da Biblioteca Nacional. In: *BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil)*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Nova Fronteira, 2001. p. 329-368. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1283.pdf. Acesso em: 03 ago. 2017.

FIGUEIREDO, L. F. *A nota jornalística no jornal do Brasil: um estudo do gênero textual e de sua função no jornal*. 2003. 133f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão-SC, 2003. Disponível em: <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/dissertacoes/index.htm>. Acesso em: 22 out. 2017.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FIORIN, J. L. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2016.

FIORIN, J. L. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1995.

FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. *Introdução à Linguística da Enunciação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FLORES, V. N. et al. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FONSECA, A. *Artigo de opinião como proposta de escrita estratégica e criativa na escola*. 2017. 235f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

FONSECA, A. *As cartas de leitores de jornal na sala de aula: as marcas de oralidade como estratégias estilístico-argumentativas*. 2012. 199f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

FONSECA, F. I.; FONSECA, J. *Pragmática linguística e ensino de português*. Coimbra: Almedina, 1977.

GADOTTI, M. *O jornal na escola e a formação de leitores*. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

GALDINO, T. *Espaço público e socialidades impressas: o estilo cotidiano nas colunas sociais*. 2013. 135 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2003. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/4480/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2018.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula*. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 1984

GERALDI, J. W. Prática da leitura de textos na escola. In: GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula*. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 1984a. p. 77-89.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula*. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 1984b. p. 41-48.

GOIS, A. Colunismo político. In: *Lições de jornalismo*. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1998. p. 43-54.

GRADIM, A. *Manual de jornalismo*. Covilhã: Labcom Books, 2000. Disponível em: http://www.labcom-ifp.ubi.pt/publicacoes/201801141529-1_gradim_anabela_manual_jornalismo.pdf. Acesso em: 02 fev. 2017.

GUEDES, P. C. *Da redação à produção textual: o ensino da escrita*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa – versão 3.0*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. CD-ROM.

ILARI, R. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

KLEIMAN, A. *Texto e leitor*. 14. ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2011.

KLEIMAN, A. Concepções de escrita na escola e formação do professor. In: VALENTE, A. (Org.). *Aulas de português: perspectivas inovadoras*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 67-82.

KLEIMAN, A. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 3. ed. Campinas-SP: Pontes, 1995.

KOCH, I. *A inter-ação pela linguagem*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

KLEIMAN, A. *O texto e a construção dos sentidos*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

KLEIMAN, A. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KLEIMAN, A. *Argumentação e linguagem*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

KOCH, I.; ELIAS, V. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

LAGE, N. *Linguagem jornalística*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

LAPA, M. R. *Estilística da língua portuguesa*. 11. ed. rev. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

LEAL, T.; MELO, K. de. Produção de textos: introdução ao tema. In: LEAL, T. F.; BRANDÃO, A. C. P. (Org.). *Produção de textos na escola: reflexões e práticas no ensino fundamental*. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. E-book.

LEAL, T.; BRANDÃO, A. C. P. (Org.). *Produção de textos na escola: reflexões e práticas no ensino fundamental*. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. E-book.

LECH, O.; LECH, M. B. *Frases inteligentes para lembrar e usar: citações, provérbios, aforismos*. Passo Fundo: Méritos, 2010.

LENE, H. Jornal diário. In: *Enciclopédia INTERCOM*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos interdisciplinares da Comunicação, 2010. p. 731-732. Disponível em: <http://www.cienciasnuevens.com.br/site/wp-content/uploads/2013/07/Enciclopedia-Intercom-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 02 maio 2018.

LERNER, D. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LOPES-ROSSI, M. A. G. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: KARWOSKI, A.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial: 2011. p. 69-82.

LOZZA, C. *Escritos sobre jornal e educação: olhares de longe e de perto*. São Paulo: Global, 2009.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza e Décio Rocha. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARCONDES, D. *Textos básicos de linguagem: de Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 17-31.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros Textuais e Ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte dos gêneros textuais. *Língua, linguística e literatura*, João Pessoa, v. 1, n.1, p. 9-40, out., 2003.

MARTINS, E. *Manual de redação e estilo*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997. E-book. Disponível em: <https://docs.google.com/file/d/0B7hMF-wiDdldeHRvc2hyVGZNYXM/edit>. Acesso em: 05 fev. 2017.

MARTINS, N. S. *Introdução à estilística: expressividade na língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

MATEUS, S. Pode uma imagem ser um argumento? *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 23, n. 2, maio/ago. 2016. Não paginado. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/21445>. Acesso em: 20 set. 2017.

MELO, J. M. de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2. ed. rev. Petrópolis: Vozes, 1994.

MONTEIRO, J. L. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991.

MORATO, E. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. v. 3, p. 311-351.

MOTTA, L. G. Imprensa e poder. In: MOTTA, L. G. (Org.). *Imprensa e poder*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

NEDER, M. L. C. Concepções de Linguagem e o ensino de língua portuguesa. *Revista Polifonia*, Mato Grosso, v. 00, n. 00, p.71-89, 1993.

OLIVEIRA, M. R. de; WILSON, V. Linguística e ensino. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 235-242.

ORLANDI, E. P. *O que é linguística*. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

PAES DE BARROS, C. G. Capacidades de leituras de textos multimodais. *Polifonia*, Cuiabá, EDUFMT, v. 16, n. 19, p. 161-186, 2009. Disponível em: <http://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/da1fb711700d927dbf8296e0464aeb96.pdf>. Acesso em: 05 maio 2017.

PEREIRA, M. T. G. *A educação de jovens e adultos: reflexões sobre uma proposta de ensino da língua portuguesa*. In: VALENTE, A.; PEREIRA, M. T. G. (Org.). *Língua portuguesa: descrição e ensino*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 239-255.

PEREIRA, M. T. G. *Recursos linguístico-expressivos na obra infanto-juvenil de Ana Maria Machado*. 1990. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLANTIN, C. *A argumentação: história, teorias, perspectivas*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. *Dicionário de Comunicação*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

RAMALHO, A. M. Coluna Social. In: *Lições de jornalismo*. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1998. p. 25-42.

RAMOS, M. C. *Intrigas da corte: o jornalismo político das colunas sociais*. Rio de Janeiro: Corpo da Letra, 1994.

- REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- RODRIGUES, R. H. Os gêneros discursivos na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 152-183.
- RODRIGUES, R. H. Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, n. 2, p. 415-440, jan./jun., 2004.
- RODRIGUES, R. H. *A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo*. 2001. 347 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – PUC-SP, São Paulo, 2001.
- ROJO, Roxane. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, Roxane (Org.). *Escola conectada: multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 13-36.
- ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 184-207.
- ROJO, Roxane. Modos de transposição dos PCNs às práticas de sala de aula: progressão curricular e projetos. In: ROJO, R. (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: EDUC; Campinas-SP: Mercado das Letras, 2000. p. 27-38.
- ROJO, R.; BARBOSA, J. P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- ROSSI, C. *O que é jornalismo*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SANTANA, D. S. *Usos da linguagem no espaço da coluna social em Sergipe*. 2013. 85f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2013.
- SANTOS, J. F. dos. *Enquanto houver champanhe, há esperança: uma biografia de Zózimo Barroso do Amaral*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.
- SANTOS, L. W.; RICHE, R. C.; TEIXEIRA, C. S. *Análise e produção de textos*. São Paulo: Contexto, 2015.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SAVIOLI, F. P.; FIORIN, J. L. *Para entender o texto: leitura e redação*. 16. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- SAVIOLI, F. P.; FIORIN, J. L. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. Roxane Roxo; Gláís Cordeiro. Campinas - SP: Mercado das Letras, 2004. p. 19-34.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. Roxane Roxo; Gláís Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

SILVA, P. F. da. *A coluna social como gênero de fofoca*. 2010. 166f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/9168>. Acesso em: 06 maio 2017.

SILVA, A. da; MELO, K. L. Produção textual: uma atividade social e cognitiva. In: LEAL, T. F.; BRANDÃO, A. C. P. (Org.). *Produção de textos na escola: reflexões e práticas no ensino fundamental*. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. E-book.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas – SP: Mercado das Letras, 2009.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia-MG, v. 10, n. 03, p.1076-1094, 2016.

SOBREIRA, G. *Manual da fonte: como lidar com jornalistas*. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 1998.

SOUZA, R. M. *Dos canapés à política: a reinvenção permanente do colunismo como gênero jornalístico*. 2009. 232 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=8. Acesso em: 02 abr. 2017.

SUED, I. (Org.). *Em sociedade tudo se sabe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

TRAVANCAS, I. A coluna de Ibrahim – um gênero jornalístico. In: XXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 23., 2000, Manaus, AM. *Anais...* Manaus-AM, UFAM, 2000.

VALENTE, A. Argumentatividade na linguagem jornalística: aspectos linguísticos da intencionalidade discursiva no uso de adjetivos e metáforas. In: VALENTE, A. *Unidade e variação na língua portuguesa: suas representações*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 25-38.

VALENTE, A. Prefácio. In: AZEREDO, J. C. de. *Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 07.

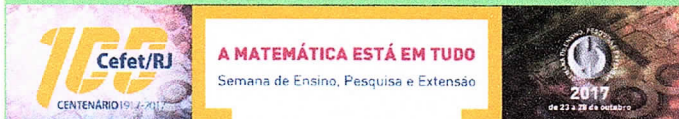
WEEDWOOD, B. *História concisa da linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WEINRICH, H. *Tempus: besprochene und erzählte Welt*. Stuttgart: Klett, 1964.

WILSON, V. Motivações pragmáticas. In: MARTELOTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 87-110.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

A SEPEX está aí...



Para os interessados de plantão...

A SEPEX é a Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão realizada anualmente pelo CEFET/RJ *campus* Valença com o objetivo de oferecer atividades ligadas ao campo profissionalizante, principalmente, para os valencianos que ainda não fazem parte do corpo discente da instituição. André Fonseca, coordenador do evento, está muito animado com a SEPEX:

- A SEPEX tradicionalmente é uma semana de muita alegria, é um evento que mobiliza o CEFET/RJ e é realizada com o apoio de tod@s. É com este mesmo espírito que a Comissão Organizadora se coloca à disposição.

Seguindo...

A Sepex possui uma relevância fundamental para o ensino/aprendizado das pessoas da comunidade de Valença, não somente servindo de incentivo para estudantes da instituição, mas também para despertar o interesse por questões de interesse da comunidade valenciana como um todo.

O evento terá minicursos, palestras e exposições relacionadas a várias áreas de estudo, o que também traz uma oportunidade de aprendizado para quem deseja adquirir mais conhecimento, proporcionando um crescimento profissional e acadêmico.

Então...

As diversas atrações, todas gratuitas, ocorrerão no período de 24 a 28 de outubro. As inscrições e a programação estão no site:

<http://www.even3.com.br/sepex2017valenca>

Fique atento! As vagas são limitadas...



Por : Equipe Deu na Telha

Vale a pena ler...

APRENDENDO INTELIGÊNCIA'

Ana Luísa Zampirolli

É notório que a inteligência sempre foi algo muito desejado e buscado pelo homem ao longo da história. Portanto, durante os séculos, esse tema foi debate constante. Nos dias atuais, principalmente, se percebe a importância do conhecimento, quase uma necessidade para o crescimento profissional e humano.

No livro *Aprendendo Inteligência*, o que se encontra é praticamente um manual, redigido pelo Professor Pier, que tem como principal objetivo oferecer caminhos que ajudem os alunos a “turbinar” sua inteligência.

O professor Pierluigi Piazzi (Pier), nascido na Itália, já escreveu várias obras relacionadas ao assunto, engajou milhares de alunos em cursos preparatórios para vestibulares, com aulas (principalmente de Física). Vale lembrar também que Pier encontrou seu gosto pela leitura quando jovem e algum tempo depois acabou sendo o fundador da Editora Aleph. O professor demonstrava inúmeras habilidades, além de possuir um alto QI. Por isso, ele se "encaixou" perfeitamente em muitas profissões, dentre elas: Radiologista da Jovem Pan AM, professor de Física, palestrante, etc. Infelizmente, esse gênio nos deixou no ano de 2015.

Como já foi citado anteriormente, o livro é como um manual, que tenta ajudar o aluno a ser cada vez mais inteligente por meio de exemplos, dicas e até explicações científicas envolvendo matérias como a neurociência. A obra é de fácil leitura, com simples linguagem. O livro possui várias ilustrações que ajudam o leitor na melhor compreensão do conteúdo.

A obra é dividida em duas partes: na primeira temos as dicas e práticas em que vemos como programar o cérebro, além das questões que falam sobre o como, quanto, quando e por que estudar. Já na segunda parte do livro nos é ensinado como, literalmente, aprender inteligência, acelerando o pensamento e os neurônios. Nessa parte, vemos também a diferença entre conhecimento e inteligência, além da teoria das inteligências múltiplas.

Pier também fala em assuntos polêmicos como o uso de tecnologia e o estudo e como os celulares, computadores, televisões e videogames podem prejudicar o rendimento do aluno. Nessa parte do livro, inevitavelmente há pessoas de acordo e contra as ideias que são apresentadas. Acontece também uma autoavaliação profunda, que faz o leitor pensar: "Mas eu fiz errado todos esses anos?"

Porém, apesar desses elogios, o livro não é perfeito. Podem ser encontrados traços de generalizações, por parte do professor, que utiliza palavras como "burros", "deficiente mental" e outros para descrever alunos em seus exemplos. Pier também, a partir de certa interpretação dá a entender que somente alunos que seguem seu passo a passo é que vão conseguir o sucesso e a inteligência.

Por fim, percebe-se que, além de tudo, no livro se ressalta a importância da leitura, que, de fato, tem efeitos impressionantes sobre o leitor, pois abre os olhos e a imaginação, facilita a expressão verbal e a compreensão de praticamente tudo. Esse livro é realmente muito interessante e pode trazer informações essenciais para a potencialização cerebral e consequentemente a inteligência. Assim termino esta resenha com uma frase do professor para a reflexão do leitor: “Só obtém algo interessante da vida, da escola, do trabalho, quem lê muito. E só lê muito quem lê por prazer”.

Comoção artística

Inspirado pela bela trajetória de Marielle Franco, ativista e defensora dos direitos humanos morta brutalmente em 14 de março deste ano, o artista plástico valenciano Wesley Monteiro expressa sua homenagem à vereadora por meio desta magnífica tela.



Ainda...

Pela vereadora Marielle Franco. Pelo motorista Anderson Pedro Gomes. Por Jeovany de Carvalho Brito, policial militar morto em combate em 2018, em Arraial do Cabo. Por Benjamin, bebê de 01 ano, morto no morro do Alemão, em 2018, em razão de uma troca de tiros entre a polícia e bandidos...

Pelo estarrecedor número de 6731 homicídios dolosos no Rio de Janeiro só em 2017.

Pelos 649 mortos, só em Janeiro de 2018, em decorrência de letalidade violenta, também na cidade maravilhosa.

É fake, mano!

Estima-se que circularam cerca de duas mil *fake news* sobre Marielle Franco na internet. Vale ressaltar que o compartilhamento desse conteúdo é demasiado danoso, pois contribui não só para a difamação dos envolvidos, mas também para a exposição deles a sérios riscos.

Caíram!

Reportagem do jornal o Globo mostra que muitas notícias falsas sobre Marielle foram divulgadas nas redes até por gente supostamente esclarecida. Entre as lorotas, afirmou-se que ela tinha ligação com bandidos, sendo penalizada “descumprir compromissos”. Mais respeito, por favor!

Abre asas

“Nunca houve, como hoje, um momento com mais informação e menos conhecimentos.”

George Steiner, ensaísta e crítico francês

Futuro em extensão

14 projetos de extensão foram aprovados pelo Cefet Valença em 2018. Para o coordenador da Extensão André Luiz, o número é bastante expressivo:

- A Extensão tem desenvolvido um trabalho essencial no campus Valença. Somos o terceiro campus com mais projetos aprovados!

Com isso, o Cefet Valença reafirma seu compromisso com a formação dos jovens cefetianos, oferecendo-lhes oportunidades para o aperfeiçoamento pessoal e profissional. Sucesso!

ENEM à vista

Dentre os projetos de extensão, destaca-se a Oficina de Redação, que tem por objetivo preparar os alunos para a prova de redação do Exame Nacional do Ensino Médio.

Chega mais!

O projeto foi idealizado e é coordenado pela por Thaís Rosa, professora de Língua Portuguesa do Cefet-RJ campus Valença. Ocorre às segundas-feiras, de 16h e 30 min às 18h. Se liga aí!

Palavra de mestre

Segundo a responsável pelo projeto, é fundamental que o aluno domine especificamente as competências exigidas na prova.

- Sabemos que essa oportunidade permitirá que nossos alunos estejam mais preparados e qualificados para lidar com as dificuldades de interpretação e produção textual que a prova exige. Sem dúvidas esses conhecimentos serão importantes não apenas para o ingresso no ensino superior, mas para a vida deles de forma geral.

De grão em grão...

Dizia Mahatma Ghandi: “Você deve ser a mudança que quer ver no seu mundo”. Movida por esse espírito, a comunidade cefetiana demonstrou união e cooperação ao realizar mutirão de limpeza da área externa. A ação contribuiu para melhor integração entre alunos e funcionários do campus. Inspirador!

UERJ - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO;



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O gênero textual coluna social na sala de aula: propostas, práticas e aplicações

Pesquisador: BRUNO SILVA LOPES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 70107617.4.0000.5282

Instituição Proponente: Instituto de Letras

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.175.361

Apresentação do Projeto:

O projeto em análise propõe uma abordagem teórica e didática do gênero textual coluna social, tendo como corpus as colunas de Ancelmo Gois (jornal O Globo) e Gente (revista Veja). Adotando uma perspectiva que privilegia a dimensão interacional e discursiva da linguagem (Bakhtin, 2004 e 2011; Dolz, Noverraz e Schneuwly 2004, Elias e Koch, 2013; Antunes, 2003 e 2010, entre outros), a pesquisa que se pretende levar a efeito visa a oferecer ao docente de língua materna subsídios teóricos e prático-aplicativos para um trabalho sistemático e produtivo com tal gênero em sala de aula, a fim de que se possa concorrer para o desenvolvimento significativo da competência comunicativa dos alunos, sobretudo no que tange à leitura e à produção de textos escritos.

Objetivo da Pesquisa:

Fundamentado na visão interacional (dialógica) da língua, objetiva propor uma abordagem didática do gênero coluna social, de modo a oferecer subsídios teóricos, práticos e aplicativos ao professor de língua materna, a fim de que se possa concorrer para o desenvolvimento significativo da competência comunicativa dos educandos, sobretudo no que se refere à leitura e à produção de textos escritos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: As atividades de leitura e de produção escrita envolvem concentração, certa predisposição para a realização dos exercícios e ação de diversas habilidades, quais sejam: cognitivas,

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. SI 3018

Bairro: Maracanã

CEP: 20.559-900

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2334-2180

Fax: (21)2334-2180

E-mail: etica@uerj.br

UERJ - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO;



Continuação do Parecer: 2.175.361

sociointeracionais e linguísticas. Por se tratar de uma atividade de grande complexidade, pode haver cansaço físico e mental, estresse e desconforto por parte dos discentes no que tange à aplicabilidade das sequências didáticas. Almejando o bem-estar dos participantes, o pesquisador reservará um espaço silencioso e adequado para a realização das ações no intuito de não haver os problemas supracitados. Informará, ademais, que as atividades poderão ser suspensas, a critério do participante, e posteriormente retomadas, se ele assim se dispuser a isso. Ainda: caso deseje, os procedimentos poderão ser disponibilizados para que o participante os realize em ambiente que julgar mais confortável. Com o fito de amenizar o desconforto eventualmente gerado, o pesquisador criará condições para que a produção de textos seja uma atividade, tanto quanto possível, prazerosa, lúdica e realizadora. Vale dizer que a aplicação das sequências didáticas já pressupõe o trabalho em etapas, o que deixará o aluno mais confiante na realização das atividades. Ademais, importa dizer que a inserção dos textos em jornais que circularão na comunidade já é, por si só, um vigoroso estímulo para as produções. Pode ocorrer também, por razões de transporte e moradia, desconforto entre alguns participantes, em razão de não poderem estar presentes em todas as reuniões em que se aplicarão as sequências. Para resolver esse impasse, caso surja, disponibilizaremos horários alternativos, sempre conformes às possibilidades dos discentes. Como já dito, os participantes poderão também realizar as atividades em local que considerarem mais oportuno. Por fim, a possível exposição dos textos pode gerar constrangimento a alunos que, eventualmente, não queiram dar publicidade a seus textos. Em função dessa situação, o pesquisador garantirá aos participantes o anonimato de suas produções a partir dos pseudônimos ou de nomes fictícios, de modo a preservar-lhes a identidades. Tais informações constarão dos TCLEs e TALEs.

Benefícios: De início, é de notar que participação dos alunos em um jornal concorre, sem dúvida alguma, com o aperfeiçoamento das suas habilidades comunicativas, em especial, no que concerne às competências de leitura e de expressão verbal escrita. É indiscutível a importância dessa dupla aptidão: primeiro, porque, em ambiente intraescolar, possui um caráter interdisciplinar, em virtude de influenciar decisivamente no aprendizado das demais matérias no currículo. Segundo, na esfera extraescolar, constitui condição indispensável para o exercício pleno da cidadania, conforme asseveram os PCN (1998), pois permite que o indivíduo compreenda o significado das diversas vozes que se manifestam no debate social e pronuncie-se com sua própria voz quando oportuno for (Cf. Platão & Fiorin, 2007). Cumpre dizer que, em leitura, temos amargado, lamentavelmente, as últimas colocações no PISA (Programme for International Students Assessment), motivo pelo qual urge estimularmos projetos em que tal habilidade seja contemplada. Relativamente à escrita,

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. SI 3018
Bairro: Maracanã **CEP:** 20.559-900
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-2180 **Fax:** (21)2334-2180 **E-mail:** etica@uerj.br

Continuação do Parecer: 2.175.361

a situação não parece ser muito diferente: com frequência, deparamo-nos com estudantes que concluíram a educação básica sem, contudo, produzir textos com proficiência. Para além das habilidades linguístico-discursivas, pretende-se também abrir caminhos para o desenvolvimento de habilidades sociais e digitais, de modo a encorajar o trabalho em equipe em situações de compartilhamento de experiências, como: elaboração do jornal, edição, diagramação, feitura e a gestão de comunidades virtuais para estimular discussões, etc., realizando também, nesse espaço virtual, a divulgação das produções. Desse modo, cremos que tal iniciativa possa funcionar como um estímulo, em especial, aos participantes da pesquisa, de maneira que eles produzam conhecimento, leiam, escrevam, interajam por meio da escrita. No que respeita ao trabalho com as sequências didáticas, os alunos poderão entender com mais sistematicidade e modularidade os processos linguísticos, discursivos e sócio-históricos que envolvem a leitura e a escrita de gêneros. Com tal iniciativa, favoreceremos o domínio da língua em situações diversas da vida cotidiana pelos educandos, oferecendo-lhes instrumentos precisos, imediatamente eficazes, para aperfeiçoar suas capacidades de ler e escrever. Por fim, cremos que a presente pesquisa contribui para o desenvolvimento das práticas de ensino em língua materna, uma vez que propõe procedimentos que inserem os educandos em práticas reais de uso da linguagem, tendo um impacto positivo na condução das metodologias de que dispõem os docentes para exercer o seu fazer pedagógico.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está bem apresentado e contém todos os itens essenciais para a sua compreensão e avaliação.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos necessários à pesquisa foram apresentados.

Recomendações:

Prosseguir com a pesquisa, no entanto sugiro avaliar o TCLE e o TALE quanto à concisão e objetividade, bem como se a linguagem está adequada ao nível sócio-cultural dos sujeitos de pesquisa e seus responsáveis.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Ante o exposto, a COEP deliberou pela aprovação do projeto, visto que não foram observadas implicações éticas que impeçam a realização do mesmo.

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. SI 3018
Bairro: Maracanã **CEP:** 20.559-900
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-2180 **Fax:** (21)2334-2180 **E-mail:** etica@uerj.br

UERJ - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO;



Continuação do Parecer: 2.175.361

Considerações Finais a critério do CEP:

Faz-se necessário apresentar Relatório Anual - previsto para julho de 2018. A COEP deverá ser informada de fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo, devendo o pesquisador apresentar justificativa, caso o projeto venha a ser interrompido e/ou os resultados não sejam publicados.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_922568.pdf	09/06/2017 09:14:56		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_assinada.pdf	09/06/2017 09:02:59	BRUNO SILVA LOPES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	17/05/2017 15:26:15	BRUNO SILVA LOPES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.doc	17/05/2017 15:25:52	BRUNO SILVA LOPES	Aceito
Outros	Autorizacao_diretor_campus.pdf	17/05/2017 15:25:18	BRUNO SILVA LOPES	Aceito
Orçamento	Orcamento.doc	17/05/2017 15:22:39	BRUNO SILVA LOPES	Aceito
Cronograma	Cronograma.doc	17/05/2017 15:21:21	BRUNO SILVA LOPES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.doc	17/05/2017 15:20:58	BRUNO SILVA LOPES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. SI 3018
Bairro: Maracanã **CEP:** 20.559-900
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-2180 **Fax:** (21)2334-2180 **E-mail:** etica@uerj.br

UERJ - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO;



Continuação do Parecer: 2.175.361

RIO DE JANEIRO, 17 de Julho de 2017

Assinado por:
Patricia Fernandes Campos de Moraes
(Coordenador)

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. SI 3018
Bairro: Maracanã **CEP:** 20.559-900
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-2180 **Fax:** (21)2334-2180 **E-mail:** etica@uerj.br

ANEXO D – Formulário inicial de pesquisa



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Título da tese: *A nota jornalística* no ensino de Língua Portuguesa: propostas práticas e aplicações

Discente de doutorado: Bruno Silva Lopes

Participante da pesquisa:

Formulário para impressões iniciais

1. Você costuma ler jornais e revistas impressas ou virtuais? Quais?

2. Se sim, quais as motivações que o(a) levam a realizar tal ação? Ou seja, por que você recorre a essas fontes de informação?

3. Com que periodicidade (diária, semanal, etc.) você lê revistas e jornais?

4. Em sala de aula, você se sente estimulado(a) pelo docente a recorrer a essas fontes de informação?

5. Para você, qual a importância dessas fontes de informação na sociedade?

6. Quais gêneros discursivos (notícias, reportagens, anúncios, HQs, etc.) você costuma ler?

7. Na sua vida como estudante, você pode dizer que sempre houve um trabalho sistemático com os gêneros jornalísticos em sala de aula?

Marque a periodicidade com que se trabalhavam os gêneros do jornal nas suas aulas (considere seu histórico como estudante):

Sempre Às vezes Quase nunca Nunca

8. Você se lembra de quais gêneros jornalísticos eram mais abordados em sala de aula? Caso se lembre, indique três deles.

9. O que se trabalhava mais nas aulas de Língua Portuguesa? Gramática, Literatura ou produção e leitura de textos?

10. Se você pudesse estipular aproximadamente a porcentagem (30%, 60%, etc.) com que cada conteúdo era trabalhado em sala de aula, você indicaria qual porcentagem para cada disciplina?

Gramática Literatura Leitura e produção de textos

11. Você conhece o gênero discursivo denominado *nota jornalística*, publicado no espaço do denominado coluna de notas? Em caso de resposta afirmativa, quando e como entrou pela primeira vez em contato com o gênero?

12. Você saberia detalhar o que faz um colunista de notas?

13. Em algum momento de sua vida de estudante, foi-lhe apresentado esse gênero para a leitura e produção de textos em sala de aula? Considere só o período anterior a sua participação no projeto.

14. Você saberia dizer a importância desse gênero para os jornais e revistas?

15. Você já escreveu uma coluna de notas (na escola ou fora dela)? Considere só o período anterior a sua participação no projeto.

16. Você costuma tomar notas, registrar informações em sua vida diária? Com que objetivos?
